



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

Viviane Maria Cavalcanti de Castro

**Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-
histórico no Nordeste do Brasil**

**RECIFE
2009**

Viviane Maria Cavalcanti de Castro

**Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-
histórico no Nordeste do Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia, da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial para obtenção
do título de doutor em Arqueologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Gabriela Martin Ávila

Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Alves de Oliveira

**RECIFE
2009**

Castro, Viviane Maria Cavalcanti de
Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-
histórico no Nordeste do Brasil / Viviane Maria Cavalcanti de Castro.
- Recife: O Autor, 2009.
309 folhas : il., fig., tab., quadros

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH.
Arqueologia, 2009.

Inclui: bibliografia e apêndices.

1. Arqueologia. 2. Pré-história – Brasil, Nordeste. 3. Sítios
arqueológicos. Identidade. 4. Estruturas funerárias. I. Título.

902
930.1

CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)

UFPE
BCFCH2009/34

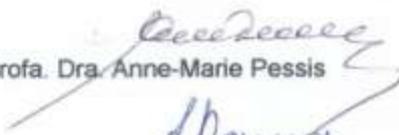


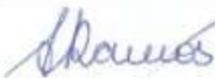
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ATA DA DEFESA DA TESE DA ALUNA VIVIANE MARIA CAVALCANTI DE CASTRO

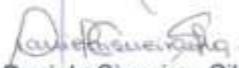
Às 9 horas do dia 27(vinte e sete) de fevereiro de 2009 (dois mil e nove), no Curso de Doutorado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor, apresentada pela aluna Viviane Maria Cavalcanti de Castro, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Gabriela Martin Ávila, intitulada "MARCADORES DE IDENTIDADES COLETIVAS NO CONTEXTO FUNERÁRIO PRÉ-HISTÓRICO NO NORDESTE DO BRASIL", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito "Aprovada", em resultado à atribuição dos conceitos das professoras: Anne-Marie Pessis, Ana Catarina Peregrino Torres Ramos, Cláudia Alves de Oliveira, Daniela Cisneiros Silva e Olívia Alexandre de Carvalho. Assinam também a presente ata, a Coordenadora, Profª Anne-Marie Pessis e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

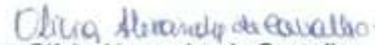
Recife, 27 de fevereiro de 2009


Profa. Dra. Anne-Marie Pessis


Profa. Dra. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos


Profa. Dra. Cláudia Alves de Oliveira


Profa. Dra. Daniela Cisneiros Silva


Profa. Dra. Olívia Alexandre de Carvalho


Luciane Costa Borba

Para Pablo, meu filho

*“Você é a escada da minha subida
Você é o amor da minha vida
É o meu abrir de olhos do amanhecer
Verdade que me leva a viver
Você é a espera na janela
A ave que vem de longe tão bela
A esperança que arde em calor
Você é a tradução do que é o amor.”*

*(Música: Esperando na Janela
Compositor: BLANCH, Cogumelo Plutão
Álbum: Biblioteca de Sonhos, 2000)*

AGRADECIMENTOS

Enfim, mais um degrau na formalidade da academia. Após cinco anos de dedicação ao estudo dos enterramentos pré-históricos, este é o momento dos agradecimentos.

Às professoras Dr^a Gabriela Martin e Dr^a Anne-Marie Pessis, meus sinceros votos de agradecimento por toda dedicação e paciência dispensada ao longo desta construção intelectual.

Da mesma forma, a amiga, co-orientadora e companheira de trabalho, Dr^a. Claudia Oliveira agradeço pela amizade e dedicação em todos esses anos de convivência.

À Dr^a e eterna professora Niède Guidon por disponibilizar dados que muito contribuíram na construção da pesquisa, bem como, pelas lições de vida, renúncia e dedicação ao conhecimento arqueológico no Nordeste do Brasil.

À Dr^a. Olívia Carvalho, que me fez ver a morte de outra forma, pela atenção dispensada e pelos dados fornecidos.

À Dr^a. Ana Catarina Torres, pelo incentivo e pela torcida na finalização deste trabalho.

Ao Dr. Albérico Queiroz, pela confiança e tempo dedicado, disponibilizando informações e dados do laboratório de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

À Dr^a. Karin Schmalz, por todas as horas de discussão pessoal ou por telefone, que entre um choro e outro de sua filha Sofia, me fazia entender os resultados e testes estatísticos.

À Alice Aguiar, com saudades...

À Marinete Leite, por sua amizade e dedicação em todos os momentos de nossa convivência.

À Claristella Santos, amiga de todas as horas, e que, diante de todas suas dificuldades para construção de sua tese sempre conseguia tempo para me ajudar.

À amiga Adrienne Costa, companheira de trabalho e de turma nesta longa jornada das identidades.

À Dr^a. Daniela Cisneiros, minha outra companheira de turma, pela cumplicidade e amizade que construímos durante esses cinco anos.

Das lições de vida e conselhos sempre certos da amiga e companheira de trabalho, Vera Menelau.

Aos professores da Pós-Graduação em Arqueologia, que contribuíram na minha formação.

À Luciane, Gilmara e Seu Arnaldo, pelo empenho e profissionalismo em nos ajudar.

Aos funcionários e técnicos da FUMDHAM, pela atenção que dispensam aos pesquisadores.

Às amigas de São Raimundo Nonato: Ana Stela Negreiros, Gisele Felice e Cristiane Bucu.

Ao Núcleo de Estudos Indigenistas – NEI, pelas informações recebidas.

Não posso esquecer dos amigos que conheci durante o período do doutorado: Mércia, Leandro, Fernando, Suely, Carlos Rios e Marcela.

À Cristina Malta pela correção gramatical e ortográfica.

Ao apoio financeiro do CNPq, sem o qual esta pesquisa não seria possível.

Aos meus pais, a Bento e a Pablo, por suportarem as minhas ausências do convívio familiar.

RESUMO

A noção de identidade tem sido objeto de investigação de várias disciplinas das ciências humanas e sociais, porém na Arqueologia são mais escassas as pesquisas sobre essa questão. No Brasil, este conceito tem sido aplicado em estudos sobre registros gráficos pré-históricos, e cerâmica histórica e pré-histórica. Neste trabalho, buscamos identificar traços ou marcadores de identidades coletivas nas estruturas funerárias dos sítios pré-históricos, localizados na região Nordeste: Furna do Estrago (PE), Pedra do Alexandre (RN), Toca da Baixa dos Caboclos (PI), Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI), Justino (SE) e São José II (AL). As estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas. Estes, portanto, estariam representados, ainda que parcialmente, no conjunto dos elementos que compõem a estrutura funerária, e são passíveis de análise, de acordo com o grau de conservação dos vestígios funerários. Em termos operacionais, a realização do trabalho desenvolveu-se através do levantamento de dados relativos aos enterramentos e a análise dos dados biológicos e culturais provenientes de trezentos e quarenta e cinco indivíduos. Como resultados, foram evidenciados marcadores de identidades relacionados à cultura material, a posição do corpo e a idade dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades - Estruturas Funerárias Pré-Históricas -Região Nordeste – Pré-História

ABSTRACT

The notion of identity has been the subject of investigation of several areas within humanities and social sciences; however, research on this matter is scarce in archaeology. In Brazil, this concept has been applied to studies on prehistoric graphic records, and prehistoric and historic pottery. In this research, I aim at identifying traits or markers of represented collective identities in funerary structures of prehistoric sites localised in the Northeast region of Brazil: Furna do Estrago (state of Pernambuco), Pedra do Alexandre (state of Rio Grande do Norte), Toca da Baixa dos Caboclos (state of Piauí), Toca do Serrote do Tenente Luiz (state of Piauí), Justino (state of Sergipe) and São José II (state of Alagoas). Prehistoric funerary structures concentrate in their interior biological matter and elements of the material culture that are regarded as markers of collective identities. These, as a result, would be represented, albeit partially, in the entire set of elements that comprises the funerary structure, and are liable to be analysed according to the degree of conservation of the funerary vestiges. In operational terms, the research was developed through a survey of data relating to the burials, and the analysis of biological and cultural data coming from three hundred and forty five individuals. As a result, identity markers related to the material culture, body position and age of individuals were recognised.

KEYWORDS: Identities – Prehistoric Funerary Structures – Northeast Brazil - Prehistory

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Mapa de localização dos sítios	52
FIGURA 02 - Sítio Furna do Estrago. Vista geral.....	103
FIGURA 03 - Sítio Furna do Estrago.....	104
FIGURA 04 - Sítio Furna do Estrago. FE- 04 e FE - 05. Enterramentos de adultos.....	106
FIGURA 05 - Sítio Furna do Estrago. FE - 55. Enterramento Infantil.....	107
FIGURA 06 - Sítio Pedra do Alexandre.....	109
FIGURA 07 - Sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 2, primário	111
FIGURA 08 - Sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 1, secundário.....	113
FIGURA 09 - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	115
FIGURA 10 - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Detalhe do enterramento de criança da Urna 2.....	116
FIGURA 11 - Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Detalhe do enterramento da Urna 1.....	117
FIGURA 12 - Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz. Enterramento 9. Detalhe do enterramento em fossa.....	120
FIGURA 13 - Sítio Toca do S. do Tenente Luiz. Urna 7. Detalhe urna com tampa.....	121
FIGURA 14 - Sítio Justino – enterramento primário, esqueleto 18	125
FIGURA 15 - Sítio Justino – enterramento secundário, esqueleto 166....	126
FIGURA 16 - Sítio São José II– enterramento primário, esqueleto 5.....	130
FIGURA 17 - Sítio São José II– enterramento primário, esqueleto 10....	130
FIGURA 18 - Cronologia relativa dos enterramentos do sítio Furna do Estrago.....	138
FIGURA 19 - Distribuição dos sexos nos enterramentos do sítio Furna do Estrago.....	139
FIGURA 20 - Distribuição da faixa etária dos indivíduos enterrados no sítio Furna do Estrago.....	140
FIGURA 21 - Tipos de enterramentos no sítio Furna do Estrago.....	141
FIGURA 22 - Posições dos corpos no sítio Furna do Estrago.....	142
FIGURA 23 - Frequência das posições dos corpos do sítio Furna do Estrago, nas três ocupações.....	143
FIGURA 24 - Frequência de tipos de matéria-prima dos adornos do sítio Furna do Estrago.....	144
FIGURA 25 - Frequência de uso de diversos materiais como envoltório dos indivíduos enterrados no sítio Furna do Estrago, nas três ocupações.....	146
FIGURA 26 - Número de indivíduos depositados nos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre.....	150
FIGURA 27 - Distribuição dos sexos nos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre.....	150
FIGURA 28 - Distribuição de faixa etária dos indivíduos enterrados no sítio Pedra do Alexandre.....	151
FIGURA 29 - Tipos de enterramento no sítio Pedra do Alexandre.....	152
FIGURA 30 - Enterramentos com estruturas no sítio Pedra do Alexandre.....	154
FIGURA 31 - Distribuição dos sexos nos enterramentos do sítio Toca	

da Baixa dos Caboclos.....	156
FIGURA 32 - Distribuição dos indivíduos enterrados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos, por idade.....	157
FIGURA 33 - Tratamento de superfície das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	158
FIGURA 34 - Posições dos enterramentos no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	159
FIGURA 35 - Divisão de enterramentos do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	161
FIGURA 36 - Distribuição do número de indivíduos enterrados no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	162
FIGURA 37 - Tipos de enterramentos no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	162
FIGURA 38 - Sexo dos indivíduos enterrados no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	163
FIGURA 39 – Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	164
FIGURA 40 - Forma das urnas funerárias do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	164
FIGURA 41 - Tratamento de superfície das urnas funerárias do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	165
FIGURA 42 - Forma das vasilhas utilizadas como tampa do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.....	165
FIGURA 43 - Tratamento de superfície das vasilhas utilizadas como tampa do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	166
FIGURA 44 - Posição dos corpos no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	167
FIGURA 45 - Forma das covas no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	168
FIGURA 46 - Presença de calcário nos enterramentos do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	168
FIGURA 47 - Cronologia relativa das ocupações do sítio Justino.....	172
FIGURA 48 - Tipos de enterramentos em relação ao número de indivíduos no sítio Justino.....	172
FIGURA 49 - Distribuição dos indivíduos por sexo no sítio Justino.....	173
FIGURA 50 - Distribuição das faixas etárias simplificadas nos enterramentos do sítio Justino.....	174
FIGURA 51 - Tipos de enterramentos no sítio Justino.....	175
FIGURA 52 - Frequências de faixas etárias nos dois tipos de enterramento do sítio Justino.....	176
FIGURA 53 - Posição dos corpos dos enterramentos do sítio Justino.....	177
FIGURA 54 - Frequência de tipos de adorno em 22 enterramentos do sítio Justino.....	179
FIGURA 55 - Boxplot das frequências das quantidades de adornos associados aos enterramentos em relação às diversas ocupações do sítio Justino.....	180
FIGURA 56 - Distribuição dos artefatos líticos recuperados junto aos indivíduos do sítio Justino.....	181
FIGURA 57 - Distribuição da quantidade de tipos de líticos encontrados junto aos indivíduos do sítio Justino.....	181

FIGURA 58 - Boxplot das frequências das quantidades de tipos de líticos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.	182
FIGURA 59 - Boxplot das frequências das quantidades totais de líticos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.....	183
FIGURA 60 - Boxplot das frequências das quantidades de fragmentos cerâmicos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.....	184
FIGURA 61 - Boxplot das frequências das quantidades de vasilhas cerâmicas associadas aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.....	185
FIGURA 62 - Material faunístico encontrado acompanhando 19 indivíduos no sítio Justino.....	185
FIGURA 63 - Número de indivíduos enterrados no sítio São José II.....	191
FIGURA 64 - Distribuição do sexo dos indivíduos enterrados no sítio São José II.....	192
FIGURA 65 - Distribuição da faixa etária dos indivíduos enterrados no sítio São José II.....	193
FIGURA 66 - Tipos de enterramentos no sítio São José II.....	193
FIGURA 67 - Posições dos corpos no sítio São José II.....	194

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -Datações do sítio Furna do Estrago.....	105
QUADRO 2 -Datações do sítio Pedra do Alexandre.....	112
QUADRO 3 -Datações do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	118
QUADRO 4 -Datações do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.....	122
QUADRO 5 -Datações do sítio Justino.....	127
QUADRO 6 -Datações do sítio São José II.....	129

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Indivíduos analisados.....	133
TABELA 2 - Distribuição por faixa etária dos indivíduos enterrados na Furna do Estrago.....	139
TABELA 3 - Distribuição dos adornos encontrados em 41 enterramentos do sítio Furna do Estrago, de acordo com o tipo.....	143
TABELA 4 - Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Pedra do Alexandre.....	151
TABELA 5 - Distribuição dos adornos encontrados em três enterramentos do sítio Pedra do Alexandre.....	153
TABELA 6 - Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.....	157
TABELA 7 - Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.....	164
TABELA 8 - Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Justino.....	174
TABELA 9 - Distribuição dos adornos encontrados em 22 enterramentos do sítio Justino, de acordo com o tipo.....	178
TABELA 10 - Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio São José II.....	192

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - IDENTIDADES E ARQUEOLOGIA	22
1.1 O conceito de Identidade nas ciências humanas e sociais: semelhanças, diferenças e representações.....	22
1.2 O conceito de Identidade étnica.....	28
1.3 O estudo das Identidades no campo da Arqueologia.....	32
1.4 Identidades, Arqueologia e práticas funerárias: a investigação.....	45
1.4.1 Procedimentos metodológicos.....	48
1.4.1.1 O universo da pesquisa.....	48
1.4.1.2 Coleta e tratamento dos dados.....	49
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADES, MEMÓRIA E RITUAIS FUNERÁRIOS ...	53
2.1 Identidades e memória coletiva.....	53
2.2 O contexto funerário como lugar de memória.....	58
2.3 Os rituais funerários.....	62
2.3.1 Os rituais funerários na etnografia brasileira.....	67
CAPÍTULO 3 - OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM EVIDÊNCIAS DE ENTERRAMENTOS HUMANOS NO NORDESTE	79
3.1 O contexto histórico das pesquisas arqueológicas com práticas funerárias, no Nordeste do Brasil.....	79
3.1.1 Área Arqueológica do Vale do Ipanema.....	79
3.1.2 Área Arqueológica do Vale do Ipojuca.....	84
3.1.3 Área Arqueológica do Seridó.....	86
3.1.4 Área Arqueológica Serra da Capivara.....	90
3.1.5 Área Arqueológica de Xingó.....	99
3.2 Os sítios arqueológicos da investigação: histórico e estudos realizados.....	102
3.2.1 Sítio Furna do Estrago (Área Arqueológica do Vale do Ipojuca – PE).....	102
3.2.2 Sítio Pedra do Alexandre (Área Arqueológica do Seridó – RN).....	109
3.2.3 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos (Área Arqueológica Serra da Capivara - PI).....	115
3.2.4 Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz (Área Arqueológica Serra da Capivara - PI).....	120
3.2.5 Sítio Justino (Área Arqueológica de Xingó - SE)	123
3.2.6 Sítio São José II (Área Arqueológica de Xingó - AL).....	128
CAPÍTULO 4 – AS IDENTIDADES NAS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS: ANÁLISE DOS DADOS	131
4.1 Procedimentos utilizados na análise das estruturas funerárias.....	131
4.1.1 Variáveis culturais e biológicas.....	132
4.1.2 Estatística descritiva.....	135
4.2 Sítio Furna do Estrago (PE).....	137
4.2.1 Síntese.....	147

4.3 Sítio Pedra do Alexandre (RN)	149
4.3.1 Síntese.....	155
4.4 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos (PI)	156
4.4.1 Síntese.....	159
4.5 Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI).....	161
4.5.1 Síntese.....	168
4.6 Sítio Justino (SE).....	171
4.6.1 Síntese.....	186
4.7 Sítio São José II (AL).....	191
4.7.1 Síntese.....	195
4.8 Discussão.....	197
4.9 Considerações Finais.....	207
REFERÊNCIAS.....	210
APÊNDICE A.....	226
APÊNDICE B.....	227
APÊNDICE C.....	230
APÊNDICE D.....	246
APÊNDICE E.....	252
APÊNDICE F.....	257
APÊNDICE G.....	261
APÊNDICE H.....	307

INTRODUÇÃO

A morte é uma consequência natural da vida, que atinge todos os seres vivos. Para o homem, a morte não é apenas um fato biológico, visto que a maneira de enfrentá-la revela um atributo cultural que se expressa de diferentes maneiras, variando conforme o contexto cultural em que se manifesta. As ações realizadas em torno da morte de um indivíduo e o destino que se dá ao corpo são traços culturais percebidos a partir dos *Homo neanderthalensis*.

Estudos no campo da Paleoantropologia têm demonstrado que os *Homo neanderthalensis* possivelmente são os autores das primeiras práticas funerárias. Os neanderthais eram hábeis coletores e caçadores, tinham ampla variedade de instrumentos de pedra, usavam o fogo e enterravam seus mortos. Na Sierra de Atapuerca, Espanha, numa profunda fissura denominada La Sima de los Huesos, há indícios do que poderia ser a mais antiga prática mortuária: uma acumulação de restos ósseos de aproximadamente 30 indivíduos, datados em torno de 300 mil anos. Esses fósseis foram identificados como membros de uma espécie antecessora ao homem de neanderthal (ARSUAGA; MARTÍNEZ, 1997). Contudo, o comportamento ritual com tratamento do corpo após a morte pode ser determinado, até o momento, com o *Homo neanderthalensis* e com a nossa espécie, o *Homo sapiens*.

Todas as sociedades adotam algum procedimento para dar um destino aos seus mortos. Esses procedimentos estão relacionados à deposição do morto e constituem um processo cultural. Em algumas sociedades, as práticas envolviam complexos e extensos rituais. Assim, não podemos perder de vista o aspecto simbólico que se expressa através de rituais funerários.

Verificamos, portanto, que os rituais funerários, para a nossa espécie, não representam apenas uma ação para dar um destino ao corpo. Estão relacionados às escolhas culturais de cada grupo e, através de pesquisa arqueológica, podemos recuperar parte desse processo cultural. Evidências arqueológicas podem indicar preocupação, cuidado, ações deliberadamente pensadas em torno da morte. Isto

está representado, entre outras maneiras, pela presença e variedade de objetos, pela arrumação do corpo de adultos e crianças, pela quantidade de indivíduos numa mesma cova e pela escolha do local do enterramento.

Os trabalhos realizados no Brasil, no campo da Arqueologia das práticas funerárias, ainda são muito pontuais, não se constituindo um campo consolidado de pesquisa. Podemos citar os trabalhos que tratam dos aspectos culturais, tais como: práticas e rituais funerários, formas de enterramento, percepção de continuidade e mudança nos rituais, definição ou identificação de padrões de enterramento (BECKER, 1994; KNEIP; MACHADO, 1993; MACHADO, 1983; MACHADO; SENE; SILVA, 1994; MARTIN; ASÓN, 2001; MARTIN, 1994, 2004; MONTARDO, 1995; PESSIS, 2002; RIBEIRO, 2002; SENE, 1998; SILVA, 2004; TORRES, 1997). Neste universo, alguns trabalhos foram realizados com o propósito de, utilizando dados funerários (biológicos e da cultura material), contribuir para a caracterização cultural. Podemos citar, como exemplos, a identificação de gênero (SENE, 2007; SCHAAN, 2001, 2003; ALVES, 2003) e indicadores de estresse decorrente de atividades de produção (MENDONÇA DE SOUZA, 1995).

A noção de identidade tem sido objeto de investigação de várias disciplinas das ciências humanas e sociais, porém na Arqueologia são mais escassas as pesquisas sobre essa questão. No Brasil, este conceito tem sido aplicado em estudos sobre registros gráficos pré-históricos (KESTERING, 2007; PESSIS, 1992,) e cerâmica histórica e pré-histórica (AGOSTINI, 2006; TOCCHETTO, 1991). Estudos sobre a Identidade na pré-história a partir das práticas funerárias são raramente realizados. Podemos citar a pesquisa de Schaan (2001) que, através de vestígios funerários, estabelece indicadores de gênero.

O conceito clássico de identidade, utilizado na primeira metade do século XX, a colocava como um elemento estável, duradouro, como algo dado e preexistente. Neste período, a Arqueologia entendia as identidades como culturas e essas foram comparadas a grupos étnicos. Porém, esta visão mudou. Atualmente, as identidades são caracterizadas como fenômenos sociais, dinâmicos e dialéticos; são múltiplas e flexíveis no tempo e no espaço e se constroem na relação entre semelhanças e diferenças. Apesar de múltiplas e sofrerem mudanças, existem, nas identidades, as

marcas fundamentais que resguardam os elementos mais duradouros. Entre esses elementos, podemos citar os ritos e os comportamentos coletivos formalizados.

Em Arqueologia, quando se trata de identidade, geralmente o termo ainda está relacionado com questões étnicas. Talvez porque, nos trabalhos de identidade realizados por muitos arqueólogos há, nas entrelinhas, uma conexão com a questão da etnia. Entretanto, sabemos que há limitações na busca das identidades étnicas pré-históricas: primeiro, a questão do auto-reconhecimento, e segundo, a criação de categorias *a posteriori*, por parte dos pesquisadores. Porém, a noção de identidade não está restrita a um campo específico e não é exclusiva de nenhuma disciplina. É utilizada de diferentes maneiras. Identidade pode se referir a sexo, religião, profissão, gênero ou status. Como também se refere ao individual e ao coletivo.

A relação entre identidade e cultura material¹ pode parecer difícil de ser observada, mas é a presença da cultura material que proporciona outro ponto de vista para as identidades. A cultura material pode fornecer elementos de identidades. Podemos destacar também o fato de que o longo período de tempo com que trabalham os arqueólogos oferece uma perspectiva cronológica para os estudos das identidades coletivas em uma determinada área arqueológica, permitindo observar elementos de mudança e de permanência. Nos estudos arqueológicos propostos atualmente, e que abordam a temática da identidade, sugere-se a interação de várias identidades, como, por exemplo, sexo e idade, gênero e etnia, sexo e poder (DÍAZ-ANDREU; LUCY, 2005).

Neste trabalho, a identidade será entendida como coletiva, com base na identificação das semelhanças e diferenças. Queremos identificar os traços ou os marcadores de identidades (quer sejam de sexo, de idade, de status) representados materialmente nas estruturas funerárias. É claro que levamos em consideração as limitações, principalmente porque, nos estudos arqueológicos, haverá sempre uma visão construída por “outros” sobre o passado. Devemos ter em mente também que a reconstrução do passado não é capaz de reproduzir este passado em sua

¹ Entendida como “toda e qualquer intervenção do homem em elementos do meio físico, como artefatos, estruturas, elaborações corporais, arranjos espaciais e paisagísticos” (BEZERRA DE MENESES, 1983).

totalidade, mas ela o contém, da mesma forma que é impossível haver uma representação fiel do passado, pois passado e presente são irremediavelmente distintos (SANTOS, 2003). Esse processo não é tão simples. Parte dos antropólogos, sociólogos e arqueólogos questionam a possibilidade de estabelecer identidades por meio da materialidade. Por outro lado, somos de opinião que as identidades também podem ser representadas na cultura material.

Nos trabalhos realizados com a temática das práticas funerárias observamos que existe a intenção de determinar padrões de enterramento, revelar aspectos da estrutura social, do ritual e seu simbolismo; e de determinar as práticas funerárias realizadas em diferentes momentos, em um mesmo sítio ou em uma mesma área. Porém, o que se percebe, nestes trabalhos, é uma grande diversidade de situações, de tipos de enterramentos e de tratamentos dispensados aos mortos, e uma extrema dificuldade para se determinar as recorrências e os padrões.

Apesar dessas dificuldades, entre antropólogos e arqueólogos de um modo geral os rituais são vistos como ações duradouras e repetitivas, menos suscetíveis a mudanças. É uma das maneiras de reforçar a cultura e os valores sociais, pois, como nos lembra Martin (2005, p.307), o "(...) homem é também tradicionalmente conservador no culto aos seus mortos e a mudança das culturas reflete-se mais lentamente nos rituais e nos costumes funerários do que na evolução da vida cotidiana". Assim, a escolha do tratamento dispensado aos mortos, os procedimentos técnicos utilizados e os ritos são determinados pelo sistema social e pela cultura e, dentro destes, pelo modo como são concebidas a vida e a morte.

Por isso, elaboramos os seguintes questionamentos que nortearam a nossa ação neste trabalho: se as identidades também podem ser representadas na cultura material, é possível verificar elementos (mesmo que parciais) de identidades materializadas no contexto funerário pré-histórico? Quais seriam esses elementos? Que identidades podem ser verificadas nas estruturas funerárias? Que limites existem para estabelecer os traços de identidades nas estruturas funerárias?

Para responder a essas questões defendemos, como hipótese, que as estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da

cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas. Estes, portanto, estariam representados, ainda que parcialmente, no conjunto dos elementos que compõem a estrutura funerária, passíveis de serem analisados de acordo com o grau de conservação dos vestígios. Estrutura funerária é aqui definida como uma organização formada por uma série de vestígios articulados entre si (PALLESTRINI; PERASSO, 1984). Entre esses vestígios estão incluídos os restos humanos, a cova, os objetos e outros materiais associados.

Nossa hipótese está fundamentada, em primeiro lugar, no fato de que uma estrutura funerária é parte material e vestigial de um ritual ou de um conjunto de rituais. A decisão de como enterrar os adultos e/ou as crianças de um grupo não é acidental, segue regras, comportamentos formalizados e vinculados, na maioria das vezes, ao sexo, à idade, ao parentesco, à posição social, à atividade que o indivíduo exercia. Segundo, porque um ritual funerário apresenta persistência temporal nas regras e nos elementos constituintes. A realização de um enterramento é uma ocasião especial que serve para o grupo reafirmar suas crenças e valores. Por conseguinte, os enterramentos são ocasiões que servem para transmitir conhecimentos, memória e identidades.

Para trabalhar estas questões defendemos que a identidade, no campo da Arqueologia, é coletiva e materializada, pois trabalha com os vestígios dos grupos. Os indivíduos vivem em grupos e integram as identidades coletivas, reconhecendo-se em seus semelhantes, sentindo-se parte do grupo. Esse processo interno de identificação servia, ao mesmo tempo, para se reconhecer como diferenciado de outros grupos e no interior do próprio grupo. Mediante este processo os grupos também imprimiam, em seus objetos, as marcas de suas identidades (VIDAL; SILVA, 2000).

O contexto funerário é resultado de ações sociais realizadas durante o ritual funerário. É através da realização do ritual funerário que o grupo comunica suas escolhas e preferências, transmitidas através de suas tradições, pois o contexto funerário é também um espaço onde identidades foram construídas e representadas. Nesse sentido, transmite uma parte de sua memória grupal, coletiva, manifestada e materializada no enterramento. Isto pode ser observado a partir das

formas de enterrar, do acompanhamento funerário, do gênero e da faixa etária do morto, etc. Assim, as estruturas funerárias possuem elementos de comunicação e de representação do grupo.

De acordo com as proposições anteriores, esta pesquisa tem por objetivo geral identificar os traços ou marcadores de identidades coletivas representadas nas estruturas funerárias dos sítios pré-históricos localizados na Região Nordeste: Furna do Estrago (PE), Pedra do Alexandre (RN), Toca da Baixa dos Caboclos (PI), Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI), Justino (SE) e São José II (AL). Para alcançar este objetivo, formulamos os seguintes objetivos específicos: caracterizar as práticas funerárias realizadas nos referidos sítios; identificar as recorrências nos elementos da estrutura funerária e avaliar os limites existentes para determinar os traços de identidades no contexto funerário.

Operacionalmente, realizamos o levantamento da documentação primária e secundária, por meio do Protocolo de Leitura e da Ficha de Enterramento. No protocolo de leitura coletamos dados secundários utilizados para compor a parte contextual e teórica do trabalho. As fichas de enterramento serviram para a coleta de dados primários e secundários originários da documentação de campo dos sítios de nosso estudo e foram utilizados na parte analítica do trabalho. Obtivemos informações de trezentos e quarenta e cinco (345) indivíduos. Os dados foram organizados e uniformizados em um banco de dados, e realizamos o tratamento estatístico. Em continuidade, os dados foram analisados de acordo com variáveis biológicas e culturais, das quais utilizamos as categorias relacionadas ao corpo, incluindo o sexo e a idade, tratamento dos ossos, posição do corpo, tipo de enterramento, elementos constituintes da cova, acompanhamentos funerários, uso de envoltórios e cronologia das ocupações, para a identificação dos elementos ou marcadores de identidades. Para reconhecer esses marcadores foi preciso distinguir, na estrutura funerária, as recorrências e as diferenças em cada sítio; e realizar comparações entre os elementos.

Considerando os motivos expostos, reconhecemos que este trabalho poderá contribuir, em um campo ainda pouco explorado pelos arqueólogos, na discussão dos traços, ainda que parciais, de identidades nas estruturas funerárias; como

também no entendimento dos fatores que levaram às diferenciações percebidas nos enterramentos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordamos os conceitos de identidade atualmente utilizados nas áreas afins à Arqueologia, os quais serviram de base na elaboração do conceito de identidades utilizado neste estudo; apresentamos uma síntese das abordagens teóricas em relação aos estudos das práticas funerárias; e demonstramos como o conceito de identidade vem sendo tratado na Arqueologia e neste trabalho.

No segundo capítulo demonstramos alguns aspectos da relação entre as identidades e a memória coletiva. Também discutimos o conceito de lugar de memória e de ritual funerário. Nesta parte apresentamos a noção de espaço funerário, compreendendo-o também como um lugar de identidades e memória.

No capítulo terceiro discutimos o contexto histórico e arqueológico das pesquisas realizadas na Região Nordeste do Brasil sobre as práticas funerárias; em outra seção apresentamos os sítios analisados nesta pesquisa: Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II e os estudos anteriores neles realizados.

Os resultados das análises nos elementos das estruturas funerárias dos sítios Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II e a discussão dos resultados compõem o quarto capítulo. Nas considerações finais apresentamos uma síntese dos resultados e explicamos as limitações identificadas nos estudos com vestígios funerários, além de oferecer algumas recomendações para a continuidade das pesquisas sobre as identidades e as estruturas funerárias pré-históricas.

CAPÍTULO 1

IDENTIDADES E ARQUEOLOGIA

1.1 O conceito de Identidade nas ciências humanas e sociais: semelhanças, diferenças e representações

A noção de identidade tem sido objeto de investigação de várias disciplinas das ciências humanas e sociais. Cada disciplina formulou conceitos e quadros teóricos de acordo com o aspecto da realidade que escolheram em seus estudos. O conceito clássico de identidade, formulado na primeira metade do século XX, a colocava como um elemento estável, algo dado e pré-existente.

Efetivamente está ocorrendo, atualmente, nas diversas disciplinas que trabalham com esta temática, uma completa desconstrução das perspectivas sobre a identidade. Isto pode ser verificado, em particular, na crítica à ideia da existência de uma identidade integral, originária e unificada (HALL, 2005, p.103).

O conceito foi utilizado na Psicologia Social, na Sociologia e na Antropologia, na primeira metade do século XX. Partindo dessas disciplinas, um caminho foi percorrido até a construção moderna do conceito. Neste caminho, a noção do “eu” e do “outro” e a relação entre “semelhante” e “diferente” estão presentes. Assim, com os seus devidos enfoques e diferenças, essas disciplinas, principalmente a Sociologia e a Antropologia Social, contribuíram na utilização do conceito de identidade na Arqueologia. Para isso nos reportamos a autores para os quais as identidades são construídas na relação entre semelhanças e diferenças e que concebem as identidades como representações². Convém explicitar qual a relação

² De acordo com Maria Cecília Minayo (2003), é também um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Coube a Durkheim em 1898 a elaboração do conceito de Representação Coletiva, utilizado inicialmente em relação às sociedades tradicionais. Para este autor, as representações se referem às categorias de pensamento pelas quais uma determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Na década de 60 uma nova proposta foi construída e atualizada por Moscovici (2003), a partir da ideia de Durkheim (1983). De acordo com Moscovici, o conceito de Representação Coletiva não servia para a sociedade atual, que se caracteriza pelo dinamismo, pluralidade e rapidez. Assim, formula o conceito de Representação Social, que passou a ser a referência nos estudos da Psicologia Social

entre as identidades e as representações. Podemos afirmar que um grupo também expressa sua identidade e torna-se presente por meio de formas de representação. Não existem identidades fora da representação porque essas são formas de apreensão da realidade, de mostrar e demarcar as identidades em relação aos outros.

No campo da Sociologia, alguns fundamentos que contribuem na formulação do conceito de identidade são apresentados por Luciana Nóbrega (2000). Em suas considerações, a autora apresenta a identidade como um conceito formado de várias conexões e complexidades, em que não se pode separar o indivíduo da sociedade, pois são aspectos da mesma realidade. Na construção da identidade ressaltam três características necessárias: semelhança, diferença e alteridade. Parte-se da noção de contraste entre o que é diferente, ou seja, da ideia de alteridade. “Eu e o outro, cada qual com semelhanças consigo mesmo ou com aqueles que o cercam e diferenças com os que lhe são externos e contrastantes” (NÓBREGA, 2000, p.200).

Como fundamento às suas ideias a autora utiliza, sobretudo, as formulações de Hegel, presentes na obra “Ciência da Lógica”. Para Hegel (1995), a identidade tem o significado de semelhança; é o fator de união entre os indivíduos. A semelhança é caracterizada pelo fato de ser igual a ela mesma e não ter oposição. Mas, ter igualdade não significa que não ocorram transformações. Em sua opinião, identidade e diferença são dois momentos de uma mesma relação. O outro não é o eu e, portanto, não podem ser iguais (NÓBREGA, 2000, p.200).

Em relação ao conceito de diferença, Hegel faz distinção entre diversidade e oposição. O indivíduo se percebe diferente do outro com base em uma relação de comparação. Duas coisas são diversas pelo fato de existirem no tempo e no espaço e serem duas. Cada um “(...) deve ser o que o outro não é, pois cada um é o que é porque é diferente do outro” (NÓBREGA, 2000, p.201). Por outro lado, oposição é a não igualdade. Igualdade e diferença são dois momentos que existem ao mesmo

e demais áreas afins. Hoje se utiliza o termo Representação Social em relação às identidades individuais como coletivas.

tempo, e por isso são opostos. Só se descobre igual ou diferente quando se defronta com o outro. A oposição é, assim, o que marca a identidade. Procura-se ser idêntico ao semelhante e contrário aos outros.

Cabe chamar a atenção para o fato de que o conceito formulado por Hegel foi elaborado para um momento histórico de construção do Estado alemão. Por este motivo visa a unidade, a não contradição. Foi utilizado como estratégia política. Não nega a existência de diferenças, mas objetiva a integração. Hegel é um dos autores da teoria clássica da identidade que a conceberam como um elemento de interação social³. Apesar de ter defendido um conceito integrador e único, as ideias deste autor destacam a relação entre semelhança e diferença na construção das identidades. Relação válida na moderna conceituação de identidades.

Em suma, é importante reter de Nóbrega a ideia de que o conceito de identidade se delinea como um fenômeno social dentro da relação semelhança – diferença. Outro aspecto a considerar se refere ao fato de que as identidades se apresentam em diversos sistemas de representação que são atualizados em cada momento histórico. Dessa forma, há identidade social, identidade étnica, identidade coletiva, identidade religiosa, identidade profissional, entre outras. A identidade é assim mutável e histórica.

Para Richard Jenkins, que se dedica aos estudos das identidades sociais (1996, p. 3 – 4, apud HERNANDO, 2002, p. 50), a identidade se refere às formas pelas quais os indivíduos e as coletividades são diferenciados de outras coletividades e indivíduos. Define identidade como o estabelecimento sistemático de relações de similaridade ou diferença entre indivíduos, entre coletividades e entre indivíduos e coletividades. O termo apresenta dois significados: identidade como semelhança total (isto é, idêntico àquilo); e o segundo é um conceito de distinção, que presume consistência ou continuidade ao longo do tempo. De acordo com esses significados, a identidade estabelece relações de comparação entre pessoas e coisas: similaridade e diferença. Supõe a associação de uma pessoa com algo ou com outras pessoas que

³ A teoria clássica da identidade tinha como um de seus representantes principais Georg Hegel. Defendia a ideia de uma identidade que funcionava como elemento de integração do indivíduo com a sociedade (RUBEN, 1988).

se parecem. O autor explica que cada pessoa tem uma identidade que a particulariza e que se mantém ao longo de sua vida. Ainda de acordo com este autor, a identidade só pode ser compreendida como processo. Como ser ou chegar a ser.

Nesta perspectiva de identidade compreendida como processo, João Lopes (2002) afirma que as identidades são construídas por duas ações: identificação e identização. Por identificação considera a integração dos indivíduos a um conjunto de grupos, de símbolos e de normas que os orientam no cotidiano. Identização, por sua vez, implica na diferenciação, no distanciamento, na marcação de fronteiras.

Sob esta visão, fica evidente que a identidade é algo que sempre está inacabado. É um processo dinâmico, no qual ocorrem mudanças de grupo, de símbolos e normas. Contudo, o autor chama a atenção para as marcas fundamentais, resultantes de pertencer a um determinado grupo social, e mais difíceis de serem modificadas. Some-se a isso o fato de que identidade é comunicação. O autor defende que a identidade torna-se acessível aos outros através da linguagem. Não apenas a linguagem verbal, mas também a não verbal, através de posturas e gestos (LOPES, 2002, p. 108).

Uma importante referência da teoria dos Estudos culturais para os estudos de identidade e diferença é Kathryn Woodward. A autora oferece uma linha conceitual e teórica dos principais elementos que compõem o conceito de identidade e sua relação com a diferença. Destacamos sua contribuição quando argumenta que a identidade, como representação, tem expressão material e se manifesta também nos objetos que os indivíduos possuem. Os objetos funcionam como significante da diferença; servem para afirmar identidades. Existe uma associação entre os objetos utilizados e a identidade (WOODWARD, 2005, p.10).

A ideia de representação é utilizada pela autora para analisar a forma como as identidades são construídas. Entende representação como um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas. A identidade, em termos de representação, constitui uma construção coletiva que se faz pelo que há de comum entre as pessoas, como também pelo que há de diferente. A diferença é, por sua

vez, o que separa uma identidade de outra. Adota, desta maneira, uma concepção de identidade construcionista, elaborada a partir de uma construção social e focalizada tanto nas diferenças como nas características comuns ou partilhadas por um mesmo grupo ou entre grupos distintos (WOODWARD, 2005, p.12).

Fundamenta sua ideia nos argumentos de que a identidade é marcada pela diferença, por meio de símbolos, pelo gênero e pela história; é relacional; está vinculada a condições sociais e materiais e não é unificada. Todos esses argumentos são importantes para uma completa conceituação de identidade. Portanto, as identidades são formadas e mantidas por elementos simbólicos, sociais e psíquicos (WOODWARD, 2005, p. 9-11).

Destaca-se também a contribuição de Stuart Hall, também teórico dos Estudos Culturais, quanto ao caráter múltiplo, histórico e não estável das identidades. Sua opinião difere das ideias que afirmavam a existência de uma identidade estática e única, e soma-se com a de Woodward (2005), principalmente, quando considera que as identidades são construídas por meio da diferença, da relação com o outro:

(...) as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade”- pode ser construído (HALL, 2005:110).

Hall se interessa pela problemática da formação da identidade e da subjetividade nas sociedades pós-modernas. Entende a identidade como uma construção social de poder. Afirmar que, numa sociedade, existem vários tipos de identidades e essas mudam e se transformam constantemente, pois estão sujeitas a uma historização radical (2005, p. 108).

Destacamos também a contribuição de Tomaz Tadeu da Silva. Este autor, por sua vez, também utiliza identidade como representação. Afirmar que identidade e diferença são interdependentes. São criações do contexto cultural e social. As identidades só adquirem um sentido e passam a existir por meio da representação. Por isso, não existe identidade fora da representação. Para o autor, que adota uma

perspectiva pós-estruturalista, a representação é concebida, unicamente, na dimensão material, de significante e de signo.

A representação se expressa por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação nunca é, nessa concepção, mental ou interior. A representação é sempre uma marca ou traço visível, exterior (SILVA, 2005, p. 90-91). Assim, Identidade e diferença estão estritamente ligadas à representação, pois é por meio desta que as primeiras passam a existir e se ligam a sistemas de poder. Assim, quem tem o poder também define e determina as identidades. Na opinião do autor, uma identidade não é essência, não é fixa, não é homogênea e nem permanente. Por outro lado, a identidade é uma relação, uma produção, instável e contraditória (SILVA, 2005, p. 96-97).

Com base no que foi exposto anteriormente pode-se sintetizar o que caracteriza as identidades, do ponto de vista das Ciências Sociais:

- As identidades são fenômenos sociais;
- As identidades são múltiplas e flexíveis, no tempo e no espaço;
- As identidades são concebidas como representação;
- Entende-se identidade como processo dinâmico e dialético;
- As identidades se constroem na relação entre semelhanças e diferenças;
- As identidades sofrem mudanças, mas existem as marcas fundamentais que resguardam os elementos mais duradouros.

No próximo item apresentaremos o conceito antropológico de identidade étnica que serviu de base para os primeiros trabalhos de Arqueologia que tratam da temática identidade.

1. 2 O conceito de Identidade étnica

O conceito de identidade utilizado no campo da Antropologia gerou uma forte influência nos trabalhos realizados no campo da Arqueologia. Apresentaremos a seguir alguns autores que desenvolveram suas linhas de pesquisa na temática identidade étnica.

De acordo com Renato Athias (2007), o conceito de identidade étnica é o ponto central de toda investigação etnológica. No Brasil, um dos temas de interesse é a pesquisa sobre os povos indígenas e, mais especificamente, a questão da identidade indígena (étnica). Hoje, com o desenvolvimento de diversas correntes e temáticas no campo da Antropologia, pode-se destacar a obra de Roberto Cardoso de Oliveira, que influenciou toda uma geração de pesquisadores com a temática da identidade étnica e foi um dos primeiros a tratar da questão grupo étnico e identidade étnica.

Inicialmente, na década de 1960, o autor adotava um conceito de identidade como um fenômeno resistente às mudanças. Nesta época, buscou entender os processos de relações interétnicas e suas formas de manifestação no Brasil, influenciado e fundamentado nas ideias de F. Barth (1976), que privilegiou as relações sociais como a base do grupo étnico e de sua identidade. De acordo com Barth, o grupo se preserva enquanto mantém sua identidade, e se conserva como identidade étnica enquanto mantém as condições organizacionais de se conservar como grupo (ATHIAS, 2007, p. 118).

Desta forma, a partir de 1973, Cardoso de Oliveira considera o grupo étnico como uma forma de organização social. Construiu um conceito de identidade étnica como um caso particular de identidade social, baseado na ideia de jogo dialético entre diferenças e semelhanças. A identidade étnica é o que vai ser determinante para o desenvolvimento do grupo. Em sua opinião, os “grupos são étnicos na medida em que se definem ou se identificam valendo-se de simbologias culturais, raciais ou religiosas” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. XVIII). Os elementos que definem a identidade étnica seriam, portanto, o caráter contrastivo e seu forte teor de oposição,

com vistas a uma afirmação individual ou grupal. Para o autor, a identidade se manifesta por oposição, pois é o resultado de representações coletivas de grupos sociais que estão em divergência. Quando “uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 36). Defende então identidade como ideologia e concebe um modelo de estudo denominado fricção interétnica como uma forma de descrever a situação de contato entre grupos étnicos.

No trabalho “*Caminhos da Identidade*” (2006), Cardoso de Oliveira apresentou uma revisão de seu trabalho com a temática da identidade étnica. Após 30 anos da publicação de “*Identidade, Etnia e Estrutura social*” (1976), o autor reafirmou algumas de suas convicções iniciais, como a relação entre identidade e cultura, duas dimensões da realidade indígena. Neste último trabalho o autor estava direcionado para questões atuais, como a identidade e a noção de reconhecimento pelos outros, o auto-reconhecimento e a noção de ética. Também apresenta um capítulo com uma nova discussão: o eu e suas identidades.

Nas pesquisas atuais, identidade continua relacionada com a temática étnica. As ideias de contraste, oposição, fricção de Cardoso de Oliveira continuam sendo utilizadas nos estudos atuais na Antropologia, principalmente nos movimentos de afirmação étnica. Destacam-se as lutas dos povos indígenas e quilombolas no processo de reivindicação territorial, e dos grupos que querem obter o reconhecimento e visibilidade nacional. É um conceito vital para os grupos sociais contemporâneos (NOVAES, 1993, p. 24).

Nos estudos antropológicos a identidade é também entendida como autorreconhecimento. Para autores como Sylvia Novaes (1993) e Isabella Lepri (2005), identidade é a percepção, a autoimagem, a maneira como o grupo se identifica em relação aos outros. Novaes (1993) conceitua identidade como representação de imagens que uma sociedade ou grupo específico constrói de si por meio dos outros. É formulado no plano do discurso como recurso na criação de um *nós* coletivo. Em sua opinião, este *nós* nunca se verifica, mas existe no plano das representações (NOVAES, 1993, p. 24).

Complementando essa posição, Lepri (2005), em seu estudo sobre identidade e alteridade entre os Ese Ejja bolivianos, reafirma a ideia de que a identidade se constrói na relação com os outros. A autora enfatiza o caráter relacional, mutável e contraditório da identidade. Seu estudo mostrou que a percepção e a representação que os Ese Ejja têm de si próprios é relativa e muitas vezes contraditória na relação com os diferentes outros. Eles afirmam que a pessoa nasce Ese Ejja, mas se veem também em processo de se tornarem outra coisa, um boliviano. Enfim, reproduzem e transformam as noções sobre quem são segundo os encontros com diversos outros: bolivianos mestiços, bolivianos brancos, indígenas, antropólogos e missionários (LEPRI, 2005, p. 450).

Ainda no plano antropológico, podemos citar as contribuições de Lux Vidal e Aracy Lopes da Silva (2000) e Berta Ribeiro (1985, 1986a, 1986b). As autoras realizaram estudos com a temática da cultura material indígena como um elemento portador da “personalidade” do grupo.

Ribeiro (1985) trata da importância dos estudos voltados para a cultura material, em especial para os arqueólogos, etnólogos, etno-historiadores e museólogos. Afirma que a cultura material é um bom indicador do desenvolvimento tecnológico de um grupo, mas pode ser utilizada com outros objetivos: fornecer dados simbólicos, funcionais e históricos. Os objetos podem ser considerados sistemas de comunicação, pois existe uma estreita relação entre arte, artesanato e identidade étnica. Quando as “idéias se materializam em objetos, signos e símbolos adquirem um substrato material” (RIBEIRO, 1985, p.17).

No trabalho publicado para a “*Suma Etnológica Brasileira*” (1986a), a autora estuda o artesanato não utilitário como um sistema de significação, isto é, a arte como uma linguagem visual. Conclui que a cultura material é símbolo visível de identidade étnica. Em outro artigo publicado na mesma coletânea (1986b), defende a ideia de que os desenhos funcionam como emblemas de identificação étnica, pois estão enraizados nas vivências e na mitologia do grupo e também porque cumprem a função de lembrar; ajudam a guardar a memória cultural e transmiti-la às novas gerações. Assim, ao perpetuarem um artesanato estão preservando a identidade étnica. Em seus trabalhos, a tônica principal é a defesa da cultura material. Seus

estudos consideram a cultura material, em particular o artesanato indígena, como o propósito principal da pesquisa e destacam a relação entre os objetos produzidos e a identidade étnica.

Vidal e Silva (2000) se dedicaram ao estudo dos objetos no contexto das sociedades indígenas, pois concebem a cultura como um código simbólico compartilhado por determinado grupo social. Compreendem que a cultura não é formada apenas por ideias, mas que também se expressa nas práticas, na arte, na elaboração de objetos. Afirmam que um grupo, ao produzir seus objetos, sejam de uso cotidiano ou cerimonial, imprime uma marca identificatória. O “sistema de objetos e as artes são produtos de uma história: remetem-se às tradições identificadas pelo grupo como suas marcas distintivas, específicas de sua identidade” (VIDAL; SILVA, 2000, p. 371).

A contribuição dos trabalhos de Vidal, Silva e Ribeiro foi importante para a Arqueologia, principalmente por utilizarem a cultura material como objeto de suas pesquisas. E mais por defenderem que cada grupo imprime sua marca, seus emblemas étnicos e suas identidades materializadas nos objetos. Estes não são apenas objetos de uso cotidiano ou cerimonial, pois, muitas vezes, cumpriram a função de guardar elementos da memória desses grupos.

Um exemplo das identidades materializadas na cultura material foi relatado em um trabalho de prospecção arqueológica e etnoarqueologia na região de Benishángul, no sudoeste do Nilo Azul, na Etiópia ocidental, África. Neste trabalho, numa articulação entre Arqueologia e Antropologia, são apresentados os primeiros resultados das relações entre identidade e cultura material. A pesquisa foi realizada com os povos Gumuz, Amhara, Oromo e Berta, que ocupam hegemonicamente a zona central de Benishángul. Os resultados indicaram distintas identidades. Esses quatro povos são distinguíveis pelas escarificações faciais; pela forma, tamanho e decoração da cerâmica; pelas cabanas, que, não obstante terem sido construídas com o mesmo material, são diferentes, e pelas ferramentas líticas, principalmente os machados. Apesar da proximidade territorial eles mantêm diferenças entre si, reproduzidas também na cultura material. E essas diferenças é que particularizam esses grupos (FERNANDEZ MARTÍNEZ; GONZÁLEZ RUIBAL, 2001).

1.3 O estudo das identidades no campo da Arqueologia

O conceito de identidade é utilizado de diferentes maneiras, tanto pela Arqueologia como pelas Ciências Sociais. Desde o início do século XX a Arqueologia vem discutindo este conceito. Neste período, na Europa, foi inicialmente empregado numa tentativa de se identificar etnias pré-históricas, demonstrando a influência recebida da Antropologia. Os arqueólogos não percebiam os indivíduos nas culturas arqueológicas, mas interpretaram culturas como indivíduos que nasciam e se transformavam em outra cultura ou morriam (DÍAS-ANDREU; LUCY, 2005). Como consequência, muitos trabalhos relacionaram a cultura material encontrada nos sítios com determinados grupos étnicos. Este período influenciou os estudos posteriores sobre as identidades étnicas, a ponto de gerar debates que ainda não foram esgotados, uma vez que elas continuam a constituir um objetivo a ser perseguido por muitos arqueólogos.

Posteriormente, após a segunda guerra mundial, surgiram estudos sobre gênero, interpretados com base no que ainda prevalecia no mundo ocidental, ou seja, não havia espaço para as mulheres. Outro fato ocorrido neste período foi a criação dos tipos arqueológicos, o que acarretou um desequilíbrio na importância conferida aos objetos. Assim, objetos considerados valiosos pelos pesquisadores serviam para definir as culturas. No estudo dos enterramentos os objetos serviram para inferir o status dos mortos. Objetos considerados valiosos indicariam que o indivíduo ocupou uma posição social privilegiada.

O pensamento arqueológico começou a mudar após a década de 50, principalmente nos países de língua inglesa. Porém, no que se refere aos estudos das identidades, a mudança só ocorreria após a década de 80, como resultado do intenso debate sobre a relação entre os indivíduos e a sociedade e dos trabalhos de Ian Hodder (1982) e Mark Leone (1984). Neste período, defendia-se a ideia de que a relação entre as pessoas não era estática e passava por diferentes situações, da mesma forma que os objetos da vida material também eram produzidos, descartados e/ou modificados. Enquanto as pessoas estão reproduzindo as condições materiais de

sua sobrevivência estão também reproduzindo e modificando as suas identidades individuais e coletivas (DÍAS-ANDREU; LUCY, 2005).

Nas últimas décadas houve um crescente interesse pelo tema das identidades, das culturas tradicionais e dos rituais. O que fez crescer também o interesse pelo estudo das identidades do passado. O principal avanço no estudo das identidades ocorreu no campo do gênero e do feminino (MCCAFFERTY; MCCAFFERTY, 1998; MESKELL, 2001, 2002; DÍAZ-ANDREU, 2005; LUCY, 2005), uma vez que não havia trabalhos sobre as mulheres do passado.

Hoje, o novo campo de estudos das identidades as concebe como múltiplas e revelam a interseção entre os diferentes tipos de identidades: etnia e gênero, sexo e idade, status e religião, sexo e poder. A Arqueologia tem que levar em conta as diversas interseções entre as várias identidades, pois não se concebe o grupo desarticulado de outras relações sociais.

Os estudos sobre as identidades de sexo e idade indicam que estas podem afetar as escolhas de outras identidades. São identidades que têm limites relacionados com a biologia. Constituem as primeiras identidades de um indivíduo. Ser menino ou menina já implica em assumir uma identidade dentro do grupo. Da mesma forma que não se pode assumir a identidade de adulto quando ainda se é criança.

As identidades de idade constituem um campo de pesquisa promissor, mas ainda pouco explorado. Lucy (2005) argumenta que as pesquisas arqueológicas não têm dado importância à idade como um aspecto fundamental da organização dos grupos do passado. A idade é uma categoria extremamente variável e deveria ser considerada nas análises. A impressão que se tem dos trabalhos arqueológicos é que o passado foi povoado predominantemente por adultos, alguns jovens e velhos. Os velhos e as crianças aparecem apenas em termos quantitativos.

Outros grupos de pesquisadores trabalham com a temática da identidade e da etnoarqueologia (HERNANDO, 1996, 1997); das políticas de identidade em Arqueologia (MESKELL, 2002); da relação entre nacionalismo, colonialismo e identidades (DÍAZ-ANDREU, 2005; MESKELL, 2002); do patrimônio arqueológico e

das identidades modernas (MESKELL, 2002); da identidade e da religião (EDWARDS, 2005); e da identidade cultural (LUCY, 2005; SHENNAN, 1994). Apresentaremos exemplos de como alguns arqueólogos têm tratado o tema das identidades (cultural, étnica, de gênero, de idade), por meio de um novo direcionamento em seus trabalhos.

Shennan (1994) se dedica ao estudo da identidade cultural. Em sua opinião, a identidade é uma categoria subjetiva e maleável, em que as semelhanças pré-existentes podem ser manipuladas simbolicamente, com o objetivo de moldar uma identidade e uma comunidade. Desta maneira, a identidade deve ser considerada mais como um fenômeno subjetivo e dinâmico do que como algo objetivo e duradouro. Isto não implica que, ao contato com outros grupos e incorporando traços de outros, o grupo está se descaracterizando, perdendo sua cultura (SHENNAN, 1994, p.12).

Temas que incluem Arqueologia egípcia, etnografia sul-africana, identidade cultural e etnicidade, identidades de gênero e feminismo, e herança arqueológica contemporânea são estudados por Lynn Meskell (2002). Considera as identidades como construções múltiplas que abordam um conjunto de práticas interativas sempre em processo, a despeito de seu substrato simbólico e material. O estudo das identidades é o campo de interesse mais novo da Arqueologia, nas últimas décadas.

Apesar de não se dedicar ao estudo das identidades dos grupos pré-históricos, a autora chama a atenção para o cuidado na criação de categorias de identidade que são aplicadas a contextos arqueológicos e históricos. Designações taxonômicas, tais como etnicidade, gênero ou sexualidade, por exemplo, podem não ter existido como categorias no passado, apesar de hoje as considerarmos familiares (MESKELL, 2001, p. 203-204; 2002 p.281). São termos considerados naturais, em nosso tempo e cultura.

Em “*Archaeologies of Identity*”, Lynn Meskell (2001) afirma que todas as pessoas possuem várias identidades sociais que requerem negociação constante e que se organizam em relação a outros indivíduos e grupos. Essas identidades podem ser

criadas com base no sexo, classe, etnia, gênero, religião, família, política, sistema social. Neste artigo, a autora demonstra que vários desses temas foram considerados pela Arqueologia e expressam o potencial dos discursos políticos do mundo contemporâneo. A materialidade arqueológica tem capacidade para contribuir diretamente nas questões das lutas pela identidade, ao contrário de apenas obter informações das ciências sociais. Os materiais arqueológicos podem ser usados para fundamentar a superioridade étnica de determinado povo, assim como para reconstruir uma nação, relacionando-a com um passado. Isto demonstra que a materialidade do passado tem consequências, em longo prazo, na vida de numerosas gerações (MESKELL, 2001, p. 189). Fundamentados nessas idéias, foram elaborados estudos relacionados à Arqueologia e às políticas nacionais.

A partir dos anos 90 foram utilizadas outras temáticas relacionadas à identidade: o corpo, a sexualidade e as relações íntimas. A própria autora faz parte do grupo que apresenta uma proposta de estudo do feminino e da sexualidade na Arqueologia. As denominadas arqueologias de gênero fazem parte do espaço conceitual da Arqueologia pós-processual. Esses trabalhos enfocam não só as mulheres da pré-história e história como as mulheres arqueólogas. Os trabalhos revisam as histórias tradicionais, mostrando as mulheres de ontem e de hoje, como agentes de suas próprias realidades (MESKELL, 2001, 2002).

Um campo que começa a crescer são as investigações no âmbito das identidades da idade. Sam Lucy (2005) esclarece terem ocorrido avanços nos estudos sobre os temas crianças, infância e velhice, realizados por historiadores, sociólogos e antropólogos. Porém, os grupos de idade e os papéis sociais relacionados com a idade não foram considerados na interpretação do material arqueológico porque crianças e idosos eram considerados como não produtivos. A idade não é uma categoria natural, mas construída, e não pode ser estudada isolada de outras identidades como o gênero, o status e a etnia. O gênero principalmente está ligado por toda a vida com a idade. O gênero não é algo que se adquire individualmente, ao contrário, é algo que se aprende. Da mesma forma que uma identidade étnica, que também tem que ser aprendida a partir da infância. Assim, as identidades sociais são adquiridas com observação e prática.

De acordo ainda com Lucy, em *“The archaeology of age”* (2005), as ideias que temos hoje sobre a infância são construções sociais, baseadas em parte no desenvolvimento e na determinação biológica, mas também na concepção de idade de cada grupo social. Contudo, se a categoria idade é considerada, atualmente, como uma construção social, também assim pode ter sido, no passado. Os idosos, por exemplo, em grupos pré-históricos poderiam ter um papel importante na transmissão das regras sociais e da tradição e sua posição poderia estar demarcada também na morte. Ou poderia ser totalmente o contrário. A autora chama a atenção para o cuidado que se deve ter nas inferências arqueológicas de que as categorias velho, adulto, criança e adolescente eram naturais e existiam na época. Nem mesmo hoje é assim. Cada grupo tem suas regras e seus rituais de passagem. Por ser um campo de pesquisa ainda em formação, Lucy recomenda a realização de trabalhos que, em suas inferências, considerem a categoria criança e idoso como agentes ativos em suas sociedades, principalmente no caso de estudos dos cemitérios.

Siân Jones dedica-se aos estudos de identidade cultural e etnicidade, identidade e lugar, materialidade, herança arqueológica e seu papel na construção das identidades modernas (comunidades nacionais, regionais e locais). Em seu trabalho *“The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present”* (1997) discute sobre as interpretações, na Arqueologia, sobre as identidades étnicas e as etnicidades e seus resultados nos estudos da cultura material. Efetuou a análise e a crítica aos estudos realizados até então, nos quais se postula uma relação direta entre etnia e cultura material. Nesses estudos, os pesquisadores associavam uma determinada etnia com materiais arqueológicos encontrados em sítios localizados em determinados lugares, aceitando que havia uma continuidade cultural. Como solução, propôs um novo direcionamento para os estudos das identidades étnicas. Para a autora, de acordo com os estudos da corrente contextual, antropológica e arqueológica, não existem identidades homogêneas e fixas; não se pode relacionar diretamente uma etnia com vestígios arqueológicos. Assim, conclui propondo um conceito de identidade multidimensional, justificando que, da mesma forma que não existem identidades homogêneas no presente, também não existiram no passado.

No trabalho *“Categorias históricas e a práxis da identidade”* (2005), em continuidade à ideia defendida no trabalho de 1997, Jones discute a problemática do privilégio

que é dado às fontes escritas sobre a cultura material nos estudos dos períodos históricos. Sua proposta é considerar de forma igual as fontes escritas e as materiais, demonstrando como estão envolvidas na construção da etnicidade. A ideia predominante na Arqueologia é que os vestígios escritos são fontes seguras para se ter acesso às reflexões dos povos sobre suas identidades, pois, para tratar de etnicidade seria necessário dispor de dados etnográficos e históricos relevantes. Baseado nessa ideia, é grande o número de trabalhos em Arqueologia histórica, em comparação com a Arqueologia pré-histórica, como, por exemplo, sobre a Europa medieval e o período colonial americano.

Contrariamente, Jones argumenta que etnicidade e fontes históricas são subjetivas:

(...) tentativas de buscar os correlatos arqueológicos de grupos étnicos historicamente conhecidos são inúteis, não somente porque elas frequentemente ignoram a natureza situada e subjetiva das fontes históricas, mas também porque desconsideram diferenças qualitativas na manifestação da etnicidade nas fontes escritas e na cultura material (2005, p. 27-28).

Os grupos étnicos não são homogêneos e os marcadores étnicos também não são fixos. Deste modo, aceitar as fontes históricas como seguras é pesquisar com uma pré-concepção de identidade, quando o propósito da Arqueologia seria o de procurar definir a identidade. O domínio das fontes escritas vem sendo questionado, pelo reconhecimento de que elas não fornecem dados absolutos e objetivos sobre o passado. São visões parciais de pontos de vistas particulares e geralmente do grupo dominante (JONES, 2005, p, 31).

Como a autora não esclarece qual fonte considera mais importante — as escritas ou as materiais —, e como as identidades não são um reflexo direto de uma cultura, propõe incorporar, para resolver este problema, a abordagem da antropologia contextual contemporânea, pois as expressões de etnicidade variam conforme o contexto. Conclui que as fontes arqueológicas e escritas podem fornecer tanto perspectivas complementares como contraditórias quanto à etnicidade do passado. Como também não é possível estudar os grupos étnicos sem considerar a cultura material, e muitos aspectos da cultura do passado podem estar presentes na expressão de identidade étnica, assim como podem ter sido compartilhados entre diferentes grupos.

Alguns trabalhos apresentam novas propostas teóricas ao estudo das identidades. É o caso de Almudena Hernando. A *“Arqueologia da Identidade”* (2002) é uma alternativa estruturalista para a Arqueologia cognitiva. A autora aborda o tema da construção da identidade e objetiva compreender que regras comandam esta construção e como os grupos humanos apreendem a realidade. Oferece um modelo analítico capaz de abranger a identidade de grupos sociais tanto do passado como do presente, em termos macroestruturais. Em seu livro, argumenta que os seres humanos constroem a realidade em que vivem selecionando os fenômenos que contemplam. Esta construção é realizada por meio de dois mecanismos: o modo como ordenam a realidade e o modo como a representam. A ordenação ocorre por dois parâmetros: tempo e espaço; a representação por meio de signos contidos na realidade ou arbitrários: metonímia e metáfora⁴.

A identidade, nesta proposta, é compreendida como o mecanismo pelo qual os seres humanos fazem uma ideia da realidade e de sua posição, de modo que possam sobreviver com as condições materiais de que dispõem. Para Hernando, é o principal recurso humano para gerar a sensação de segurança e orientação tão necessárias à sobrevivência. Assim, nessa concepção a identidade não está na cultura material nem nos aspectos concretos e visíveis das culturas do passado e, sim, nos aspectos cognitivos. Hernando divide as identidades em dois grupos: identidades de espaço e identidades do tempo. Nas sociedades caçadoras e coletoras são utilizadas as categorias de espaço, metonímia e mito. São identidades de espaço. Para esses grupos, a identidade se baseia nas semelhanças de comportamento com os demais e não nas diferenças; por isso são identidades coletivas. As pessoas sabem quem são por sua identificação com o grupo e não pelas diferenças que as particularizam dentro do grupo (HERNANDO, 2002, p. 10 - 11). As identidades de tempo se referem às sociedades nas quais a complexidade, a especialização e a divisão do trabalho permitem ao grupo o controle da realidade material. São identidades baseadas nas diferenças individuais. Sua proposta é original e representa um marco teórico na Arqueologia. É uma alternativa de estudo no campo da Arqueologia cognitiva fundamentada na abordagem estruturalista.

⁴ Na metonímia, os símbolos usados para representar a realidade são parte da mesma realidade; na metáfora, o signo e a realidade são coisas diferentes. Quanto maior a complexidade social, maior a necessidade de modelos metafóricos de representação da realidade.

Alguns pesquisadores defendem que no campo da Arqueologia pré-histórica buscase a identificação, a construção das denominadas identidades coletivas ou de grupo (VALERA, 2002; SILVA, 2002; ALARCÃO, 2002; JORGE, 2002). Também advertem sobre a dificuldade para se determinar essas identidades por meio da cultura material. Em relação a estes estudos, Antônio Valera ressalta que, ao longo da vida, os indivíduos participam de múltiplas identidades. Afirma que o processo de formação das identidades é social, dinâmico, e ocorre durante toda a vida e em diferentes escalas. “Portanto, o que eu queria realçar é que a identidade colectiva é um processo social que funciona em rede e é dinâmico ao longo da nossa vida, para além de funcionar a várias escalas” (VALERA, 2002, p. 65).

As identidades coletivas podem ser compreendidas como todos os investimentos que um grupo realiza ao longo do tempo para dar a cada indivíduo do grupo um sentimento de unidade, de continuidade e de coerência (POLLAC, 1992). Fundamentam-se nas semelhanças de comportamento com os demais e não nas diferenças (HERNANDO, 2002). É também uma categoria que define um pertencimento necessário à existência de um grupo (WOODWARD, 2005). É, enfim, um conceito que leva em conta a coletividade, o grupo, e não os indivíduos.

De acordo com Valera, a identidade pode ser gerada pelas características biológicas, contexto social, língua, religião, idade, entre outros fatores. Porém, mudando o fator gerador da identidade, esta se transforma. Podemos estabelecer uma determinada identidade utilizando o critério religião, mas se utilizarmos outro critério, essa identidade transforma-se, espalha-se numa série de outras identidades que podem ter, em termos espaciais, uma distribuição totalmente diferente (VALERA, 2002, p. 65).

Na opinião de Antônio Silva, as identidades com que os indivíduos lidam são geralmente coletivas e distantes no tempo. As identidades pré-históricas são apreendidas do exterior e por meio de vários terceiros. Assim, essas identidades são construídas, distantes no tempo, a partir do reconhecimento das similitudes. Exemplificando explica que uma comunidade, A, se distingue de outra comunidade, B, em relação às semelhanças ou diferenças que o pesquisador possa apreender a partir da cultura material. Em relação a este ponto, o autor adverte como é frágil

atribuir identidades a partir da cultura material, mas este tem sido o caminho encontrado pelos arqueólogos para chegar às identidades coletivas. Em suma, as identidades são atribuídas de fora, são representações, sem personagens e mediados por terceiros (SILVA, 2002, p. 76-77).

Jorge de Alarcão defende, assim como Antônio Varela e Antônio Silva, a busca da identidade grupal (coletiva). Em sua opinião, os arqueólogos não encontram o indivíduo e sim o grupo. Mesmo diante de uma estrutura não é possível ter uma representação pessoal do indivíduo, pois a identidade individual é menos visível (ALARCÃO, 2002, p. 64-65). Argumenta que na história humana sempre houve grupos. Mesmo nos dias atuais, com um maior individualismo, o que existe são novas e inúmeras modalidades de grupos. Por isso, insiste que a identidade dos grupos é importante para a Arqueologia (ALARCÃO, 2002, p. 89-90). Dentro desta perspectiva, sugere que a identidade é construída por um conjunto de normas e valores.

Em relação aos elementos da identidade grupal, reconhece a língua como um elemento importante, mas lembra que a tentativa de relacionar a língua, a etnia e a cultura material foi abandonada pelos arqueólogos, por não proporcionar os resultados esperados. “Parece-me que, se a língua é um elemento importante de identificação, não podemos deixar de pensar que, no seio de um mesmo estrato ou horizonte linguístico, se podem construir outras individualidades” (ALARCÃO, 2002, p. 36).

Outro elemento importante para a identidade de grupo é a religião. O autor exemplifica o papel da religião na construção da identidade dos povos Lusitanos. Em sua pesquisa, verificou a ocorrência de um determinado número de divindades comuns, distribuídas em uma área da Beira interior e da província de Cáceres. Pela localização das divindades foi possível associá-las aos Lusitanos e descobrir onde estavam e quem eles eram. Em resumo, foi a religião, no caso estudado, que permitiu identificar os Lusitanos (ALARCÃO, 2002, p. 65).

Suzana Jorge compartilha da opinião de Antônio Silva e Jorge de Alarcão quanto à construção das identidades coletivas. As identidades só são atingidas em termos

grupais. Para Jorge, a Arqueologia pré-histórica não reconstrói, não recupera o passado, e sim o constrói. Constrói identidades através da interpretação de objetos e de monumentos (JORGE, 2002, p.140). Porém, em seu ponto de vista, é muito difícil perceber as identidades no registro arqueológico. Essas são captadas no meio dos vestígios da materialidade, através das regularidades identificadas.

Como exemplo de construção de identidade na pré-história, a autora menciona o processo das primeiras comunidades de agricultores europeus. Para os arqueólogos, essas comunidades escolheram o espaço dos mortos para construir identidades. Argumenta que os arqueólogos só podem construir identidades a partir do que é visível. Os outros espaços criados e recriados não são acessíveis, pois não fazem parte da materialidade. Os arqueólogos só podem ver identidades através de artefatos, monumentos e paisagens. As comunidades de agricultores construíram e reconstruíram suas identidades em torno dos espaços mortuários e rituais, ao longo do tempo, criando, na expressão da autora, um “não-tempo”. Dessa forma, conclui que essas identidades foram constituídas “(...) através de uma grande continuidade de gestos e comportamentos que ficaram congelados nos espaços dos mortos” (JORGE, 2002, p 142).

Rossana Ledesma (2003) identificou traços de identidade nos desenhos de pontas de projétil em pesquisa com material lítico do sítio Santa Rosa de Tastil, Quebrada do Toro, Argentina. Sua intenção era propor outro indicador de identidades que não o material cerâmico ou os padrões de assentamento. A autora parte do pressuposto de que o conjunto de pontas de projétil pode ser estudado na dimensão estilística, pois possuía um desenho característico, ampliando, assim, a discussão sobre a identificação arqueológica de traços de identidade. Concebe identidade como traços próprios de um grupo em relação aos de outros. Mas um grupo pode incorporar traços de outros.

Um grupo,

(...) para definir-se e identificar-se como tal selecciona rasgos que reconhece como próprios, com independencia de otros rasgos que también posee. Como así también aísla o identifica como comunes rasgos de otros grupos (LEDESMA, 2003, p. 243).

Em relação à possibilidade de encontrar indicadores de identidade nos conjuntos das pontas de projéteis identificou dois estilos: o emblemático e o asseverativo. O estilo emblemático oferece informações sobre a representação grupal do indivíduo perante outros grupos; o asseverativo dá informações que reafirmam a identidade individual. Como resultado, observou indicadores de identidade individual e grupal por meio da seleção de traços próprios expressos nos itens do desenho das pontas de projéteis. Como exemplo, cita os artefatos líticos encontrados na tumba nº.1 do sítio Santa Rosa de Tastil.

Como referência de trabalhos realizados no Brasil com um novo direcionamento para o estudo das identidades também podemos citar Camilla Agostini (1998). A autora buscou o universo dos africanos escravizados que serviram de mão-de-obra no império brasileiro, mais especificamente, no Rio de Janeiro, no século XIX. Seu objetivo foi tentar identificar, arqueologicamente, as estratégias da resistência africana, ressaltando a importância do estudo dos símbolos criados pelos escravos. Considerando que este contingente de escravos era constituído por grupos étnicos distintos, a autora procurou identificar a manutenção de traços étnicos e uma consequente reelaboração do sentimento de identidade. Para isto utilizou, em sua análise, cachimbos cerâmicos decorados, encontrados em sítios arqueológicos históricos. Os cachimbos são os principais exemplos de cultura material de uso cotidiano relacionada diretamente aos escravos. Assim como as escarificações, os cachimbos também apresentam marcas, desenhos, padrões decorativos próprios de cada etnia africana. Desta forma, Agostini sistematizou os padrões decorativos que aparecem nos cachimbos e as marcas tribais trazidas da África, que foram registradas pelos proprietários, relacionando-os às etnias (AGOSTINI,1998). Também nesse exemplo trata-se de grupos históricos nos quais há o conhecimento do significado de cada marca e etnia correspondente.

Há ainda os pesquisadores que buscam identidades étnicas e postulam que estas resistem às mudanças, ou seja, a resistência às mudanças produz elementos de permanência, tornando possível identificá-las. Do ponto de vista de Fernanda Tocchetto (1991), a identidade emerge no conflito de afirmação étnica frente a outro grupo, na afirmação do 'nós' perante os 'outros' e neste processo a identidade não é afetada, "é irredutível às variações". Sua pesquisa abordou o significado da cultura

material produzida e utilizada pelos grupos guaranis que viveram na missão jesuíta de São Lourenço Mártir. Defende a ideia de que os Guarani mantiveram sua identidade na preservação de elementos existentes na forma de produzir os objetos cerâmicos e líticos, como também em elementos não materiais. A identidade, mesmo absorvendo traços dos outros, não mudou. Interpreta a cultura material como símbolo visível da identidade étnica. A cultura material é a materialização da identidade, do comportamento, “é um símbolo de identidade étnica” e essencial para a manutenção da identidade (TOCCHETTO, 1991, p. 262).

Sua opinião difere um pouco da postura atual, na qual se postula que a identidade é mutável, relacional e histórica. Neste caso especificamente, a autora trabalhou com um grupo do qual havia bastante documentação para comprovar a sua existência histórica. Assim, pôde relacionar o grupo étnico com a cerâmica produzida por estes. Porém, deve-se ter em conta que apenas um elemento da cultura material, como a cerâmica, não é suficiente para identificar um grupo.

Celito Kesting (2007) realizou trabalho sobre as identidades dos grupos pré-históricos da Área Arqueológica de Sobradinho, na Bahia, localizada entre as dunas fósseis do submédio São Francisco e a Barragem de Sobradinho. Em seu estudo, com as pinturas rupestres, as identidades são reconhecidas pela presença recorrente de atributos que sugerem uma padronização. Um atributo é cada uma das propriedades qualitativas ou quantitativas que distinguem um membro de um conjunto. No caso dos grafismos, o reconhecimento desses atributos de identidades pré-históricas pode ser realizado através da identificação da dominância de padrões de reconhecimento, temática, cenografia e técnica. O autor analisou os sítios da Área Arqueológica de Sobradinho e constatou que havia reconhecimento e cenografia semelhante a conjuntos gráficos do estado de Goiás e em todo o vale do rio São Francisco. Como resultado, concluiu que há dominância de um padrão temático nos sítios localizados na alta, média e baixa vertente, o que lhe permitiu classificar a Área de Sobradinho como uma Sub-tradição de pintura rupestre e propor que a maior parte dos grafismos foi executada por um grupo pré-histórico que habitava o submédio São Francisco desde o final do Pleistoceno. Seu trabalho também permitiu a identificação de três estilos de pintura definidos pela cronologia, localização dos sítios nas vertentes e pelas características dos grafismos.

Os arqueólogos citados (AGOSTINI, 1998; ALARCÃO, 2002; LEDESMA, 2003; JORGE, 2002; SILVA, 2002; VALERA, 2002) ressaltaram o fato de que, em Arqueologia se busca, primordialmente, a identidade grupal ou coletiva. Para alguns, é difícil atribuir identidades, a partir da cultura material, devido à fragilidade do registro arqueológico. Isto é verificado principalmente em relação às identidades dos grupos pré-históricos e às individuais (SILVA 2002; JORGE, 2002). Alarcão (2002) chama a atenção para o fato de não ser possível chegar às identidades individuais, mas, é importante a busca do indivíduo, mesmo sendo contestável se a Arqueologia pode ou não encontrá-lo.

A partir dos exemplos de como o conceito de identidade vem sendo direcionado por alguns autores, admitimos que a formação das identidades faz parte de um processo histórico, contínuo e múltiplo, e que é construído na relação que une os indivíduos pelas semelhanças e pelas diferenças em relação aos outros, internos ao próprio grupo ou externos. Por conseguinte, no decorrer do trabalho, quando nos referimos a identidades estamos tratando de algo que pode ser observado e descrito no contexto arqueológico. No caso específico do contexto funerário, está relacionado ao que pode ser observado na organização da estrutura funerária, na recorrência de formas, de tipos de objetos e nos elementos do corpo.

No próximo item reafirmaremos a proposta de investigação que está baseada nos argumentos demonstrados anteriormente.

1.4 Identidades, Arqueologia e práticas funerárias: a investigação

Os autores citados nos itens anteriores entendem identidade como relacional, histórica, mutável e que se afirma e reafirma na relação com o outro. Cada grupo possui traços que lhe são próprios, como também outras características que compartilham ou copiam de outros. Como uma representação coletiva, as identidades têm expressão material e se manifestam nos objetos, pois os grupos de alguma forma materializaram marcas ou símbolos de suas identidades em seus objetos, como atestam Vidal e Silva (2000) e Ribeiro (1986a, 1986b).

Neste trabalho, o conceito de identidades foi formulado a partir das contribuições dos autores mencionados anteriormente e de nossa reflexão a partir dessas leituras. Aproximamo-nos dos pesquisadores que propõem o estudo das denominadas identidades coletivas. Discordamos das opiniões que colocam as identidades como apenas pertencentes ao campo psicológico e dos sentimentos, ou do discurso político e ideológico, sem uma expressão material. As identidades são formadas tanto por elementos psicológicos, ideológicos, como materiais. São valores compartilhados e resultantes do uso em comum de objetos, de representações ou símbolos e de traços próprios.

Porém, deve-se ter em conta as limitações que os conceitos de identidades apresentam para a realidade do objeto arqueológico, tendo em vista que a construção das identidades em Arqueologia passa, inevitavelmente, pela cultura material. Identidade é um conceito utilizado, com mais frequência, nos estudos de sociedades em que se pode utilizar diversas fontes, como documentos escritos, discursos, imagens e objetos. Mas, como esta pesquisa é em Arqueologia pré-histórica, procuramos privilegiar as abordagens que remetem à identidade, aos processos coletivos e aos aspectos materiais.

Também é preciso esclarecer que nesta pesquisa não foram utilizadas as referências que tratam da identidade individual⁵. Desta maneira, o conceito de

⁵ A identidade individual vem sendo mais utilizada no campo da Psicologia Social e da Sociologia.

identidade utilizado na realidade arqueológica parte do campo conceitual da denominada identidade coletiva. No sentido utilizado nas Ciências Sociais e na Antropologia as identidades coletivas estão relacionadas com a noção de comunidade, da inserção em um determinado grupo. As identidades coletivas são consideradas, desta maneira, como um dos componentes da identidade cultural.

Denys Cucche (2002) chama a atenção para a associação frequente entre identidade cultural⁶ e cultura. É claro que as questões culturais estão em associação com as identidades. Porém, não se deve confundir uma com a outra. A cultura pode existir sem consciência de identidade, o que não ocorre com a identidade, que é necessariamente consciente e pode até manipular e modificar uma cultura. Segundo o autor, a identidade cultural é relacional, pois depende do contexto e tem a função de situar os indivíduos no conjunto social, de inclusão ou exclusão. “São membros do grupo os que são idênticos sob certo ponto de vista” e excluídos os que “são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista” (CUCHE, 2002, p.177).

Na opinião de Cucche, não existe uma identidade essencial e praticamente invariável. Porém, mesmo tendo um caráter variável, as identidades podem ser, não raro, relativamente estáveis. Existe o que é definido como o núcleo da identidade, que seriam as narrativas, os mitos, os ritos, os comportamentos coletivos formalizados (COELHO, 2004). Ou, dito de outra forma, existem as denominadas marcas fundamentais, que resguardam os elementos mais duradouros das identidades (LOPES, 2002).

Cucche propõe a adoção de um conceito de identidade que seja relacional, devido à sua característica de variabilidade. Esta concepção tem seu fundamento no trabalho de Frederik Barth, de 1969, o qual postulava que as identidades devem ser entendidas por meio das relações entre os grupos sociais (BARTH, 1976). Para definir a identidade de um grupo é preciso localizar os traços culturais utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.

⁶ O conceito foi utilizado nos Estados Unidos, na década de 50, pela Psicologia Social, como solução à questão da integração dos imigrantes neste país. Neste período, a identidade cultural significava algo imutável e que determinava a conduta dos indivíduos (CUCHE, 2002, p.176).

Além de variável, as identidades não são puras e não estão fechadas em si. Os grupos interagem com outros grupos, de acordo com as suas vinculações (sociais, sexuais, etárias, religiosas). Cucho também argumenta que as identidades são, por este motivo, multidimensionais, mas não perdem a sua unidade.

Outro conceito que pode ser confundido com o de identidade é o de padrão cultural. Identidade não é padrão cultural. Em Arqueologia, atualmente, nos remete à ideia de modelo (por ex: padrão de assentamento; padrão funerário). Por sua vez, em Sociologia o conceito implica em condutas que influenciam a formação das identidades individuais e coletivas. Porém, o conceito de padrão só se popularizou nos anos 30 com a obra clássica de Ruth Benedict “Patterns of Culture”.(2005). Benedict (2005), estudou as diferentes características das culturas dos povos indígenas Zuni, indicando os padrões de cada um desses grupos⁷.

Podemos então concluir que tanto o conceito de identidade cultural como de padrão cultural são abrangentes e não se aplicam a esta pesquisa. Não é possível, neste trabalho, remeter à identidade cultural ou às etnias. Assim, com base no que foi exposto anteriormente, defendemos que a identidade é reconhecida a partir dos vestígios dos grupos. A cultura material é um meio de representação de identidades. É “um meio de reforçar a identidade do grupo e de marcar a diferença relativamente a outro grupo” (BRADLEY; HODDER, 1979, apud ALARCÃO, 1996, p.16).

Neste trabalho, a hipótese defendida é de que as estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas. Estes, portanto, estariam representados, ainda que parcialmente, no conjunto dos elementos que compõem a estrutura funerária, passíveis de serem analisados de acordo com o grau de conservação dos vestígios.

As identidades coletivas têm uma dimensão material. Elas são parcialmente apreendidas em contextos específicos, em que podem ser comprovadas por meio de uma representatividade material quantitativa e qualitativa. Os próprios elementos

⁷ A autora utilizou termos e conceitos psicológicos, contribuindo nos estudos, iniciais, que mesclavam cultura e personalidade (HARRIS, 2003).

presentes na estrutura funerária são materializações dessas representações. As identidades só podem ser construídas pelo que é visível, pelos artefatos e estruturas.

Portanto, o propósito deste trabalho foi estabelecer os traços ou marcadores de identidades coletivas representados nas estruturas funerárias dos sítios pré-históricos Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II. Procuramos também caracterizar as práticas funerárias; analisar os tipos de rituais funerários; e avaliar os limites na determinação dos traços de identidades no contexto funerário.

1.4.1 Procedimentos metodológicos

1.4.1.1 O universo da pesquisa

Inicialmente, foi realizado um levantamento prévio das publicações sobre os sítios arqueológicos com presença de vestígios de práticas funerárias, no Nordeste do Brasil. Cabe salientar que esses sítios foram estudados por pesquisadores pertencentes a distintas instituições e que, conseqüentemente, adotaram abordagens metodológicas diferentes, principalmente durante o trabalho de campo. Este fato influenciou bastante os resultados das análises posteriores e a conservação do material, uma vez que os motivos que levaram à realização desses trabalhos variaram desde salvamentos, em áreas a serem impactadas, como em sítios já impactados por fatores humanos ou biológicos, como também em sítios que foram pesquisados sistematicamente.

O levantamento indicou, no Nordeste do Brasil, a ocorrência de práticas funerárias distintas relacionadas a ocupações de grupos caçadores e coletores e de grupos ceramistas pré-históricos. Os sítios mais antigos estão situados cronologicamente entre 10000 e 8000 BP e os mais recentes posicionam-se entre 4000 BP e o período colonial.

Os sítios arqueológicos com estruturas funerárias de grupos pré-históricos utilizados neste trabalho se encontram em diferentes regiões que compreendem o Agreste pernambucano, o Seridó no Rio Grande do Norte, o Sudeste do Piauí e Baixo São Francisco, em Sergipe e Alagoas. Estes sítios foram escolhidos a partir dos seguintes critérios:

- prioridade de um contexto arqueológico;
- amostragem significativa e representativa de vestígios funerários;
- cronologia.

Em função desses critérios foram selecionados os seguintes sítios (Figura 1):

- Sítio Furna do Estrago (PE)
- Sítio Pedra do Alexandre (RN)
- Sítio Toca da Baixa dos Caboclos (PI)
- Sítio Toca do Tenente Luiz (PI)
- Sítio Justino (SE)
- Sítio São José II (AL)

Os sítios localizam-se em diferentes ambientes e espaços: como os terraços fluviais e os abrigos. Apresentam enterramentos⁸ realizados em fossas, cavados diretamente no solo, e acondicionados dentro de vasilhas cerâmicas, utilizadas com função de urna funerária. Quanto à população, o estudo utilizou informações de indivíduos idosos, adultos, jovens e crianças, tanto masculinos como femininos.

1.4.1.2 Coleta e tratamento dos dados

A primeira etapa do trabalho concentrou-se no levantamento da documentação primária e secundária. Para realizar a coleta de dados foram elaborados, como instrumento de coleta, dois tipos de fichas: Protocolo de leitura (Apêndice A) e Ficha de Enterramento (Apêndice B).

⁸ Enterramento é a disposição deliberada do cadáver sob a terra (CRUBÉZY, E. et al., 2007). Um enterramento pode ser individual, duplo, triplo, coletivo, primário e secundário. O termo sepultamento corresponde à deposição do corpo em covas, túmulos, gavetas, caixas e urnas, mas não necessariamente sob a terra (SILVA, 2004). Sepultura é o local que comporta os restos ou os traços de defuntos (CRUBÉZY, E. et al., 2007).

O protocolo de leitura foi utilizado para a coleta de dados secundários, provenientes de livros, periódicos, teses e dissertações utilizados para compor a parte contextual e teórica do trabalho. As fichas de enterramento serviram para a coleta de dados primários originários da documentação de campo, como relatórios e fichas de campo, fotografias, plantas e desenhos, como também de dados secundários, como os resultados das pesquisas realizadas nos sítios selecionados. Nas fichas de análise de enterramento foram registradas as informações provenientes de cada enterramento, como dados biológicos de vestígios humanos, cultura material associada e dados da estrutura. Esses dados foram utilizados na parte analítica do trabalho.

Na coleta de dados utilizamos os trabalhos publicados que tratavam sobre esses sítios e realizamos levantamentos nas seguintes instituições:

Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM;

Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco – LABMUSARq/UNICAP;

Núcleo de Estudos Arqueológicos - NEA - da Universidade Federal de Pernambuco;

Núcleo de Estudos Indigenistas - NEI - da Universidade Federal de Pernambuco.

Na segunda etapa foram obtidas as informações de trezentos e quarenta e cinco (345) indivíduos, organizadas e uniformizadas em um banco de dados formado por dados categóricos e numéricos, o que permitiu um tratamento estatístico (Apêndices C até H).

Para a identificação dos elementos ou marcadores de identidades foram trabalhadas as seguintes variáveis: relacionadas ao corpo, incluindo o sexo e a idade, tratamento dos ossos, posição do corpo, tipo de enterramento, elementos constituintes da cova, acompanhamentos funerários, uso de envoltórios e cronologia das ocupações. Para reconhecer esses marcadores foi preciso distinguir, na estrutura funerária, as recorrências e as diferenças em cada sítio; e realizar comparações entre os elementos.

No próximo capítulo será demonstrada a relação entre identidade, memória e rituais funerários. A identidade tem como suporte a memória, que é o mecanismo de

retenção de conhecimento e de experiência. O espaço funerário pré-histórico, por sua vez, pode ser entendido como um local onde as identidades coletivas foram construídas e mantidas, porque as estruturas funerárias são parte integrante de um ritual. Quando tratamos de vestígios funerários, mesmo que pré-históricos, estamos no campo do ritual.

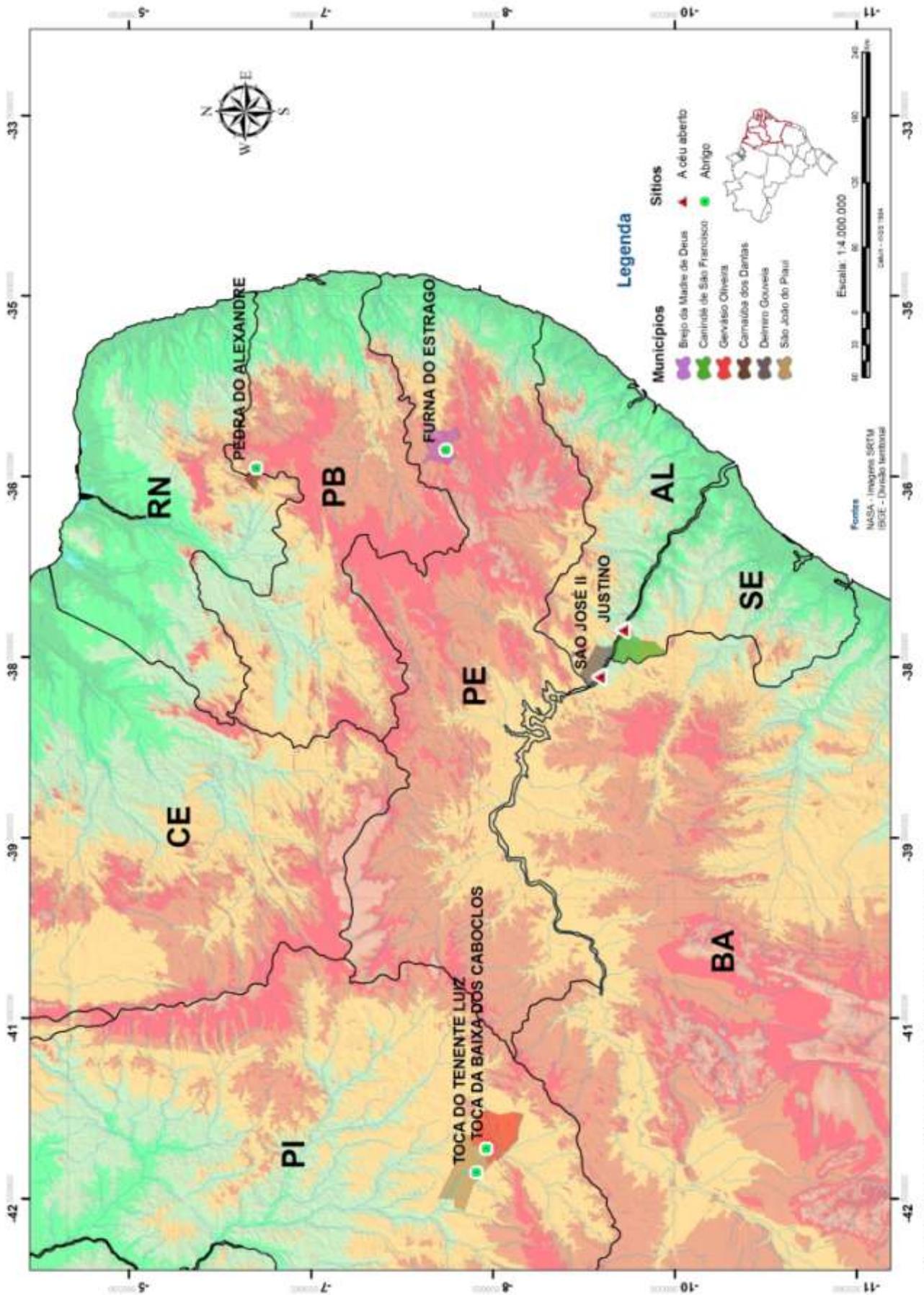


Figura 1: Localização dos Sítios Arqueológicos.

CAPÍTULO 2. IDENTIDADES, MEMÓRIA E RITUAIS FUNERÁRIOS

2.1 Identidades e memória coletiva

Nesta parte serão demonstrados alguns aspectos sobre a relação entre a memória coletiva⁹ e as identidades. Também será discutido o conceito de lugar de memória,¹⁰ demonstrando que o contexto funerário pode ser entendido também como um lugar de memória. Pretendemos, com esta argumentação, situar os sítios investigados, que apresentam estruturas funerárias pré-históricas, como lugares de memória e de identidades coletivas.

Por que Identidade e Memória? Porque são inseparáveis. A memória é um elemento essencial das identidades coletivas e individuais, produtos de processos que ocorreram em tempos e espaços determinados. Todo passado tem memória e toda memória possui características próprias: as identidades.

A memória é a condição da identidade. Identidade e memória estão relacionadas. Uma é constitutiva da outra e encontram-se entrelaçadas, de modo que dão um sentido de pertença aos indivíduos e às comunidades, através do tempo e do espaço. Não são coisas fixas, são representações ou construções da realidade em diferentes tempos e espaços. Na memória, as semelhanças são mais consideradas e isto gera, para o grupo, a percepção da existência de identidades através do tempo (HALBWACHS, 1990, p.87).

Em relação aos estudos voltados para a memória, devem ser destacados os trabalhos de Maurice Halbwachs e Frederic Barlett¹¹, na primeira metade do século XX. As ideias defendidas neste período serviram de fundamento para os estudos

⁹ O sociólogo Maurice Halbwachs foi o responsável pelo estudo dos quadros sociais da memória. Argumentou que a memória é coletiva, pois é constituída pelos indivíduos em contextos coletivos. A memória coletiva é a que foi construída por meio da interação entre indivíduos.

¹⁰ O conceito de lugar de memória foi desenvolvido pelo historiador Pierre Nora, em 1984.

¹¹ Psicólogo britânico que procurou explicar os processos mentais que são formados por meio das interações sociais e responsáveis pela lembrança e pelo esquecimento (SANTOS, 2003, p. 22).

posteriores. Hoje, a memória coletiva encontra-se novamente como foco de investigações interdisciplinares de sociólogos, antropólogos e historiadores, principalmente em sua relação com as identidades.¹²

O trabalho de Halbwachs sobre a memória foi redescoberto, na atualidade. Este autor tem sido considerado como o responsável pela renovação do pensamento de Durkheim e da Sociologia. Em seu trabalho “*A Memória Coletiva*” (1990), defende que a memória é formada pelas relações com os diversos grupos com os quais convivemos (como a família, os amigos). A memória se apoia na história vivida pelos indivíduos. As lembranças e as ideias são geradas no interior dos grupos. Em vários momentos, mesmo que o indivíduo esteja fisicamente só, suas reflexões são coletivas, se deslocam de um grupo para outro. Os indivíduos só lembram pela interação com os outros. Para Halbwachs, os outros nos ajudam a lembrar, pois têm lembranças em comum:

(...) nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais apenas nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (1990, p. 26).

O indivíduo só tem capacidade de lembrar quando se coloca no ponto de vista de um ou mais grupos com os quais convive. A memória coletiva mantém sua duração no fato de ter como suporte um conjunto de memórias individuais. Halbwachs afirma que “(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (1990, p. 51).

Halbwachs faz distinção entre memória e memória histórica. A memória se distingue da história porque conserva do passado o que ainda está vivo ou capaz de reviver na consciência do grupo que a mantém. Porque a memória, para este autor, é uma representação seletiva do passado, um passado que é de todos os indivíduos inseridos em seus diversos grupos de convivência. É seletiva, porque os indivíduos só lembram do que ainda está ativo em suas lembranças e porque compartilharam com outros membros de noções e lembranças comuns. No desenvolvimento da

¹² Myrian Sepúlveda dos Santos investiga a memória coletiva no âmbito da teoria social. Em seu trabalho “*Memória coletiva e teoria social*” (2003), demonstra os limites das abordagens teóricas que hoje analisam a memória e defende a contribuição de Maurice Halbwachs.

memória não há linhas de separação nitidamente traçadas, como na história. A memória de uma sociedade se limita à memória dos grupos que a compõem. Só é esquecida quando os grupos desaparecem. Quanto mais distante no tempo o grupo deixou de existir, mais as lembranças se perderam. A duração da memória está relacionada, desta forma, com a duração do grupo.

A memória histórica é mais ampla, representa o passado de uma forma resumida e esquemática. Apoiase nos acontecimentos marcantes da história de um país, em fatos que influenciaram a maioria da população, relevantes para o conjunto dos cidadãos e não apenas para o indivíduo ou seu grupo. A memória dos habitantes de um pequeno vilarejo, por exemplo, diz respeito aos acontecimentos e ações de todos. Só têm relevância os fatos relacionados a esses habitantes. Dentro de tais grupos, todos os indivíduos pensam e se recordam em comum. A memória coletiva se conserva no grupo, limitado no tempo e no espaço. Por isso, não existe uma memória universal.

Após a análise de Halbwachs, as memórias coletivas passaram a ser consideradas sinônimo de representação coletiva, trazem com elas a dimensão histórica. Contudo, algumas de suas afirmações foram superadas, pois se demonstrou posteriormente que estavam erradas: quando descartou o papel do inconsciente, defendido por Freud; quando afirmou que o passado só estava materializado na sociedade e não nos corpos e na mente; quando atribuiu apenas aos quadros sociais o sentido das práticas sociais. Até mesmo sua fragilidade, ao privilegiar, apenas, as representações coletivas. Hoje é fato que as memórias podem ser explicadas pelos processos interativos responsáveis pela reconstrução do passado.

Na mesma época em que Halbwachs formulava suas ideias, o psicólogo Barlett (1961 apud SANTOS, 2003) defendeu uma concepção de memória que tem pontos em comum com a de Halbwachs, apesar de possuírem opções teóricas distintas.

Barlett estabeleceu os fundamentos básicos para compreender a memória como o resultado da interação entre indivíduos e entre estes e o seu meio. Afirmou que recordar é uma forma de percepção e, ao mesmo tempo, um reconhecimento. O que é lembrado pelo indivíduo precisa antes ter sido percebido. Para Halbwachs, o

passado que existe é aquele que é reconstruído continuamente no presente. Esta ideia representa uma das posições atuais que colocam o conhecimento do passado como um testemunho parcial. Uma outra postura nega e não aceita a objetividade da memória em relação ao passado. Na atualidade, questiona-se a objetividade e/ou subjetividade das memórias, a supremacia do coletivo em relação à individualidade das identidades e luta-se contra a amnésia e o esquecimento da memória (SANTOS, 2003).

Esses dois autores são considerados por Santos (2003) como os responsáveis por colocar a memória no plano social. Memória, para esses autores, é sempre o resultado da interação entre indivíduos, no presente. Suas ideias, do início do século XX, continuam válidas e são discutidas atualmente por diferentes correntes.

Posteriormente, no campo da história e de sua relação com a memória, destacamos a contribuição de Pierre Nora (1993) e Michael Pollak (1989, 1992) (influenciados pelas ideias de Halbwachs), e de Jacques Le Goff (1996).

Michael Pollak (1989) defende também a relação entre memória e identidade. Trata da memória e do esquecimento na construção da identidade dos grupos. Analisa as memórias dos grupos denominados marginalizados e como eles lutam para a consolidação de suas memórias. De acordo com esse autor, a memória é construída socialmente, mas também individualmente, e está estruturada em diferentes pontos de referência, como o patrimônio arquitetônico, as paisagens, tradições, costumes, músicas, culinária. É também produzida pelos objetos materiais, como monumentos, museus e vestígios arqueológicos. É dessa forma “guardada e solidificada nas pedras” (1989, p.12).

Em seu trabalho “*Memória e Identidade Social*” (1992), trata dos processos e dos atores que intervêm na formalização e consolidação da memória. Neste trabalho apresenta os elementos constitutivos da memória: acontecimentos, personagens e lugares. Esses três elementos se referem aos fatos, pessoas e lugares concretos, mas também podem se referir a situações que foram criadas. Apresenta a memória como um fenômeno mutável e seletivo. Afirma também que, apesar de mutável, há marcos ou pontos relativamente invariáveis na memória. Esses seriam os elementos

que passaram a fazer parte da essência de uma pessoa ou grupo, embora outros tenham se modificado ao longo do tempo. A memória é seletiva, pois nem tudo é registrado. Ela é em parte herdada e está relacionada ao momento em que foi articulada.

Pollak destaca a ligação estreita entre memória e sentimento de identidade. A memória é um elemento constituinte da identidade, tanto individual como coletiva. É de extrema importância para o sentimento de continuidade e coerência dos grupos ou dos indivíduos, em suas reconstruções (POLLAK, 1992, p. 204). A identidade é construída em referência aos outros, mas não significa que é a essência de um grupo ou de uma pessoa. Ela se caracteriza pelos investimentos que um grupo ou indivíduo faz para manter a unidade, a coerência. Mas, como a identidade não é estática, pode ser negociada e modificada.

Le Goff (1996) apresenta, em seu trabalho *“Memória e História”* uma síntese dos muitos aspectos que envolvem a construção da memória. Trata da memória utilizada nas ciências humanas, principalmente na História e na Antropologia. Diferencia os diversos tipos de memória: individual, coletiva, social, étnica, psíquica. Mas, principalmente, defende a memória coletiva. Em sua opinião, a memória coletiva se relaciona aos povos sem escrita, pois nesses grupos a atividade mnésica é uma constante e faz parte do cotidiano. A memória coletiva pode ser caracterizada como construída por meio dos mitos de origem; seu campo de interesse está vinculado aos conhecimentos práticos, técnicos, do saber, e pela transmissão de conhecimentos secretos, ligados à magia.

Podemos então concluir que tanto o conceito de identidade como o de memória estão interligados. Estamos conscientes também de que não podemos reconstruir a memória dos grupos que sepultavam seus mortos. Uma vez que, quanto mais distante no tempo o grupo deixou de existir, mais as lembranças se perderam. A duração da memória relaciona-se com a duração do grupo. A reconstrução de um ritual do passado não reproduz este passado. Da mesma forma que o presente também não é capaz de eliminar as experiências do passado. A reconstrução do passado no presente é algo arbitrário (SANTOS, 2003). Por isso, consciente desta impossibilidade, a nossa intenção não é de reconstrução.

O que queremos é demonstrar que o conceito de memória e de espaço (ou lugar) de memória pode ser aplicado ao contexto arqueológico, porque a estrutura funerária é parte de um contexto que salvaguarda a memória social do morto, o qual, após a morte, preservou o seu status, o seu lugar, as suas identidades, como também sua representação, mais especificamente a coletiva. O espaço funerário é um desses contextos privilegiados, pois é um lugar especial e sagrado para os grupos que o ocuparam.

No próximo item apresentaremos a ideia de que as estruturas funerárias pré-históricas podem ser também interpretadas como lugares ou espaços de memória; por conseguinte, um espaço em que algumas identidades coletivas foram também representadas.

2.2 O contexto funerário como lugar de memória

O espaço exerce uma influência na afirmação da identidade. Os objetos que pertencem aos grupos, assim como o espaço em que estão inseridos ativam o processo no qual memória e identidades são construídas.

Halbwachs (1990) chama a atenção para a importância do espaço na memória coletiva. Defende que a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais. Os grupos resistem às mudanças para manter seus hábitos locais. Quando um grupo vive durante um longo período em um determinado local adapta àquele espaço não apenas os seus movimentos, como também os seus pensamentos. Para o autor, o espaço é o suporte das memórias, porque os grupos moldam o espaço, ao mesmo tempo em que são marcados por ele. O espaço é uma realidade que dura e fixa as características do grupo. Só desta maneira pode-se recuperar o passado que não se conservou no meio material.

Para o autor, o espaço é uma realidade social, desempenha um papel importante na manutenção da memória. “Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 131); assim, cada aspecto e detalhe

do lugar que foi ocupado por um grupo tem sentido que se torna inteligível apenas para os membros do grupo, pois todas as partes ocupadas correspondem a algum aspecto de sua vida e da sociedade da qual faz parte. Da mesma forma, as mudanças ocorridas no grupo em relação ao seu espaço podem mudar a memória e, conseqüentemente, o espaço já não será o mesmo.

Não há grupo ou atividade coletiva que não tenha uma relação com uma parte do espaço. Assim, as atividades relacionadas à prática funerária têm seu espaço definido. São espaços especiais e sagrados. Os espaços religiosos sobrevivem, pois os grupos escolhem esses locais e os mantêm de acordo com suas lembranças e seus rituais. Assim, a manutenção da atividade ritual está relacionada à existência e à manutenção do lugar. Na interpretação pós-processual, por exemplo, os megalíticos europeus são considerados paisagens rituais, espaços cerimoniais e sagrados, ou de simbologia astronômica e cósmica, que foram construídos e mantidos ao longo do tempo. Neste caso, houve a manutenção dos sítios como um local especial, com a incorporação de novos elementos, ao longo do tempo. Esses espaços serviram para a manutenção da memória dos grupos que os construíram e utilizaram.

O contrário, ou seja, a destruição e/ou descaracterização dos espaços, pode ser verificado em vários momentos históricos. Em algumas situações, ocorreu a dominação de um povo por outro e os espaços religiosos foram destruídos e/ou profanados, como forma de apagar a memória do grupo subjugado. Podemos citar, como exemplo, todo o empenho para apagar a passagem (o governo) de alguns soberanos egípcios, por seus sucessores; também podemos mencionar a destruição das imagens e descaracterização dos templos maias e incas, com a conquista de seus territórios, pelos espanhóis, nos séculos XV e XVI. Assim, podemos concluir que a memória, em conjunto com o espaço, ajuda na manutenção das identidades culturais.

Pollak (1992, p.202) também considera os lugares como elementos constitutivos da memória. São locais ligados a uma lembrança pessoal ou coletiva, de comemoração. Pode ser o local de origem de um migrante, a sua cidade natal ou a casa dos pais.

O historiador Pierre Nora desenvolveu, em 1984, uma reflexão sobre os “lugares de memória”. O conceito foi elaborado para um contexto atual das sociedades contemporâneas. Nora analisa a questão principal de nossa época: de um lado, o desejo de memória, de outro, a crescente globalização, pela qual o mundo se torna um só e as informações são repassadas rapidamente, e, nesta aceleração, as memórias são perdidas.

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo – e a história, que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança (NORA, 1993, p. 08).

O autor considera que não há mais memória no mundo contemporâneo, tudo que se considerava como memória não existe mais. O que existe são tentativas de se acessar essa memória, que passa a reviver por meio de referências e suportes exteriores, já que os grupos que a possuem não existem mais.

Neste contexto, manter traços e vestígios de memória torna-se uma maneira de lutar contra a devastação causada pela rapidez. Assim, memória e história se tornam opostas, mesmo se dedicando ao mesmo objeto: o passado. Nora defende, como Halbwachs, que existe uma separação, uma oposição entre a história e a memória. O autor diferencia duas memórias: uma tradicional (imediate) e outra histórica (transformada).

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 09).

Em sua opinião à “(...) medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi (...)” (NORA, 1993, p. 15). Hoje, a memória tornou-se história.

A ameaça do esquecimento causado pela aceleração histórica justificou a necessidade do registro dos traços e vestígios das memórias. Como não existe mais memória, restam os lugares de memória. Os lugares de memória expressam o

desejo da volta aos ritos que definem os grupos e a própria busca do auto-reconhecimento desses grupos. São locais onde já ocorreu a ruptura com o tempo. De acordo com Nora:

Os (...) lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais (...) (1993, p. 13).

Os lugares de memória podem ser definidos como aqueles em que se pode acessar uma memória reconstituída que dê sentido de identidade. Existem no sentido material, funcional e simbólico, pois possuem materialidade, função coletiva e operam no campo do simbólico. Podem ser museus, arquivos, cemitérios, monumentos, santuários, entre outros. “(...) são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade” (NORA, 1993, p. 13).

Os lugares de memória são espaços portadores de simbolismo e ritual, onde a ritualização de uma memória histórica pode ressuscitar as lembranças. Por sua vez, o processo ritual necessita de um espaço físico para a formação de um tipo de memória coletiva.

O espaço funerário está constituído de vestígios de uma memória coletiva porque resulta de ações coletivas. São locais onde os grupos reafirmavam seus valores e suas crenças, realizaram rituais e construíram suas memórias. A construção da memória cessa quando o grupo deixa de existir, mas, por outro lado, os espaços de memória, como o funerário, apresentam vestígios materiais, cristalizados de vários tempos passados. O espaço funerário, em nosso entendimento, cumpre também o papel de lugar de memória.

Em relação ao objeto deste estudo, pode-se também propor essa relação entre os lugares, a memória e as identidades, para os espaços das práticas funerárias pré-históricas. A forma como os enterramentos foram organizados no espaço, os materiais e as técnicas utilizadas na preparação do corpo e da cova, e os materiais presentes na estrutura (os acompanhamentos) são elementos que corroboram a ideia de ativação da memória dos grupos que utilizavam esses espaços para

enterrar os seus entes mortos. O arranjo no espaço funerário funciona como “apoio da memória” (SANTOS, 2003).

Defendemos, portanto, a ideia de que o contexto funerário pré-histórico pode ser percebido como um espaço (lugar) de memória e de construção e manutenção de identidades coletivas, pois, a partir do momento em que ocorreu um enterramento, o espaço funerário se torna atemporal. Concluimos que o espaço funerário, como lugar de memória, foi palco de ritos e guarda vestígios de uma memória que está hoje inacessível. Mas, também é espaço de identidades que podem ser, dependendo do contexto, parcialmente (re) construídas do exterior.

2.3 Os rituais funerários

Tratar de vestígios funerários é entrar no campo da ritualidade. Uma estrutura funerária é parte de um ritual ou de um conjunto de rituais nos quais os vivos relacionam-se com a morte. As estruturas funerárias resultam do comportamento dos grupos perante a morte.

Para Mircea Eliade (2001, p.150 -151), o ritual de morte implica numa mudança social e ontológica, pois não se refere a um fenômeno apenas natural. O morto deve enfrentar certas provas que se referem ao seu destino. Para alguns povos, só o enterramento confirma a morte e este deve ser realizado de acordo com o costume do grupo.

Os vestígios funerários constituem os remanescentes dos rituais funerários que podem ser utilizados no estudo dos grupos pré-históricos. As práticas funerárias, como a parte material e técnica dos rituais, são definidas, de acordo com Sérgio Silva (2001, p.17), pela relação das disposições de ordem técnica e ritual que um determinado grupo realiza diante da morte de um de seus membros. Essas práticas se referem às ações realizadas na preparação do morto e na destinação final do seu corpo. Envolvem a posição e a disposição do corpo e dos membros inferiores e superiores, a preparação e forma da cova, os materiais utilizados para forrar e/ou

cobrir a cova, os elementos utilizados como envoltórios e os materiais presentes como acompanhamentos.

Não é nosso objetivo, em um estudo arqueológico, tentar reconstruir as etapas dos rituais realizados nos sítios deste estudo, uma vez que todo um conjunto de ações foi realizado previamente, como a preparação do corpo, as quais não podemos acessar e que geraram grande parte do resultado evidenciado arqueologicamente. Um processo ritual pode ter durado semanas e até meses para ser concluído.

Estamos considerando que os contextos funerários evidenciados nos sítios de nosso estudo são resultantes de ações ritualizadas. O ritual funerário é uma dessas ações sociais, pois ao preparar o corpo de uma determinada maneira, ao escolher o local do enterramento, ao definir a forma da cova, ao colocar ou não objetos junto ao morto, o grupo está comunicando suas escolhas, suas preferências. Está transmitindo uma parte de sua memória, por meio do ente falecido. Assim, as estruturas funerárias, que são os vestígios do ritual realizado, se transformam em elementos de comunicação.

Existe uma riqueza simbólica que se expressa durante a realização de um ritual funerário. Os corpos, as maneiras em que foram tratados e os objetos presentes estão carregados de significados simbólicos. Nos rituais, símbolos são utilizados para explicitar a estrutura social. O ritual se torna então uma fonte privilegiada para entender outros aspectos culturais de um grupo.

Vincent Thomas, em seu trabalho *“Antropología de la Muerte”* (1993), realiza um exaustivo estudo sobre a morte, em seus aspectos físicos, biológicos e sociais. Em sua opinião, o simbólico está também relacionado com a morte. As práticas funerárias correspondem a uma linguagem simbólica que foi elaborada pelo grupo, com a intenção de exprimir ou responder à perda de um indivíduo. Um objeto presente no enterramento é, ao mesmo tempo, por exemplo, um adorno ou um instrumento, mas também um objeto simbólico, pois é veículo de informação, reconhecido pelos que participaram do ritual, pelos que leem o símbolo. O símbolo une os membros que o entendem, pois estes pertencem a um determinado grupo; permite aos membros do grupo se reconhecer e selar sua unidade.

El símbolo es por lo tanto un lenguaje que solidariza a la persona humana, por una parte con el cosmos, y por la otra con la comunidad de que forma parte, al proclamar directamente a los ojos de cada miembro del grupo su "identidad colectiva profunda". El símbolo introduce una circulación entre los planos diferentes de la realidad: tiende "a integrar el todo em um sistema", "areducir la multiplicidade a uma situação única", de manera de harcela lo más transparente posible (THOMAS, 1993, p. 517).

Um ritual pode ser definido como "uma ação formal, que segue padrões determinados e repetitivos, que expressa valores, significados e crenças comunitários". (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 288).

Os rituais estão em todas as esferas sociais. "Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais" (PEIRANO, 2003, p. 7). O rito está relacionado com a ação, com o que é feito. De acordo com Mariza Peirano, que estuda os rituais numa perspectiva antropológica, o ritual é um fenômeno especial para a sociedade, que aponta e revela representações e valores, mas que também ressalta o que já é comum a esta sociedade. Servem para transmitir conhecimentos, resolver conflitos e reproduzir as relações sociais.

Para esta autora, que adota o conceito de Stanley Tambiah, o ritual é constituído de seqüências padronizadas de palavras e atos que podem ser expressos de variadas formas; o ritual apresenta repetição, formalidade; comunica e produz valores (PEIRANO, 2003, p.11). As características do ritual não implicam que o mesmo seja imutável e definitivo.

O ritual, na definição do antropólogo Stanley Tambiah, é "um sistema cultural de comunicação simbólica" (TAMBIAH, apud PEIRANO, 2003, p.11). Os rituais são realizados em espaços específicos e com a mediação de objetos. Tomando como base esta perspectiva, os rituais funerários também podem ser usados para produzir e manter valores, memórias e identidades.

Nos estudos pioneiros dedicados à compreensão e análise dos rituais funerários, destacam-se as contribuições de Émile Durkheim, Arnold Van Gennep e Robert Hertz. Esses estudos contribuiram para situar os rituais no campo do social e do coletivo.

Durkheim (2001) não estudou especificamente os rituais, porém defendeu, em seus trabalhos, uma concepção de sociedade que mantém um vínculo com os rituais e com as representações. Sua contribuição reside no fato de relacionar as práticas rituais com a coletividade, pois atrás dos rituais as sociedades se recriam e se afirmam. Os rituais criam um corpo de ideias e valores que são partilhados socialmente e assumem uma conotação religiosa. Assim, o autor associa os rituais com religião e magia. Compreende que os ritos estão relacionados a outras instâncias da sociedade, de modo que as mudanças que ocorrem nos ritos estão relacionadas a mudanças na estrutura social. O ritual cumpre, portanto, na concepção de Durkheim, a função de integrar o indivíduo no todo social. Defendia os rituais como formas elementares de sociabilidade.

Van Gennep (1978) foi um dos primeiros a tratar dos rituais em si, fora do campo religioso. Examinou as partes que constituem um ritual. Este autor desenvolveu um estudo sobre os “ritos de passagem”, no início do século XX. Os ritos de passagem são definidos como os momentos em que ocorrem mudanças e transições dos indivíduos ou dos grupos, de uma situação social para outra, ou de uma etapa de vida para outra. Refere-se às cerimônias e rituais públicos que marcam a transição de um estágio de vida para outro. São exemplos os casamentos, a iniciação, a gravidez, o parto, os funerais. Os rituais funerários se encaixavam no conceito de ritos de passagem, pois a morte é considerada como uma passagem para outro mundo, um mundo sobrenatural.

Os ritos de passagem não dependem de crença em poderes ou entidades sobrenaturais, eles marcam a mudança na vida de um indivíduo ou de todo o grupo. O rito é um delimitador do espaço e do tempo social. Nesta concepção, os rituais apresentam as seguintes fases: primeiro, a separação das condições sociais prévias (rito de separação); depois, a transição (rito de margem) e a incorporação final a uma nova situação (rito de agregação). Nos funerais, predominam os ritos de separação, isto é, ocorre uma mudança de situação. Ainda de acordo com Van Gennep, o rito de separação é uma cerimônia em que os envolvidos com o morto mudam as suas condições de vida e passam a ficar segregados. Esses envolvidos ficam separados e são marcados com roupa, gestos, separação física. Por último,

ocorre o rito de incorporação; quando este se realiza, os envolvidos voltam à sua vida normal.

Para Hertz (1960 apud MONTARDO, 1995, p.9), o ritual tem a função de restaurar a ordem na sociedade, que ficou abalada com a perda de um membro. No mesmo grupo, de acordo com a posição social que o morto ocupava, o ritual pode variar. No interior de uma sociedade a emoção causada por uma morte varia segundo o caráter social do falecido. A morte de um chefe ou de um homem de poder tem um significado diferente, comparado com a morte de uma criança. Para o autor, com a finalização do ritual todo o grupo encerra essa fase que abalou os seus membros e volta ao curso normal de suas vidas.

As abordagens de Durkheim, Van Gennep e Hertz cumpriram a função de colocar os rituais como parte do social. Posteriormente, houve a contribuição de Victor Turner (1974) e Lévi-Strauss (1970), que foram incorporados nos estudos dos ritos. Atualmente, temos a contribuição de Stanley Tambiah, numa abordagem antropológica que situa o ritual como um sistema de comunicação para resolver conflitos, reproduzir relações sociais, como também transmitir conhecimentos (PEIRANO, 2003, p.10).

Se os rituais estão relacionados às ações sociais, servem para transmitir conhecimentos e valores coletivos. Em nossa compreensão e considerando os rituais funerários como ritos de passagem, os enterramentos são ocasiões especiais, momentos que servem para o grupo reelaborar e reafirmar suas crenças, valores, memória e identidades.

Os rituais podem ser considerados como práticas mnemônicas, isto é, usados para memorizar eventos, pessoas, objetos; essas práticas são usadas como ponto de partida para a recordação. As comemorações, por sua vez, servem para invocar o passado no presente, pontuando os fatos importantes para o grupo, que são continuamente lembrados. Nesta perspectiva, também os objetos atuam como dispositivos mnemônicos, pois condensam a recordação ou fazem recordar algo, como os monumentos, objetos de museu e os enterramentos.

Assim, em síntese, podemos afirmar que os rituais que ocorreram por ocasião de um enterramento funcionam na manutenção da memória coletiva dos grupos que os realizaram. Os rituais são uma das formas de aprendizado e reprodução social para as sociedades sem escrita. Os ritos sancionam, geração após geração, a passagem dos estágios da vida e a incorporação de novas identidades, assim como a manutenção de antigas. Os ritos cumprem uma função de enfatizar o sentimento de pertença a um coletivo, a um grupo.

2.3.1 Os rituais funerários na etnografia brasileira

O ritual funerário é um dos temas centrais nas pesquisas etnográficas realizadas no Brasil, com os grupos nativos. Entre as contribuições ao estudo das práticas funerárias, destacamos alguns trabalhos realizados por antropólogos, que podem servir de apoio às investigações arqueológicas. Os antropólogos tiveram acesso a informações, na maioria das vezes com detalhes, sobre os movimentos e a organização do espaço ritual de pessoas e objetos, que não serão revelados aos arqueólogos, pois estes acessarão apenas uma parte do processo materialmente evidenciado no contexto funerário. Contudo, os dados etnográficos podem funcionar como caminhos interpretativos para o que é percebido no contexto arqueológico, pois fornecem sugestões das sequências de ações realizadas durante um ritual funerário.

As descrições etnográficas são importantes porque fornecem elementos da relação entre materialidade e ritual que podem ajudar nas inferências arqueológicas. Em suma, demonstram as diferentes escolhas dos grupos, e este aspecto está diretamente relacionado com sua memória. Apresentaremos, então, uma seleção de informações provenientes de relatos etnográficos, destacando como o ritual funerário foi percebido e descrito, com ênfase na parte material do processo. Do mesmo modo serão abordadas as variações internas relacionadas a sexo, idade, posição social ou parentesco do morto.

No tratamento do corpo as ações se dividem em: de preparação e de destinação. Nas ações de preparação está incluída a maneira como o corpo foi tratado: se

lavado, decorado, vestido, pintado, tosado, embalsamado, amarrado. Entre as práticas realizadas para a destinação do corpo podem ser citadas: a exposição; a cremação; o endocanibalismo; a preservação; a decomposição artificial e a inumação¹³. Pode ocorrer uma combinação dessas práticas e a variação está relacionada com a época, a idade, o local e o tipo de morte (THOMAS, 1993, p. 308). Outras ações podem ser realizadas, como a aceleração da decomposição por imersão, pelo fogo, por exposição, por descarnamento mecânico; e pela modificação do corpo. São ações culturais e de cunho ritual, pois obedecem a normas estabelecidas pelo grupo.

Em “*Ritos de uma tribo Timbira*” (1978), Melatti analisou os ritos dos índios Timbira do norte de Goiás, os Krahó, pertencentes à família linguística Jê. O livro é o resultado do trabalho realizado em seis etapas de campo, durante os anos de 1962 a 1978. Apresenta aproximadamente 40 ritos, dos quais apenas uma parte foi observada pelo autor e os demais relatados.

Os ritos são considerados por Melatti (1978, p.17) como mensagem, cuja transmissão se faz dentro de uma determinada sociedade e que têm implicações com a estrutura social.

Os ritos Krahó se dividem em: os relacionados ao ciclo de vida, às relações consanguíneas, ao ciclo anual, e os de iniciação. Os rituais relacionados às práticas funerárias se incluem nos ritos do ciclo de vida (casamento, transmissão de nome pessoal, nascimento e morte). São ritos que marcam a passagem de uma situação para outra (MELATTI, 1978, p.100).

Enquanto esteve entre os Krahó, o autor presenciou quatro funerais: de um adulto masculino, de duas mulheres jovens e de uma criança. Os enterramentos fazem parte das prestações matrimoniais. Na preparação do corpo do adulto masculino o

¹³As inumações podem ser primárias e secundárias. Na inumação primária o corpo é depositado definitivamente em uma tumba, cova, túmulo, câmara natural, cesto ou em uma vasilha cerâmica. A inumação secundária é precedida de outras ações que levam a uma decomposição inicial das partes moles do corpo e, posteriormente, a um segundo procedimento definitivo. A decomposição artificial objetiva acelerar o processo de decomposição e pode ocorrer por imersão em água, colocando o corpo sobre um formigueiro; pode ser utilizada na primeira fase da inumação secundária (THOMAS, 1993).

processo seguiu as seguintes etapas: o corpo foi medido, lavado e pintado com urucum; o corte do cabelo renovado; após a preparação, o corpo foi colocado sobre uma esteira nova. Para o enterramento, o corpo foi envolvido na esteira e colocado em uma cova cavada no cemitério, que fica a 500 metros a oeste da aldeia. Sobre o corpo foram colocadas quatro flechas, troncos de palmeira ao comprimento e uma esteira velha na extremidade da cabeça. A posição da cabeça é voltada para leste e os pés para oeste.

No enterramento de uma das mulheres jovens o procedimento foi o mesmo do homem. Porém, no enterramento da outra mulher jovem ocorreu uma diferenciação na preparação do corpo: foi coberto de penas brancas coladas com suco de pau-de-leite.

O enterramento da criança apresentou uma diferenciação no uso de um caixão, feito de talos de buriti, como envoltório para o corpo. Mas, da mesma forma que os adultos, as crianças também tinham o cabelo cortado e o corpo pintado. Porém, Melatti não discute e nem explica os motivos da diferenciação observada nos enterramentos das duas mulheres jovens e no da criança.

Foi-lhe relatado que anteriormente havia o enterramento secundário, no qual os ossos eram pintados, envolvidos em uma esteira e enterrados no interior das casas. Mas, no período em que o autor presenciou os enterramentos, o processo era o que foi apresentado anteriormente: o corpo era limpo, pintado com urucu, corte de cabelo renovado, envolvido em esteira nova e enterrado em posição horizontal, no fundo de uma cova com 1,5 metros de profundidade, com comprimento e largura idênticos ao do cadáver. A terra não atingia o corpo, pois troncos eram colocados sobre ele e depois cobertos com esteiras velhas (MELATTI, 1978, p. 111-112). Também era costume, quando uma pessoa morria longe da aldeia, os parentes irem buscar os ossos, que eram pintados e envolvidos em uma esteira e enterrados em cova funda, dentro de casa. Outra mudança que ocorreu na ritualidade Krahó foi a introdução do cemitério, pois antes os enterramentos ficavam ao lado, atrás ou na frente das casas.

Outra crença ainda difundida é que, enquanto durar o período de luto, os vivos oferecem alimento aos mortos. Faz parte também do costume funerário lavar os parentes do morto para que se limpem de terra, lágrimas, catarro e da pintura do morto. Melatti conclui que os rituais funerários Krahó envolvem a noção de pessoa, que seria composta de corpo e personagem. Mas, os ritos envolvem também a relação com o sangue, a carne, os ossos e a alma.

Observamos que os elementos materiais presentes nestes enterramentos se resumiam às esteiras nas quais os corpos eram enrolados e que impediam o contato com a terra. No enterramento masculino acrescentam-se quatro flechas e troncos de palmeira. No enterramento infantil, o caixão de talos de buriti. Não há menção, no texto, a outros acompanhamentos funerários, como adornos, instrumentos líticos ou material cerâmico.

Um trabalho também dedicado aos Krahó foi realizado por Manuela Carneiro da Cunha. Em *“Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó”* (1978), a autora detalha em profundidade os rituais funerários e defende a ideia de que o espaço da morte é um lugar para entender a sociedade e tentar esclarecer a noção de pessoa, entre os Krahó.

Os mortos, para os Krahó, vivem em oposição aos vivos, pois roubam os membros da sociedade dos vivos. São os “outros” e vivem em uma anti-sociedade. Procuram morrer na casa materna, pois o lugar da morte é o lugar de origem. Em relação aos costumes fúnebres, os Krahó sofreram influências externas que os fizeram abandonar os enterramentos secundários e as inumações dentro das casas.

Neste trabalho fica claro, por meio das descrições de Melatti (1978) e Carneiro da Cunha (1978), que existem comportamentos diferenciados na preparação do enterramento, relacionados às categorias de idade e de status. No trabalho de Melatti (1978) não foi apresentada justificativa para a diferenciação nos enterramentos, conforme já explicitado.

No capítulo 2, Carneiro da Cunha descreve a preparação do enterro de uma mulher chamada Kotoi, a que assistiu, em 1972. A preparação do corpo e a remoção são

realizadas por grupos distintos. A ornamentação consiste na lavagem do corpo, corte de cabelo, empenação ou tintura com urucu. O cabelo cortado é guardado, para ser colocado por cima do túmulo. Para a empenação, usam-se peninhas de juriti, periquito ou gavião, coladas com seiva de pau de leite, e é realizada apenas nos Krahó legítimos, para os que atuaram na vida da comunidade e nas cerimônias. Não sendo empenado, o indivíduo tem o corpo pintado de urucu, com exceção do rosto. Conclui a autora que “(...) a ornamentação do morto com urucu é característica dos ritos de passagem enquanto a empenação eventual é um modo de distinguí-lo e elevá-lo aos olhos da comunidade” (1978, p. 30). Observa-se, neste caso, uma distinção, baseada na categoria status: a mulher foi empenada por pertencer à categoria dos “legítimos”.

Para a remoção do cadáver, utiliza-se um caixão de talos de buriti. Antes os corpos eram envolvidos em esteiras. A cova tem a forma retangular e é forrada em todos os lados com madeiras fortes, como a sucupira preta. O fundo da cova é forrado com folhas de pati da chapada e por cima coloca-se uma esteira nova. Coloca-se então o morto ou o caixão de buriti. Este é colocado com a cabeça e o corpo orientados para leste e deitado de costas. Para cobrir a cova, colocam-se troncos com mais folhas de pati. Podem ser colocados panos do morto e sua esteira, para depois ser recoberto com terra (CARNEIRO DA CUNHA, 1978, p. 34).

O local do enterro é geralmente próximo das casas. Um dado importante é que existe um cemitério só de crianças. Será que o costume antigo era de enterrar crianças separadas dos adultos? Porém, a autora não apresenta uma justificativa para tal informação.

No passado, os Krahó praticavam o enterramento secundário. Os ossos eram lavados e pintados de urucu e novamente enterrados, embrulhados em uma esteira nova, em cova funda. As crianças eram excluídas do enterramento secundário. Esta prática existiu até 1926, entre os Krahó. Outro fato observado é que enterravam dentro de casa. É provável que, pelas informações coletadas pela autora, o primeiro enterramento fosse feito atrás da casa e o segundo dentro da casa.

Quanto à presença de objetos no enterramento, observa-se que os arcos, os enfeites, instrumentos musicais, batoques e objetos pessoais são enterrados ou distribuídos pelos parentes. Os valiosos são tomados por outros, não parentes do morto. Em indivíduos masculinos é colocado o batoque auricular, mas os seus objetos não são enterrados; são destruídos ou distribuídos no fim do luto.

A autora percebe que a motivação ritual é proporcional ao status do morto. Havia, entre os Krahó, diferenças quanto ao local do enterramento e à ornamentação do corpo (empenado ou pintado de urucu). Assim, conclui que a prática funerária está relacionada com a posição social, com o sexo e a idade.

Evidenciavam-se então três grupos: os que não tinham direito ao enterro secundário, aparentemente as crianças e as mulheres comuns; os que a ele tinham direito mas eram inumados nas casas, provavelmente homens comuns; enfim, os que além de gozarem do enterro secundário, tinham seus ossos inumados no pátio da aldeia (CARNEIRO DA CUNHA, 1978, p. 96).

Lux Vidal, em *“Morte e vida de uma sociedade indígena”* (1977), descreve a sociedade, as divisões, o sistema político, os rituais e festas dos Xikrin do Cateté, pertencentes aos Kayapó setentrional, também grupo linguístico Jê, localizados no município de Marabá, no Estado do Pará.

Descreve os ritos mortuários e o tratamento dado ao corpo. O corpo é pintado com jenipapo; segundo um motivo ritual, o rosto recebe pó de azulão e penas brancas de urubu-rei nos cabelos. Se o morto é homem, recebe braçadeiras de pena de arara. Após a preparação, o corpo é colocado em uma cova arredondada ou retangular, localizada em um cemitério a trezentos metros da aldeia. O morto é envolvido em uma rede ou esteira e colocado “deitado com as pernas dobradas e com o tronco inclinado, como se estivesse sentado. Sua cabeça é colocada em direção a leste porque a aldeia dos mortos está sempre localizada a leste.” (VIDAL, 1977, p. 171). Seus pertences são colocados junto ao corpo. Às vezes, seu cachorro é morto, para lhe fazer companhia.

Para finalizar, recobrem a cova com varas e com uma esteira, em seguida cobrem de terra, formando montículos. Sob a cova, coloca-se algum objeto pessoal e os cabelos da mulher que estiver de resguardo pelo morto (esposa ou mãe). Próximo

ao enterramento (ao lado), são acesas fogueiras, para que o morto não sinta frio e não volte à aldeia. Os Xikrin consideram que na aldeia dos mortos a vida continua, como na aldeia dos vivos.

Dá para perceber semelhanças em relação às etapas da prática funerária, entre os Krahó e os Xikrin: o uso da esteira, a proteção do corpo (o não contato da terra com o corpo), a existência de cemitério e a orientação da cabeça para leste. Com os Xikrin, observa-se a inclusão dos acompanhamentos funerários e das fogueiras acesas. Carneiro da Cunha também relata a inclusão dos acompanhamentos, mas esclarece que poderiam ser colocados junto ao morto ou distribuídos entre os parentes. Observa-se, nos dois casos, uma distinção sexual na preparação do corpo.

Pedro Agostinho realizou trabalho de campo, entre os anos de 1965 e 1969, com os índios Kamayurá, um dos grupos que formam o Parque Indígena do Xingu. O estudo resultou no livro intitulado "*Kwarip: mito e ritual no Alto Xingu*" (1974). As informações colhidas sobre os rituais funerários resultaram de entrevistas, visto que o autor nunca presenciou este tipo de ritual enquanto esteve com esses índios.

Para esse grupo, existem dois tipos de estrutura: com uma ou com duas covas. Os dois tipos estão relacionados aos mitos de origem dos Kamayurá, porém o autor não apresenta explicações detalhadas para a escolha de um dos tipos de cova. A cova é cavada no centro do terreno. Se for com uma única cova:

(...) o morto ficará de pé e atado, em sua rede, a uma espécie de escada; construída com traves e travessas de Kamiuwa rachado; no segundo, pronta uma das covas, aprontam as restantes, exatamente iguais à anterior e de tal modo que ambas fiquem alinhadas leste-oeste. Depois, furam um túnel, unindo-as pela base, suficientemente largo para que a rede do morto aí caiba com ele dentro, suspensa dos postes de Kamiuwa erguidos nos buracos verticais. Estes, nos dois tipos de enterramento, têm de oitenta a cem centímetros de diâmetro, e aproximadamente dois metros de profundidade (AGOSTINHO, 1974, p. 46).

Na preparação do enterramento existem dois grupos de trabalho: os preparadores de cova e os preparadores do morto. Na preparação do corpo o primeiro ponto a ser observado é que há uma diferenciação quanto ao sexo e ao status e quanto a quem vai realizar a ornamentação do morto. Se o morto for homem, uma parte dos

preparadores da cova vai pintá-lo e enfeitá-lo; se for mulher, são as mulheres dos preparadores de cova que a enfeitam.

Em relação à pintura, há diferenciação quanto ao sexo, mas não em relação à idade. Todo o corpo é pintado e recebe adornos. A pintura do rosto, do cabelo e do corpo apresenta variação nos padrões dos desenhos.

Quanto aos acompanhamentos funerários também existem diferenças. Como acompanhamento funerário na mulher é colocado, entre as mãos, um fuso e um uluri e, no homem, um arco e flechas partidas. Os adornos masculinos utilizados são as:

(...) braçadeiras de algodão e de flores-de-plumas, cinto de miçangas, de fio de algodão e por vezes de discos de concha; joelheiras, jarreteiras e perneiras, aquelas de algodão fiado, as últimas de embira; e por fim um colar de casca de caramujo talhada em placas. Além disto, há brincos para as orelhas (...) (AGOSTINHO, 1974, p. 47).

Os ornamentos femininos se compõem de uluri dotado de rabicho, jarreteiras, colares de miçangas e de discos de concha e de placas de caramujo. O cocar é comum aos dois sexos. Mas, se o morto for o pajé, isto é, com um status diferenciado, será adornado com várias voltas de fio de algodão no pulso esquerdo e com os seus instrumentos de trabalho.

Finalizadas a pintura e a ornamentação, colocam o corpo em esteiras e as fecham. Fazem o enterramento na cova, com um buraco ou dois; com um buraco, o morto fica em pé e, com dois, o morto fica deitado na rede.

Em “*O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas*”, Herbert Baldus (1979) descreve alguns aspectos do ritual funerário dos índios Kaingang, localizados entre os rios Iguaçu e Uruguai, na cidade de Palmas. Este ensaio é o resultado da visita realizada pelo autor a esses indígenas, em 1933.

Os Kaingang utilizam um cemitério para enterrar os seus mortos. No passado, os túmulos tinham a forma de cone, com altura de até 3 metros e apenas 4 a 6 palmos de profundidade. Baldus explica que o culto aos mortos é a expressão mais forte da

cultura espiritual Kaingang, porque a vontade da comunidade está fundamentada no culto e só por ocasião do culto aos mortos se apresenta coletivamente.

O morto é um poder porque, quando vivo, o indivíduo era uma parte do poder da comunidade, parte que - agora impossível de ser controlada, mas ainda de modo tão tangível ligada à comunidade - pode tornar-se perigosa para ela (BALDUS, 1979, p. 22)

Neste caso, o morto passa a ser interpretado como reflexo da sociedade; ele é o que era antes. Porém, o morto é uma ameaça, assim o culto é realizado para expulsá-lo. O que faz o morto partir é o baile que ocorre após o milho ficar verde e as araucárias amadurecerem. O autor se detém mais na descrição do baile do que em descrever qualquer aspecto do enterramento. Não oferece nenhum detalhe da preparação do corpo ou da cova. Porém, afirma algo importante, que deve ser ressaltado: o culto aos mortos é a expressão coletiva mais forte da espiritualidade Kaingang.

Em trabalho anterior, "*Tapirapé tribo tupí no Brasil Central*" (1970), Baldus se dedicou a descrever os principais aspectos da cultura dos Tapirapé, observados durante os anos de 1935 e 1947.

Em relação aos rituais funerários deste grupo Tupi existem poucas informações, uma vez que o autor não se deteve muito neste aspecto da cultura Tapirapé. Os dados lhe foram relatados pelos próprios índios. De acordo com as informações colhidas, os mortos são enterrados dentro das casas e, assim, vivos e mortos continuam próximos. Quando mudam de aldeia, não voltam mais e nem visitam os túmulos.

Há diferenciações, baseadas no sexo e na posição social, quanto à preparação da cova. A cova é feita no lugar onde estava pendurada a rede em que o morto estava deitado e tem 1 metro de profundidade.

A cova de pessoas importantes e de suas mulheres e filhos é revestida completamente de madeira, ao passo que a de outros tem só uma plataforma de madeiras colocadas quase diretamente sobre o cadáver para protegê-lo da terra e apoiadas em paus fincados verticalmente nos lados estreitos da escavação (BALDUS, 1970, p. 301).

Os Tapirapé preparavam o corpo da seguinte maneira: colocavam urucu nos cabelos e nos pés e pintavam a face com jenipapo. O morto é enterrado em sua rede, com os braços e as pernas estendidas; a cabeça fica voltada para o oriente e os pés para o ocidente (BALDUS, 1970, p. 301-302). Quanto aos acompanhamentos funerários, os bens do morto eram colocados junto ao corpo; em enterramentos femininos e de crianças eram depositados em vasilhas cerâmicas. O morto masculino conserva o estojo peniano e os tamamkurá. De acordo com Baldus, os Tapirapé tinham o costume de enterrar os mortos no interior das casas e esta prática também foi observada em outros grupos Tupi, como os Tupinambá, Tembé, Juruna e Mundurukú.

No trabalho realizado por Viveiros de Castro, denominado “*Araweté os deuses canibais*” (1986), observa-se diferença no local do enterramento, relacionada com a idade. As crianças pequenas são enterradas no interior das casas ou nas proximidades; as crianças maiores, em uma capoeira próxima; os adultos, ao longo das trilhas de caça, a aproximadamente 500 metros da aldeia. A cova apresenta forma circular e é forrada com folhas velhas de babaçu. O corpo é preparado da seguinte maneira: unta-se com urucum, coloca-se plumas nos cabelos e os brincos. A preparação do corpo é realizada por uma parenta, mas o carregamento do corpo é feito por parentes masculinos. O corpo é então colocado na cova, deitado de lado dentro de uma rede, com as pernas fletidas, um dos braços sob a cabeça e o outro cruzado sob o peito; o rosto fica voltado para o poente; após acomodar o corpo, coloca-se outra rede ou tecido e cobre-se com terra. Sobre a estrutura, acende-se uma fogueira. Quanto aos acompanhamentos funerários, alguns objetos são colocados: facão, espelho, roupas, pente. Seus outros pertences são divididos entre parentes e amigos (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 485-487).

Observa-se, neste caso, também a preocupação em não haver contato entre o corpo e a terra, como também o uso da rede. A posição do corpo é também evidenciada em muitos sítios pré-históricos. A diferença informada pela autora fica restrita ao local do enterramento, relacionado com a idade.

Estudos relacionando diretamente o ritual funerário com as identidades são raros. Contudo, identificamos um exemplo na etnografia: os ritos funerários dos Bororo, por Sylvia Novaes (1981).

Novaes realizou um estudo sobre os elementos de identidades presentes na materialidade do ritual funerário Bororo. A autora se propôs entender o processo de construção da identidade Bororo a partir dos ritos funerários¹⁴. O funeral Bororo é um processo que se inicia com a morte de um indivíduo e só termina com o enterramento definitivo dos ossos, ornamentados, nas margens de uma baía.

Em sua opinião, os elementos materiais presentes no funeral permitem a recuperação, pelos vivos, do indivíduo morto, mediante a reorganização dos elementos que o caracterizavam. No funeral, o mais importante dos rituais Bororo, se recompõe a sociedade dos vivos e se assegura a continuidade do clã a que pertencia o morto. A trança dos cabelos dos enlutados, o couro da onça caçada e a cabaça mortuária se referem a um aspecto constitutivo e definidor da identidade Bororo. São objetos confeccionados após a morte e não são perecíveis. Em relação aos objetos pessoais do morto, quase todos são destruídos, em geral queimados, e não são utilizados na prática funerária.

A trança, confeccionada com os cabelos dos parentes mais próximos ao morto e que com ele tinham algum tipo de identidade, se refere à dimensão física que sempre será “renovada através do longo ciclo da vida onde os vivos substituem os mortos” (NOVAES, 1981, p. 31). A cabaça mortuária, na interpretação da autora, está relacionada à categoria, ao clã social do morto. Foi confeccionada por um homem casado com uma mulher pertencente ao clã do morto. A ornamentação também deverá ser realizada com os padrões decorativos do clã do morto.

O couro da onça simboliza outro elemento de identidade: a casa Bororo. A casa e sua localização são referências de orientação para os Bororo. A casa é o abrigo dos vivos; e a alma do morto se abriga na onça. Na casa, ocorrem os principais acontecimentos: nascimentos, mortes, preparação dos alimentos. Tanto a pele da

¹⁴ Novaes realizou este estudo com base em seus dados de campo, colhidos entre 1970 e 1977, em aldeias Bororo.

onça como a casa são elementos de circunscrição espacial para o homem. Para finalizar a prática funerária, os Bororo procedem da seguinte forma:

O *pariko* e as cabaças, juntamente com os ossos já ornamentados, são colocados dentro de um cesto, denominado *aroe j'aro*. Este cesto deverá ser envolto no couro de onça e amarrado com a trança de cabelos. Após o funeral este cesto será levado a uma baía, ou enterrado num cemitério (como fazem atualmente na aldeia do Mururi) (NOVAES, 1981, p. 30).

Em suma, para Novaes, o funeral garante a recuperação do indivíduo morto para o grupo e assim eles recriam continuamente seus indivíduos.

Vimos anteriormente alguns exemplos da etnografia brasileira, que demonstram as diferentes maneiras como alguns grupos indígenas preparavam o corpo de seus mortos e os materiais que são colocados junto aos corpos. Também foi relatada, na maioria dos exemplos, a diferenciação dos enterrados pelo sexo, pela posição social na comunidade, pela família a que pertence. Essas diferenças influenciam tanto o local onde o corpo era colocado (dentro da casa, atrás da casa, em cemitério próximo, por exemplo), como a preparação do corpo e o tipo de material colocado junto dele, na cova. Em todos esses elementos as informações são importantes, pois, além de indicar as particularidades, mostram também as possíveis identidades representadas. Fato ilustrado no trabalho de Novaes sobre identidades coletivas dos Bororo. Também queremos salientar que essas informações demonstram como é importante a relação entre a Arqueologia e a Antropologia; os relatos mostram como determinados objetos adquirem sentido no contexto funerário. Podemos afirmar então que alguns elementos presentes no contexto funerário atuam como representação do social, bem como na manutenção das tradições e da memória coletiva.

CAPÍTULO 3

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM EVIDÊNCIAS DE ENTERRAMENTOS HUMANOS NO NORDESTE

3.1 O contexto histórico das pesquisas arqueológicas com práticas funerárias, no Nordeste do Brasil

O contexto das pesquisas realizadas na Região Nordeste com evidências funerárias apresenta dados sistemáticos, resultantes de pesquisas em áreas arqueológicas já delimitadas, mas também informações pontuais, sem configurar estudos sistemáticos, como nas áreas arqueológicas e nos Enclaves¹⁵. Por este motivo delimitamos o contexto histórico às pesquisas realizadas nas seguintes áreas arqueológicas: **Vale do Ipanema (PE); Vale do Ipojuca (PE); Seridó (RN), o Serra da Capivara (PI) e Xingó (AL/SE).**

3.1.1 Área Arqueológica do Vale do Ipanema

A Região Agreste de Pernambuco é extensa e compreende várias áreas arqueológicas já definidas e delimitadas por pesquisas anteriores, como o Vale do Ipanema e o Vale do Ipojuca (SILVA, 2004) e outras que não foram definidas formalmente, mas que apresentam concentração de sítios arqueológicos e vestígios.

As pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas de forma sistemática na Região do Agreste pernambucano, na década de 70, pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da UFPE, através do “Projeto Agreste”, coordenado por Gabriela Martin e Alice Aguiar. As prospecções abrangeram os municípios pernambucanos de Brejo

¹⁵Uma área arqueológica foi definida como “uma unidade territorial, com importante quantidade de vestígios arqueológicos, mas para a qual não se dispõe de dados suficientes que indiquem uma ocupação humana contínua” (GUIDON; PESSIS; MARTIN, 1990). Uma área arqueológica apresenta as mesmas condições ecológicas e pode ser fixada pelo pesquisador (MARTIN, 2005). Já o conceito de enclave é definido como “uma unidade territorial com densa concentração de vestígios arqueológicos indicadores da presença humana em diacronia contínua” (GUIDON; PESSIS; MARTIN, 1990).

da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte, Alagoinha, Pedra, Venturosa, Paranatama, Brejinho, São Bento do Una e Passira, e São João do Tigre e Cacimba de Areia na Paraíba (AGUIAR, 1986). Este projeto objetivava a localização de sítios com pinturas rupestres da tradição Agreste, realização de sondagens em sítios selecionados e posterior escavação total dos mesmos (LUFT, 1990).

Os resultados do projeto demonstraram a identificação de uma centena de sítios, sobretudo os de grafismos, os quais se tornaram tema da dissertação de Alice Aguiar (1986), que elaborou uma análise dos grafismos rupestres existentes nesses sítios, identificando-os a uma nova tradição: a Agreste.

Dentre os sítios registrados por meio do “Projeto Agreste” e com vestígios ósseos humanos, podemos destacar, no município de Venturosa, no Agreste Meridional, os sítios Morro dos Ossos, Pedra do Tubarão e o Cemitério do Caboclo.

O sítio **Morro dos Ossos** é um pequeno abrigo localizado na Fazenda Oliveira e próximo aos sítios Peri-Peri I e Peri-Peri II. Apresenta vestígios de grafismos na cor vermelha e restos de ossos humanos. Este sítio foi usado como cemitério (MARTIN, 2005a).

O sítio **Pedra do Tubarão** é formado por um matacão de granito e está localizado na encosta sul/sudeste da Serra do Buço. Neste abrigo, foram evidenciados resíduos de ossos humanos fragmentados, dispersos, e muito frágeis. Porém, a quase totalidade de ossos humanos encontrava-se no Cemitério do Caboclo. Para Vlademir Luft (1990), que realizou o estudo deste sítio, a Pedra do Tubarão foi um espaço utilizado como habitação.

O **Cemitério do Caboclo** está localizado a 200 metros do sítio Pedra do Tubarão. É um abrigo formado por um bloco e possui um painel de pintura rupestre no teto. O sítio apresentava em superfície muitos ossos fragmentados. Em profundidade, durante a escavação, foram identificados enterramentos secundários, com ossos desarticulados, queimados e quebrados. A desarticulação não permitiu a identificação do número de indivíduos, em campo. Contudo, foi possível observar algumas covas e duas áreas de queima. Nessas áreas, o número de indivíduos era

superior a dois. Os dentes também se encontravam soltos. Para Luft, este sítio foi o cemitério do grupo que ocupou a Pedra do Tubarão (1990).

Após as análises efetuadas em relação ao número mínimo de indivíduos e a idade, foram identificados quinze (15) indivíduos adultos e nove (9) jovens (LUFT, 1990, p. 118). Em relação à presença de acompanhamento funerário, foram resgatados quatro (4) pingentes em osso (de cervídeo e de ave) e sessenta e três (63) contas de colares distribuídos, quanto à matéria-prima, da seguinte forma: três (3) de osso, quarenta e seis (46) de sementes e quatorze (14) de pedra (LUFT, 1990, p. 43).

Mais recentemente, em 2006, nos municípios de Venturosa e Alagoinha, foram realizadas outras pesquisas e identificados novos sítios, ainda não escavados, com vestígios de ossos humanos: a Toca da Bica e a Pedra da Caveira (PROENÇA, 2008).

O sítio **Toca da Bica** é um abrigo formado por blocos e está localizado no sopé do Serrote do Barbado, no município de Venturosa. Situa-se próximo a uma fonte de água utilizada pela população local. No setor norte, em uma faixa de 6m², o teto tem 50 cm de altura e, nesta área, foi constatada a presença de ossos humanos, sob a superfície do solo (PROENÇA, 2008).

O sítio **Pedra da Caveira** é uma caverna que foi formada por um grande conjunto de blocos. Em três áreas, dentro do sítio, foi observada a presença de ossos humanos distribuídos pela superfície. Está localizado em área de fundo de vale (PROENÇA, 2008).

Outra área, compreendida no Vale do Ipanema, com evidências de enterramentos é o Vale do Catimbau, atual Parque Nacional do Catimbau¹⁶. As primeiras pesquisas foram realizadas por Marcos Albuquerque, na década de 70, e posteriormente, nos anos 90, por Gabriela Martin e Ana Lúcia Nascimento. Desta primeira fase há escavações dos sítios PE 91 – Mxa e PE 48 - Mxa, localizados no município de Buíque. Da segunda fase foram realizadas as escavações dos sítios Alcobaça e

¹⁶ O Parque Nacional do Catimbau, criado em dezembro de 2002, abrange parte dos municípios de Buíque, Ibimirim e Tupanatinga.

Alcobaça 2, também em Buíque. O sítio **PE 91 – MXa** está localizado no Vale do Catimbau, no sopé da serra do Catimbau, a 700 metros de altitude. Foi escavado na década de 70, por Marcos Albuquerque. Apresentava, como vestígios, material lítico, estruturas de fogueiras, restos vegetais, ossos de animais e enterramentos. Os corpos foram enterrados em posição fletida e apresentavam como acompanhamento cestas de fibra vegetal cobrindo a cabeça (ALBUQUERQUE; LUCENA, 1991). Há cinco datações radiocarbônicas para este sítio: 2780 ± 190 BP (BaH – 1256); 3870 ± 200 BP (BaH – 1252); 4390 ± 200 BP (BaH – 1253); 6240 ± 110 BP (BaH – 1052); 6640 ± 95 BP (BaH – 1053)¹⁷.

O abrigo sob rocha **PE 48 – Mxa** está localizado na serra do Catimbau, a 700 metros de altitude e próximo a um olho d'água. Foi escavado também por Marcos Albuquerque. Nele foram identificados material lítico lascado, estruturas de fogueiras, restos de cestaria, ossos de animais e enterramentos. Há uma datação de 270 ± 150 BP (BaH – 1088 - A)¹⁸.

O sítio **Alcobaça** está localizado no município de Buíque, distrito de Carneiro. Este sítio se destacou pela complexidade de grafismos rupestres encontrados em seu suporte rochoso. É composto por um grande painel de pinturas policromáticas, em sua maioria, grafismos puros e antropomorfos, e um painel de gravuras. A escavação deste sítio revelou a presença de enterramentos secundários. Seu estudo e as datações obtidas o tornaram uma referência arqueológica para a região do Vale do Catimbau¹⁹ (MARTIN, 2005b).

No sítio Alcobaça foram identificadas três áreas distintas de ocupação humana. Na primeira, estavam os enterramentos secundários, em covas que apresentavam ossos queimados e, como acompanhamentos, restos de uma cestaria trançada, cordões e óxido de ferro com marcas de uso; a segunda área foi caracterizada como

¹⁷ Informações do registro de sítios arqueológicos do IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montaDetalheSiteArqueologico.do?id=PE00111>> Acesso em: 25 ago. 2008.

¹⁸ Informações do registro de sítios arqueológicos do IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montaDetalheSiteArqueologico.do?id=PE00110>> Acesso em: 25 ago. 2008

¹⁹ O sítio Alcobaça foi utilizado como estudo de caso na tese desenvolvida por Ana Lúcia Oliveira (2001), que coordenou as escavações realizadas durante o período de 1996 a 1998.

uma área de sucessão de fogueiras; por sua vez, a terceira área apresentava fogueiras estruturadas de restos vegetais.

Na primeira área foram identificados cinco (5) enterramentos, com a presença de vinte e três (23) indivíduos (identificados pelo número mínimo de indivíduos). No enterramento 1 havia ossos de seis indivíduos cremados (quatro adultos jovens e duas crianças), envolvidos em trançados de fibras vegetais. Foram encontrados, com os enterramentos, restos de cestaria, folhas de palmeira, fragmentos de cerâmica, óxido de ferro e material faunístico. Este enterramento está datado em 2466 ± 26 BP. No enterramento 2 havia ossos de dois indivíduos cremados (duas crianças) e a presença de restos de trançados, vestígios vegetais, fragmentos de cerâmica e material faunístico. O enterramento está datado em 1873 ± 24 BP. Já no enterramento 3 havia ossos de dois indivíduos cremados (duas crianças) e vestígios vegetais e material faunístico. A datação é de 1873 ± 26 BP. Por sua vez, no enterramento 4 havia ossos de seis indivíduos cremados (quatro adultos jovens e duas crianças), envolvidos em trançados de fibras vegetais. Junto a esses indivíduos foram resgatados restos de cestaria, material lítico, fragmentos de cerâmicas e materiais faunísticos. Neste enterramento, os ossos apresentavam vestígios de pintura vermelha. Este enterramento está datado em 2405 ± 30 BP. Por fim, no enterramento 5 havia ossos de sete indivíduos cremados (quatro adultos jovens e três crianças). Junto a esses indivíduos, foram resgatados trançados de fibras vegetais e dois pingentes de osso. Os ossos do enterramento apresentavam vestígios de pintura vermelha. Este enterramento está datado em 2184 ± 32 BP (OLIVEIRA, 2001, 2006).

Para Ana Lúcia Oliveira (2006, p.19), pelos tipos de vestígios associados aos mortos e pelas semelhanças nos enterramentos, um único grupo étnico ocupou o abrigo. Isto indicaria uma continuidade cultural. As datações obtidas permitiram organizar uma cronoestratigrafia para este sítio, situada entre 4851 ± 30 BP e 888 ± 25 BP.

O sítio **Alcobaça 2** está localizado próximo ao Alcobaça e ainda não foi sistematicamente escavado. Das primeiras campanhas foram resgatados ossos humanos em bom estado de conservação, com presença de tecidos moles ainda aderidos aos ossos, como também parte da coluna vertebral articulada, o que pode

caracterizar enterramentos primários. Pelo estabelecimento do número mínimo de indivíduos foram identificados dois indivíduos jovens, com idade estimada entre 20-24 (indivíduo feminino) e 24-28 (indivíduo masculino), uma criança e um feto²⁰.

3.1.2 Área Arqueológica do Vale do Ipojuca

O município de Brejo da Madre de Deus encontra-se inserido no Agreste Central. Inicialmente, as pesquisas foram realizadas por Marcos Albuquerque, no final da década de 60. Posteriormente, a equipe do NEA da UFPE realizou algumas prospecções na área, através do já mencionado “Projeto Agreste”. Nas décadas de 80 e 90 Jeannette Lima, da Universidade Católica de Pernambuco, assumiu as pesquisas neste município. As pesquisas arqueológicas foram iniciadas em 1982, como parte integrante do “Projeto de Pesquisas Arqueológicas do Município do Brejo da Madre de Deus”. O projeto tinha como objetivos inventariar os sítios existentes no município, realizar escavações e incluir alguns sítios em roteiros de turismo cultural. Durante a execução do referido projeto foram cadastrados sítios de pintura rupestre e selecionado um desses, o abrigo denominado Furna do Estrago, para a realização de atividades de escavação arqueológica. Da década de 80 até os dias atuais, estudos adicionais foram realizados com o material resgatado deste sítio. O sítio **Furna do Estrago** será descrito na segunda parte deste capítulo, pois é um dos sítios utilizados em nosso estudo.

Atualmente, novas pesquisas estão sendo realizadas neste município, vinculadas ao projeto “O Patrimônio Arqueológico pré-histórico no Agreste pernambucano: fronteiras de valorização”, de Claristella Alves dos Santos (2007). Como resultados iniciais, foram registrados novos sítios na área do Brejo da Madre de Deus e alguns nos municípios vizinhos. O inventário realizado por Santos mostrou que, em quase todos os distritos e povoados do município, foi registrada a presença de sítios arqueológicos pré-históricos, indicando que houve uma ampla ocupação nos tempos pretéritos. Dentre cinquenta e três sítios (53) visitados, apenas dois apresentavam

²⁰ Conforme informação fornecida pela antropóloga física Olívia Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, que realizou as análises no material ósseo.

vestígios de ossos humanos: o sítio Furna do Nego e o sítio Cachorro II, localizados nos municípios fronteiriços ao Brejo da Madre de Deus.

O sítio **Furna do Nego** está localizado na encosta da Serra do Sobrado, no município de Jataúba, na fronteira com o município do Brejo da Madre de Deus. Na entrada da caverna há um amontoado de ossos, todos revolvidos, e pichações feitas com tinta a óleo vermelha. O sítio, de acordo com Santos (2007), foi alvo de perturbação por parte dos moradores, segundo os quais havia muitos ossos humanos e adornos.

O sítio **Cachorro II** está localizado no sopé da Serra do Cachorro, numa altitude de 551 metros, no município de Tacaimbó. É um abrigo sob rocha que apresenta pinturas rupestres e vestígios de alguns ossos humanos revolvidos na superfície do solo.

Em outros dois sítios existem apenas relatos de moradores sobre a presença de ossos humanos. Na **Pedra da Caveira**, localizada em Caruaru, alguns moradores afirmam que ossos humanos foram retirados e descartados há muitos anos atrás. Na área do sítio **Pedra dos Índios**, localizado em Jataúba, existe exploração de granito. Foi relatado, por um dos trabalhadores, o descarte de ossos humanos que estavam aparecendo durante os trabalhos de quebra dos matacões. Contudo, durante a prospecção realizada por Santos nestes sítios não foram identificados vestígios ósseos (SANTOS, 2007).

Além dessas duas áreas arqueológicas localizadas no agreste pernambucano podemos destacar os sítios identificados e estudos no município de Bom Jardim, Agreste Setentrional. Armand Laroche realizou escavações e prospecções, durante o período de 1968 a 1974. Dentre os sítios estudados, a **Pedra do Caboclo** foi considerada um cemitério. Além deste sítio, há informações de vestígios funerários nas **cavernas do Monte do Angico**.

A **Pedra do Caboclo** é um abrigo sob rocha, localizada nas proximidades do perímetro urbano do município de Bom Jardim. Este sítio foi perturbado por curiosos, fato que acarretou a destruição do contexto dos enterramentos. Porém, foi possível

perceber uma área específica para os enterramentos, denominada “sala de enterratórios”. Esta área dos enterramentos foi escavada, tendo sido identificados os seguintes materiais ósseos, distribuídos em três níveis: fragmentos de ossos calcinados, fragmentados e não identificados; fragmentos carbonizados não identificados; fragmentos de ossos longos, dentes avulsos, mandíbula e crânios fragmentados. Também foram identificados vários fragmentos cerâmicos, o que, para o autor, poderia indicar que urnas foram utilizadas nos enterramentos. Também foram resgatados contas de colar, tembetá, pingentes, material lítico e objetos de madeira. Contudo, devido à perturbação ocorrida no sítio, não é possível relacionar diretamente esses objetos aos enterramentos (LAROCHE, 1970). Na área onde está localizado o sítio Pedra do Caboclo foram obtidas 12 datações pelo radiocarbono (LAROCHE; SOARES e SILVA; RAPAINÉ, 1977).

O sítio denominado **Cavernas do Angico** está localizado no monte do Angico, município de Bom Jardim. Neste monte, Laroche escavou três sítios, denominados caverna nº. 1, caverna nº. 2 e sítio das Grutas nº. 3. Os sítios apresentavam vestígios funerários de ossos queimados, cinzas e urnas funerárias (MARTIN, 2005). A **caverna n. 2** apresentava fragmentos de cerâmica, contas de colar, dentes humanos, ossos humanos e urna com tampa contendo dentes, um objeto em concha e carvão. O **sítio das Grutas n. 3** é um abrigo formado por dois grandes blocos de granito. Este sítio não se encontrava perturbado. Material resgatado: líticos, fragmentos de cerâmica e quatro vasilhames inteiros. Dos sítios caverna n. 2 e gruta n. 3 foram resgatadas dezesseis (16) vasilhas, das quais apenas três (3) eram urnas funerárias e continham apenas restos de ossos. Para os três sítios foram realizadas datações pelo radiocarbono (LAROCHE, 1977).

3.1.3 Área Arqueológica do Seridó

As pesquisas arqueológicas realizadas na área do Seridó, Estado do Rio Grande do Norte, foram iniciadas na década de 80, pela UFPE, como parte integrante do “Projeto Arqueológico do Seridó”, coordenado por Gabriela Martin, e registraram uma grande concentração de sítios pré-históricos nas cidades de Carnaúba dos Dantas e Parelhas. Inicialmente, este projeto pretendia comprovar a presença de

grupos da Tradição Nordeste de pintura rupestre na região do Seridó. Posteriormente, frente à riqueza arqueológica da área, o projeto ampliou seus objetivos, passando a incluir o estudo das primeiras ocupações humanas pré-históricas até os grupos indígenas que mantiveram contato com os colonizadores europeus (MARTIN, 2005a). O projeto comprovou a existência de sítios arqueológicos nesta região, em especial os com registros rupestres, realizando prospecções e sondagens em alguns, previamente escolhidos. As pinturas dos abrigos dessa área foram classificadas como da Tradição Nordeste, subtradição Seridó.

Outros projetos foram elaborados para a área nuclear da região do Seridó, constituída pelos municípios de Carnaúba dos Dantas (RN), Parelhas (RN), Acari (RN), Picuí (PB) e Pedra Lavrada (PB). O Projeto Integrado “Arqueologia no Nordeste do Brasil (PE, PB, RN)” proporcionou a continuidade das pesquisas, durante a década de 90, e o registro de novos sítios. Em continuação, foi realizado o projeto “Estruturas arqueológicas dos sítios rupestres das tradições Nordeste e Agreste, PE, PB e RN”. Atualmente, as pesquisas estão vinculadas aos projetos “Seridó: escavações arqueológicas e preservação dos sítios rupestres (RN)” e “Cronologias para a Região Nordeste do Brasil: a área arqueológica do Seridó”.

De acordo com Martin (2005a), os grupos pré-históricos dessa região tinham a preferência na escolha do local dos seus abrigos. Ocupavam lugares elevados na parte alta das serras e orientados para os cursos d’água, onde havia poucas possibilidades de uso para habitação. As evidências arqueológicas também demonstram que esses locais eram utilizados para rituais e como cemitérios, como é o caso dos sítios Mirador e Pedra do Chinelo, localizados no município de Parelhas, e os sítios Casa da Pedra e Pedra do Alexandre, situados em Carnaúba dos Dantas.

O sítio **Mirador** é um abrigo sob rocha em granito, com altitude de 480 metros, que se eleva sobre o vale do rio Seridó, estando 1 (um) km distante do mesmo. Nas paredes do abrigo, ao longo de 40 metros de comprimento e 15 metros de altura, existem pinturas rupestres sobrepostas, filiadas à Tradição Nordeste (MARTIN, 1985, 2005a).

Na década de 80 foi realizada uma primeira sondagem neste sítio, no local onde há uma pequena cavidade na rocha, situada a oeste do paredão maior, onde existia sedimento que poderia ser escavado. O estrato arqueológico verificado era de 60 cm e, como resultado, foram resgatados dois enterramentos infantis, posicionados a menos de 30 cm de profundidade, restos de carvão, ossos de pequenos animais, em sua maioria mamíferos (LUFT, 1989) e material malacológico. Os enterramentos apresentavam acompanhamento funerário, constituído de contas de colar de osso e conchas marinhas. Também foram encontradas algumas lascas de quartzo sem retoque, e uma de sílex, finamente retocada (MARTIN, 1985, 2005a). Os restos de carvão, coletados a 60 cm de profundidade, permitiram uma datação de 9410 ± 100 BP (CSIC 720). Esta datação tornou-se uma referência para a área do Seridó e é compatível com o enterramento mais antigo da Pedra do Alexandre. Apesar da importância do sítio Boqueirão nas pesquisas arqueológicas, como um dos mais significativos no estudo da subtradição Seridó, a continuidade das pesquisas ficou comprometida, devido a atos de vandalismo realizados no mesmo, que perturbaram as camadas arqueológicas, como também o uso de dinamite para extração de minério (PESSIS; MARTIN, 2002).

O abrigo **Pedra do Chinelo**, situado na Serra das Queimadas, município de Parelhas, formou-se a partir do desprendimento de um bloco de gnaiss. Apresenta pinturas da Subtradição Seridó, com registros situados a menos de 50 cm do solo. Durante as escavações, realizadas em 2001 e 2002, foram evidenciados ossos humanos, a partir de 70 cm de profundidade. Na opinião de Vidal (2002), os vestígios encontrados podem indicar, ao menos, duas ocupações, separadas por dois grandes blocos, localizados no centro do sítio. A primeira é mais antiga, com presença de grupos ceramistas, e do período em que foi utilizado como cemitério. Posteriormente, houve queda dos blocos que, ao afundarem, devem ter perturbado as estruturas funerárias. Durante a segunda ocupação, após a queda dos blocos, foram acesas sucessivas fogueiras na superfície. Podem ter ocorrido outras ocupações, além das já relatadas, pois há comprovação de uma forte passagem de água, que misturou e destruiu parte das evidências arqueológicas.

Os ossos humanos encontrados fazem parte da ocupação mais antiga do abrigo e pertencem a, pelo menos, dois indivíduos, uma criança e um adulto, referidos em

função dos 13 dentes coletados. Estavam muito fraturados e não foi possível determinar se eram enterramentos primários ou secundários. Os ossos da criança apresentavam restos de pigmento vermelho, mas os ossos do adulto estavam muito danificados, não sendo possível verificar se havia pintura. Esses ossos foram datados pelo radiocarbono em 1991 ± 28 anos BP (CSIC 1802).

O interesse nesse sítio, do ponto de vista das práticas funerárias, reside no fato da presença de enterramentos humanos de grupos ceramistas que, com a continuidade das pesquisas e a realização de outras datações, poderão ser confirmados com a existência de outras estruturas funerárias associadas ao material cerâmico (MARTIN, 2003).

O sítio **Casa da Pedra** está inserido na Serra dos Garrotes, em frente à Serra do Gavião, na localidade de Boa Vista, município de Carnaúba dos Dantas. A 1 (um) km do abrigo corre o riacho da Pedra Branca. O abrigo está situado a 400 metros de altitude sobre o nível do mar, com altura de 6 metros e um painel com pinturas rupestres, com aproximadamente 9 metros (MARTIN, 2003).

A primeira intervenção neste sítio foi realizada em 2003. Na superfície do abrigo foram encontrados fragmentos de cerâmica, lascas de sílex, assim como seixos rolados e um fragmento de óxido de ferro com marcas de uso. A escavação evidenciou, a 5 cm da superfície, uma fogueira estruturada sobre blocos de micaxisto, que estava apoiada sobre a rocha-base do abrigo (a 50 cm da superfície). Dentro desta existiam um fragmento de lesma de sílex e um de cerâmica. Foram coletados carvões, assim como sedimento do interior, misturado com cinzas. Foram encontrados ainda ossos de fauna, alguns queimados, lascas e micro lascas de sílex, um raspador de quartzo hialino e um percutor de quartzo. Além desses vestígios, foram localizados alguns fragmentos ósseos, que poderiam ser humanos, assim como um fragmento de mandíbula de criança e um de crânio humano (MARTIN, 2003).

A escavação do sítio Casa da Pedra evidenciou um único nível de ocupação humana. Os materiais arqueológicos encontrados podem ser indicativos de uma ocupação não muito longa ou de sucessivas ocupações temporárias de um mesmo

grupo. O sítio **Pedra do Alexandre** será descrito na segunda parte deste capítulo, pois é um dos sítios utilizados em nosso estudo.

3.1.4 Área Arqueológico Serra da Capivara

As pesquisas arqueológicas realizadas na área do Parque Nacional Serra da Capivara foram iniciadas na década de 70, pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo, em cooperação com o Centre National de la Recherche Scientiphique da França (CNRS), como parte integrante da missão de pesquisa arqueológica ao Estado do Piauí, coordenada pela arqueóloga Niède Guidon. A partir desse trabalho, com a continuidade das pesquisas, a descoberta de centenas de sítios e a criação do Parque Nacional (em 1979) e da Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM, se concretizou a importância dessa região para a Arqueologia americana. Na área do Parque Nacional Serra da Capivara e em seu entorno existem evidências extremamente antigas da presença humana, em torno de 50.000 anos BP; contudo, as datações indicam que esta presença foi contínua, até o contato com os colonizadores (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998).

Um dos campos de estudo da FUMDHAM está focado na identificação e no estudo dos vestígios ósseos das populações pré-históricas que habitaram esta região. Dentro desta perspectiva, vários sítios vêm sendo escavados e seus resultados vão ajudar a compor um perfil inicial dessas populações. São exemplos os sítios Toca do Congo I, Toca do Paraguaio, Toca dos Coqueiros, Toca da Bastiana, entre outros.

Em seguida, apresentamos, em síntese, os estudos realizados nos sítios da área e do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara que tenham evidências funerárias. Os sítios foram identificados nos municípios de Coronel José Dias, São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Gervásio de Oliveira, São Braz e Jurema do Piauí.

A **Toca do Congo I** foi o primeiro abrigo com enterramentos a ser evidenciado durante a Primeira Missão Franco-Brasileira ao Piauí, em 1973²¹. O sítio está localizado na antiga fazenda do Inácio, na localidade do Gongo, município de São João do Piauí. No ano de 1973, foram identificados e escavados seis (6) enterramentos, dos quais quatro (4) estavam diretamente no solo e dois (2) em urnas funerárias. Em posterior publicação, Maranca (1991) informa que, em 1981, novas escavações foram realizadas, totalizando neste sítio nove enterramentos, sendo quatro em urnas e cinco em fossas escavadas no solo do abrigo.

Os enterramentos em terra são individuais, primários, e estavam em fossa funerária, em posição fetal e decúbito lateral. Associados aos enterramentos existiam vestígios de envoltórios, provavelmente restos de tecidos ou de redes, e de fogueiras. No enterramento 3 foram encontradas duas peças líticas e, no enterramento 2, tufo de cabelos (MARANCA, 1976). Amostras de carvão retiradas da camada de terra cinza sob o enterramento 4 resultaram na datação de 2090 ± 110 anos BP (GIF - 3223).

O enterramento da Urna I estava em mau estado de conservação. A urna possuía forma globular, boca aberta e superfície interna e externa alisada. Sobre o crânio, havia outra vasilha de forma globular, mas de tamanho menor. Alguns ossos identificados não estavam em conexão, o que sugere um enterramento secundário. Como material associado a este enterramento foram coletados, no interior da urna, uma concha bivalve (abaixo da mandíbula inferior), um pequeno raspador, e vestígios de tecidos, no crânio. A Urna II estava fragmentada, o que impossibilitou a identificação da forma e do tamanho, mas possuía superfície externa corrugada e interna alisada. A posição do esqueleto não pôde ser verificada, pois os ossos estavam fragmentados e mal conservados. Não havia material associado a este enterramento (MARANCA, 1976). De acordo com o estudo realizado pelo anatomista José Carlos Prates, foram identificados três crânios adultos: dois

²¹ O Museu Paulista da Universidade de São Paulo realizou em colaboração com o Centre National de la Recherche Scientifique da França (CNRS), uma missão de pesquisa arqueológica ao Estado do Piauí, sob a coordenação da arqueóloga Niède Guidon e com a participação de vários pesquisadores, entre os quais Sílvia Maranca, Águeda Vilhena e Lina Maria Kneip. A missão tinha como objetivos o levantamento de sítios com registros rupestres, realização de prospecções e escavações nos sítios com vestígios arqueológicos (Primeiro Relatório, 1973; Segundo Relatório, 1974).

femininos e um masculino. O crânio masculino pertence ao indivíduo do enterramento 1, com idade avaliada em ± 50 anos (Segundo Relatório, 1974).

Também na região do Gongo está localizado o sítio **Toca do Arapuá do Gongo**. Apresentava, como vestígios, fragmentos de cerâmica e enterramentos. Neste sítio foram escavados e retirados enterramentos primários em urnas e em fossa, diretamente na terra (ARNAUD et al., 1984). Para Maranca (1991) os padrões de enterramento repetem os do sítio Toca do Gongo I.

O sítio **Toca do Paraguai** é um abrigo formado a dez metros do fundo do vale, na “frente de cuesta”, que localmente é chamada de Serra da Capivara, no município de Coronel José Dias. Mede 59,6 metros de comprimento, 11 metros de largura e altura de 7 metros.

A escavação desse sítio foi realizada em 1978, pela Missão Franco-Brasileira ao Piauí, e constatou a presença de quatorze níveis de material lítico e dois enterramentos (nível VII e nível XIV). Os resultados da escavação e das sondagens indicam que o sítio foi habitado por grupos caçadores-coletores e também utilizado como local de enterramento (MELLO e ALVIM; FERREIRA, 1985).

O enterramento 1, com fossa de forma oval, continha um esqueleto masculino, com idade estimada entre 25 e 30 anos. O indivíduo estava enterrado em decúbito dorsal, com o crânio voltado para o lado direito e apoiado sobre uma pedra plana. Apresentava conexão anatômica e os ossos bem conservados. No crânio, foram encontrados tufo de cabelo preto. Como acompanhamento, foi coletado um percutor de seixo, com marcas de uso (MELLO e ALVIM; FERREIRA, 1985; MARTIN, 2005a). Este enterramento foi datado em 7.000 ± 100 anos BP (MC 2509) (ARAÚJO et al., 1998, p. 54).

Sob o nível XIV foi encontrado o enterramento 2, com fossa circular e delimitada por seixos de quartzo de diferentes tamanhos. O indivíduo, feminino e com idade entre 35 e 40 anos, estava em bom estado de conservação e em conexão anatômica, corpo fletido e em decúbito lateral. No sedimento do fundo desta fossa foram encontrados dois grandes seixos, com marcas de uso (possivelmente um moedor e

mó ou polidor) (MELLO e ALVIM; FERREIRA, 1985). Para este nível obteve-se datação pelo radiocarbono de 8670 ± 120 anos BP (MC 2480) (ARAÚJO et al., 1998, p. 54).

Na localidade Sítio do Mocó, município de Coronel José Dias, foi identificado o sítio **Toca de Cima dos Pilão**, que apresenta pinturas da Tradição Nordeste. Esta gruta/abrigo, localizada em um afloramento calcário. A gruta apresenta dois salões, assim denominados: La Rotonde e Teresinha, com a presença de algumas estalactites e estalagmites.

Por meio da sondagem 3/88, foram encontrados vestígios de dois enterramentos. Nesta sondagem, com oito níveis delimitados, o primeiro enterramento foi localizado no nível cinco. Os ossos estavam em péssimo estado de conservação e os dentes moídos e fragmentados. No nível seis, o segundo enterramento foi evidenciado, mas os ossos estavam extremamente friáveis e fragmentados. De carvões próximos ao enterramento do nível cinco foi obtida a datação de 2290 ± 60 BP (GIF - 7810).

Como consequência do estado fragmentário dos ossos, poucas conclusões foram obtidas: só havia diáfises e nenhuma epífise. As covas tinham forma elíptica, eram pouco profundas e não tinham estruturas delimitando. Não havia crânios e os dentes estavam triturados. Para Luz (1989), tratava-se de enterramentos intrusivos de um grupo mais recente do que os grupos que confeccionaram os objetos líticos encontrados nesses níveis. Também a datação obtida no nível cinco não concorda com a tipologia do material. Assim, para a autora, os carvões podem ter penetrado quando a cova foi aberta para colocação do corpo, ou pode ter ocorrido contaminação nos carvões, devido à infiltração de água de chuva do teto.

O abrigo **Toca da Janela da Barra do Antônio** está situado no maciço calcário do Serrote da Barra, no município de Coronel José Dias. As escavações neste sítio foram iniciadas em 1986 e, como resultados, foram identificados três níveis arqueológicos, com presença de ossos de megafauna, misturados com material lítico, o que pode indicar a presença humana, em associação com a megafauna (GUIDON, 1989, p. 44-45).

Durante as escavações realizadas em 1990 foi descoberto um esqueleto, deitado em posição fletida, junto a uma fogueira. Provavelmente não é um enterramento. O esqueleto está em bom estado de conservação. O carvão da fogueira foi datado em 9670 ± 140 anos BP (GIF-8712). O esqueleto, estudado por Evelyne Peyre, antropóloga, apresenta as seguintes características: pertence a uma mulher adulta, com idade aproximada de 30 anos, com 1,55m de estatura, e crânio com características arcaicas (MARTIN, 2005a, p.69-70).

No maciço da Toca da Janela da Barra do Antonião, denominado Serrote da Bastiana, foi identificado a **Toca do Serrote da Bastiana**. O sítio é um pequeno abrigo com 5,5 metros de profundidade e 4,5 metros de largura e 5,5 metros de altura.

O sítio foi escavado durante o período de novembro e dezembro de 2001, sendo evidenciados três esqueletos, além de vestígios líticos, cerâmicos e de pequenos animais. O esqueleto 1 foi encontrado no limite entre o sedimento calcificado e a área de vestígios, embaixo de uma placa de calcário, a partir da decapagem 2. Este esqueleto parecia estar desarticulado, pois os ossos estavam arrumados em torno do crânio. Posteriormente, após o estudo antropofísico²², ficou evidenciado que se tratava de dois indivíduos que passaram a ser denominados 1a e 1b. O esqueleto 1a foi enterrado em posição fletida, em decúbito lateral esquerdo. Provavelmente do sexo feminino, com idade estimada entre 15 – 18 anos. O esqueleto 1b, caracterizado como robusto e provavelmente do sexo masculino, com idade estimada em 40 anos.

Na mesma direção dos esqueletos 1a e 1b, também no sedimento calcificado e próximo da linha de chuva do abrigo, foi encontrado o esqueleto 2. Este é menor que o n. 1 e estava com o frontal emborcado no sedimento e o resto do crânio ao lado. Foi diagnosticado como uma criança de 2 anos e meio a 3 anos e provavelmente estava articulada.

²² Análises no material ósseo foram realizadas nesses esqueletos por A. Russel Nelson, em 2002.

Após a retirada do sedimento que estava abaixo dos esqueletos 1a e 1b foi evidenciado o esqueleto 3, que pertencia também a uma criança com idade estimada de 9 – 11 anos (LA SALVIA, 2006, p.197- 201).

A **Toca do Barrigudo** se localiza ao lado da Toca do Serrote da Bastiana, no maciço da Toca da Janela da Barra do Antonião, denominado Serrote da Bastiana, município de Coronel José Dias. É considerado um sítio cemitério e também paleontológico. Este sítio foi escavado em 2002 e, como resultado, foram encontrados vestígios de dois enterramentos e de uma preguiça gigante.

O esqueleto 1 foi evidenciado na trincheira 01 (decapagem 6). Sobre o esqueleto havia duas placas de calcário, uma sobre a outra. Era um enterramento secundário, pois os ossos estavam arrumados com os fêmures e ossos dos braços cruzados e por cima do crânio. Os ossos estavam incompletos e frágeis. Havia quatro peças líticas como acompanhamento. O esqueleto 1 é de um indivíduo adulto maduro, masculino, de aproximadamente 40 anos. Por sua vez, o esqueleto 2 também foi evidenciado na trincheira 01 (decapagem 8), com algumas placas de calcário delimitando o enterramento. Este apresentava os ossos muito frágeis e úmidos. Foi diagnosticado como uma criança, com idade aproximada entre 3 e 5 anos²³. Porém, os ossos não estão em bom estado de conservação (LA SALVIA, 2006).

De acordo com La Salvia (2006, p. 213-214), tanto a Toca da Bastiana como a Toca do Barrigudo foram espaços utilizados como lugar de cerimônias funerárias. Nestes sítios, não foram evidenciadas estruturas ou restos de fogueiras que pudessem sugerir alguma outra atividade. No caso da Toca da Bastiana, os vestígios líticos e cerâmicos estavam posicionados acima do sedimento de calcita. Quanto à Toca do Barrigudo, os outros vestígios foram trazidos pelas águas pluviais, assim como os ossos da megafauna.

A **Toca dos Coqueiros** está situada no Baixão das Mulheres, próximo ao povoado do sítio do Mocó, município de Coronel José Dias. Possui pouca inclinação, com pequena área abrigada, abertura para o sul e dimensão de 22 x 6 metros.

²³ As análises no material ósseo foram realizadas nesses esqueletos pelo antropólogo A. Russel Nelson, em 2002.

O sítio começou a ser escavado em 1995, pois apresentava material lítico na superfície do solo. Vários vestígios foram encontrados durante as escavações, como líticos, fogueiras estruturadas, ossos de animais pequenos, restos vegetais, coprólitos e cabelos. Durante a escavação de 1997, foi evidenciado um enterramento em posição fletida e decúbito lateral esquerdo. O corpo estava depositado e circundado sobre lajes de arenito. Como acompanhamentos, foram resgatados dois objetos líticos: uma ponta de flecha de quartzo hialino e uma ponta pedunculada em sílex. Sobre a datação do enterramento, um “(...) grande carvão incrustado ao calcâneo direito forneceu a datação de 9870 ± 50 BP/Beta 109844 (...)”, tornando-se um marco cronológico na área da Serra da Capivara (GUIDON et al., 1998, p. 189-190).

No povoado do sítio do Mocó, município de Coronel José Dias, também foi identificado o sítio **Toca da Cerca do Elias**. Durante a escavação deste sítio foram encontrados, na 16ª decapagem e próximos a uma estrutura de fogueira, dentes humanos e restos de um crânio. Realizada a datação de carvão, que estava situado a 70 cm dos restos humanos, obteve-se o resultado de 10.270 ± 35 anos BP (CAMS – 94865), calibrada entre 12.850 – 11.650 CAL anos BP. Outros fragmentos de dentes foram encontrados nas 17ª e 21ª decapagens. Esses vestígios humanos também foram analisados pelo antropólogo A. Russell Nelson.

O sítio **Toca do Gordo do Garrincho** está localizado na vila do Garrincho, município de São Raimundo Nonato. É um dos sítios da área do Maciço calcário do Garrincho. Os primeiros trabalhos arqueológicos e paleontológicos iniciaram-se em 1986 e prosseguiram com campanhas em 1990, 1991, 1992 e 2000. Em sedimentos retirados por moradores, na área da entrada da caverna, e verificados pelos pesquisadores, foram encontrados fósseis da paleofauna e doze peças líticas lascadas. Durante a análise deste material, em 1989, o paleontólogo Claude Guérin reconheceu um fragmento de parietal humano (FELICE, 2006, p.10). O osso foi analisado e descrito por Evelyne Peyre, com o objetivo de identificá-lo. Os resultados da análise indicam três hipóteses: 1 - trata-se de uma fração do parietal humano esquerdo, próxima ao ptério; 2 – trata-se de uma fração do parietal humano direito, próximo ao astério; e 3 – poderia ser uma fração do frontal humano (PEYRE, 1996, p. 430).

Durante a escavação de 1992, foram encontrados, em estratigrafia, dois dentes humanos, associados com animais fósseis, abaixo do manto estalagmítico. Esses dentes foram identificados como “(...) um incisivo permanente inferior e um fragmento do maxilar (alvéolo) e primeiro molar permanente superior datados pelo método de datação radiocarbono convencional em 12.170 ± 40 BP (...)” (FELICE, 2006, p.9). Por datação calibrada de 2 sigma, o resultado passou para 15.245 até 14.690 BP (BETA – 136204 – MAS).

A partir da descoberta e datação dos dentes humanos, este sítio passou a representar um importante marco cronológico para os vestígios ósseos humanos pleistocênicos na região. Felice (2006) argumenta que os dois dentes humanos estão associados a ossos de megafauna, sugerindo uma contemporaneidade cronológica entre a megafauna e o homem pré-histórico, porém o contexto arqueológico não está claro no interior da caverna. Na parte externa, ossos de paleofauna foram encontrados com alguns líticos e um fragmento de parietal humano, mas os contextos arqueológicos e paleontológicos também não estão visíveis. Desta maneira, para esclarecer a contemporaneidade ou não desses vestígios, a autora afirma que é necessário realizar a datação dos ossos da megafauna encontrados na mesma camada que os dentes humanos. Pois, a pesquisa indica que, embora tenham sido encontrados na mesma camada, não se pode afirmar a sua contemporaneidade.

A **Toca da Santa** é um abrigo localizado a 700 metros do sítio Garrincho. A escavação demonstrou, numa profundidade de 60 cm, a presença de três esqueletos humanos. Os esqueletos 1, 2 e 3 encontravam-se bastante fragmentados e incompletos. Os indivíduos 1 e 3 foram, provavelmente, depositados em decúbito lateral e com o corpo fletido. Dois enterramentos apresentam o crânio um pouco mais espesso que o normal. Além dos ossos, foram encontrados, nas decapagens anteriores e junto aos enterramentos, vestígios de materiais líticos, como lascas retocadas, raspadores e núcleos em silexito. A existência dos três enterramentos pode indicar que a Toca da Santa é um sítio cemitério do Holoceno Médio.

A aldeia de **Cana Brava** localiza-se ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara, no povoado de Cana Brava²⁴, que faz parte do município de Jurema do Piauí. Está distante da área do Parque Nacional Serra da Capivara em aproximadamente 90 Km.

Neste sítio foram registradas dez (10) vasilhas como urnas funerárias. Porém, após as escavações das urnas, ficou constatado que apenas cinco continham vestígios humanos. As vasilhas utilizadas como urnas tinham formas ovóides e ovóides invertidas, com decoração caracterizada por uma impressão ou incisão ao longo de toda a borda da vasilha (CASTRO, 1999). Os enterramentos se encontravam nos locais onde existia grande concentração de vestígios, fato que pode indicar terem os mesmos se realizado dentro da própria aldeia. As urnas 1, 2 e 3 continham ossos humanos mal conservados; a urna 8 apresentava apenas o crânio e na 10 o enterramento estava melhor conservado. As análises indicaram tratar-se de enterramentos primários de crianças com idades entre um a sete anos²⁵.

Como resultado deste trabalho de salvamento, foram conseguidas duas datações: 790±50 BP (BETA-106389) de carvões que se encontravam na urna do enterramento número 10, e 490±50 BP (BETA-106388) de carvões da fogueira número 2.

O sítio **São Braz** localiza-se também ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara, no município de São Braz. Desde o início das pesquisas no sudeste do Piauí são relatadas informações sobre a presença de urnas na cidade de São Braz. De acordo com Maranca (1991), foram escavados enterramentos em urnas, neste município, em 1974.

Durante o mês de novembro de 1997 foi resgatada outra urna, localizada dentro da área da cidade. A urna apresentava 65 cm de comprimento e boca com diâmetro irregular de 50 a 60 cm. Também foi evidenciada outra vasilha, que servia como

²⁴ A intervenção neste sítio foi caracterizada por um salvamento arqueológico realizado em três campanhas, divididas entre dezembro de 1996 e janeiro de 1997, sob a coordenação de Cláudia Alves Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco (OLIVEIRA, 1997).

²⁵ Análises bioantropológicas foram realizadas nesses vestígios, pela bioarqueóloga Sheila Mendonça de Souza, da Fundação Oswaldo Cruz, em 1997.

tampa. A urna foi escavada em laboratório e posteriormente restaurada. A escavação evidenciou apenas algumas partes de um enterramento primário em decúbito lateral esquerdo (OLIVEIRA, 1997). De carvões provenientes do interior da mesma obteve-se a datação de 880 ± 50 BP (BETA-116929). Esta urna ficou identificada como urna 1997.

3.1.5 Área Arqueológica de Xingó

As pesquisas realizadas na Área Arqueológica de Xingó, no Baixo São Francisco foram iniciadas em 1985, no município de Canindé do São Francisco, pela Universidade Federal de Sergipe, como parte integrante de um projeto com o objetivo de localizar e mapear os sítios existentes às margens do rio São Francisco. Posteriormente, com o projeto da Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF, de construção da Hidroelétrica de Xingó, foi implantado e executado um projeto de salvamento arqueológico nos sítios que seriam impactados com a construção do empreendimento. Este projeto, denominado “Projeto Arqueológico de Xingó”, foi coordenado por pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, em convênio com a CHESF (VERGNE, 2004).

Durante a primeira etapa do projeto, entre 1988 e 1994, foram cadastrados cinquenta e seis (56) sítios arqueológicos: quarenta e um (41) a céu aberto e quinze (15) com registros rupestres. Destes sítios, apenas dois apresentavam evidências de enterramentos: o São José II e o Justino. Estes, por apresentarem enterramentos, foram escavados sistematicamente; nos demais foram realizadas sondagens.

Posteriormente, na segunda etapa do projeto, entre 1995 e 2000, foram realizadas as análises dos vestígios e deu-se continuidade às atividades de prospecção. Como consequência, foram identificados duzentos e quatorze (214) novos sítios, localizados nos terraços, planícies e ilhas fluviais do rio São Francisco, e duzentos e dezoito (218) sítios de registro rupestres, situados no platô do canyon (VERGNE, 2004, p. 7,12).

Por meio do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) houve a implantação do Museu Arqueológico de Xingó (MAX), o qual garante a continuidade das pesquisas, como também a criação da *Revista Canindé* e dos *Cadernos de Arqueologia*, que se tornaram veículos de divulgação dos trabalhos realizados nesta área de pesquisa.

Em relação aos sítios com presença de enterramentos, além do Justino e São José II, foi identificado e escavado o sítio Jerimum, situado em um terraço fluvial, em área de confluência do rio São Francisco com o riacho Jerimum. Deste modo, para a área do Baixo São Francisco existem dados sobre evidências funerárias em apenas três sítios.

Os sítios Justino e São José II serão descritos na segunda parte deste capítulo, pois fazem parte do estudo empreendido nesta tese.

O sítio **Jerimum** foi identificado na Fazenda Jerimum, município de Canindé do São Francisco, Sergipe. Para Oliveira et al. (2005), este sítio apresenta elementos, constatados durante as escavações e confirmados pelas análises posteriores, indicando que a área foi ocupada como cemitério e habitação, por grupos ceramistas. O resultado do trabalho²⁶ atesta a presença dos seguintes vestígios: estruturas funerárias com seus acompanhamentos, material lítico, fragmentos cerâmicos, ossos de pequenos animais, conchas, estruturas de fogueiras e material histórico, como faiança, tijolos, telhas e vidros, distribuídos por uma área de 6.525,53 m², que corroboram a ocupação como habitação. Dos sítios pesquisados pelo MAX, excetuando o Justino, é o que apresenta a maior quantidade de vestígios cerâmicos.

De acordo com Oliveira et al. (2005), foram evidenciadas, neste sítio, dez (10) estruturas funerárias e exumados onze (11) indivíduos. Nove enterramentos foram retirados durante a segunda fase das escavações e um na primeira fase da pesquisa. A maioria das estruturas foi identificada no setor I, próximo ao barranco do

²⁶ As atividades neste sítio foram iniciadas em 1997 sob a coordenação de Cleonice Vergne da Universidade Federal de Sergipe/Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, e posteriormente retomadas em 2001 e 2002, por equipe formada por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco/Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA, sob a coordenação de Claudia Alves de Oliveira.

terraço. Em alguns enterramentos (n. 7 e n. 9) existiam estruturas de pedra demarcando os enterramentos; em outra (n. 3), foi constatada a presença de gastrópodes *Megalobulinus* sp e conchas bivalves, como acompanhamento funerário. Em outro enterramento (n. 8) havia um fragmento de granito cor de rosa sobre o crânio. Carvalho e Oliveira (2002) observaram que o uso de conchas e pedras nos enterramentos também foi constatado nos sítios Justino e São José II.

Os resultados da análise paleodemográfica, tafonômica e patológica revelam que os esqueletos desse sítio encontravam-se muito fragmentados e friáveis, o que dificultou alguns resultados²⁷. Os indivíduos encontrados apresentavam constituição robusta. O dimorfismo sexual acentuado foi observado em apenas dois casos. Os enterramentos identificados eram primários e os corpos foram depositados diretamente sobre o solo, em duas posições: decúbito lateral direito e decúbito dorsal (CARVALHO; OLIVEIRA, 2002).

Os esqueletos não apresentavam as condições necessárias para a identificação do sexo e idade, devido à má conservação e à falta de ossos. Por isso, só foi possível realizar a determinação do sexo em três indivíduos: dois masculinos e um possivelmente masculino; em relação à idade, foi observado que dez indivíduos eram adultos e um jovem.

Na opinião de Oliveira et al. (2005), o sítio Jerimum apresenta alguns elementos semelhantes, no material lítico, cerâmico, e nos enterramentos, a outras ocupações do baixo São Francisco, em particular os sítios Justino e São José II. As deposições dos enterramentos são semelhantes ao Justino, porém possuem poucos acompanhamentos funerários. Em relação aos tipos de enterramentos, não houve a ocorrência de enterramentos secundários; ao contrário, havia ossos isolados, talvez restos de enterramentos.

Em relação à cronologia, infelizmente a condição dos ossos não permitiu a datação, assim como não foram conseguidas amostras satisfatórias do carvão das fogueiras,

²⁷ A análise paleodemográfica, tafonômica e patológica foi realizada por Olívia Alexandre de Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, durante os trabalhos de campo, e posteriormente em laboratório.

pois a frequência de cinzas e de carvão era baixa. Em função da ausência de uma estratigrafia bem definida e da não separação dos vestígios por níveis de ocupação foram propostas, hipoteticamente, para este sítio, duas ocupações de caçadores-coletores não ceramistas e duas de grupos ceramistas (OLIVEIRA et al., 2005, p. 131-132).

3.2 Os sítios arqueológicos da investigação: histórico e estudos realizados

Nesta parte iremos apresentar, em síntese, os trabalhos executados, os resultados alcançados e os tipos de estudo realizados, anteriormente, nos sítios selecionados para nossa investigação: Furna do Estrago, em Pernambuco; Pedra do Alexandre, no Rio Grande do Norte; Toca da Baixa dos Caboclos e a Toca do Serrote do Tenente Luiz, no Piauí; Justino, em Sergipe; São José II, em Alagoas.

3.2.1 Sítio Furna do Estrago (Área Arqueológica do Vale do Ipojuca - PE)

O sítio Furna do Estrago é um abrigo sob rocha granítica, localizado no sopé da Serra da Boa Vista, a uma altitude de 650 metros, próximo à sede do município do Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco. Está situado nas coordenadas UTM 787610E/ 9098454 N. O relevo faz parte do Maciço da Borborema, com afloramentos de rocha cristalina nos pontos mais elevados e presença de matacões por toda a paisagem (Figuras 2 e 3). O abrigo possui abertura de 19 metros, voltada para nordeste, altura de 4,80 metros e profundidade de 8,80 metros.

As pesquisas realizadas neste sítio ocorreram durante os anos de 1982, 1983, 1987, 1994 e 1996, por meio de pequenas campanhas arqueológicas, e resultaram na descoberta de quatro ocupações pré-históricas.



Figura 2: Sítio Furna do Estrago. Vista geral. Foto: Claristella Santos.

Do início das pesquisas, nos anos 80, até o período atual, o material arqueológico deste sítio originou estudos nas áreas de Arqueologia, Antropologia Física e Cultural, Botânica, Geologia e Zoologia. Uma parte dos trabalhos centrou-se na Antropologia Física, especialmente das paleopatologias, morfologia e paleodemografia: Carvalho (1992, 1995); Mello e Alvim; Mendonça de Souza (1983-1984, 1984a, 1984b); Mendonça de Souza; Mello e Alvim (1992); Mendonça de Souza (1992, 1995); Rodrigues (1997); fatores tafonômicos e anomalias de desenvolvimento, Carvalho; Queiroz; Moraes (2007) e na paleoparasitologia, Duarte (1994). Outros, na descrição das ocupações pré-históricas e dos enterramentos encontrados no sítio: Lima (1984a, 1984b, 1985a, 1985b, 2001).

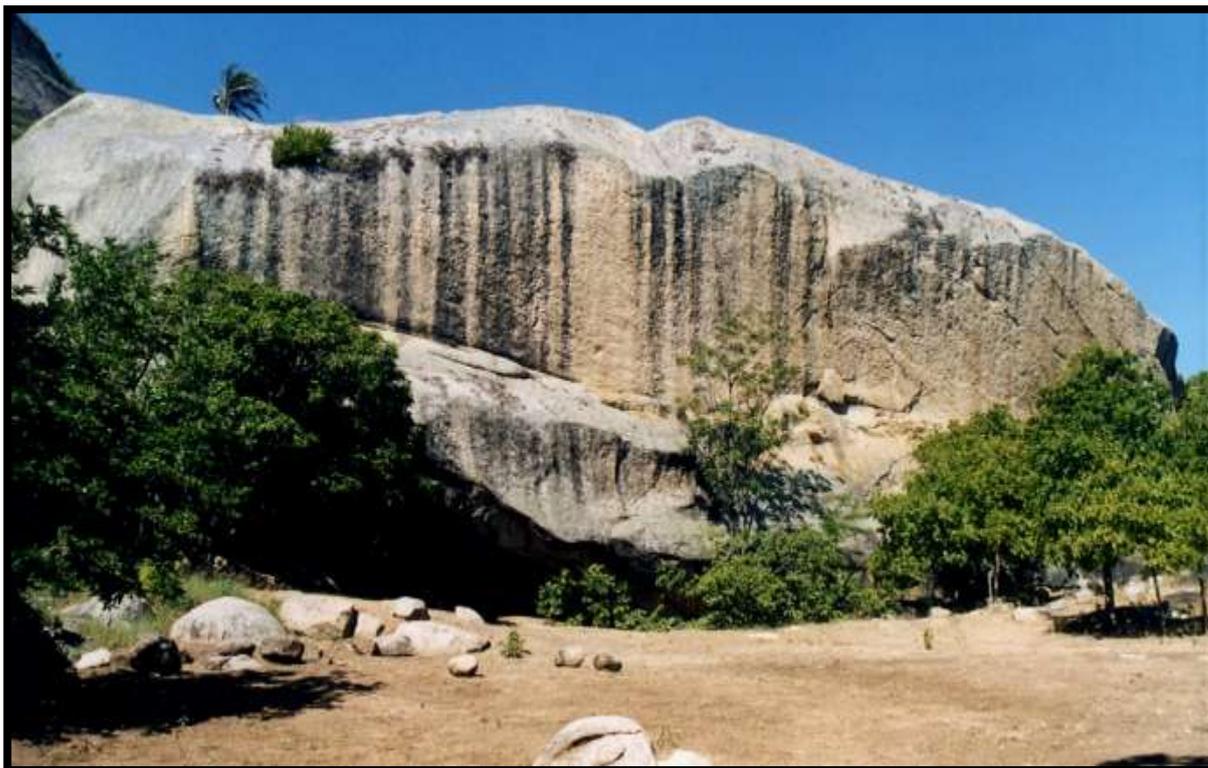


Figura 3: Sítio Furna do Estrago. Foto: Claristella Santos.

No estudo da fauna, atendendo ao aspecto arqueozoológico dos espécimes identificados no sítio: Lima (1992); Queiroz (1994); e na verificação do processo de tafonomia ocorrido nesta fauna: Santos (2006). Também foi realizado o estudo dos remanescentes vegetais: Menezes (2006) e o entendimento do paleoambiente em relação com as ocupações pré-históricas do sítio Furna do Estrago e os processos deposicionais que ocorreram durante o Quaternário: Canto (1998).

No trabalho realizado por Lima (1985a) ficou estabelecido que, neste sítio, ocorreram duas ocupações de grupos que utilizaram os espaços como cemitério (denominadas, pela autora, de ocupação intermediária e ocupação recente) e outras duas (ocupação pleistocênica e ocupação antiga), relacionadas a grupos caçadores e coletores (Quadro 1). Na ocupação intermediária (da camada 3 até a 8 e a 1,20 metros de profundidade) encontram-se posicionados os enterramentos, em fossa (Figuras 4 e 5). O estudo mais detalhado dos vestígios arqueológicos ficou restrito às ocupações intermediária e antiga. Este trabalho apresenta os resultados da

escavação realizada no sítio, especificamente nessas duas ocupações. Descreve alguns enterramentos e seus acompanhamentos funerários de forma geral.

Posteriormente, em outro trabalho Lima (2001) investigou a interação entre o homem pré-histórico e o ambiente semi-árido, especificamente sobre a adaptação da população de caçadores coletores do sítio Furna do Estrago ao ambiente semi-árido. Neste trabalho, apresenta os resultados das análises de sexo, idade e acompanhamentos funerários da ocupação do sítio como cemitério.

Quadro 1
Datações do sítio Furna do Estrago

Datação C 14	Laboratório	Material datado
11060 ± 90 BP	Smithsonian Institution	Carvão a 130 cm
9150 ± 90 BP	Smithsonian Institution	Carvão corte 4 (entre 95 e 105 cm)
8495 ± 70 BP	Smithsonian Institution	Carvão corte 4 (entre 80 e 90 cm)
1860 ± 50 BP	Beta 145954	Esqueleto F-18
1730 ± 70 BP	Beta 149749	Esqueleto F-87.23
1610 ± 70 BP	Beta 145955	Esqueleto F-45
1040 ± 50 BP	Smithsonian Institution	Carvão corte 2 (entre 25 e 30 cm)

Fonte: Lima (1985a; 2001).



Figura 4: Sítio Furna do Estrago. FE- 04 e FE -05. Enterramentos de adultos.

Foto: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Os estudos iniciais sobre os esqueletos forneceram dados sobre idade, sexo, morfologia, padrões epigenéticos e paleopatologias (MELLO e ALVIM; MENDONÇA DE SOUZA, 1983-1984)²⁸. Os estudos paleopatológicos foram realizados com o propósito de determinar o perfil das doenças próprias do grupo em estudo. Os resultados mostram anomalias de desenvolvimento em indivíduos do sexo feminino e masculino e de diferentes idades. Destacam-se algumas anomalias de desenvolvimento, como: defeito de fechamento dos arcos neurais, variação numérica vertebral, fusão anormal de vértebras, anormalidade das placas esternais e possível caso de nanismo. As anomalias vertebrais, em relação às outras diagnosticadas nesta população, são em número elevado (CARVALHO, 1995).

²⁸ Os esqueletos da Furna do Estrago foram analisados também pela pesquisadora Della Colins Cook, da Universidade de Indiana, Estados Unidos.



Figura 5: Sítio Furna do Estrago. FE- 55. Enterramento infantil.

Foto: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

A investigação sobre as alterações morfológicas verificadas nos ossos e relacionadas com alguma atividade física foi realizada por Mendonça de Souza (1992). O trabalho objetivou investigar se há relação entre as lesões traumáticas detectadas na população da Furna do Estrago e as atividades desenvolvidas por este grupo. Os resultados indicam, como explicação para os traumatismos observados nesta população, as atividades “(...) de escalada de árvores e o deslocamento em terrenos acidentados, possíveis causas para o padrão de lesões descrito nesta amostra (...)” (MENDONÇA DE SOUZA, 1992, p.136).

Rodrigues (1997) detalhou os perfis dentopatológicos de duas séries esqueléticas, remanescentes de grupos humanos pré-históricos com estratégias de subsistência distintas e localizados em diferentes ambientes: o grupo da Furna do Estrago, no Agreste pernambucano, e o grupo do sambaqui de Cabeçuda, no litoral de Santa Catarina. Os resultados indicaram que ocorreram mais casos de patologias

dentárias e complicações orais no sítio Furna do Estrago. Este tipo de trabalho contribui com dados sobre a alimentação desses grupos, assim como pode sugerir e determinar o possível uso dos dentes em atividades culturais empreendidas pelo grupo.

Também foi realizado estudo sobre os macrorrestos vegetais identificados no sítio Furna do Estrago (MENEZES, 2006). Esse estudo objetivou identificar o uso e o aproveitamento do entorno natural dos sítios arqueológicos no fornecimento das matérias-primas vegetais usadas na confecção de objetos utilizados pelos grupos humanos, durante a pré-história. O estudo sobre os macrorrestos vegetais relacionados aos enterramentos revelou a presença de fibras e sementes. Ficou constatado que as sementes foram utilizadas como contas de colares e pingentes e foram encontradas em seis indivíduos adultos e uma criança. Além de sementes, foram identificadas fibras de caroá, utilizadas nos cordéis e esteiras confeccionados de fibras de palmeira, associados aos contextos funerários. Alguns enterramentos apresentavam trançados. Menezes concluiu que o material vegetal desempenhou um importante papel na vida cotidiana dos grupos da Furna do Estrago, fato sugerido pelo desgaste dentário verificado por Rodrigues (1997), indicando o uso dos dentes em atividades de produção, como a confecção de esteiras e trançados, bem como na própria alimentação.

Os estudos realizados com os vestígios e materiais ósseos da Furna do Estrago caracterizaram biológica e culturalmente a população humana sepultada neste sítio e foram de suma importância para atender ao objetivo de identificar os elementos materializados de identidades.

3.2.2 Sítio Pedra do Alexandre (Área Arqueológica do Seridó - RN)

Dentre os sítios registrados no Seridó e com evidências funerárias foi escolhido, para nossa pesquisa, o sítio Pedra do Alexandre (conhecido também como Pedra do Chapéu). Está localizado no município de Carnaúba dos Dantas, no Rio Grande do Norte. É um abrigo arenítico com abertura para sudeste e situado no topo de uma pequena elevação, com altitude de 380 metros e próximo ao riacho de mesmo nome, afluente do rio Seridó (Figura 6).



Figura 6: Sítio Pedra do Alexandre. Foto: Demétrio Mutzenberg.

Está localizado nas coordenadas 6° 32' 43" S e 36° 31' 10" W. Junto com outros dois pequenos abrigos, forma o conjunto denominado Alexandre. Este abrigo, em fase de rápida decomposição, é formado por silicatos e micaxisto, tem 15 metros de altura,

com a presença de muitos blocos caídos, o que pode indicar que seu tamanho era maior, em períodos anteriores (MARTIN, 1995-1996, 2005a).

Os resultados das escavações arqueológicas²⁹ no sítio Pedra do Alexandre resultaram em informações sobre as ocupações pré-históricas. O abrigo foi ocupado por um longo período; em determinados períodos foi utilizado como cemitério e como acampamento, fato atestado pela presença de enterramentos, fogueiras, restos alimentares, faunísticos (ossos de pequenos animais, caramujos), fragmentos de ocre com marcas de uso, objetos líticos e presença de vestígios de lascamento e fragmentos de cerâmica. Ao final das campanhas foram identificados enterramentos primários e secundários (Figuras 7 e 8) e dez datações foram obtidas, assinalando o sítio como um dos que apresentam ocupações mais antigas no Nordeste. As ocupações estão situadas de 9400 ± 90 anos BP a até 2620 ± 60 BP (Quadro 2).

Gabriela Martin, em várias publicações (1994, 1995-1996, 2004) destaca a importância deste sítio no contexto da pré-história do Nordeste, por estabelecer uma cronologia para a área e para o entendimento dos rituais e práticas funerárias realizadas, assim como o entendimento da ocupação do espaço do sítio como cemitério.

²⁹ Foram realizadas 14 campanhas, coordenadas pelos arqueólogos do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA): Ana Lúcia Nascimento, Claudia Alves de Oliveira e Suely Luna, sob a coordenação geral de Gabriela Martin. Os resultados das escavações indicam três estratos: o primeiro apresenta vestígios de intensa ocupação, abundância de carvão e fogueiras estruturadas; restos de lascamento e instrumentos líticos em quartzo e sílex; o segundo estrato representa toda a ocupação do sítio como cemitério; o terceiro apresenta terra clara e compacta até o fundo do abrigo.

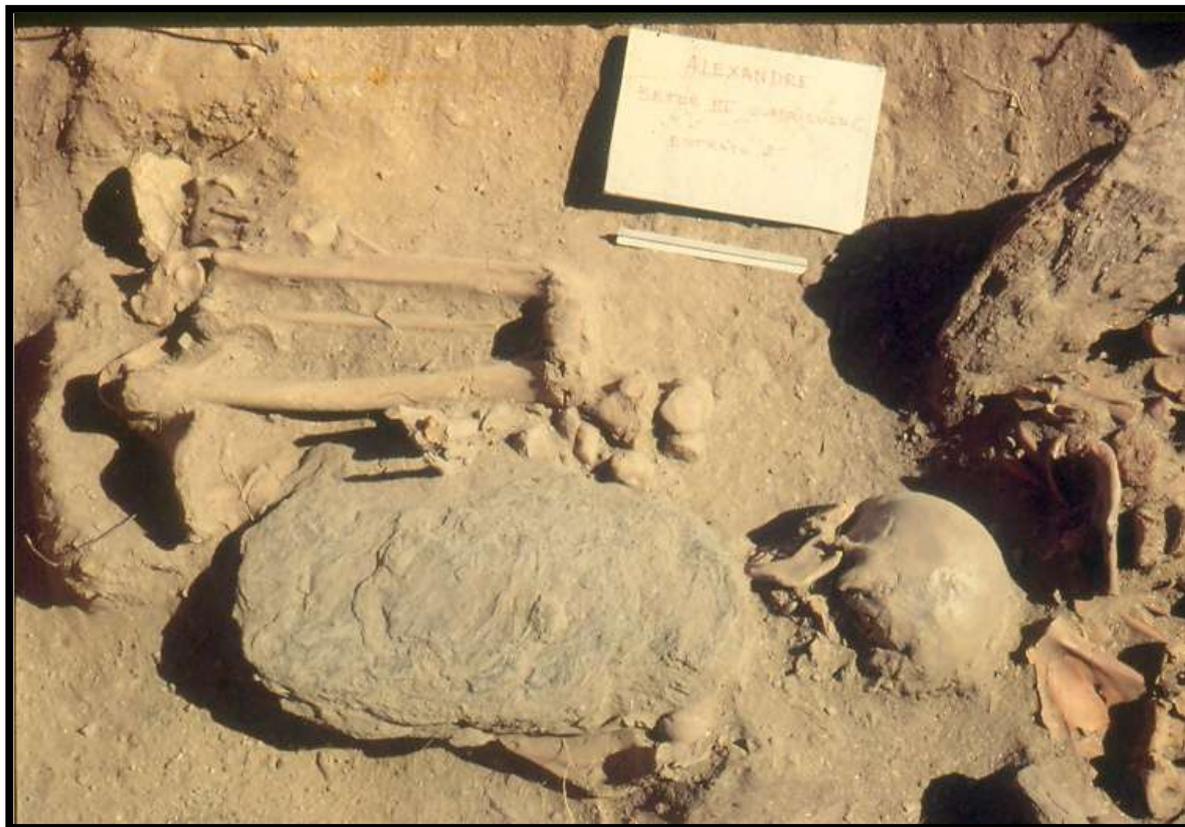


Figura 7: Sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 2, primário. Foto: Acervo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA.

Em relação aos estudos dos enterramentos, os primeiros resultados foram apresentados por Mello e Alvim, Uchôa e Silva (1995-1996), em pesquisa de caráter morfológico e osteobiográfico, com determinação de idade e sexo e das patologias, em 24 indivíduos. Quanto aos tipos de crânio, os indivíduos enterrados neste sítio são doliocrânios, na análise morfológica; na análise craniométrica são doliocrânios, hiperdolicocrânios, mesocrânios e hiperbraquicrânios. As patologias identificadas incluem hiperosteose, osteoporose e osteoartrose, desgaste dentário e cáries. Concluem os autores que o material estudado “(...) considerado ao lado das variações individuais marcadas, não apresenta uma soma de elementos morfológicos comuns capaz de caracterizá-lo” (1995-1996, p. 33).

Quadro 2
Datações do sítio Pedra do Alexandre

Datação C 14	Laboratório	Material datado
2620 ± 60 BP	CSIC 1061	Carvão – relacionado ao enterramento n. 7
2860 ± 25 BP	CSIC 945	Carvão – relacionado ao enterramento n. 9
2890 ± 25 BP	CSIC 966	Carvão – relacionado ao enterramento n. 9
4160 ± 70 BP	CSIC 1054	Carvão – relacionado ao enterramento n. 2
4710 ± 25 BP	CSIC 943	Carvão – relacionado ao enterramento n. 1
5790 ± 60 BP	CSIC 1060	Carvão – relacionado ao enterramento n. 6
6010 ± 60 BP	CSIC 1052	Carvão – relacionado ao nível inferior ao enterramento n. 1
8280 ± 30 BP	CSIC 965	Carvão – relacionado ao enterramento n. 4
9400 ± 35 BP	CSIC 967	Carvão – relacionado ao enterramento n. 3
9400 ± 90 BP	CSIC 105	Carvão – relacionado ao nível do enterramento n. 3

Fonte: Martin (2005a, p. 82-83, 112).

Em continuidade às primeiras investigações nos indivíduos da Pedra do Alexandre foi realizado um estudo paleopatológico, por meio de uma avaliação radiológica e histopatológica. Os resultados da análise em 11 indivíduos permitiram a formulação de um diagnóstico da situação paleopatológica (SANTOS, 1997).



Figura 8: Sítio Pedra do Alexandre. Enterramento 1, secundário. Foto: Acervo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA.

Em relação ao uso de pigmentos, Ramos (1995) realizou estudo sobre a origem e a composição dos pigmentos vermelhos utilizados nas pinturas rupestres, em fragmentos de óxido de ferro com marcas de uso e em alguns enterramentos do sítio Pedra do Alexandre. Testes microquímicos e exames físicos atestam que o óxido de ferro foi o mineral utilizado como matéria-prima nas pinturas, nos enterramentos e também em vários níveis da área escavada. Em relação ao uso de pigmentos, os testes comprovam que foi utilizado apenas nos enterramentos 1, 5 e 11. Outro dado ressaltado pela autora, sobre os pigmentos, se refere à variação na cor, na espessura e nas características físicas das camadas. Estas variações podem indicar mudanças no preparo dos corantes ou até o uso de diferentes fontes de matéria-prima. Isto pode ser indicador de mais um elemento característico do ritual realizado nos enterramentos.

Os primeiros resultados quanto à identificação da fauna de vertebrados indicam a presença de pequenos mamíferos, destacando-se os gêneros *Kerodon sp.* (mocó) e *Trichomys sp.* (punaré) e marsupiais; e répteis, representados pelos gêneros *Tupinambis sp.* (teju) e *tropidurus sp.* (lagartixa), e por poucos ossos de anfíbios da ordem anura, representados pelas rãs (QUEIROZ; CARDOSO, 1995-1996). Em continuidade, por meio de análise tafonômica e zooarqueológica, foi possível reafirmar a presença de uma fauna constituída de pequenos animais. Parte desta foi trazida para o sítio por outros animais, ou faziam parte do material utilizado pelos homens como alimento ou instrumento, pois alguns ossos apresentavam marcas de material cortante. Alguns enterramentos apresentavam, como acompanhamento funerário, adornos e apitos confeccionados de ossos. As análises identificaram que os adornos foram feitos de ossos de cervídeo (enterramento 2) e os apitos de ossos de aves (enterramentos 2 e 15) (QUEIROZ, 2002, p. 277).

Em relação aos vestígios cerâmicos identificados, foi feito um estudo para identificar a função, seja de uso cotidiano e/ou cerimonial, no contexto do sítio Pedra do Alexandre e em dois sítios da área que apresentam vestígios funerários: os sítios Casa de Pedra e Pedra do Chinelo. Os resultados, em relação ao sítio Pedra do Alexandre, indicam que não há cerâmica de uso cerimonial. O material cerâmico existente não está relacionado com os enterramentos (FONTES, 2003).

Por fim apresentamos, nesta síntese, o trabalho de Mutzemberg (2007). O autor realizou um estudo da ocupação humana pré-histórica do sítio Pedra do Alexandre, com base em uma perspectiva da Arqueologia ambiental e da Geoarqueologia. Os resultados, em relação à formação do depósito sedimentar do sítio Pedra do Alexandre, indicam que foi anterior ao período de ocupação humana. Porém, quanto ao depósito arqueológico, as análises estratigráficas indicam que foi composto, em sua quase totalidade, por processos pós-deposicionais relacionados aos rituais funerários realizados neste sítio, durante um longo período. A origem das camadas arqueológicas está diretamente relacionada aos sucessivos enterramentos (MUTZEMBERG, 2007).

3.2.3 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos (Área Arqueológica Serra da Capivara - PI)

O abrigo Toca da Baixa dos Caboclos está localizado na Fazenda São Francisco, município de Gervásio de Oliveira, sudeste do Estado do Piauí, entre as coordenadas 8° 26' 667" S e 42° 05' 034" W. O sítio mede 51 metros de comprimento por 15 metros de profundidade, com orientação sudoeste-noroeste e abertura a sudeste (Figura 9). As paredes apresentam painéis com pinturas rupestres da Tradição Geométrica (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998).



Figura 9: Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Foto: Acervo FUMDHAM.

Na Toca da Baixa dos Caboclos foram descobertos nove (9) enterramentos, oito (8) em urnas e um (1) em fossa diretamente no solo. A primeira campanha ocorreu em 1996, e a segunda, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1998. As urnas dos enterramentos 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8 são alisadas, polidas e com decoração corrugada na superfície externa. As vasilhas que serviam de tampa eram alisadas. A urna 2

apresentava restos de fuligem na parte externa. Nesta, havia o esqueleto de uma criança de idade estimada em 3 anos e 6 meses (Figura 10).

Por sua vez, a urna 9 apresenta uma cerâmica diferente das outras. As paredes são finas e lisas, com decoração pintada na superfície. O enterramento era de uma criança de poucos meses, com sinais de mumificação natural; uma das mãos e as unhas estavam conservadas, além dos cabelos. Como acompanhamento, havia

(...) duas flechas confeccionadas a partir de duas varas de madeira, cujas pontas foram talhadas em viés. Junto delas, encontrou-se um pequeno galho com corda trançada de fibra vegetal amarrada nas duas pontas, formando um pequeno arco (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998, p. 131-132).

Esse enterramento foi datado em 230 ± 50 BP (BETA – 115612).



Figura 10: Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Detalhe do enterramento de criança da Urna 2.
Foto: Acervo FUMDHAM.

A urna 1 também apresentava o enterramento de uma criança com idade estimada em 3 anos, com vestígios de pele e cabelo (Figura 11). O corpo foi depositado em decúbito lateral esquerdo. Pele e carvão foram datados. Os resultados para a datação da pele são de 371 ± 40 BP (BETA – 113115) e 310 ± 50 BP (BETA - 114558); para o carvão, a datação é de 450 ± 40 BP (BETA -113114). (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998, p. 137).

Quanto à cronologia (Quadro 3), os resultados das datações indicam que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos foi utilizado por um grupo contemporâneo à colonização do interior do Piauí, entre 1500 e 1660, e neste caso poderia estar relacionado aos grupos que tiveram contato com os colonizadores ou que migraram, fugindo deles.



Figura 11: Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Detalhe do enterramento da Urna 1.

Foto: Acervo FUMDHAM.

Quadro 3
Datações do sítio Toca da Baixa dos Caboclos

Datação C 14	Laboratório	Material datado
450 ± 40 BP	BETA 113114	Carvão relacionado à urna 1
371 ± 40 BP	BETA 113115	Pele relacionada à urna 1
340 ± 40 BP	BETA 113112	Fibra vegetal/cabelo relacionados à urna 1
310 ± 50 BP	BETA 114558	Pele relacionada à urna 1
230 ± 50 BP	BETA 115612	Pele relacionada à urna 9

Fonte: Guidon; Vergne; Vidal (1998).

Em relação à presença de outras evidências arqueológicas, foram encontrados seixos lascados, alguns com marcas de uso, chopper, chopping tool, lascas, raspadores e fragmentos de cerâmica alisados e decorados, durante o resgate das urnas, porém, em pequena quantidade. Este fato pode indicar que o abrigo foi utilizado para a realização de rituais de enterramentos e a execução de pinturas (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998, p. 129).

Dentre os estudos realizados com o material arqueológico deste sítio, podemos citar o trabalho sobre a preservação natural ou mumificação de restos humanos, que objetivou identificar as condições que poderiam ter possibilitado a preservação natural dos indivíduos enterrados nas urnas. Neste mesmo trabalho foi feita a descrição dos enterramentos, com a posição do corpo e os materiais associados, bem como a identificação do sexo e da idade (SOUZA et al., 2002).

Os resultados indicam que os enterramentos primários de crianças da Toca da Baixa dos Caboclos ocorreram de modo diferenciado e por isso apresentam a melhor preservação em relação aos adultos, pois foram mais rapidamente dissecados pelas condições naturais do enterramento.

Esses enterramentos sofreram um processo de decomposição incompleta e permaneceram parcialmente mumificados no interior das vasilhas. Durante a realização do enterramento não foi colocado sedimento dentro das vasilhas; estas foram tampadas. O fato de enterrar e tampar cria um ambiente com pouco oxigênio, favorável à preservação, por diminuir a proliferação de microorganismos.

O sedimento encontrado dentro das urnas entrou progressivamente, de acordo com os processos pós-deposicionais ocorridos posteriormente à mumificação parcial. Quando isto ocorreu, devido ao pisoteio de animais e pessoas no abrigo e às enxurradas, o processo de decomposição reiniciou-se. Isto pode explicar por que os enterramentos das urnas 4, 5 e 8 estavam mais destruídos e mal conservados do que os outros. Assim, o fenômeno observado na Toca da Baixa dos Caboclos resultou de um conjunto de condições favoráveis e se explica por um processo de mumificação parcial (SOUZA et al., 2002, p.98).

Outro trabalho foi efetuado com o material cerâmico proveniente deste sítio e de outros abrigos: a Toca do Serrote do Tenente Luiz e a Toca do Pitombi (SILVA, 2006). O material cerâmico foi analisado, com o objetivo de esboçar os perfís cerâmicos e realizar um estudo comparativo entre os vestígios cerâmicos desses abrigos e os das aldeias já estudadas, na área do Parque Nacional Serra da Capivara (Aldeia da Queimada Nova, Barreirinho, Baixão da Serra Nova) e na área do entorno, como é o caso do sítio Cana Brava.

Os resultados do estudo comparativo indicam que os vestígios cerâmicos encontrados na Toca da Baixa dos Caboclos não apresentam semelhanças com os vestígios encontrados nas aldeias já estudadas.

3.2.4 Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz (Área Arqueológica Serra da Capivara - PI)

A Toca do Serrote do Tenente Luiz é um abrigo sob rocha. Está localizado no município de São João do Piauí, no sudeste do Estado do Piauí, nas coordenadas 783909E/ 9024947N. As primeiras campanhas de escavação realizadas neste sítio ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2002. Outras campanhas ocorreram nos anos de 2003, 2005 e 2006.

Neste sítio foram descobertos vinte e quatro (24) esqueletos humanos (KESTERING, 2005). Alguns foram depositados em urnas funerárias e outros, em fossas funerárias, diretamente no solo (Figura 12).



Figura 12: Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz. Enterramento 9. Detalhe do enterramento em fossa. Foto: Acervo FUMDHAM.

Os enterramentos nas urnas eram caracterizados pelo uso de duas vasilhas: uma como envoltório para o corpo e a outra como tampa; apresentavam bom estado de conservação (Figura 13). Os indivíduos enterrados nas urnas em sua maioria eram crianças.



Figura 13: Sítio Toca do S. do Tenente Luiz. Urna 7. Detalhe urna com tampa.

Foto: Acervo FUMDHAM.

Os enterramentos nas fossas apresentavam fraturas e achatamento, em decorrência do peso dos sedimentos e o intenso pisoteio humano e de animais nesta gruta. De acordo com Celito Kesting, esta gruta era utilizada

(...) como costumavam ser os sítios arqueológicos da região sudeste do Piauí, para armazenamento de cal, para abrigar cabras, ovelhas e porcos criados soltos na caatinga, para depósito de maniçoba e até como residência de vaqueiros (2005, p. 4).

Como resultado da escavação foram evidenciados, além dos enterramentos, material lítico, fragmentos de cerâmica e estrutura de fogueira. Foram também

evidenciados “(...) em camadas mais profundas, ossos da megafauna pleistocênica, em adiantado estágio de fossilização” (KESTERING, 2005, p. 4-5).

Foram realizadas datações. Para o enterramento 9, de um indivíduo jovem, existem dois resultados para datação de dentes: 920 ± 35 BP (Ua – 23386) e 935 ± 40 BP (Ua – 22776). Uma terceira datação, de 365 ± 40 BP (Ua – 22074), poderia indicar uma continuidade no sítio ou enterramentos de grupos distintos (Quadro 4).

Quadro 4
Datações do sítio Toca do S. do Tenente Luiz

Datação C 14	Laboratório	Material datado
920 ± 35 BP	Ua – 23386	Dente - enterramento 9, em fossa
935 ± 40 BP	Ua – 22776	Dente - enterramento 9, em fossa
365 ± 40 BP	Ua – 22074	Enterramento em urna

Fonte: Silva (2006, p.96).

Leandro Silva (2006) realizou estudo com o material arqueológico deste sítio, comentado anteriormente. Os resultados do estudo comparativo entre os materiais cerâmicos indicam que tanto na Toca do Serrote do Tenente Luiz quanto na Toca da Baixa dos Caboclos todos os objetos cerâmicos estão relacionados ao contexto funerário, pois foram identificados no sítio, na função de urnas. A utilização destes objetos ocorreu de duas maneiras: por meio da reutilização (pois apresentavam marcas de fuligem e desgastes), ou por meio de produção específica para a função de urna funerária (urnas com pintura de listras paralelas na superfície interna).

A comparação do perfil cerâmico do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz com os perfís das aldeias já estudadas (Aldeia da Queimada Nova, Barreirinho, Baixão da Serra Nova e Cana Brava), revelam que também não apresentam semelhanças.

3.2.5 Sítio Justino (Área Arqueológica de Xingó - SE)

É um sítio a céu aberto, situado em um terraço fluvial na margem esquerda do rio São Francisco, na confluência com o riacho Curituba, município de Canindé do São Francisco, Sergipe. Este sítio foi identificado em 1990, pela presença de fragmentos de cerâmica na superfície do solo, numa área de plantação de milho e feijão, na Fazenda do Nego. Está posicionado nas coordenadas 627561 E/ 8938881 N e apresenta uma área de 1.500 m² (VERGNE, 2004).

Este sítio foi sistematicamente escavado, como parte do trabalho de salvamento, constatando-se que se tratava de um grande cemitério³⁰. Este fato, aliado às datações, coloca o sítio Justino como referência na ocupação do baixo São Francisco por grupos pré-históricos.

Como resultado do trabalho desenvolvido neste sítio foram resgatadas mais de 55 mil peças arqueológicas, além das estruturas funerárias e fogueiras. O sítio foi ocupado, durante um longo período, por grupos ceramistas e não ceramistas. As datações em carvões de fogueiras demonstram uma sequência cronológica compreendida entre 8980 ± 70 BP (BETA 86745) e 1280 ± 45 BP (LYON 5750). Essas datações situam a presença de grupos ceramistas nesta área do rio São Francisco em 4000 anos BP (VERGNE, 1995-1996).

O sítio Justino foi ocupado sobretudo como cemitério, mas também como habitação, fato atestado pela presença de estruturas de fogueiras, restos alimentares, conchas, manchas escuras, objetos líticos e fragmentos cerâmicos. Cleonice Vergne trabalhou com a hipótese de que cada período de ocupação estava intercalado pela presença de enterramentos que poderiam ter sido produzidos por distintos grupos ou, ao contrário, revelar uma continuidade na área (VERGNE, 2002, p. 252-253).

Devido à grande riqueza de vestígios deste sítio, diversos trabalhos têm sido ali realizados: estudos diretamente relacionados aos enterramentos e à cultura material (VERGNE, 1997, 2002, 2004, 2005a, 2005b); na Antropologia Física, especialmente

³⁰ As pesquisas realizadas no sítio Justino ocorreram durante os anos de 1991 a 1994, sob a coordenação de Cleonice Vergne, da Universidade Federal de Sergipe.

das paleopatologias, tafonomia e demografia (CARVALHO, 2006, 2007; CARVALHO; QUEIROZ, 2005; SIMON et al., 1999); estudos sobre a presença de animais em enterramentos (CARVALHO; QUEIROZ; VERGNE, 2002); estudo do material lítico (FAGUNDES, 2007; JERÔNIMO; CISNEIROS, 1997; MELLO; SILVA; FOGAÇA, 2007; SILVA; VERGNE; POZZI, 2001); estudos dos grupos ceramistas (LUNA; NASCIMENTO, 1997; LUNA, 2001). Estudos arqueométricos também foram realizados nos vestígios cerâmicos (DANTAS, 2005; SANTOS; MUNITA, 2007).

Em relação aos estudos diretamente relacionados aos enterramentos, podemos destacar os realizados por Vergne (2002, 2004, 2005a, 2005b). Foram identificados cento e sessenta e sete (167) enterramentos, totalizando cento e oitenta e cinco (185) esqueletos, entre primários (Figura 14) e secundários (Figura 15), de adultos, em sua maioria, e que apresentavam material lítico e cerâmico associado; além de concentrações de ossos e cremações (VERGNE, 2005a).

Em sua tese, Vergne (2004) apresentou todo o resultado do trabalho realizado no sítio Justino e investigou, em particular, a distribuição do conjunto de enterramentos no tempo e no espaço, procurando compreender os aspectos relacionados a distinções sociais presentes na realização dos rituais funerários deste sítio.

Após as análises, o estudo da distribuição espacial dos enterramentos e das datações, foi verificado ter havido, neste sítio, quatro conjuntos de ocupações para os enterramentos, sendo três de grupos ceramistas e uma, mais antiga, relacionada a grupos não ceramistas.



Figura 14: Sítio Justino – enterramento primário, esqueleto 18. Foto: Olívia Carvalho.

Essas ocupações foram identificadas e descritas como quatro cemitérios: A, B, C e D.

As sepulturas foram distribuídas no perfil do sítio, nas camadas estratigráficas naturais em que foram encontradas, tomando-se com referência a base das estruturas, o que permitiu identificar os principais conjuntos funerários na dimensão vertical. A seguir, os sepultamentos foram mapeados com base nas cotas topográficas definidas para o contorno de cada estrutura funerária, permitindo visualizar, na dimensão horizontal, a sua organização espacial (VERGNE, 2005a, p.48).



Figura 15: Sítio Justino – enterramento secundário, esqueleto 166.

Foto: Olívia Carvalho.

As datações obtidas a partir de carvões de fogueiras (Quadro 5) foram utilizadas para demarcar as quatro ocupações, porém, em relação aos enterramentos, funcionam como datações relativas. Não há, neste sítio, datações dos enterramentos.

Quadro 5
Datações do sítio Justino

Datação C 14	laboratório	Material datado
8980 ± 70 BP	(BETA – 86745)	Carvão – relacionado ao cemitério D
5570± 70 BP	(BETA – 86744)	Carvão – relacionado ao cemitério C
4380 ± 70 BP	(BETA – 86741)	Carvão – relacionado ao cemitério C
3270± 135 BP	Lyon – 5752	Carvão – relacionado ao cemitério B
2650± 160 BP	Instituto de Geociências, Bahia – 1807	Carvão – relacionado ao cemitério B
2530 ± 160 BP	Instituto de Geociências, Bahia – 1804	Carvão – relacionado ao cemitério A
1770 ± 60 BP	Lyon – 5751	Carvão – relacionado ao cemitério A
1280 ± 45 BP	Lyon – 5750	Carvão – relacionado ao cemitério A

Fonte: Vergne (2005a, p.81-82; 2002, p.255, 257, 258, 262).

O estudo das paleopatologias, tafonomia e demografia da população enterrada no sítio Justino vem sendo realizado desde o final da década de 90. Olívia Carvalho (2006, 2007) realizou o estudo tafonômico, osteométrico, paleopatológico e paleodemográfico de duzentos e sete (207) esqueletos provenientes dos sítios Justino com cento e setenta e sete (177) esqueletos e São José II com trinta (30) esqueletos. Este trabalho se baseou na sistematização, análise e interpretação dos dados sobre os enterramentos e material ósseo. O estudo objetivou não apenas caracterizar essa população, mas também contribuir para o conhecimento das populações humanas pré-históricas brasileiras e suas condições de saúde e de doenças. Importante ressaltar a contribuição no aspecto do ritual funerário, através do reconhecimento dos gestos funerários, isto é, das etapas durante a preparação e a destinação do corpo na cova

Suely Luna (2001) realizou o estudo dos vestígios cerâmicos de vinte e um (21) sítios, incluindo o Justino e São José II, localizados na área do Baixo São Francisco, entre os estados de Sergipe, Bahia e Alagoas. Dedicou-se a determinar o desenvolvimento próprio da tecnologia cerâmica na área do Baixo São Francisco,

em contraposição às ideias que relacionavam os grupos ceramistas desta região aos povos de origem Tupi. Em relação ao sítio Justino, analisou vasilhas, fragmentos e cachimbos relacionados aos enterramentos. Os resultados indicam que, nas ocupações de grupos ceramistas, há uma grande variedade de objetos de cerâmica que integravam os enterramentos do sítio Justino.

Por sua vez, Dantas (2005) abordou a temática das marcas e manchas de utilização identificadas em vasilhames cerâmicos do sítio Justino e a relação desses materiais com sua função social. Os resultados indicam que a maioria das peças foi utilizada em uso diário, fato atestado pela presença de fuligem nas faces externas e internas e manchas de oxidação na base das vasilhas. As mesmas vasilhas foram utilizadas nos enterramentos, o que indica uma mudança na função social do objeto cerâmico inicialmente de uso cotidiano e, posteriormente, como acompanhamento funerário e/ou como urna.

3.2.6 Sítio São José II (Área Arqueológica de Xingó - AL)

É um sítio a céu aberto, situado em um terraço fluvial, com 14,34 metros de altura, em área de confluência do rio São Francisco com o riacho Talhado. Este sítio foi identificado na Fazenda São José, nas coordenadas 620.700 E/ 8.945.440 N, município de Delmiro Gouveia, Alagoas.

O sítio São José II foi escavado entre 1993 e 1994, pela equipe do PAX. O resultado do estudo atesta a presença dos seguintes vestígios: peças líticas, fragmentos cerâmicos, carvão, ossos de animais e enterramentos. Esses elementos indicam que a área foi ocupada como cemitério e habitação.

Quanto à cronologia, foram obtidas duas datações (Quadro 6). A primeira, de 3500 ± 110 BP (BETA 86739), corresponde a carvões de uma fogueira associada ao enterramento 6, decapagem 18; a segunda, de 4140 ± 90 BP (BETA 86740), a carvões de uma fogueira situada na decapagem 19 (LUNA, 2001).

Quadro 6
Datações do sítio São José II

Datação C 14	Laboratório	Material datado
3500 ± 110 BP	(BETA 86739)	Carvão - decapagem 18
4140 ± 90 BP	(BETA 86740)	Carvão - decapagem 19

Fonte: Luna (2001).

Alguns estudos tratavam especificamente dos enterramentos (CARVALHO, 2006; CARVALHO;VERGNE, 2001; VERGNE, 1997). Outros se dedicaram ao material cerâmico (LUNA, 2001). Santos e Munita (2007) estudaram os vestígios cerâmicos de seis sítios da área de Xingó, entre eles o São José II, aplicando uma abordagem arqueométrica à cerâmica.

Os enterramentos foram evidenciados a três metros de profundidade e distribuídos entre as camadas 28 e 42. No total, foram retirados 28 enterramentos, divididos em: seis (6) secundários e vinte e dois (22) primários (Figuras 16 e 17) (CARVALHO;VERGNE, 2001). Apresentavam pouco material associado. Posteriormente, com o estudo tafonômico, osteométrico, paleopatológico e paleodemográfico realizado por Carvalho (2006), ficou estimado em 30 o número de esqueletos no sítio São José II. Suely Luna (2001) realizou o estudo dos fragmentos cerâmicos deste sítio. Porém, não havia vasilhas inteiras ou urnas relacionadas aos enterramentos.



Figura 16: Sítio São José II – enterramento primário, esqueleto 5. Foto: Olívia Carvalho.



Figura 17: Sítio São José II – enterramento primário, esqueleto 10. Foto: Olívia Carvalho.

CAPÍTULO 4

AS IDENTIDADES NAS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS: ANÁLISE DOS DADOS

Os dados trabalhados na análise dos sítios Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II, são, em sua maioria, qualitativos ou categóricos. Os resultados apresentados estão centrados, portanto, nas seguintes variáveis, indicadoras de elementos de identidade: categorias relacionadas ao corpo, incluindo o sexo e a idade; posição do corpo; tipo de enterramento; elementos constituintes da cova; acompanhamentos funerários e cronologia das ocupações. Entretanto, percebemos que os contextos das escavações não concorreram para uma avaliação mais aprofundada dos elementos de identidade. Destacamos que a falta de conservação do material arqueológico, por conta das condições climáticas, de solo e humanas, contribuiu negativamente para a conservação do material. Também a falta de dados uniformes e a grande quantidade de dados ausentes ou de categorias indeterminadas não permitiram um melhor aproveitamento das informações disponíveis na identificação de identidades.

4.1 Procedimentos utilizados na análise das estruturas funerárias

Nas práticas funerárias é possível reconhecer os elementos ou marcadores de identidades na recorrência e na representatividade material qualitativa e quantitativa das categorias analisadas. A representação de identidades esta baseada, primordialmente, nas semelhanças, mas também nas diferenças. Desta maneira para propor elementos ou marcadores de identidades é preciso, na estrutura funerária:

1. Verificar as recorrências e as diferenças encontradas nas variáveis analisadas de cada sítio;
2. Realizar associações entre as variáveis mais recorrentes em cada sítio;
3. A partir dos resultados das associações, propor hipoteticamente quais seriam os marcadores de identidades.

O primeiro procedimento da análise foi dar um tratamento uniforme e sistemático aos enterramentos dos seis sítios selecionados por meio do banco de dados. Em seguida, identificamos, por meio da estatística descritiva, as recorrências e as diferenças presentes nas unidades funerárias de cada sítio. As semelhanças e as diferenças identificadas podem sugerir a existência de padrões ou de escolhas sociais na forma de tratar os mortos.

A partir da identificação das variáveis de análise, realizamos associações entre as que estavam presentes na maioria dos sítios. As variáveis utilizadas para as associações foram: sexo, idade (faixa etária), tipo de enterramento, posição do corpo, adornos, envoltórios, material lítico, material cerâmico e a cronologia das ocupações.

Após as associações realizadas, definimos, hipoteticamente, quais os elementos que poderiam servir como indicadores de identidades coletivas, considerando para isso as variáveis citadas anteriormente.

4.1.1 Variáveis culturais e biológicas

Os dados de trezentos e quarenta e cinco (345) indivíduos (Tabela 1) foram analisados utilizando variáveis biológicas e culturais.³¹ A descrição das variáveis biológicas e culturais de análise fundamenta-se nas terminologias e classificações de vários especialistas. Assim, utilizamos as propostas por Binford (1971), O'Shea (1984), Saxe (1970), Tainter (1978), e, nas terminologias para descrição de enterramentos humanos, as sugeridas por Silva (2005,2006). Os elementos biológicos se referem às informações obtidas por meio de estudos antropológicos dos restos humanos. Os trabalhos com enfoque biológico oferecem dados físicos sobre as populações pré-históricas (sexo, idade, nutrição, *causa mortis*, alimentação, doenças, saúde) como também são observados os possíveis processos tafonômicos que podem ter ocorrido com esses enterramentos. A

³¹ Nos sítios estudados o número de indivíduos analisados não corresponde ao total de enterramentos que havia nos sítios. Só analisamos os indivíduos para os quais havia dados de campo e de laboratório. Com exceção do sítio Toca da Baixa dos Caboclos com apenas nove enterramentos no sítio.

importância desses trabalhos reside no fato de que, partindo da morte, revelam aspectos da vida dessas populações, de extrema importância na caracterização das etnias que povoaram o Brasil, como também podem ser utilizados para estabelecer marcadores de identidades coletivas. A identificação do sexo e da idade dos indivíduos pode permitir inferências sobre os papéis sociais atribuídos a cada gênero. O'Shea (1984) destaca a importância do sexo e da idade, considera-os referenciais primários em relação a outros. Em toda sociedade os indivíduos são, inicialmente, divididos pelo sexo e pela idade. É a primeira identidade a ser atribuída a um indivíduo. Por isso esses dois elementos são importantes na identificação de identidades.

Tabela 1: Indivíduos Analisados

<i>Sítios</i>	<i>Enterramentos</i>	<i>Indivíduos analisados</i>
Furna do Estrago	81	73
Pedra do Alexandre	24	29
T. B. Caboclos	9	9
T. T. Luiz	20	22
Justino	167	182
São José 2	28	30
<i>Total</i>	<i>329</i>	<i>345</i>

Fonte: Banco de dados

A análise do contexto arqueológico funerário é fundamental para a identificação dos processos que afetam os ossos antes e após a realização de um determinado ritual funerário, principalmente para determinar se ocorreu descarte, desarticulação, marcas de instrumentos. Os desgastes nos ossos podem ser indicativos de atividades de trabalho realizadas no grupo e podem estar relacionados ao gênero ou à posição social.

Em nossa análise, utilizamos os dados biológicos trabalhados por Mello e Alvim, Uchoa, Silva (1995-1996), para o sítio Pedra do Alexandre. Carvalho (2006; 2007), Simon; Carvalho (1999), para os sítios Justino e São José II. Carvalho (1992; 1995), Mello e Alvim; Mendonça de Souza (1983-1984; 1984), Mendonça de Souza (1992, 1995), para o sítio Furna do Estrago. Souza et al. (2002), para o sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Para o sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz as análises foram

realizadas por Maria Shannon Parks, da Texas University, e Olívia A. Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe.

As variáveis culturais incluem os dados relativos às características dos enterramentos, do corpo, a preparação do corpo, a destinação do corpo, a posição do corpo e dos membros. Também estão incluídos os elementos materiais associados ao enterramento ou ao ritual. São itens que passaram a fazer parte do contexto funerário, podendo ter sido, anteriormente, do próprio morto, da sua família ou preparados especialmente para o momento do ritual funerário. Os acompanhamentos são categorias variadas de dados relacionados ao contexto arqueológico, que requerem observação e registro durante o trabalho de campo (BINANT, 1991). São exemplos os instrumentos (de trabalho, musicais), adornos, vasilhas cerâmicas, corantes, vestígios vegetais e da fauna. Pode-se incluir outro grupo de materiais, as oferendas, utilizadas durante o ritual funerário, mas de difícil verificação no registro arqueológico.

Os acompanhamentos são importantes reveladores de atividades econômicas, como também de autoridade e status, como afirma Binford (1971). Por sua vez, Tainter (1978) propõe observar se há ausência de determinado material relacionado à idade e ao sexo. Os tipos de materiais, as quantidades e suas características relacionadas à idade e ao sexo dos indivíduos enterrados podem ser marcadores, também, de identidades coletivas e/ou individuais.

Para os dados referentes às variáveis culturais, utilizamos as seguintes publicações: Carvalho (1992, 1995), Lima (1985a, 1985b; 2001), Mendonça de Souza (1992), Menezes (2006), além de fichas dos enterramentos, fotografias, desenhos e os relatórios, para o sítio Furna do Estrago. Martin (1994, 1995-1996, 2004), Queiroz (2002), Ramos (1995), Torres (1995-1996), e fichas dos enterramentos, fotografias, desenhos e relatórios de campo, para o sítio Pedra do Alexandre. Guidon et al. (1998), Kesting (2005), Silva (2006), Souza et al. (2002), e as fichas dos sítios, plantas, desenhos dos enterramentos, registros de laboratório das escavações dos enterramentos, relatórios, caderno de campo e fotografias, para os sítios Toca da Baixa dos Caboclos e Toca do Serrote do Tenente Luis. Carvalho (2006, 2007),

Carvalho; Vergne (2001), Dantas (2005), Luna (2001), Vergne (1995-1996, 1997, 2002, 2004, 2005a, 2005b), para os sítios Justino e São José II.

A cronologia é um elemento fundamental para a delimitação de identidades, no tempo. Para analisar a variação e a utilização dos elementos de identidades, ao longo do tempo, utilizamos como critérios cronológicos os estabelecidos pelos pesquisadores de cada sítio.

4.1.2 Estatística descritiva

A estatística descritiva aplica técnicas para descrever e sumarizar um conjunto de dados. Os dados podem ser descritos por meio de gráficos e tabelas. O trabalho estatístico foi realizado por Karin Von Schmalz Peixoto, utilizando o programa Minitab. As bases de dados referentes aos sítios estudados foram descritas utilizando as frequências de ocorrência (em porcentagem) de cada categoria, dentro da variável (no caso das variáveis categóricas), ou a frequência de ocorrência dos valores merísticos (para variáveis numéricas). A moda³² foi a medida de tendência central usada para descrever as ocorrências mais recorrentes. Cada variável, quando possível, foi ilustrada com um gráfico tipo torta ou barra.

Para a descrição de cada variável, a unidade de análise foi o esqueleto, ou o indivíduo enterrado, com exceção das variáveis referentes ao número de indivíduos por enterramento (se a cova continha um enterramento simples, duplo ou triplo), já que a maioria das variáveis contém informações pertinentes a cada um dos indivíduos, mesmo em enterramentos múltiplos.

A grande maioria das informações das bases de dados é categórica³³, e a alta proporção de dados inexistentes, para algumas variáveis, impede que elas sejam representativas da amostra. Por exemplo, a identificação do sexo é indeterminada para uma alta proporção dos indivíduos enterrados. Isto impossibilita determinar a

³² A moda é o valor mais freqüente em um conjunto de dados; é o valor que detém o maior número de observações. É útil para valores não numéricos.

³³ Dados categóricos são qualitativos. Por exemplo, o sexo, a idade.

real razão sexual dos enterramentos nos sítios, pois os indivíduos indeterminados podem levar esta razão para qualquer sexo. Nestes casos, não foi feita nenhuma análise mais profunda da variável e aguarda-se a coleta de mais dados em cada sítio para análises e conclusões futuras.

Em alguns casos, fez-se uma revisão do número de categorias em uma variável para permitir a análise estatística, agrupando-se categorias similares, de forma a reduzir o número de variações. Um exemplo é a faixa etária: na base de dados original, há categorias como “adulto”, “adulto jovem” e “adulto indeterminado”, que foram agrupadas em uma única categoria, “adulto”. Outro exemplo é o tipo de adorno recuperado com o esqueleto. Apesar de perder-se, neste caso, a peculiaridade de cada um destes artefatos, a redução das categorias a termos mais gerais (por exemplo, “colar”, independente do material utilizado) permite a visualização da riqueza e diversidade de adornos e auxilia na análise da amostra. Variáveis numéricas que continham muitos valores de “zero” (como as referentes aos materiais líticos do sítio Justino) foram agrupadas pela mesma razão, fornecendo duas novas variáveis: “número de artefatos” (indicando a riqueza de artefatos no enterramento) e “número de tipos de artefatos” (indicando a diversidade). Este método de organização de dados é coerente com o sugerido por Shennan (1997), para análise de material arqueológico.

Para determinar possíveis diferenças entre enterramentos de diferentes categorias (como faixas etárias), dentro de um mesmo sítio, foram utilizados, quando possível, testes de significância não-paramétricos³⁴, como o de Kruskal-Wallis, que verifica a variância de uma variável numérica dentro de categorias de uma variável categórica. Devido ao grande número de variáveis categóricas, não foi possível utilizar métodos mais avançados, como as análises multivariadas, que necessitam de muitas variáveis contínuas. A pequena quantidade de dados, junto com a natureza destes, impediu a utilização de outros testes e de estatística paramétrica.

Para a análise de diferenças entre os sítios foram criadas variáveis contínuas com as frequências de certas variáveis encontradas em cada sítio, e utilizou-se o teste de

³⁴ Os testes não-paramétricos são utilizados quando não se tem uma distribuição normal dos dados, ou seja, quando não há dados suficientes; quando não se conhece a distribuição de uma população.

Kruskall-Wallis³⁵ e a correlação de Pearson para verificar a significância da variação. Todos os testes têm um nível de significância de 95%, e o valor de p , para considerar o resultado significativo, foi de 0,05.

4.2 Sítio Furna do Estrago (PE)

No sítio **Furna do Estrago** há oitenta e um (81) indivíduos catalogados que apresentavam boa conservação dos ossos. Contudo avaliando as mutilações observadas em alguns casos e a falta de dados sobre alguns enterramentos consideramos, em nossas análises, apenas setenta e três (73) indivíduos que apresentavam dados parciais sobre as estruturas funerárias. Os enterramentos estavam concentrados e, em algumas situações, organizados em conjuntos e sobrepostos (LIMA, 2001). Em alguns locais ocorreu uma recolocação de esqueletos, para dar lugar a novos enterramentos. Nestes, a deposição não foi resultado de enterramentos secundários, e sim, de uma “arrumação” de antigos esqueletos. Como resultado desse tipo de ação, muitos encontravam-se em parte destruídos e friáveis; em um caso, apenas a cabeça foi resgatada (como o FE 22). Isto explica também a presença de ossos descontextualizados nos níveis superiores do abrigo.

De acordo com os parâmetros profundidade das fossas e registro estratigráfico foram definidos, hipoteticamente, para a ocupação do sítio como cemitério, que a profundidade em que se encontravam os esqueletos seria um indicador cronológico. Três níveis de enterramentos foram estabelecidos (Figura 18). A ocupação antiga, com os enterramentos posicionados abaixo de 80 cm de profundidade; a ocupação intermediária, com fossas funerárias entre 50 e 80 cm de profundidade, e a ocupação recente, com os posicionados a até 50 cm de profundidade (LIMA, 2001). O posicionamento cronológico da ocupação do sítio como cemitério ficou compreendido entre 1000 e 2000 BP. Uma datação de 1040 ± 50 BP foi usada inicialmente como referência aos enterramentos, que seriam mais antigos do que esta data:

³⁵ O teste Kruskal-Wallis é usado para comparar três ou mais grupos independentes com uma variável ordinal para testar se há diferenças significativas.

A (...) avançada datação de 1040 ± 50 AP para o nível de carvão, possibilita uma estimativa de datações ainda mais recuadas para os sepultamentos de uma outra ocupação cujas fossas funerárias se superpunham até aos 120 cm de profundidade (LIMA, 1985b, p. 98).

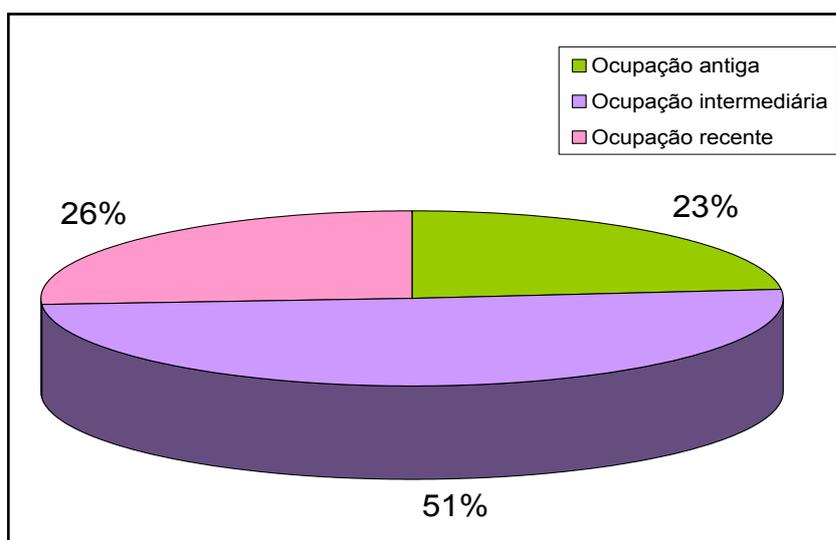


Figura 18: Cronologia relativa dos enterramentos do sítio Furna do Estrago.

Este posicionamento cronológico pode ser parcialmente comprovado com três datações que colocam o cemitério em uso por aproximadamente 250 anos: 1860 ± 50 BP (Beta 145954) para o enterramento FE -18 (ocupação antiga), 1730 ± 70 BP (Beta 149749) para o enterramento FE-87.23 e 1610 ± 70 BP (Beta 145955) para o enterramento FE-45 (ocupação recente). Em relação ao número de indivíduos enterrados em cada ocupação, foi maior na ocupação intermediária.

Todos os enterramentos da Furna do Estrago são simples, ou seja, apenas um indivíduo por enterramento. Em relação à determinação do sexo dos indivíduos, as proporções encontradas foram: 15,1% do sexo feminino (correspondendo a 11 indivíduos); 35,6% do sexo masculino (correspondendo a 26 indivíduos); em 49,3% dos casos não foi possível a identificação do sexo (correspondendo a 36 indivíduos) (Figura 19). A alta proporção de indivíduos sem a determinação do sexo impediu que esta variável fosse utilizada em testes de múltiplas variáveis.

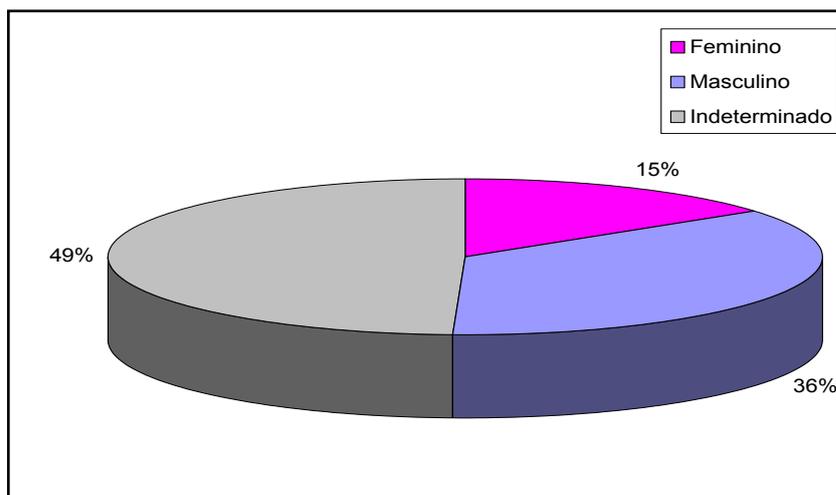


Figura 19: Distribuição dos sexos nos enterramentos do sítio Furna do Estrago.

Do total dos indivíduos indeterminados quanto ao sexo, vinte (20) são crianças e três (3) são adolescentes. Os treze (13) indivíduos restantes são adultos.

Na variável idade há sete categorias: lactente; criança; adolescentes; adulto jovem; adulto; idoso; e indeterminado³⁶. Na Furna do Estrago, os indivíduos enterrados estavam distribuídos, por idade, como visto na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição por faixa etária dos indivíduos enterrados na Furna do Estrago.

<i>Faixa etária</i>	<i>Total de indivíduos</i>	<i>Proporção de indivíduos (%)</i>
Lactente	8	10,96
Criança	12	16,44
Adolescente	3	4,11
Adulto Jovem	18	24,66
Adulto	27	36,99
Idoso	4	5,48
Indeterminado	1	1,36

Neste sítio, a maioria dos indivíduos enterrados era adulta; somando-se adultos jovens e adultos, 61,65% dos enterramentos encontram-se nestas categorias (Figura 20).

³⁶ Classes de idade: lactente (0-2a); criança (>2-12a); adolescente (>12-20a); adulto jovem (>20-35a); adulto (>35-50a); idoso (>50a) e indeterminado (quando não foi possível determinar).

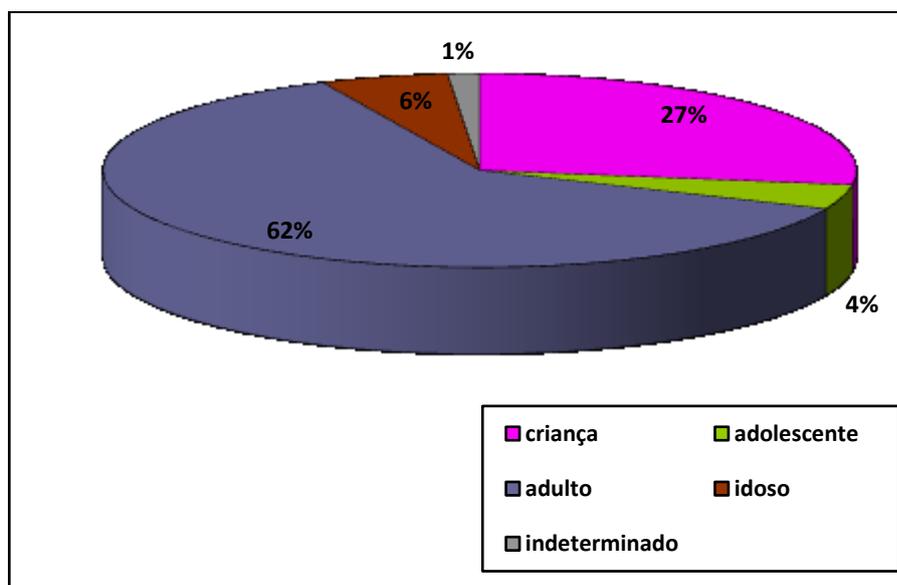


Figura 20: Distribuição da faixa etária dos indivíduos enterrados no sítio Furna do Estrago.

Agrupando-se as faixas etárias em três categorias: “Infante” (incluindo “lactente”, “criança” e “adolescente”); “Adulto” (incluindo “adulto jovem” e “adulto”) e “idoso”, foi possível realizar alguns testes com esta variável.

Estudos genéticos realizados na população inumada na Furna do Estrago indicam que estava constituída por indivíduos com maior proximidade biológica. É o caso dos indivíduos FE 1, FE 3, FE 4, FE 5, FE 6, FE 7, FE 8 e FE 19 da ocupação intermediária, o FE 16 da ocupação antiga e o FE 17 da ocupação recente (LIMA, 2001). Em termos gerais, os indivíduos são braquicrânios, de constituição robusta, com dimorfismo sexual acentuado e estatura médio-baixa. Os homens variando entre 1,57 e 1,63m e as mulheres entre 1,49 e 1,59m. Nos indivíduos jovens e adultos foi constatado todo o tipo de desgaste dentário. O desgaste dentário começa a se fazer presente nas crianças com quatro anos. Entre os sexos, o desgaste é mais acentuado entre as mulheres e estaria associado às atividades de trabalho, como a confecção de trançados, e a uma maior ingestão de alimentos abrasivos na dieta, associada a vegetais fibrosos (RODRIGUES, 1997).

Verificamos que, em todas as idades, o enterramento primário foi predominante. São “primários” (60 enterramentos; 82,19% da amostra); “secundários” (3 enterramentos;

4,11%); e “restos de ossos” (7 enterramentos; 9,59%). Três enterramentos, ou 4,11% da amostra, foram classificados como “indeterminados” (Figura 21). Os restos de ossos correspondem a enterramentos que foram perturbados e dos quais não é possível definir o tipo de enterramento. Todas as crianças e adolescentes estão em enterramentos primários. Os três enterramentos secundários pertenciam a um idoso e a dois adultos. Desta forma, há recorrência do enterramento primário em todas as idades e nas três ocupações.

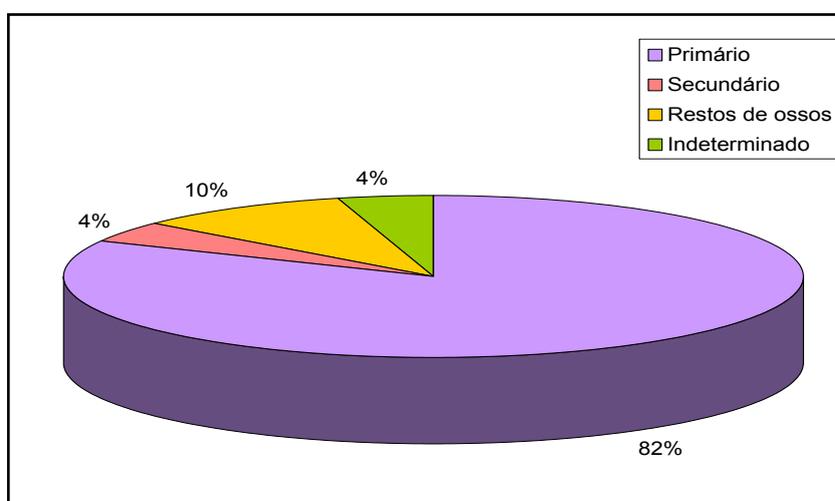


Figura 21: Tipos de enterramentos no sítio Furna do Estrago.

No enterramento secundário do idoso não há adornos nem envoltório. Parece que na ocupação intermediária o idoso passa a ter mais objetos em seu enterramento, pois dois idosos da ocupação antiga não tinham adornos. Isto poderia ser indicador de uma mudança nos costumes sociais em relação aos idosos. Os resultados da estatística descritiva indicam um aumento no número de adornos na ocupação intermediária, em todas as idades.

A deposição do corpo está relacionada com a idade. Em outras palavras, a idade foi fator diferencial na posição do corpo no enterramento. Esta variável descreve a posição do corpo no enterramento e tem as seguintes categorias: “decúbito dorsal” (13 indivíduos; 17,81% da amostra); “decúbito lateral” (5 indivíduos; 6,85%); “decúbito lateral direito” (16 indivíduos, 21,92%); e “decúbito lateral esquerdo” (15 indivíduos; 20,55%). Para 24 indivíduos, ou 32,88% da amostra, a posição do corpo

não foi determinada (Figura 22). Contudo, reduzindo as categorias para decúbito dorsal, decúbito lateral e indeterminados, observa-se que a posição predominante para os adultos e adolescentes foi o decúbito lateral, tanto direito como esquerdo, não havendo relação da lateralidade com o sexo. Em relação às crianças, a maioria (12 indivíduos), distribuídas nas três ocupações, foi depositada em decúbito dorsal. Porém, quatro (4) estavam em decúbito lateral e em três não foi possível determinar a posição do corpo no enterramento.

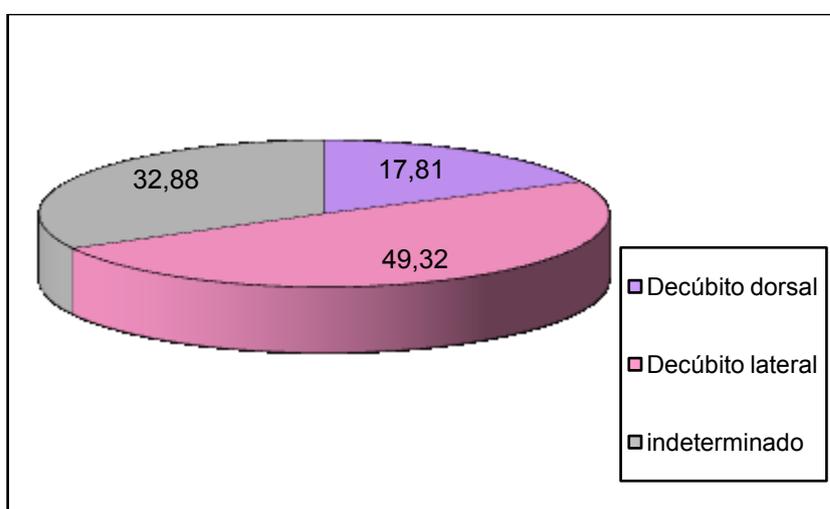


Figura 22: Posições dos corpos no sítio Furna do Estrago.

Este resultado, apesar do número de indeterminados, é um forte indicador de identidades baseadas na idade dos indivíduos. Adultos e crianças foram enterrados em posição diferenciada, pois representam identidades distintas. Os exemplos demonstrados no capítulo 2 em relação aos registros etnográficos relatam as diferenças e as variações dentro dos padrões funerários de um grupo em função da idade, sexo, parentesco, tipo de morte.

Foi verificada a frequência das posições dos corpos nas três ocupações, através de um gráfico de *cluster* (Figura 23). Porém, os resultados não indicam variação nas três ocupações. Isto pode significar que a posição do corpo manteve-se regular ao longo dos três períodos de ocupação em função da idade dos indivíduos.

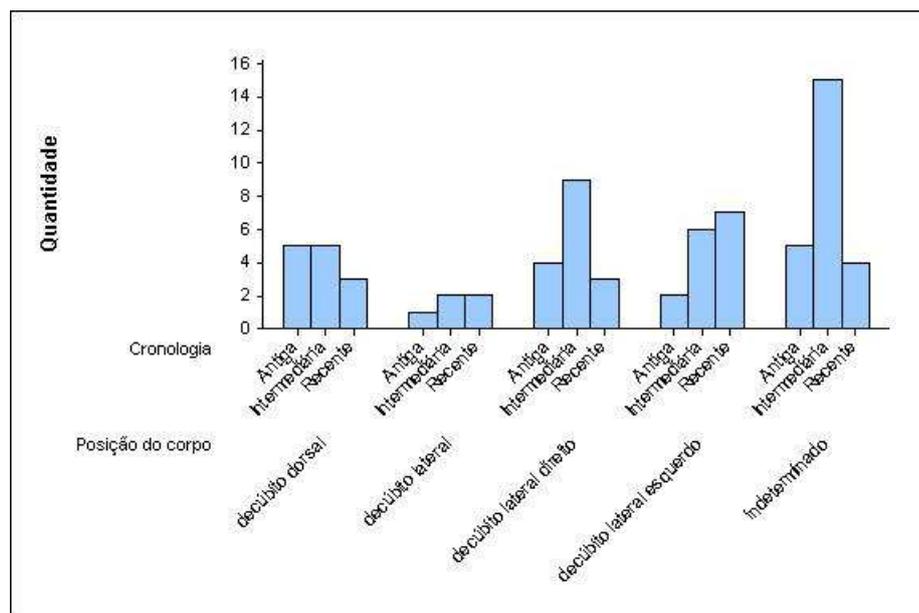


Figura 23: Frequência das posições dos corpos do sítio Furna do Estrago, nas três ocupações.

Em relação à presença de acompanhamentos funerários no sítio Furna do Estrago, foram encontradas contas de colares e pingentes em quarenta e um (41) enterramentos (ou 56,9% do total no sítio), de adultos e crianças. Estes adornos são descritos em nove (9) categorias de matéria-prima. A distribuição dos tipos de adornos pode ser vista na Tabela 3 e na Figura 24.

Tabela 3: Distribuição dos adornos encontrados em 41 enterramentos do sítio Furna do Estrago, de acordo com o tipo.

<i>Tipo de adorno</i>	<i>Quantidade</i>
Colar de conchas	2
Colar de ossos	23
Colar de pedra	5
Colar de dentes	1
Colar de osso e dente	1
Colar de osso e concha	3
Colar de osso e pedra	1
Colar de sementes	3
Colar de osso/concha/pedra	3

Os resultados indicam recorrência na utilização dos adornos como acompanhamento funerário. Agrupando os adornos em categorias mais gerais, como colares de contas ou pingentes, verifica-se que a maioria é representada por colares, feitos de materiais diversos, como: conchas, ossos, sementes e pedras

(Figura 24), enquanto os pingentes foram confeccionados de ossos, dentes ou pedras.

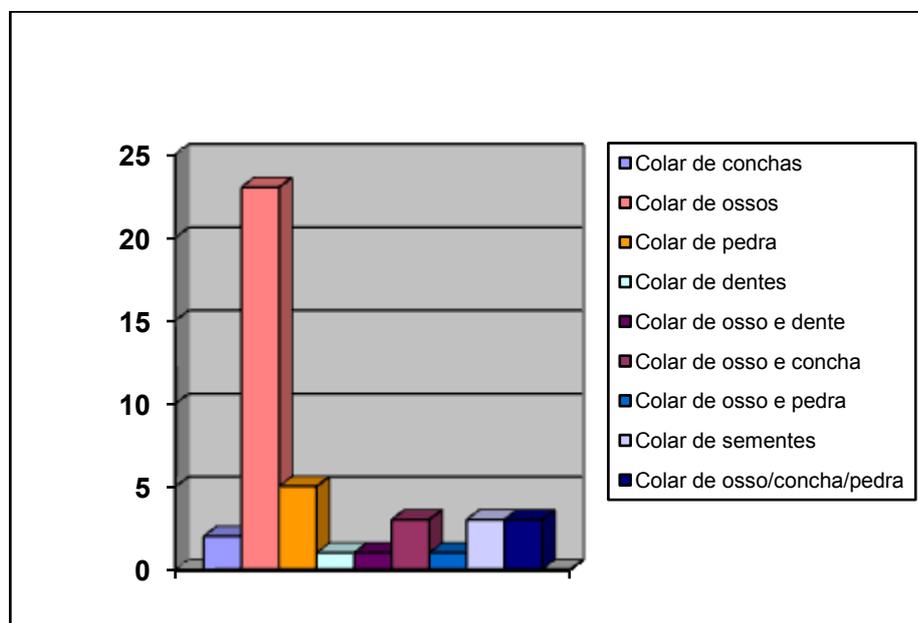


Figura 24: Frequência de tipos de matéria-prima dos adornos do sítio Furna do Estrago.

A frequência predominante de adornos nos indivíduos adultos foi de colares de contas de ossos; em segundo lugar, colares de pedras e de conchas. Tanto no sexo masculino como feminino a predominância corresponde aos colares feitos de ossos. Isto também ocorre nos adultos de sexo indeterminado. Os pingentes apresentaram número reduzido e, em sua maioria, faziam parte do colar.

Nas crianças também houve predominância de adornos de ossos. A quantidade de adornos por criança também foi recorrente: predomínio de apenas um adorno por enterramento. Porém, na ocupação recente constatou-se um aumento no número de crianças com adornos: três crianças com adorno e uma não o possuía. Quanto à quantidade de adornos por enterramento, estimamos que houvesse, para a maioria dos enterramentos, apenas um adorno (38 das 41 enterramentos com adornos, ou 92,68%).

Algumas hipóteses foram testadas para analisar se a faixa etária dos indivíduos enterrados influenciou no número de adornos encontrados nos enterramentos. Para

isso, utilizando-se a faixa etária agrupada (com três categorias), realizou-se um teste de Kruskal-Wallis, não-paramétrico, para ver se há diferença significativa entre o número de adornos encontrados em cada uma das três faixas de idade; o resultado foi não-significativo (Kruskal-Wallis: $N=72$; $H=2,69$; $DF=2$; $P=0,260$), indicando que não há diferença significativa entre o número de adornos encontrados em cada uma das três faixas de idade.

Observamos também que não foi utilizado, como acompanhamento funerário, material cerâmico nem lítico, ou seja, objetos relacionados a atividades de subsistência.

Sementes de gindiroba (*Fevillea trilobata*) e de pequi (*Caryocar coriaceum* Wittm.) também foram utilizadas como colares e estão presentes em apenas três indivíduos adultos da ocupação intermediária (MENEZES, 2006). Além de sementes, foram identificados cordéis de caroá (*Neoglaziovia variegata* Mez.) associados a quatro indivíduos (três adultos e uma criança). De acordo com Lima (2001) os cordéis estariam relacionados aos colares, talvez com função de cordão para as contas.

Algum tipo de envoltório de fibra vegetal foi encontrado em 42 indivíduos (57,53% dos enterramentos), que foram categorizados como: “esteira” (13 indivíduos; 17,8% do total); “palha” (14 corpos; 19,18%); “trançado” (um indivíduo; 1,36% da amostra); “esteira e palha” (9 indivíduos; 12,39%); “esteira e trançado” (3 indivíduos; 4,11% das amostras); “palha e trançado” (um indivíduo; 1,36% da amostra); e “esteira, palha e trançado” (um indivíduo; 1,36% da amostra).

A natureza da variável “tipo de envoltório” não permite a análise por testes de significância, mas pode-se visualizar a frequência de uso dos materiais entre as ocupações através de um gráfico de *cluster* (Figura 25). Nos indivíduos adultos as esteiras e a palha foram utilizadas separadamente e também em conjunto; nas crianças foi constatado o uso predominante de esteiras, seguido da palha e do trançado. Os trançados apresentam as seguintes técnicas: trançado torcido vertical e trançado quadricular gradeado compacto. As esteiras foram confeccionadas com folhas de palmeira e as cordinhas com fibras de caroá (MENEZES, 2006).

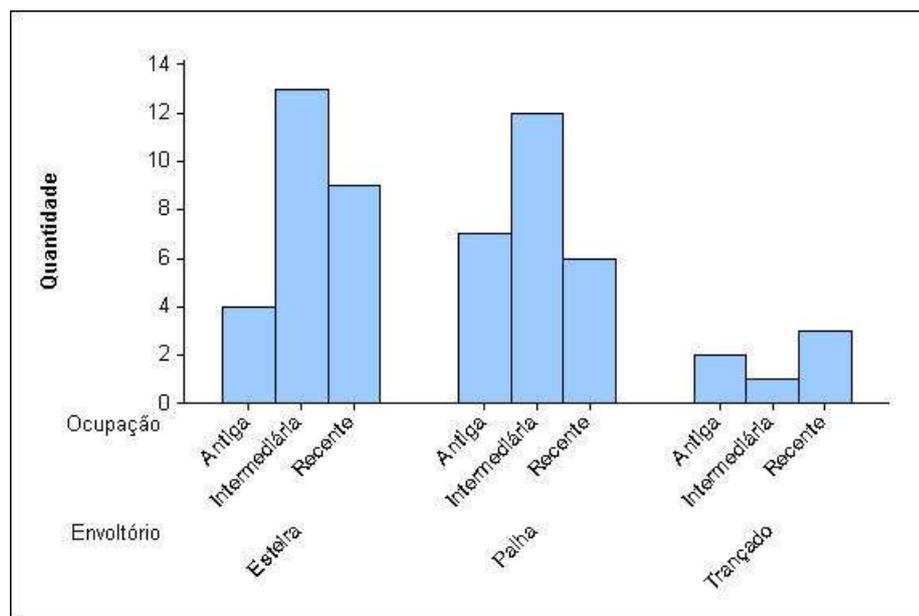


Figura 25: Frequência de uso de diversos materiais como envoltório dos indivíduos enterrados no sítio Furna do Estrago, nas três ocupações.

Observa-se que as esteiras e a palha foram utilizadas durante as três ocupações, porém com maior frequência na intermediária; já o trançado teve um uso mais restrito; provavelmente estava associado a enterramentos de indivíduos com posição social mais destacada neste grupo. Já a palha e as esteiras estavam associadas à maioria dos enterramentos sendo, portanto, um elemento recorrente nas estruturas funerárias deste sítio.

Alguns elementos presentes nos enterramentos não possuem recorrência: instrumentos musicais, instrumentos de osso e instrumentos de madeira. Apenas alguns indivíduos foram enterrados com esses objetos. Isto estaria relacionado à má conservação do material ou a uma diferenciação social; seriam objetos destinados a indivíduos de posição social diferenciada e/ou mais velhos. Dois enterramentos apresentaram instrumentos musicais. O enterramento de um indivíduo idoso de sexo indeterminado continha duas flautas de osso humano, enquanto o enterramento de um homem adulto continha uma flauta de osso humano. Apenas o enterramento de um indivíduo adulto do sexo masculino continha uma espátula de osso de mamífero. Do mesmo modo, dois enterramentos de adultos masculinos continham um tacape, instrumento feito em madeira. Em relação aos elementos constituintes da cova, não foi possível aproveitar estas variáveis na análise, pois não havia dados suficientes

sobre tamanho, altura, forma, profundidade ou sobre os materiais utilizados como estrutura ou para demarcar o local dos enterramentos.

4.2.1 Síntese

Neste sítio foi possível observar que o ritual funerário apresentava elementos de recorrência. Realizar o enterramento primário fazia parte do padrão funerário destes indivíduos. Todas as faixas etárias estavam enterradas: adultos, adolescentes, crianças e idosos, porém a maioria dos indivíduos era constituída de adultos.

Verificamos que a deposição do corpo estava relacionada com a idade. A idade foi fator diferencial na posição do corpo no enterramento; para os adultos e adolescentes a recorrência era ser enterrado em decúbito lateral, não importando para que lado. A maioria das crianças (12 indivíduos) foram depositadas em decúbito dorsal.

Os resultados indicam recorrência também na utilização dos adornos como acompanhamento funerário. Tanto nas crianças como nos adultos foram utilizados colares de contas de osso, de amazonita e de concha. Os colares de osso foram os mais recorrentes em todas as idades. Porém, nas crianças e nos adolescentes não havia adornos de sementes; esses foram utilizados em três indivíduos adultos da ocupação intermediária; envoltórios de fibras vegetais (palha e esteiras) foram associados à maioria dos enterramentos sendo, portanto, um elemento recorrente nas estruturas funerárias deste sítio.

Quanto à representação material de identidades no contexto funerário para este sítio identificamos os colares e as fibras vegetais como elementos de uma identidade coletiva, pois são recorrentes na maioria dos indivíduos enterrados; apesar do número de variáveis indeterminadas, constatamos recorrência no tipo de enterramento, no uso de envoltório de fibras vegetais, no uso de adornos e na maneira de depositar o morto na cova. Além desses objetos como marcadores de identidades coletivas argumentamos que existem elementos indicadores de identidades da idade, pois a deposição do corpo estava relacionada com a faixa

etária. A idade foi fator diferencial na posição do corpo no enterramento. Adultos e crianças foram depositados em função de suas idades. Neste sítio, os indivíduos adolescentes foram depositados, da mesma forma que os adultos, em decúbito lateral, ou seja, suas identidades estariam mais próximas dos adultos. Já a maioria das crianças foi depositada em posição dorsal. A idade, portanto, não é apenas uma categoria biológica, mas construída culturalmente e está relacionada com o papel atribuído a cada indivíduo dentro de seu grupo social.

Esses elementos recorrentes são indicativos de semelhanças no ritual funerário. Os dados por nós analisados permitem afirmar que há mais elementos semelhantes entre as três ocupações do que diferenças. E este é um forte indicador de persistência de identidades coletivas. Este fato também pode reforçar a hipótese de Lima (1985a, 2001), de que se tratava de um mesmo grupo, com proximidade biológica, que utilizou o abrigo de forma contínua como cemitério.

4.3 Sítio Pedra do Alexandre (RN)

No sítio **Pedra do Alexandre** consideramos em nossas análises vinte e nove (29) indivíduos, distribuídos em vinte e quatro (24) enterramentos e que apresentavam dados parciais sobre as estruturas funerárias. Mesmo nesses enterramentos a falta de dados de algumas categorias não permitiu a realização de testes estatísticos, apenas utilizamos a estatística descritiva. A quantidade de ossos fragmentados e isolados, identificados em muitas quadrículas, durante as escavações, pode ser um indicativo de um número maior de enterramentos que foram perturbadas ou totalmente destruídas, ao longo do tempo, com a acomodação de novos enterramentos. A conservação do material ósseo de alguns enterramentos também dificultou a identificação do sexo e da idade de alguns indivíduos.

As dez datações obtidas situam o sítio como um dos que apresentam ocupações mais antigas, com enterramentos, para o Nordeste. As ocupações estão compreendidas de 9400 ± 90 anos BP a até 2620 ± 60 BP.

Em relação ao número de indivíduos presentes nos enterramentos, foi verificado que a maioria dos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre é simples (62%, correspondendo a 18 indivíduos), ou seja, apenas um indivíduo por enterramento. Porém, identificamos enterramentos duplos (13,7%, correspondendo a 4 indivíduos), e múltiplos (13,7%, correspondendo a 4 indivíduos) e indeterminados, quando não foi definida a quantidade de indivíduos no enterramento (10,3%, correspondendo a 3 indivíduos) (Figura 26).

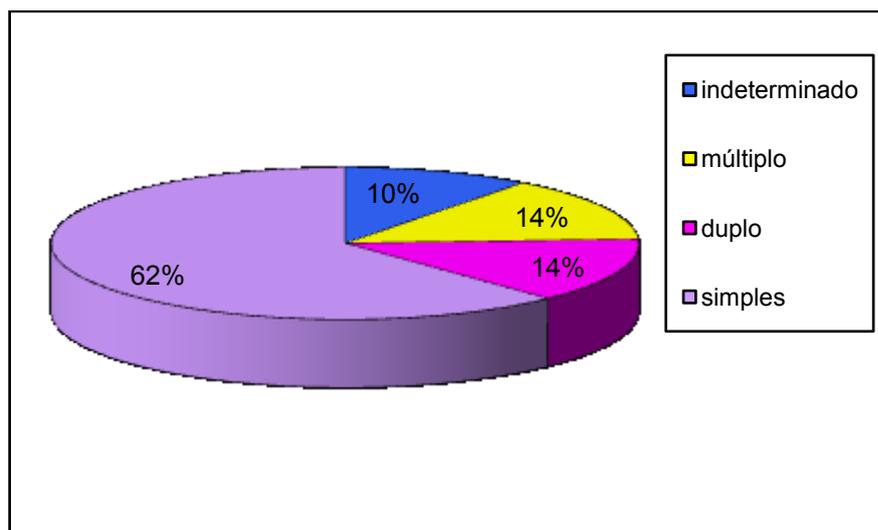


Figura 26: Número de indivíduos depositados nos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre.

Com relação à determinação do sexo dos indivíduos, as proporções encontradas foram de 6,8% do sexo feminino (correspondendo a 2 indivíduos); 20,6% do sexo masculino (correspondendo a 6 indivíduos); e 72,4% em que não foi possível a identificação do sexo (correspondendo a 21 indivíduos) (Figura 27).

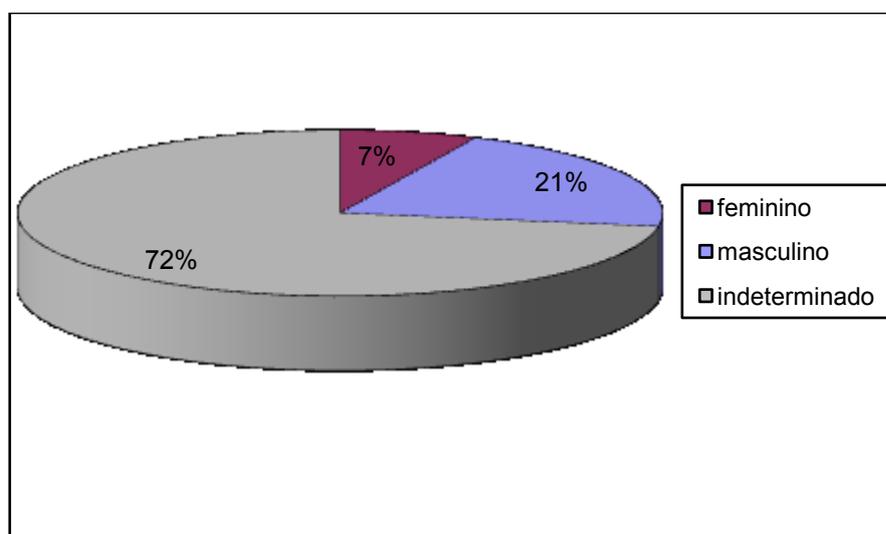


Figura 27: Distribuição dos sexos nos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre.

Do total dos vinte e um (21) indivíduos indeterminados quanto ao sexo, quatorze (14) são crianças, dois (2) são adultos e sete (7) são indeterminados quanto à idade. Na variável idade há cinco categorias: criança; adolescente; adulto; idoso e indeterminado. Neste sítio, os indivíduos enterrados estavam distribuídos, por idade, como visto na Tabela 4 e na Figura 28. Observa-se que a maioria dos indivíduos enterrados eram crianças.

Tabela 4: Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Pedra do Alexandre.

<i>Faixa etária</i>	<i>Total de indivíduos</i>	<i>Proporção de indivíduos (%)</i>
Criança	14	48,27
Adolescente	2	6,89
Adulto	7	24,13
Idoso	1	3,44
Indeterminado	5	17,27

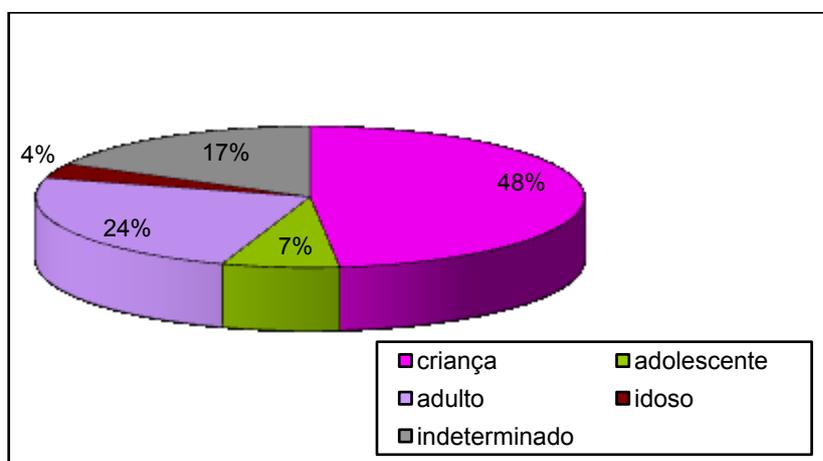


Figura 28: Distribuição de faixa etária dos indivíduos enterrados no sítio Pedra do Alexandre.

Quanto às características da população enterrada no sítio Pedra do Alexandre, foi observado que os indivíduos apresentavam condições físicas regulares e ausência de doenças infecciosas. No conjunto, tinham condições satisfatórias de adaptação ao meio e de nutrição adequada, não apresentando nenhuma alteração óssea produzida por escolhas culturais, como deformação craniana ou mutilação dentária (SANTOS, 1997).

Verificamos que o enterramento “secundário” é predominante em 65,5% da amostra (19 enterramentos); e 34,4% são “primários” (10 enterramentos) (Figura 29). A maioria das crianças era enterrada de forma secundária (10 enterramentos); os adultos (4 secundários e 3 primários), os adolescentes (1 primário e 1 secundário); o único idoso está em enterramento primário; entre os indeterminados a maioria também é secundário. Verificamos, neste sítio, uma recorrência para enterramentos secundários e infantís.

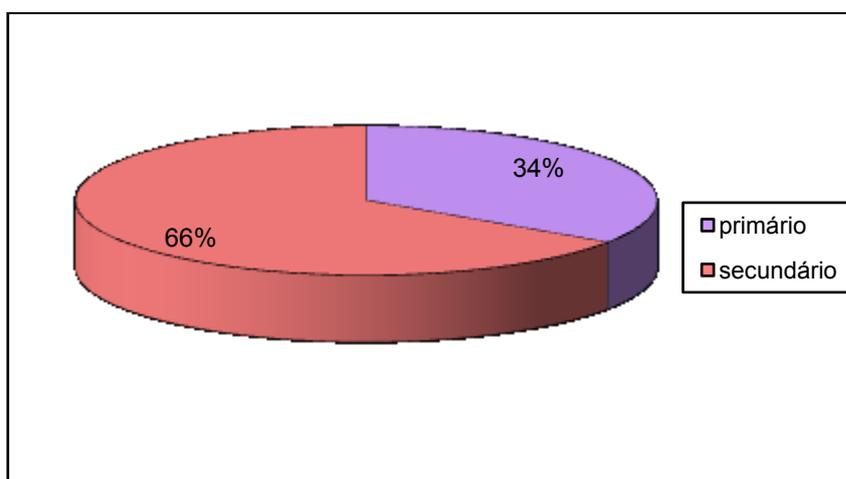


Figura 29: Tipos de enterramento no sítio Pedra do Alexandre.

No sítio Pedra do Alexandre duas áreas foram utilizadas para a deposição dos enterramentos. Os enterramentos primários estavam localizados, em sua maioria, nos setores V e XI, próximos ao paredão do abrigo. Vale ressaltar que os enterramentos com pigmento vermelho nos ossos (1, 5 e 11) também estão nesses setores. Os secundários e com datações mais recentes, por sua vez, estavam, predominantemente localizados nos setores I, II, III, IV e X (RAMOS, 1995).

A posição do corpo no enterramento apresenta as seguintes categorias: “decúbito lateral direito” (5 indivíduos, 17,2%); “decúbito lateral esquerdo” (1 indivíduo; 3,4%); e “indeterminados” (4 indivíduos; 13,7%). Para 19 indivíduos, ou 65,5% da amostra, a posição do corpo não foi determinada, por tratar-se de enterramentos secundários, ou seja, não havia uma determinada posição para o corpo, pois os ossos estavam desarticulados. Assim, não há condição de avaliar a posição do corpo como elemento de identidade.

Em relação à presença de acompanhamentos funerários no sítio Pedra do Alexandre, foram encontradas contas de colares e apitos, em três enterramentos (ou 10,3% do total no sítio). Os adornos são descritos em três categorias de matéria-prima. A distribuição dos adornos pode ser vista na Tabela 5.

Tabela 5: Distribuição dos adornos encontrados em três enterramentos do sítio Pedra do Alexandre.

<i>Tipo de adorno</i>	<i>Quantidade</i>
Colar com pingente de osso	2
Colar de ossos	1
Colar de sementes e de osso	1

Apenas uma criança tinha dois adornos. Os outros dois colares estavam nos enterramentos de um adulto masculino e de um adolescente masculino. Esses dois indivíduos masculinos portavam também cada um apito de osso de ave. Apenas no enterramento do indivíduo masculino adolescente foi feita datação de 4160+/-70 BP. Portanto, não fez parte, de forma recorrente, o uso de adornos nos enterramentos deste sítio; talvez por tratar-se de grupos distintos e distantes no tempo, que escolheram este abrigo para enterrar alguns de seus membros. Os instrumentos musicais também não foram utilizados com recorrência como acompanhamento funerário.

Por sua vez, não há envoltórios, fragmentos cerâmicos, instrumentos de osso, instrumentos de madeira e instrumentos líticos associados aos enterramentos. Estes materiais não foram escolhidos pelos grupos que enterraram seus mortos neste abrigo.

O uso de corante nos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre também foi pontual. Em apenas três foi constatada a presença de corantes: enterramentos 1, 5 e 11. Os pigmentos que recobriam os esqueletos apresentavam uma fina camada de cor vermelha de óxido de ferro. Mas, apresentam algumas diferenças quanto à homogeneidade e espessura dos pigmentos utilizados nos ossos. As variações podem indicar mudanças no preparo e na manipulação dos corantes ou o uso de jazidas distintas. Os ossos do enterramento 11 não foram pintados diretamente; provavelmente o corpo recebeu uma camada de pigmento, que se espalhou sobre

ele e posteriormente aderiu aos ossos. Nos quatro indivíduos do enterramento 1 houve variação no resultado dos pigmentos sobre os ossos, o que pode ser resultante da porosidade ou de um preparo diferenciado para cada indivíduo. Por sua vez, no enterramento 5 o pigmento vermelho apresenta-se distribuído uniformemente. Assim, os resultados indicam maneiras próprias de preparar os pigmentos e formas específicas de utilização (RAMOS, 1995).

Em relação aos elementos constituintes da estrutura funerária, apenas foi possível verificar a presença de pedras. O material das estruturas é constituído, em sua maioria, de micaxisto e arenito (Figura 30). Do total de vinte e quatro enterramentos (24), foi verificado que existem estruturas com pedras em dezesseis (16). Não foi possível analisar outros dados sobre os enterramentos, pois não havia informações suficientes sobre tamanho, altura e forma das covas. Os resultados indicam recorrência na utilização de estruturas de pedra como indicadores dos locais dos enterramentos ou como proteção.

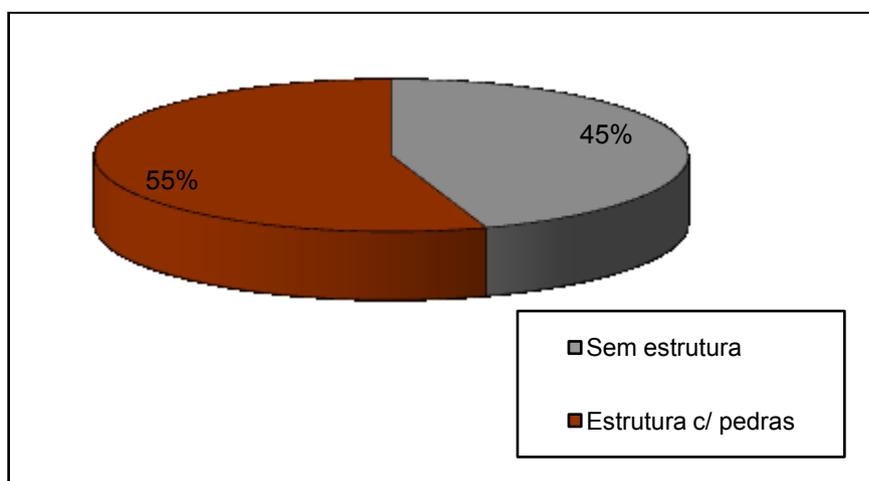


Figura 30: Enterramentos com estruturas no sítio Pedra do Alexandre.

4.3.1 Síntese

Neste sítio houve poucos elementos de recorrência. A grande distância cronológica entre os indivíduos poderia permitir observar a manutenção de alguns marcadores de identidade, porém observamos apenas duas recorrências: enterramentos secundários de crianças e a presença de estruturas de pedra demarcando os enterramentos; nos outros elementos constituintes das estruturas funerárias não encontramos recorrências.

Relacionando os enterramentos primários com as estruturas da cova verificamos que todos tinham estruturas de pedras demarcando as covas. Do total de 24 enterramentos, em dezesseis (66,6%) foram encontradas estruturas. Nos enterramentos infantís, a maioria (10 crianças, 41,6%: 7 em enterramentos secundários e 3 em enterramentos primários) também tinham estruturas com pedras.

Portanto, os dados analisados nos permitem afirmar que há mais elementos diferentes entre os enterramentos do que semelhantes. E este é um forte indicador da presença de distintos grupos que utilizaram este sítio para realizar rituais e enterrar seus mortos. O longo período em que o abrigo foi utilizado sugere que o mesmo era um local sagrado e de destaque na paisagem, fato que pode ter guiado a escolha do local para a prática de rituais. Talvez se trate de um sítio escolhido preferencialmente, por certos grupos, para a realização de rituais funerários de crianças. Neste caso, é perceptível o tratamento diferenciado dado às crianças neste sítio, observado na utilização de pigmento vermelho presente em três enterramentos infantís.

4.4 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos (PI)

No sítio **Toca da Baixa dos Caboclos** foram resgatados nove (9) enterramentos de crianças e de adultos que apresentavam boa conservação dos ossos. Alguns enterramentos de crianças tinham ainda partes mumificadas (restos de pele, cabelo, cartilagem, tendão e unha). Outros se encontravam, em parte, perturbados, como consequência de ações ocorridas neste sítio, como um desmoronamento em parte do abrigo, enxurradas e do pisoteio animal.

Todos os enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos são simples, ou seja, apenas um indivíduo por enterramento. Como também, em relação ao tipo de enterramento, verificamos que todos eram primários.

Na determinação do sexo dos indivíduos as proporções encontradas foram 22,2% do sexo masculino (correspondendo a 2 indivíduos) e 77,7% em que não foi possível a identificação do sexo (correspondendo a 7 indivíduos) (Figura 31). Do total dos indivíduos indeterminados quanto ao sexo, cinco (5) são crianças e dois (2) são adultos.

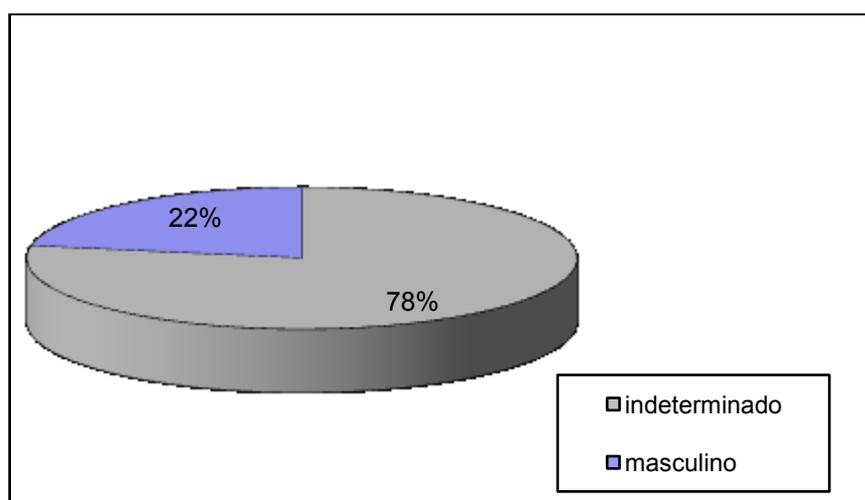


Figura 31: Distribuição dos sexos nos enterramentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Na variável idade há três categorias: lactente; criança e adulto (Tabela 6). Neste sítio não foi enterrado nenhum indivíduo idoso ou adolescente. Agrupando-se “lactente” e “criança” sob a denominação “criança” constata-se que a maioria dos indivíduos enterrados era criança (Figura 32).

Tabela 6: Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

<i>Faixa etária</i>	<i>Total de indivíduos</i>	<i>Proporção de indivíduos (%)</i>
Lactente	1	11,1
Criança	4	44,4
Adulto	4	44,4

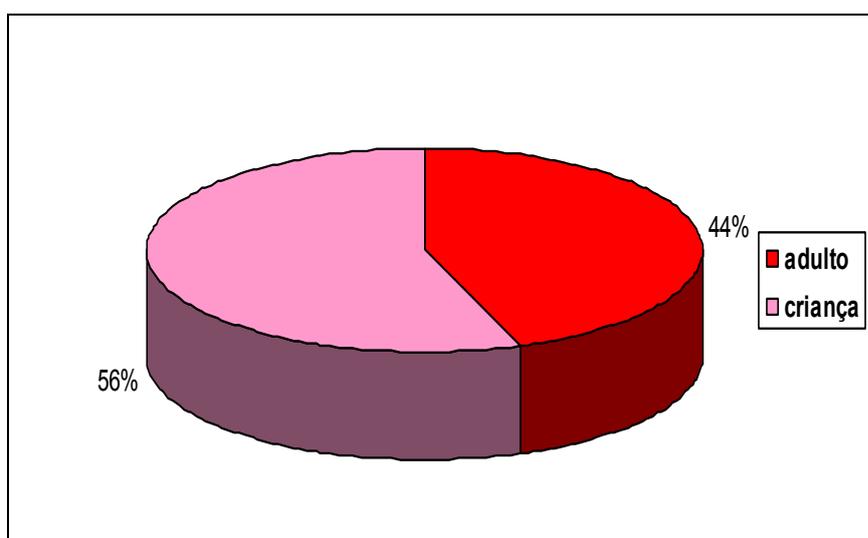


Figura 32: Distribuição dos indivíduos enterrados no sítio Toca da Baixa dos Caboclos, por idade.

Envoltórios do tipo “urna funerária” estavam presentes em oitos enterramentos (88,8% dos enterramentos); apenas um enterramento (11,1%) foi realizado diretamente no solo do abrigo. As formas das urnas encontradas são: “ovoide” (1 urna; 11,1%); “ovoide invertido” (1 urna; 11,1%); e indeterminadas (66,6%). As formas de seis urnas não foram determinadas devido à destruição de parte desses objetos, como resultado das ações posteriores que perturbaram os enterramentos e destruíram parte do sítio. Quanto ao tratamento de superfície, seis urnas apresentavam o mesmo: o “corrugado” (66,6%); apenas uma tinha como tratamento de superfície a “pintura” (11,1%); outra apresentava o “alisado” (11,1%). (Figura 33).

Parte das urnas possuía outra vasilha com função de tampa (5 urnas com tampas), que apresentavam o “alisado” como tratamento de superfície (55,5%). Porém, devido à destruição, não foi possível identificar as formas das vasilhas usadas como tampa.

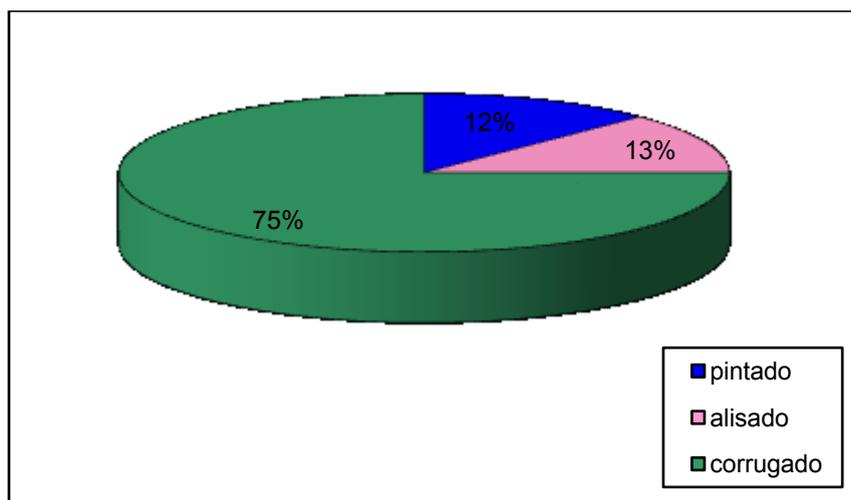


Figura 33: Tratamento de superfície das urnas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Quanto à deposição do corpo dentro das urnas ou diretamente no solo, verificamos as seguintes categorias: “decúbito lateral” (1 indivíduo; 11,1%); “sentado” (4 indivíduos; 44,4%); e indeterminado (4 indivíduos; 44,4%) (Figura 34). Os resultados indicam que a recorrência para os enterramentos em urnas seria depositar o corpo sentado. Porém, a quebra de urnas e a desarticulação dos enterramentos 3, 4, 5 e 8 provocada pela perturbação no sítio inviabilizaram a verificação da posição original dos corpos. No único enterramento, realizado diretamente no solo, o corpo foi depositado em decúbito lateral, com as pernas fletidas. Constata-se, assim, que os enterramentos identificados de adultos e crianças eram depositados da mesma maneira, ou seja, sentados dentro da urna, com exceção de um único indivíduo adulto. Esta variação pode representar uma diferença na ritualização ou um indivíduo que ocupava uma posição diferente dentro do grupo, que poderia ser de prestígio ou não, ou ainda estar relacionada à idade.

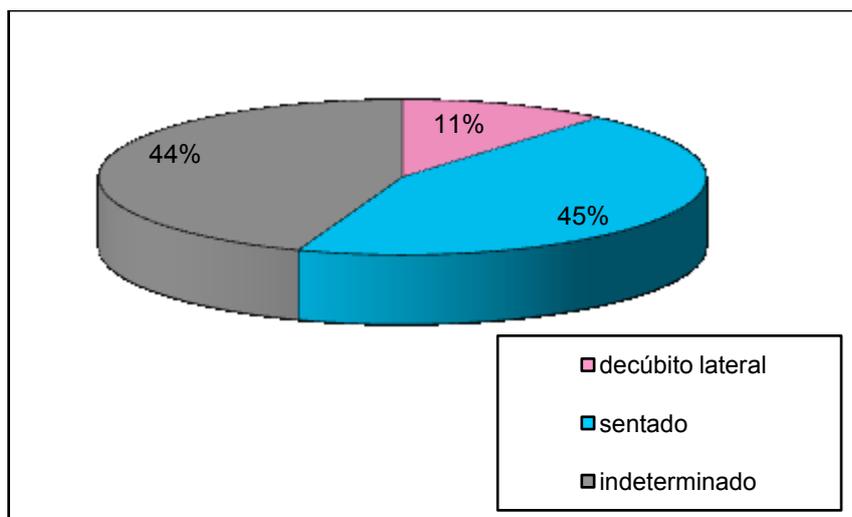


Figura 34: Posições dos enterramentos no sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Em relação à existência de acompanhamentos funerários, não foi identificada a presença de adornos, material lítico, instrumentos de osso, fragmentos de cerâmica e/ou instrumentos musicais. Com relação aos acompanhamentos funerários, foram identificados, apenas em dois indivíduos, objetos confeccionados de madeira: dentro do enterramento 2, um pedaço de madeira quebrado em quatro partes; ao lado do enterramento 9, duas setas talhadas e um galho amarrado com fibra vegetal formando um arco.

Em relação aos elementos constituintes da cova, foi observado que covas foram cavadas para a acomodação das urnas, no sedimento do abrigo, e para a acomodação do corpo do enterramento 6; a profundidade em que os enterramentos foram depositadas variou entre 0,15m e 1,0m.

4.4.1 Síntese

Neste sítio foi possível observar que o ritual funerário apresentava elementos de recorrência o que permite supor a existência de um padrão para o enterramento desses indivíduos. Foram observadas formas e objetos comuns e repetição de ações no ritual. Constatamos recorrência no tipo de enterramento, no uso de urnas

como envoltório e na maneira de depositar o morto na cova. Realizavam o enterramento primário e os adultos e as crianças eram depositados da mesma forma em urnas de cerâmica com decoração corrugada e com a colocação de outra vasilha alisada cobrindo a urna. Desta maneira, não haveria o contato da terra nos sedimentos. As urnas foram acomodadas com o corpo sentado e sem sedimento no interior. O sedimento entrou posteriormente nas urnas, como consequência dos processos pós-deposicionais que provocaram a quebra das tampas e a desarticulação de alguns esqueletos.

Adultos e crianças eram depositados da mesma maneira, com exceção de um indivíduo adulto. Esta variação pode representar uma diferença na ritualização, por ter sido um indivíduo que ocupava uma posição diferente dentro do grupo, que poderia ser de prestígio ou não; ou pode estar relacionado à idade ou sexo do indivíduo. O mesmo pode ser deduzido para a criança depositada na urna 9, que apresenta uma vasilha com características técnicas distintas das demais: paredes finas muito polidas e com decoração pintada.

A deposição do corpo em urna cerâmica poderia ser um elemento de identidade coletiva do grupo? A utilização da urna seria o elemento característico do ritual funerário deste grupo? Contudo, como o número de indivíduos neste sítio é reduzido, com nove casos, não temos dados suficientes para responder as nossas perguntas. O que podemos inferir, a princípio é que os dados não indicam que a deposição em urnas estava relacionada com a idade, pois adultos e crianças foram enterrados da mesma maneira e com os mesmos elementos. Por sua vez o número de adultos enterrada neste sítio é pequeno e não podem representar a prática funerária dos adultos neste grupo.

As datações dos enterramentos da urna 1 (310 ± 50 BP - pele) e urna 9 (230 ± 50 BP - pele) da Toca da Baixa dos Caboclos situam a ocupação deste abrigo como cemitério, durante o período colonial. Os elementos recorrentes são indicativos de semelhanças nos elementos do ritual funerário e as datações sugerem a presença de um mesmo grupo utilizando o abrigo.

4.5 Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz (PI)

No sítio **Toca do Serrote do Tenente Luiz** foram identificados vinte e quatro (24) enterramentos em urnas funerárias e em fossas funerárias, diretamente no solo. Alguns enterramentos em fossa apresentavam uma má conservação, devido ao peso dos sedimentos e ao intenso pisoteio humano e de animais. Em alguns enterramentos em urna existiam apenas restos de ossos. Como consequência, há falta de dados em algumas categorias analisadas.

Em nossas análises consideramos vinte (20) estruturas funerárias que apresentavam dados parciais sobre vinte e dois (22) indivíduos. Estes indivíduos correspondem a sete (7: 35%) enterramentos em urnas e treze (13: 65%) enterramentos diretamente na cova (Figura 35)³⁷.

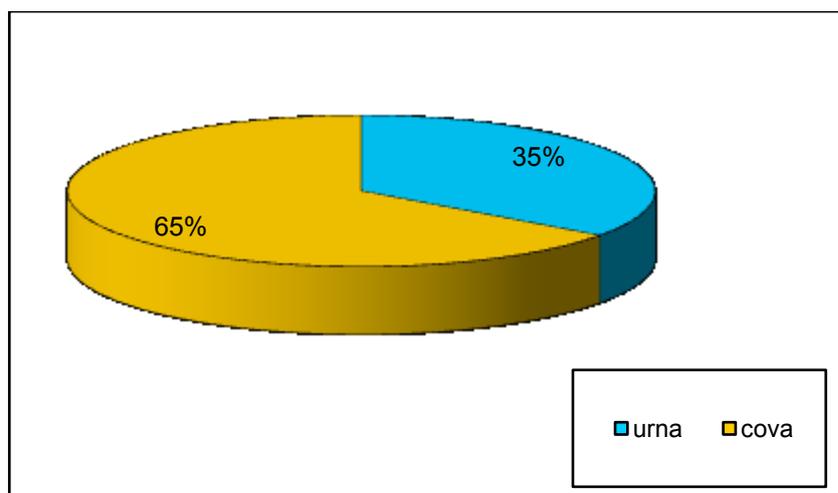


Figura 35: Divisão de enterramentos do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Em relação ao número de indivíduos presentes nos enterramentos, havia dezoito (90 %) enterramentos simples e dois (10%) duplos (Figura 36). A maioria dos enterramentos da Toca do Serrote do Tenente Luiz é simples, ou seja, com apenas um indivíduo.

³⁷ Existem ainda duas urnas, a 8 e a 9, porém não havia dados nas fontes consultadas sobre o sexo, idade, posição, tipo de enterramento. Só temos informações sobre as vasilhas. A urna 9 tem a forma ovoide invertido com tratamento de superfície corrugado, e a tampa com tratamento alisado. A urna 8 tinha, ao contrário, tratamento de superfície alisado e a tampa era corrugada.

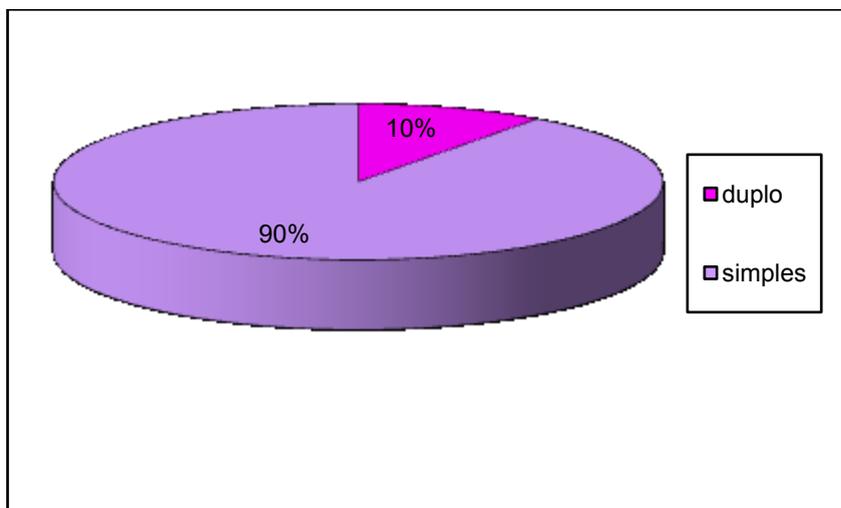


Figura 36: Distribuição do número de indivíduos enterrados no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

O tipo de enterramento é uma variável que baliza a distribuição dos enterramentos em quatro categorias distintas: “primário” (15 enterramentos; 68,1%); “secundário” (3 enterramentos; 13,6%); “restos de ossos” (1 enterramento; 4,5%); e indeterminados (3 enterramentos; 13,6%). Há predominância dos enterramentos primários, tanto nos realizados em urnas como nos diretamente no solo (Figura 37). São primários cinco enterramentos em urnas (22,7%) e dez em covas (45,4%). Os secundários estão presentes em dois enterramentos em urnas: um duplo, 9%, e um simples, 4,5%.

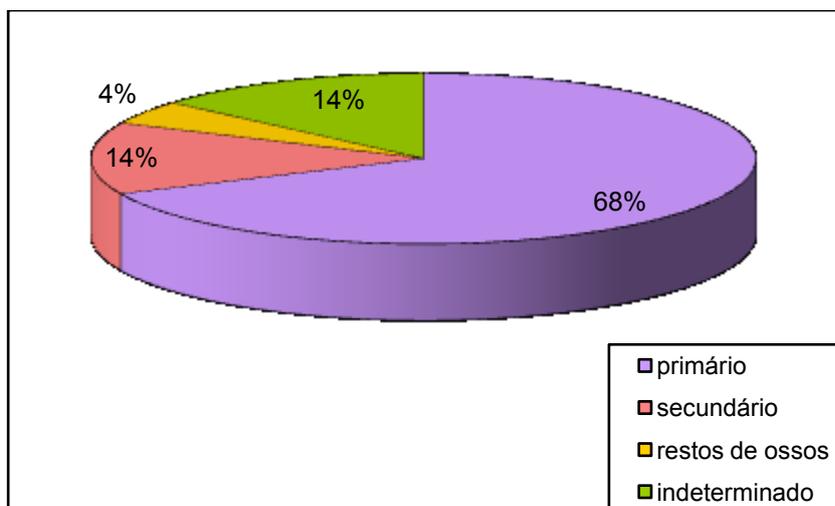


Figura 37: Tipos de enterramentos no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

A variável determinante do sexo dos indivíduos apresentou os seguintes resultados: 22,7% do sexo masculino (correspondendo a 5 indivíduos); 4,5% do sexo feminino (correspondendo a 1 indivíduo); e 72,7% sem identificação de sexo (correspondendo a 16 indivíduos) (Figura 38). Do total dos indivíduos indeterminados quanto ao sexo, treze (13) são crianças, um (1) é adolescente e dois (2) são adultos.

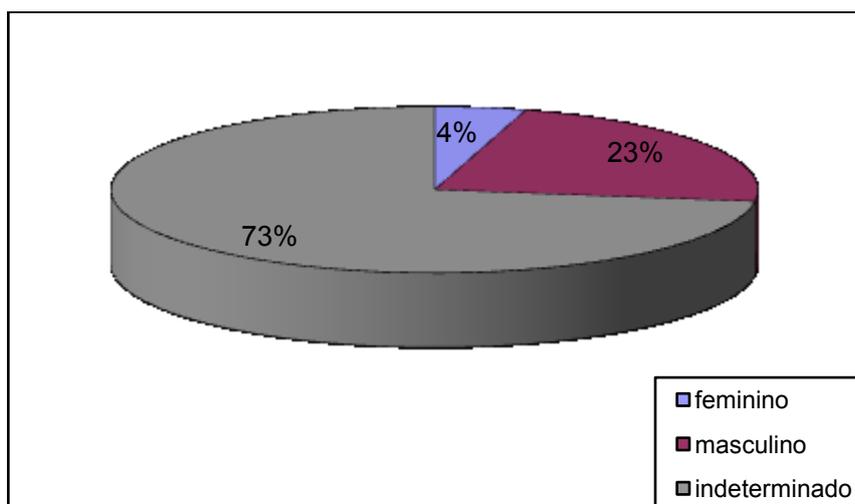


Figura 38: Sexo dos indivíduos enterrados no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Na variável idade há três categorias: criança, adolescente e adulto (Tabela 7). Neste sítio não foi enterrado nenhum indivíduo idoso e a maioria dos indivíduos enterrados era constituída de crianças (Figura 39).

Tabela 7: Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

<i>Faixa etária</i>	<i>Total de indivíduos</i>	<i>Proporção de indivíduos (%)</i>
Criança	13	59
Adolescente	1	4,5
Adulto	8	36,3

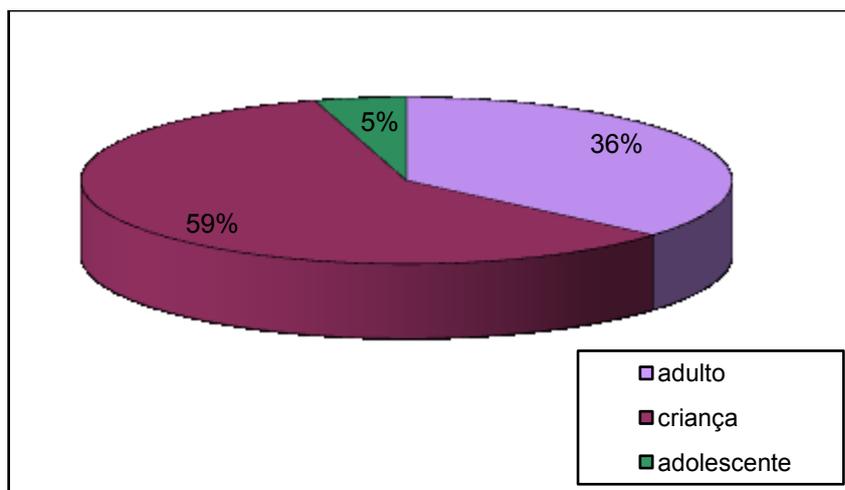


Figura 39: Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Envoltórios do tipo urna funerária estavam presentes em sete (7) enterramentos (35%); treze (13) enterramentos (65%) foram realizados diretamente no solo do abrigo. Duas formas de urnas foram identificadas: “esférica” (1; 14,2% das urnas); “ovoide invertido” (2; 28,5% das urnas); e “indeterminadas” (4; 57,1% das urnas) (Figura 40). Quanto ao tratamento de superfície, cinco (5) urnas apresentavam o “corrugado” (71,4% das urnas) e em duas (2) não foi possível determinar o tipo de tratamento (28,5% das urnas) (Figura 41).

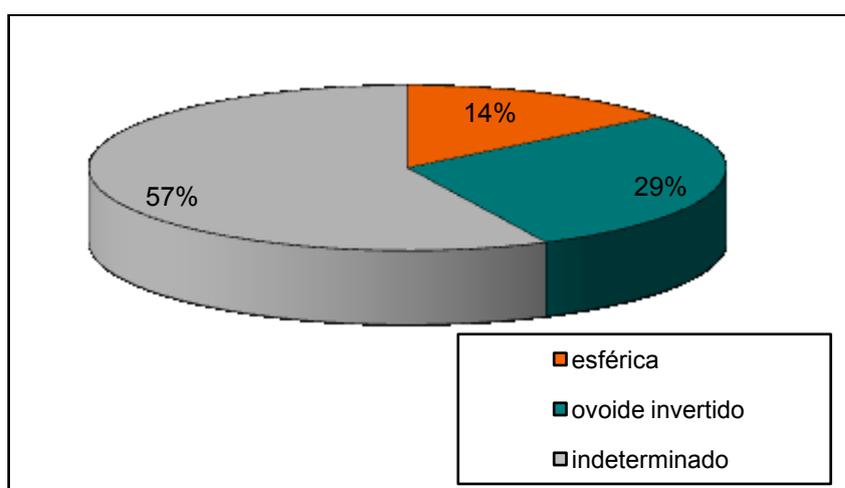


Figura 40: Forma das urnas funerárias do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

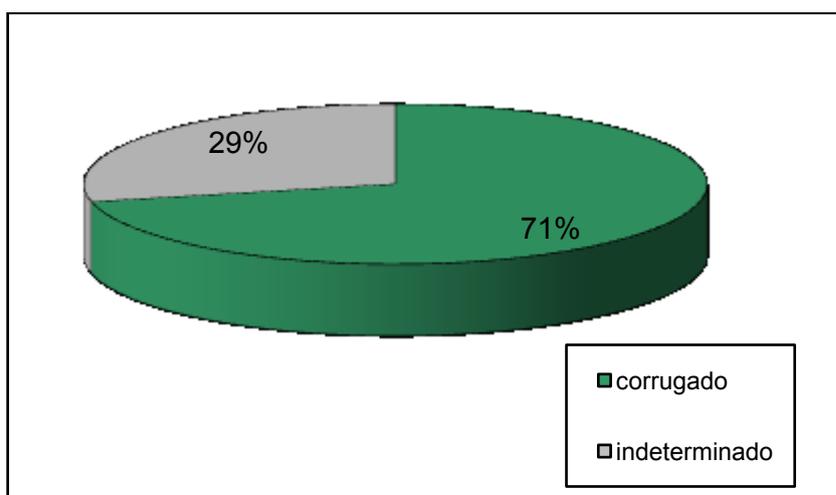


Figura 41: Tratamento de superfície das urnas funerárias do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Todas as urnas possuíam outra vasilha com função de tampa. Quatro vasilhas (57,1%) tinham a forma “esférica” e uma (14,2%) possuía a forma “elipsóide”; em duas vasilhas não foi possível identificar a forma (28,5%) (Figura 42). Quanto ao tratamento de superfície, há variações: duas vasilhas (28,5%) são “alisadas”; uma é “polido” (14,2%); uma é “polido e pintado” (14,2%); uma é “corrugada” (14,2%); e duas são “indeterminadas” (28,5%). (Figura 43)

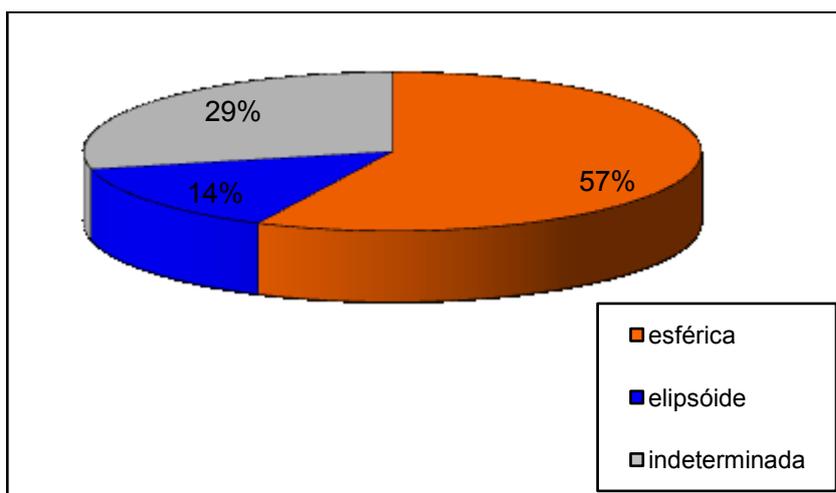


Figura 42: Forma das vasilhas utilizadas como tampa do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

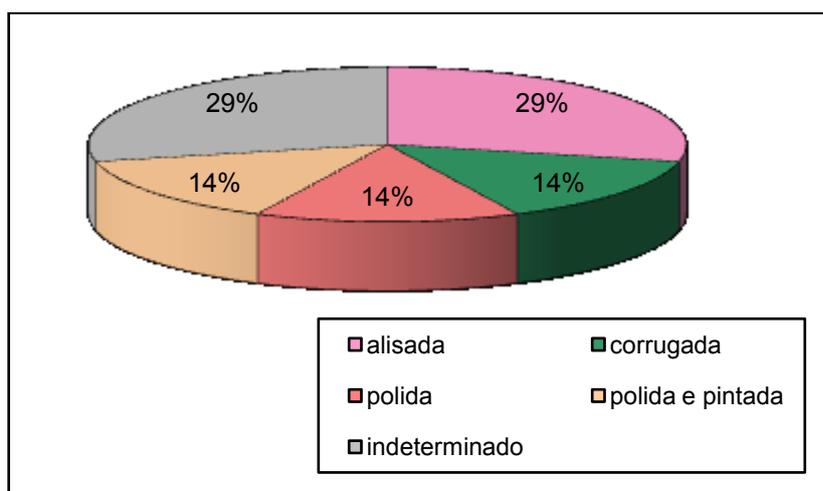


Figura 43: Tratamentos de superfície das vasilhas utilizadas como tampa do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Quanto à deposição do corpo dentro das urnas ou diretamente no solo, verificamos as seguintes categorias: “decúbito lateral direito” (1 indivíduo; 4,5%); “decúbito lateral esquerdo” (3 indivíduos; 13,6%); “decúbito dorsal” (1 indivíduo; 4,5%); “sentado” (2 indivíduos; 9 %); e indeterminado (15 indivíduos; 68%) (Figura 44). Nos enterramentos em urnas apenas foi possível observar dois indivíduos na posição sentada. Estes resultados não mostram a recorrência para os enterramentos em urnas, mas evidências arqueológicas e etnográficas indicam que a posição sentada era a utilizada nos corpos depositados em urnas. Por isso sugerimos que esta deve ter sido a posição em que os corpos foram depositados. Nos enterramentos realizados diretamente no solo há uma tendência para a deposição em decúbito lateral. Porém, a má conservação dos ossos inviabilizou a verificação da posição original dos corpos. Constata-se, assim, que há diferenças na deposição dos corpos dos enterramentos em urnas e dos diretamente no solo.

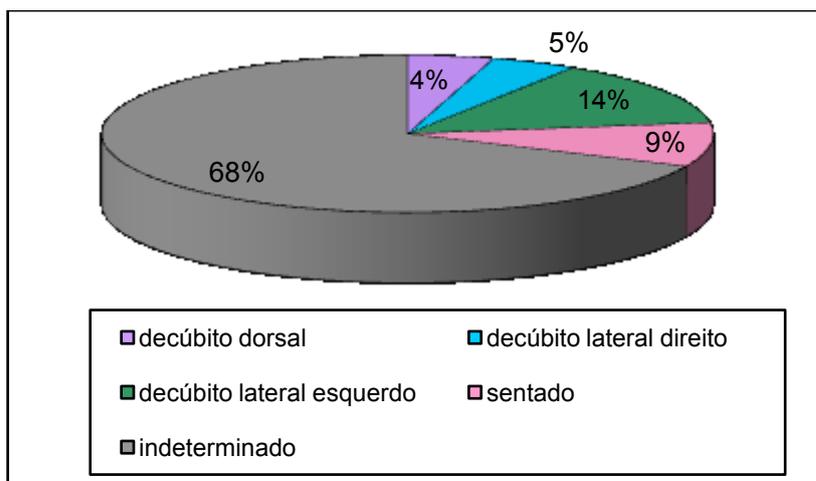


Figura 44: Posição dos corpos no sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

Em relação à existência de acompanhamentos funerários, não foi identificada a presença de adornos, material lítico, instrumentos de osso ou de madeira, fragmentos de cerâmica e/ou de instrumentos musicais.

Em relação aos elementos constituintes da estrutura funerária, foi observado que covas foram cavadas para a acomodação das urnas no sedimento do abrigo e para a acomodação dos corpos sem urnas. Duas formas foram identificadas: covas circulares (3; 13,6%) e covas ovais (6; 27,2%) (Figura 45). Também foi observada a presença de blocos, lajes ou pedaços de calcário (31%) delimitando ou marcando os enterramentos sem urnas (Figura 46).

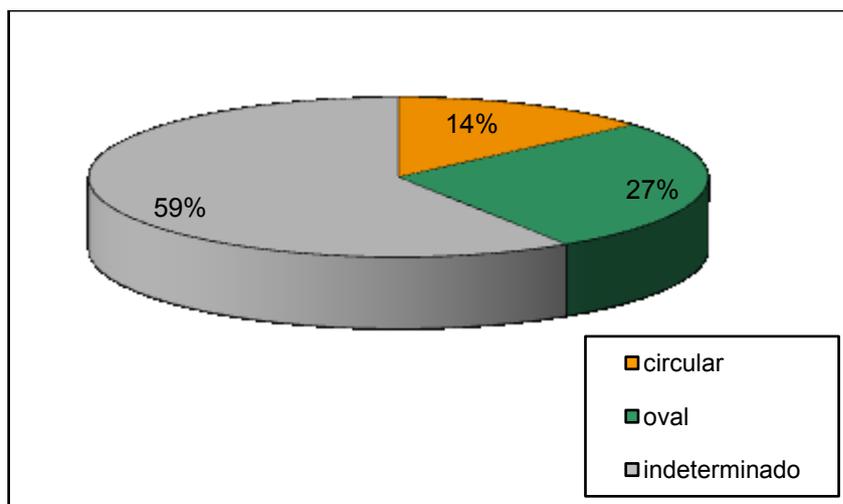


Figura 45: Forma das covas do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

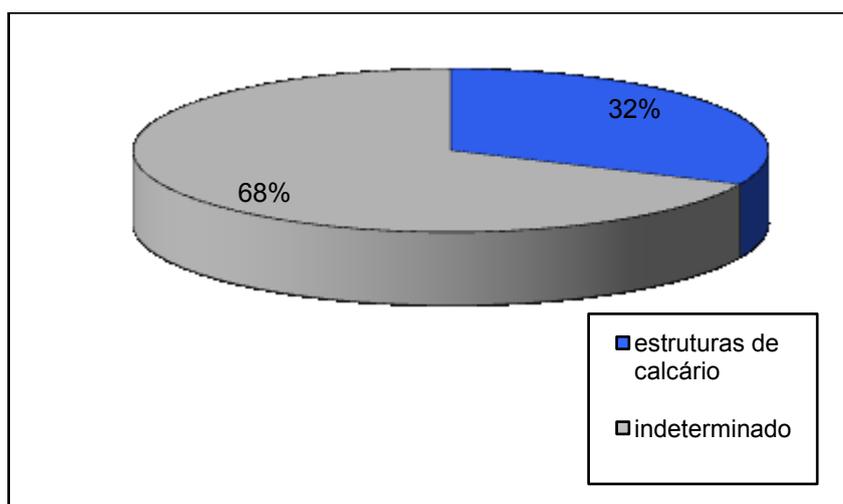


Figura 46: Presença de calcário nos enterramentos do sítio Toca do S. do Tenente Luiz.

4.5.1 Síntese

Neste sítio há, predominância dos enterramentos primários, tanto nos realizados em urnas como nos diretamente no solo. Não foi enterrado nenhum indivíduo idoso e a maioria era de crianças.

Neste sítio, foi possível observar que o ritual funerário apresentava elementos de recorrência, o que indica a existência de dois padrões para os enterramentos. Há uma distinção significativa entre os realizados em urnas e os diretos no solo. Propomos, como hipótese, que esta variação pode significar a presença de, pelo menos, dois grupos com práticas funerárias distintas que utilizaram o abrigo como cemitério. As datações obtidas para este sítio situam dois enterramentos (um em urna e outro no solo), em dois períodos distintos: para o enterramento 9, do conjunto de enterramentos sem urnas, existem dois resultados para datação de dentes: 920 ± 35 BP (Ua – 23386) e 935 ± 40 BP (Ua – 22776); a outra datação de 365 ± 40 BP (Ua – 22074) foi realizada em enterramento em urna e situa a ocupação ceramista durante o período colonial. Os elementos recorrentes nas estruturas funerárias são indicativos de diferenças nos elementos do ritual funerário e as datações sugerem a presença de ocupações de grupos com identidades coletivas distintas.

Analisando separadamente cada conjunto de enterramentos, observamos nos realizados em urnas, a recorrência no tipo de enterramento, no uso de envoltório tipo “urnas com tampas”, nas características técnicas das vasilhas (formas e tratamento de superfície), e na maneira de depositar o morto na cova. Este(s) grupo(s) realizavam preferencialmente o enterramento primário, mas usavam também os dois tipos (primário e secundário); com predomínio de apenas um indivíduo por cova, com exceção da urna 7, que continham um enterramento duplo, de uma criança e um adolescente. Os indivíduos do grupo ceramista eram depositados, provavelmente sentados, em urnas cerâmicas com decoração corrugada e com outra vasilha cobrindo a urna. Duas urnas não entraram na análise, por falta de dados sobre os enterramentos, mas vale salientar que ambas tinham outra vasilha cobrindo a urna e o corrugado e o alisado constituíam o tratamento de superfície.

Nesse conjunto de enterramentos a maioria era de crianças. Porém, há enterramentos secundários: um individual e um duplo. Esses enterramentos secundários podem representar uma modalidade dentro da ritualização funerária; no indivíduo adulto pode estar relacionado com a idade; no enterramento duplo pode estar relacionado ao parentesco.

A deposição do corpo em urna cerâmica seria um elemento aglutinador da identidade coletiva do grupo. No ritual funerário, a utilização da urna seria o elemento característico deste grupo. Mas, ainda não há dados suficientes para afirmar ou negar que a deposição em urnas estava relacionada com a idade ou com o sexo; o que podemos afirmar é que 74% dos indivíduos enterrados em urnas eram crianças.

Por sua vez, nos enterramentos do conjunto depositado diretamente no solo há recorrência para os do tipo primário e simples, com apenas um enterramento duplo. Neste conjunto, não observamos a existência de enterramentos secundários. Verificamos uma tendência para a deposição do corpo em decúbito lateral, tanto em adultos, como em crianças. Porém, a perturbação e a má conservação de alguns enterramentos inviabilizaram a verificação da posição original dos corpos e, portanto, não podemos afirmar com certeza essa tendência. Como também não há dados suficientes para afirmar ou negar que a posição do corpo estava relacionada com a idade ou com o sexo; neste conjunto, há número igual de adultos e crianças e não há evidências de acompanhamentos funerários que pudessem servir de marcadores de identidades.

Portanto, concluímos que os elementos recorrentes do ritual funerário dos dois conjuntos, bem como as datações, sugerem a presença de duas ocupações de grupos com identidades coletivas distintas. Porém ainda não dispomos de dados suficientes para inferirmos sobre os possíveis marcadores de identidades.

4.6 Sítio Justino (SE)

Para o sítio **Justino** foram definidos conjuntos de ocupações para os enterramentos, em função da distribuição espacial e das datações: três ocupações para grupos ceramistas, e uma, mais antiga, relacionada a grupos não ceramistas (VERGNE, 2005a). De acordo com Vergne (2005a, 2002), os cemitérios estavam desta maneira, compreendidos entre as ocupações:

Cemitério D: delimitado entre as camadas 43 e 52. A datação para este cemitério é de 8980 ± 70 BP (BETA – 86745);

Cemitério C: delimitado entre as camadas 28 e 15. As datações para este cemitério são: 5570 ± 70 BP (BETA – 86744), na camada 30, e 4380 ± 70 BP (BETA – 86741), na camada 20;

Cemitério B: delimitado entre as camadas 14 e 9. As datações para este cemitério são: 3270 ± 135 BP (Lyon – 5752), na camada 13, e 2650 ± 160 BP (Bahia – 1807), na camada 10;

Cemitério A: delimitado entre as camadas 8 e 4. As datações para este cemitério são: 2530 ± 160 BP (Bahia – 1804), na camada 8, 1770 ± 60 BP (Lyon – 5751), na camada 6, e 1280 ± 45 BP (Lyon – 5750), na camada 3.

A cronologia para os enterramentos deste sítio é, desta maneira, relativa. Em nossa análise os espaços compreendidos pelos cemitérios em ocupações foram classificados nas seguintes categorias: “ocupação A” (56 indivíduos; 30,8% do total); “ocupação B” (80 indivíduos; 43,9%); “ocupação C” (40 indivíduos; 21,9%); e “ocupação D” (6 indivíduos; 3,3% do total) (Figura 47).

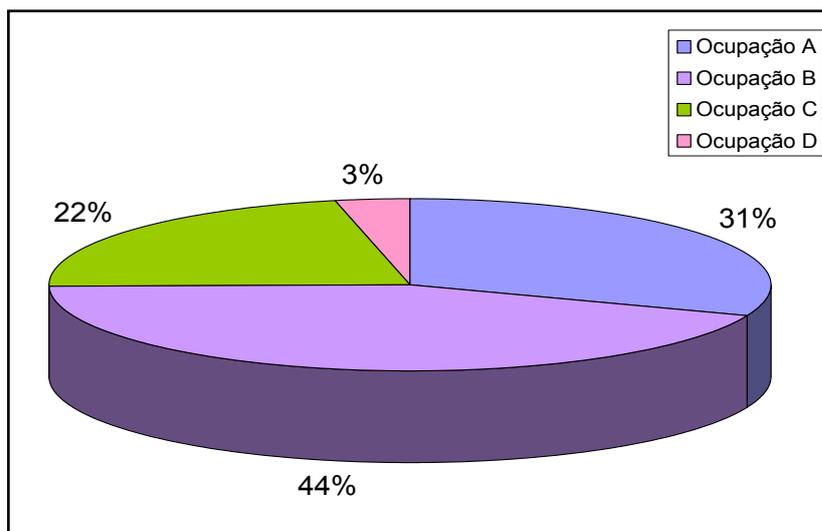


Figura 47: Cronologia relativa das ocupações do sítio Justino.

Neste sítio foram resgatados mais de cento e oitenta (180) indivíduos, que apresentavam uma relativa conservação dos ossos e dados parciais sobre as estruturas funerárias. A base de dados analisada contém cento e oitenta e dois (182) indivíduos e cento e sessenta e sete (167) estruturas funerárias. Em relação ao número de indivíduos presentes nas estruturas, havia cento e cinquenta e seis (93,4%) enterramentos simples; sete (4,2%) continham dois indivíduos; e quatro (2,4%) continham três indivíduos (Figura 48).

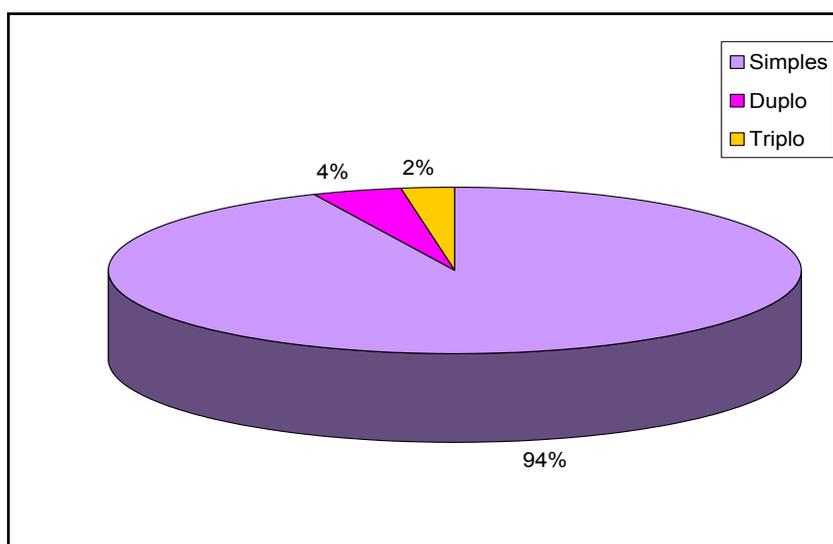


Figura 48: Tipos de enterramentos em relação ao número de indivíduos no sítio Justino.

Os enterramentos simples, com apenas um indivíduo por estrutura, foram constatados nas quatro ocupações, com indivíduos do sexo masculino e feminino, de diversas idades. Os enterramentos duplos e triplos foram realizados, em sua maioria, com indivíduos adultos, e ocorreram nas ocupações A, B e C, com predominância da ocupação B.

Em relação à determinação do sexo dos indivíduos analisados, esta variável possui cinco categorias (Figura 49): “feminino”, “masculino”, “provavelmente feminino”, “provavelmente masculino” (ambos quando a identificação do sexo é duvidosa), e “indeterminado” (quando não foi possível a identificação do sexo). As proporções encontradas foram 11,5% do sexo feminino (correspondendo a 21 indivíduos); 33,6% do sexo masculino (correspondendo a 61 indivíduos); 1,6% de sexo “provavelmente feminino” (3 indivíduos); 3,3% de sexo “provavelmente masculino” (6 indivíduos); e 50% de sexo indeterminado (correspondendo a 91 indivíduos). A alta proporção de indivíduos de sexo indeterminado impediu a realização de testes de múltiplas variáveis e análises cruzadas. Para fins descritivos, deve-se diminuir o número de categorias de sexo para “feminino”, “masculino” e “indeterminado” (incluindo os provavelmente masculinos e femininos).

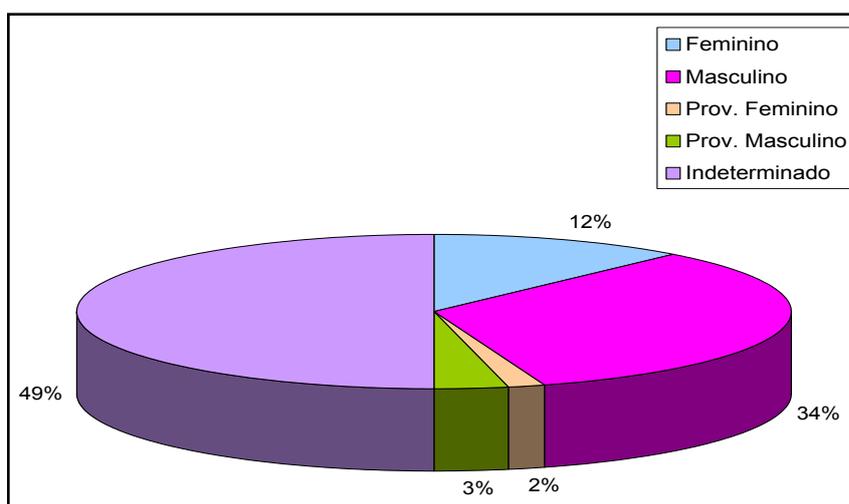


Figura 49: Distribuição dos indivíduos por sexo no Sítio Justino.

Em relação à distribuição da faixa etária no sítio, há oito categorias: “lactente”; “criança”; “adolescente”; “adulto jovem”; “adulto”; “adulto indeterminado”; “idoso”; e “indeterminado”. Com apenas um indivíduo com a denominação “adulto

indeterminado”, e dois como “indeterminado”. No sítio Justino, os indivíduos enterrados estavam distribuídos por idade, como visto na Tabela 8.

Tabela 8: Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio Justino.

<i>Faixa etária</i>	<i>Total de indivíduos</i>	<i>Proporção de indivíduos (%)</i>
Lactente	2	1,1
Criança	29	15,9
Adolescente	7	3,8
Adulto jovem	21	11,5
Adulto	111	61,0
Adulto indeterminado	1	0,6
Idoso	9	4,9
Indeterminado	2	1,1

Para fins estatísticos, deve-se diminuir o número de categorias de idade. Para tal, foi criada a variável “Faixa etária”, contendo quatro categorias: “infantes” (agrupando “lactentes”, “crianças” e “adolescentes”); “adultos” (agrupando “adultos jovens”, “adultos” e “adulto indeterminado”), “idosos” e “indeterminados (estas últimas como na variável “idade”). Nesta variável, trinta e oito (38) indivíduos são descritos como “infantes” (20,9% da amostra); cento e trinta e três (133) como “adultos” (73,1%); nove (9) “idosos” (4,9%); e dois (2) “indeterminados” (1,1%). A distribuição das frequências pode ser vista na Figura 50.

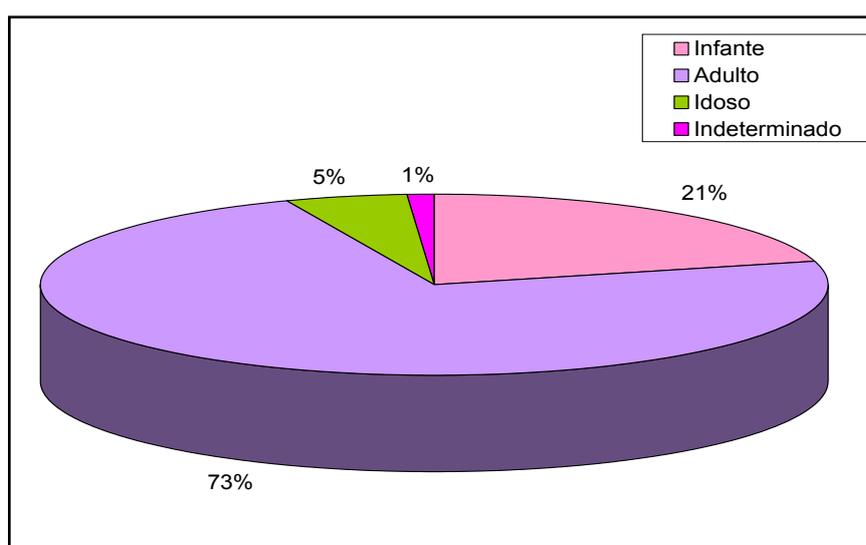


Figura 50: Distribuição das faixas etárias simplificadas nos enterramentos do sítio Justino.

Neste sítio, a maioria dos indivíduos enterrados era de adultos com 73,1% dos enterramentos nesta categoria. Assim, existe recorrência quanto à idade dos indivíduos enterrados. Relacionando a determinação do sexo com a faixa etária, observamos que o sexo masculino predominou nos indivíduos com sexo determinado. Porém, parte dos 50% de indivíduos com sexo indeterminado são crianças (31) e adolescentes (7).

A variável correspondente ao tipo de enterramento agrupa-os em duas categorias distintas: “primário” (128 enterramentos; 70,3% da amostra); e “secundário” (54 enterramentos; 29,7% da amostra) (Figura 51). Há predominância dos enterramentos primários. Os enterramentos secundários poderiam ser realizados apenas para alguns indivíduos. Há enterramentos secundários em todas as ocupações, porém ocorreu um aumento desse tipo da ocupação mais antiga para a mais recente.

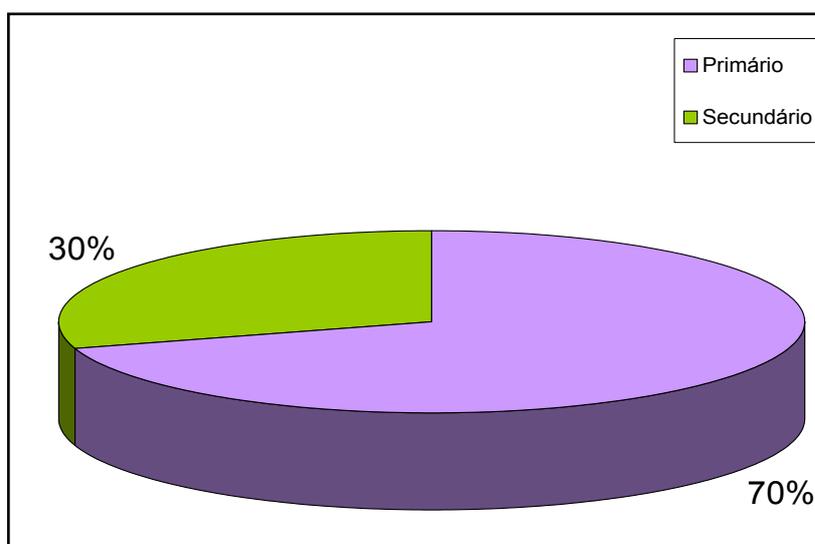


Figura 51: Tipos de enterramentos no sítio Justino.

Agrupando-se as faixas etárias segundo o tipo de enterramento, verifica-se que aparentemente não há diferença: adultos são os principais enterrados, em ambos os tipos de enterramentos (Figura 52).

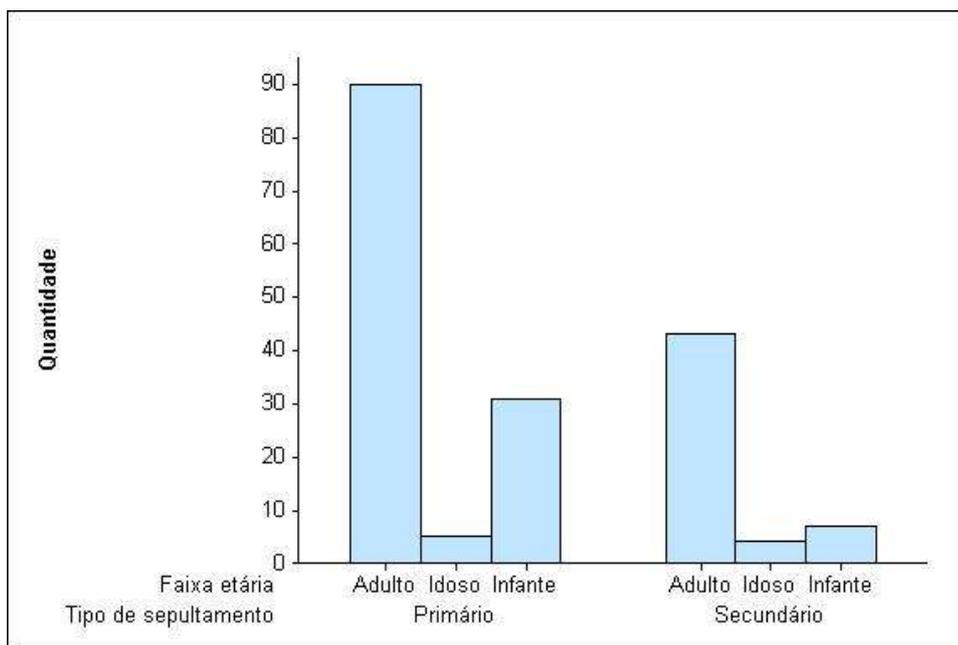


Figura 52: Frequências de faixas etárias nos dois tipos de enterramentos do sítio Justino.

A posição do corpo no enterramento abrange as seguintes categorias: “decúbito dorsal” (31 indivíduos; 17 % da amostra); “decúbito lateral direito” (54 indivíduos; 29,7%); “decúbito lateral esquerdo” (31 indivíduos; 17%); e procúbito ventral (5 indivíduos; 2,7%). Para sessenta e um (61) indivíduos, ou 33,5% da amostra, não havia dados para a posição do corpo; em sete (7) a posição do corpo era indeterminada; cinquenta e quatro (54) eram enterramentos secundários e, neste caso, não foi possível determinar a posição do corpo, pois os ossos estavam desarticulados (Figura 53).

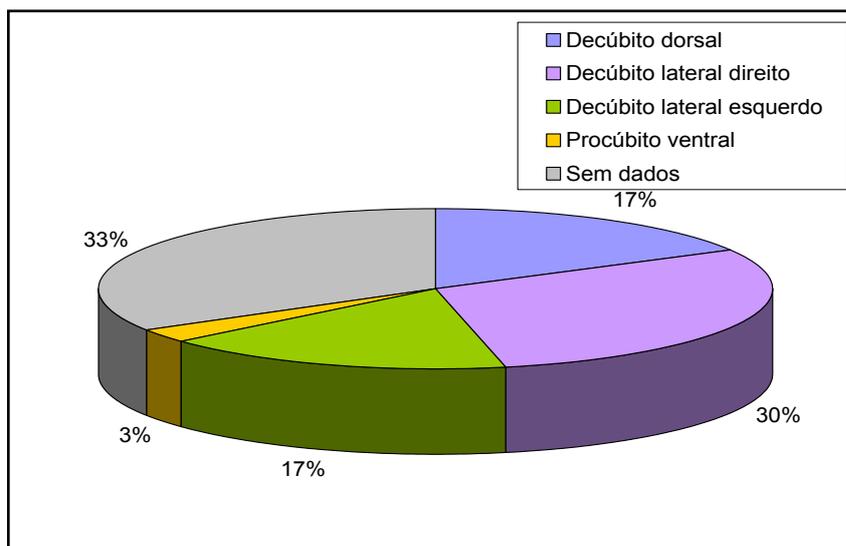


Figura 53: Posição dos corpos dos enterramentos do sítio Justino.

No que concerne à posição do corpo em relação à idade, nos adultos, embora tenham sido constatadas todas as posições, a mais frequente foi o decúbito lateral direito (40 enterramentos), seguindo-se o decúbito lateral esquerdo (25 enterramentos) e o decúbito dorsal (14 enterramentos); nas crianças, a predominância foi de decúbito dorsal (12 enterramentos), seguido do decúbito lateral direito (7 enterramentos) e esquerdo (4 enterramentos).

Relacionando a posição do corpo nas quatro ocupações, em relação às idades, verificamos algumas recorrências. Nas quatro ocupações, o decúbito lateral direito é a posição mais frequente, entre os adultos. Nas ocupações D, C e B, as crianças estão depositadas com maior frequência em decúbito dorsal e decúbito lateral direito. Em relação aos idosos, apresentam variações entre decúbito lateral direito e decúbito dorsal. Para os adolescentes nas ocupações A, B e C prevalece o decúbito lateral direito. A posição procúbito ventral só foi verificada entre os adultos (em 5 enterramentos) das ocupações A e B.

No sítio Justino, 175 indivíduos não apresentavam tratamento nos ossos (96% da amostra). Foi verificado que apenas quatro indivíduos (2,1% do total) tiveram seus ossos cortados e polidos; em três (1,6%) os ossos foram pintados de vermelho. Os ossos de indivíduos adultos que foram cortados e polidos são de enterramentos secundários; três ocorreram na ocupação C e um na ocupação A. Por sua vez, os

pintados de vermelho são da ocupação B: dois adultos e uma criança. Na ocupação D não há esqueletos com tratamento nos ossos.

Envoltórios do tipo “urna funerária” estavam presentes em apenas quatro indivíduos da ocupação B (2,2% dos enterramentos); 97,8% dos enterramentos não apresentam envoltório. As formas das urnas são: “elipsoide horizontal” (3 urnas, 1,6% do total da amostra); e “ovoide invertido” (1 urna; 0,6%). Todas as urnas apresentavam o mesmo tratamento de superfície: “alisado”. Havia uma única urna em cada um dos quatro enterramentos. Três enterramentos eram secundários e um primário.

No sítio Justino foi possível identificar 25 adornos, em 22 enterramentos (12,1% do total no sítio); 160 enterramentos não apresentavam nenhum adorno (87,9%). Estes adornos são descritos em oito categorias. A distribuição dos 25 adornos quanto à categoria descritiva pode ser vista na Tabela 9 e na Figura 54.

Tabela 9: Distribuição dos adornos em 22 enterramentos do sítio Justino, de acordo com o tipo.

<i>Tipo de adorno</i>	<i>Quantidade</i>
Colar de contas de osso	11
Colar de contas de dente de Mamífero	1
Colar de contas de osso de ave	1
Colar de contas de pedras	2
Pulseira de concha de molusco	1
Tembetá de pedra	7
Bracelete	1
Tornozeleira	1

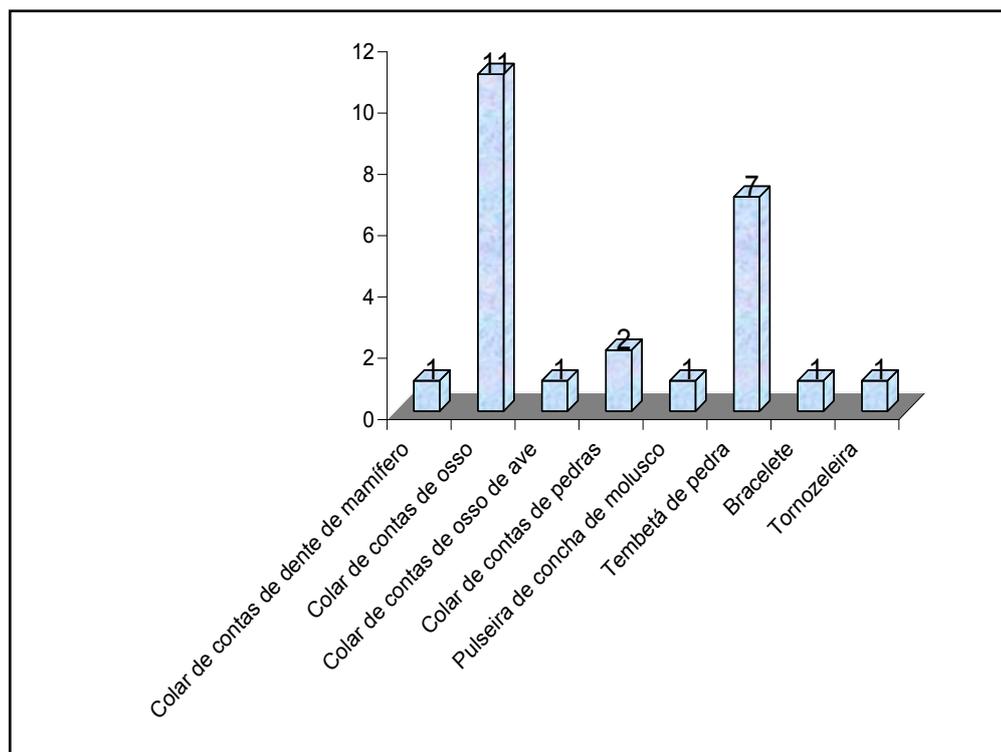


Figura 54: Frequência de tipos de adorno em 22 enterramentos do sítio Justino.

Colares de contas diversas foram os adornos mais comuns (15 ; 68,2% do total de objetos), seguidos por tembetás de pedra (7 ; 31,2%); e uma pulseira de conchas, uma tornozeleira e um bracelete. Quanto à quantidade de adornos em cada enterramento, cento e sessenta (87,9% da amostra) não apresentavam adornos; vinte enterramentos (10,9% do total) apresentavam um adorno; dois enterramentos (0,6%) apresentavam dois e outras duas (0,6%) continham três adornos.

Houve uma diferença significativa na quantidade de adornos associados aos indivíduos das diversas ocupações do sítio Justino (Kruskal-Wallis: $N=182$; $H=7,7$; $DF=3$; $P= 0,05$). Apenas a ocupação D apresentou adornos em quantidade significativa, associados aos enterramentos (Figura 55).

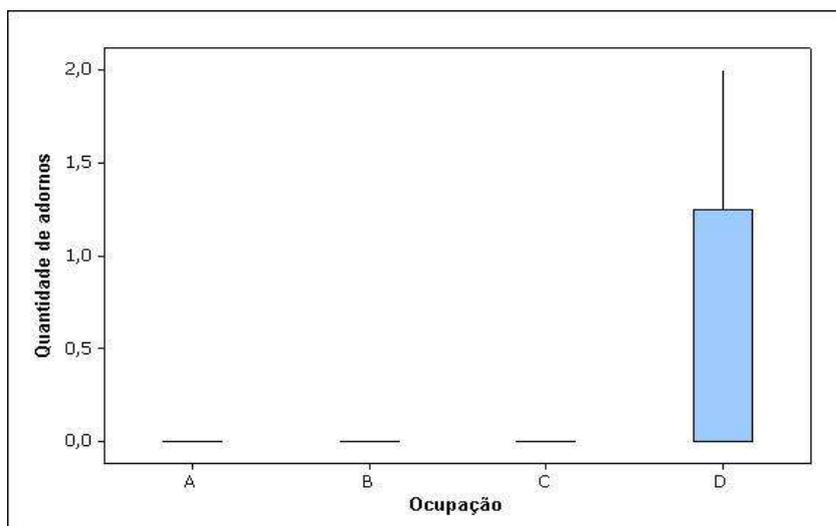


Figura 55: Boxplot das frequências das quantidades de adornos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.

Os instrumentos musicais também não foram utilizados com recorrência como acompanhamento funerário. Apenas quatro enterramentos (2,2% do total) continham como instrumentos musicais, no caso, flautas de osso.

No sítio Justino, a análise da presença de materiais líticos associados aos enterramentos foi realizada a partir de catorze variáveis, para descrever os objetos conforme a sua função. Lascas e raspadores foram os objetos mais encontrados. Em 79,1% dos indivíduos foram encontradas entre uma e dez lascas, sendo três a quantidade mais comum (42 indivíduos; 23,1% do total). Entre um e cinco raspadores foram encontrados em 48,9% dos indivíduos do Justino, sendo um raspador a ocorrência mais comum (62 indivíduos; 32,1% do total).

Para permitir a análise estatística mantendo certo grau de informação relevante, as variáveis foram agrupadas para identificar a “quantidade” (número de artefatos) e a “diversidade” (tipos de artefatos) dos objetos encontrados junto aos indivíduos. Com exceção dos trinta e sete (37) indivíduos que não estavam acompanhados de artefatos líticos (20,3% do total), os indivíduos do sítio Justino apresentavam entre um (1) e dezenove (19) artefatos líticos. A distribuição dos líticos encontrados junto aos indivíduos do sítio Justino pode ser visualizada na Figura 56.

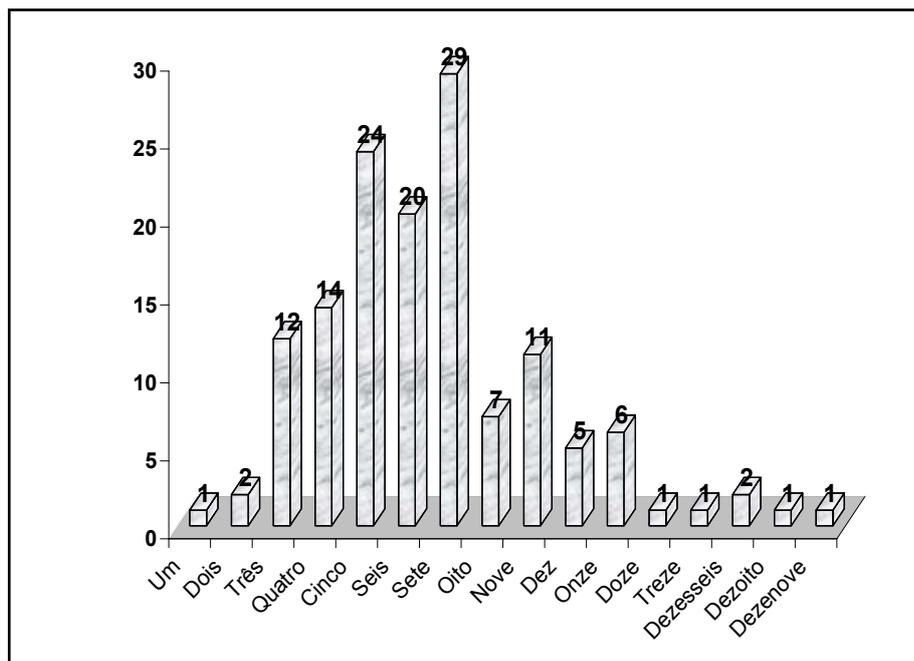


Figura 56: Distribuição dos artefatos líticos recuperados junto aos indivíduos do sítio Justino.

No sítio Justino, nos 145 indivíduos que estavam acompanhados por líticos (79,7% do total) estes artefatos eram de até sete tipos diferentes, demonstrando a diversidade de objetos enterrados junto ao indivíduo. A distribuição dos tipos de líticos dos indivíduos do Justino pode ser vista na Figura 57.

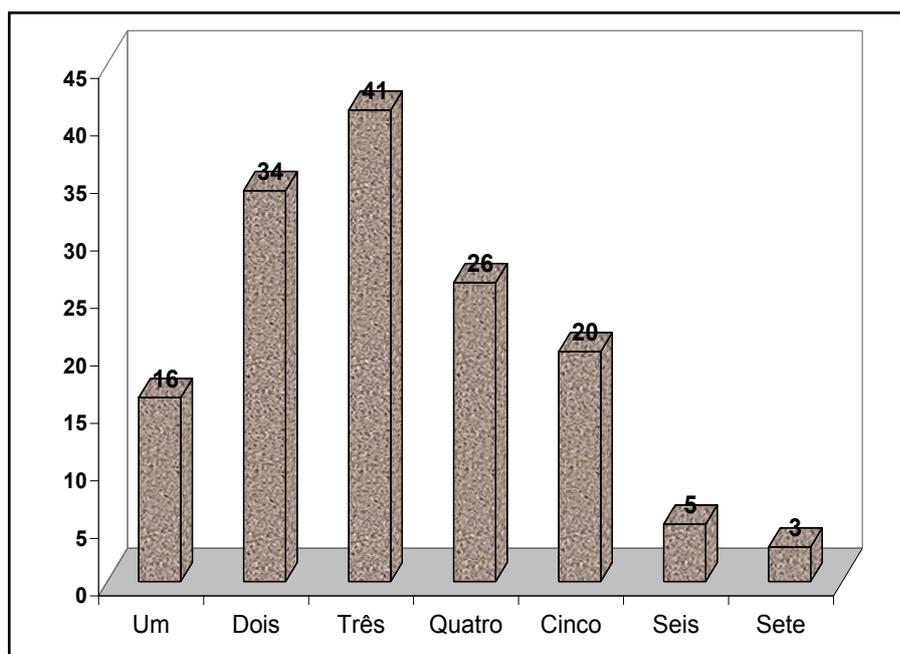


Figura 57: Distribuição da quantidade de tipos de líticos encontrados junto aos indivíduos do sítio Justino.

Há uma diferença significativa entre a quantidade de tipos de líticos (representando a diversidade de instrumentos) encontrados junto aos indivíduos das quatro ocupações do sítio Justino (Kruskal-Wallis: $N=182$; $H=28,9$; $DF=3$; $P < 0,005$), sendo a diversidade significativamente maior na ocupação D e menor na A (Figura 58). Neste caso, ocorreu uma diminuição, ao longo do tempo, nos tipos de líticos colocados junto aos corpos.

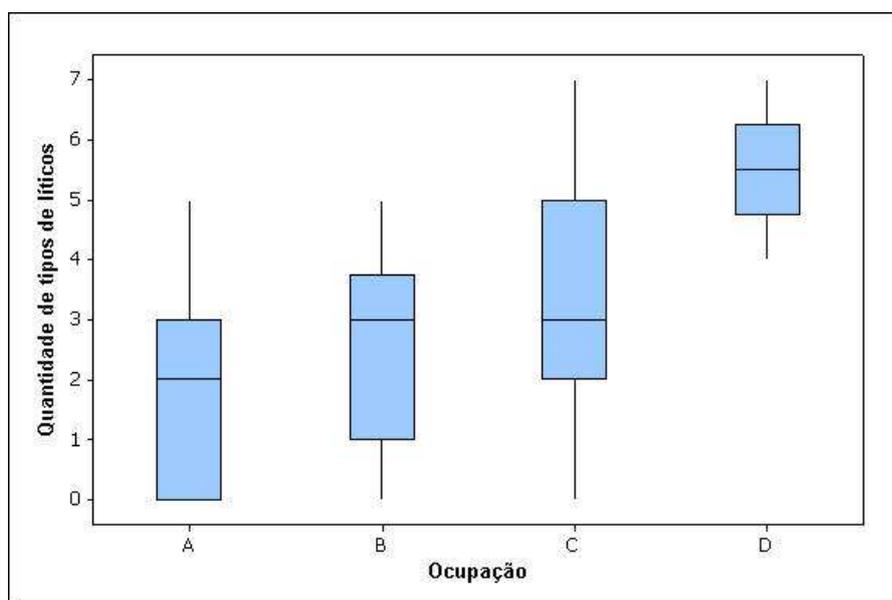


Figura 58: Boxplot das frequências das quantidades de tipos de líticos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.

Também foi encontrada uma diferença significativa na quantidade de líticos associada aos indivíduos das ocupações do sítio Justino (Kruskal-Wallis: $N=182$; $H=23,4$; $DF=3$; $P < 0,005$). Novamente, a riqueza de material lítico reduziu-se significativamente, através do tempo (Figura 59). Ou seja, a quantidade de líticos também diminuiu nas ocupações dos grupos ceramistas.

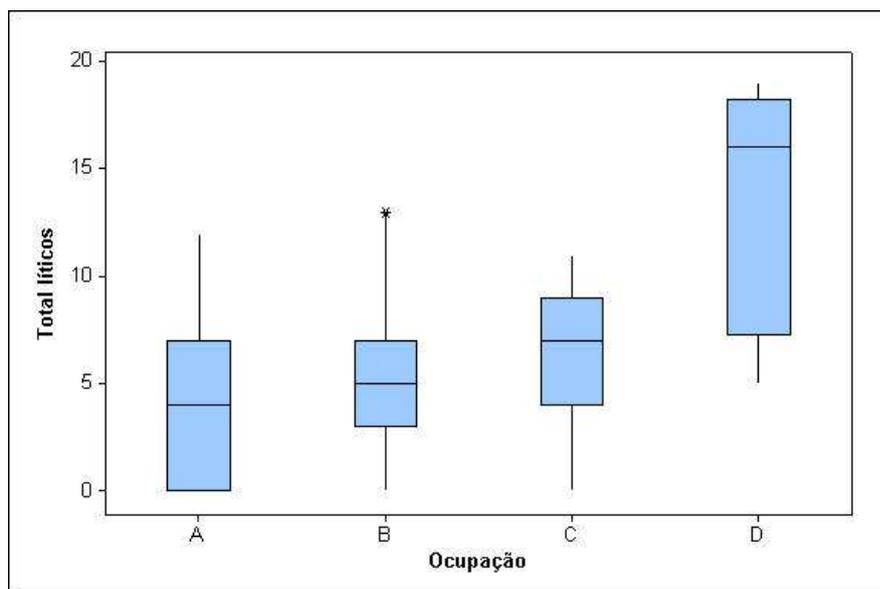


Figura 59: Boxplot das frequências das quantidades totais de líticos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.

A presença de material cerâmico foi constatada em cento e dezoito (118) enterramentos (64,8% do total); noventa e dois (92) apresentavam apenas um tipo de material (50,5%), e vinte e seis (26) apresentavam dois tipos (14,3%). O material cerâmico mais abundante foi constituído por fragmentos de vasilhas (118 indivíduos; 64,8% do total), seguido por vasilhas alisadas (24 indivíduos; 13,1%) e cachimbos (12 indivíduos; 6,6%). A forma mais comum das vasilhas foi a elipsoide horizontal, que acompanhava dezesseis indivíduos (8,8% do total com vasilhas, ou 66,7%). Quatro (4) indivíduos foram enterrados com vasilhas “ovoides invertidas” (2,2% do total com vasilhas, ou 16,7%). Dois (2) indivíduos estavam acompanhados por vasilhas “esféricas”, sendo que um (1) também apresentava uma vasilha “elipsoide horizontal”. Dos vinte e dois (22) indivíduos enterrados com vasilhas, dezessete (17; 70,8%) apresentavam apenas uma, e sete (7; 29,2%) foram enterrados com duas. Nos enterramentos de adultos, de crianças, de adolescentes e de idosos, a forma predominante das vasilhas era elipsoide horizontal. A quantidade de fragmentos variou de um (1) a dezesseis (16), sendo mais comum a recuperação de três (3) fragmentos (em 15,9% do total). Os cachimbos apresentavam forma “angular e “tubular”. Porém, a maioria não tinha uma forma determinada.

O teste Kruskal-Wallis comprovou que há diferenças significativas na quantidade de material cerâmico associado aos indivíduos das diferentes ocupações do sítio Justino. O total de fragmentos cerâmicos encontrados variou significativamente entre as ocupações (Kruskal-Wallis: $N=118$; $H=12,1$; $DF=2$; $P= 0,002$). Não foram encontrados fragmentos na ocupação mais antiga, D, e o maior número apareceu na segunda mais antiga, C, diminuindo até a mais recente (Figura 60).

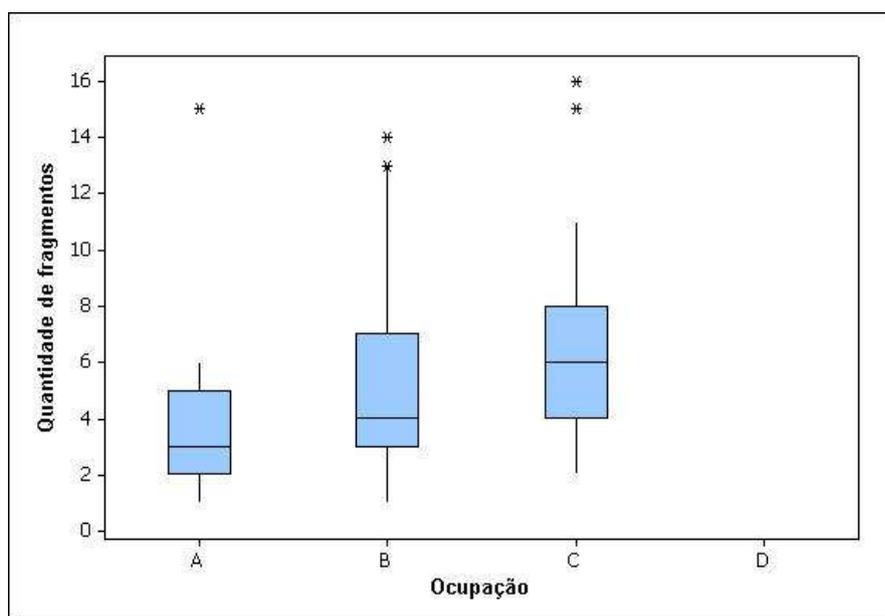


Figura 60: Boxplot das frequências das quantidades de fragmentos cerâmicos associados aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.

Em relação ao número de vasilhas cerâmicas associadas aos indivíduos (Kruskal-Wallis: $N=24$; $H=5,88$; $DF=2$; $P= 0,05$) ocorreu o contrário. Na ocupação A, a maioria dos enterramentos que tinham vasilhas, apresentavam duas; e, na B, uma vasilha. A ocupação C apresentou o menor número de vasilhas e a D não apresentou vasilhas associadas (Figura 61).

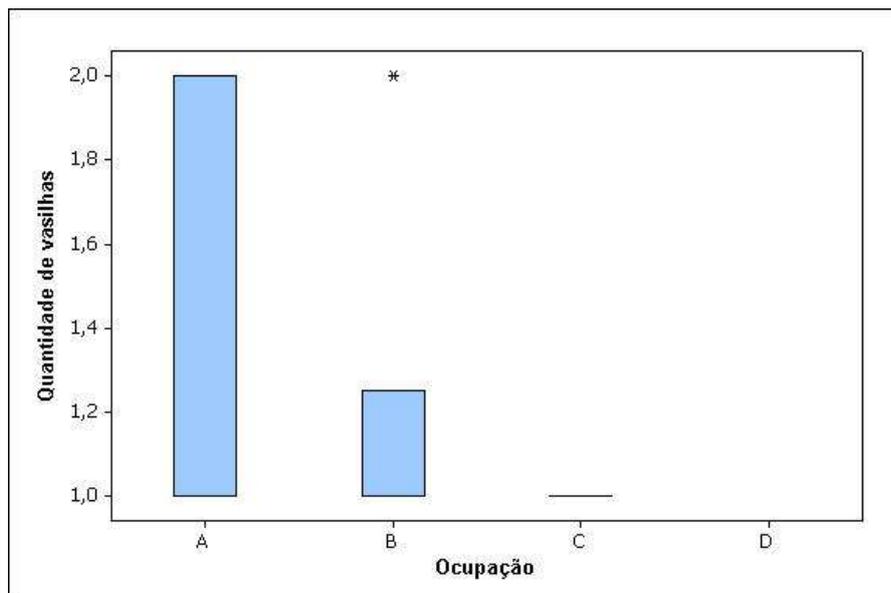


Figura 61: Boxplot das frequências das quantidades de vasilhas cerâmicas associadas aos enterramentos em relação às ocupações do sítio Justino.

No sítio Justino, em vinte e três (23) indivíduos (12,6% do total) havia algum tipo de material faunístico. Porém, em apenas quatro enterramentos foram encontrados esqueletos de animais, sendo duas aves e dois mamíferos. A distribuição pode ser vista na Figura 62.

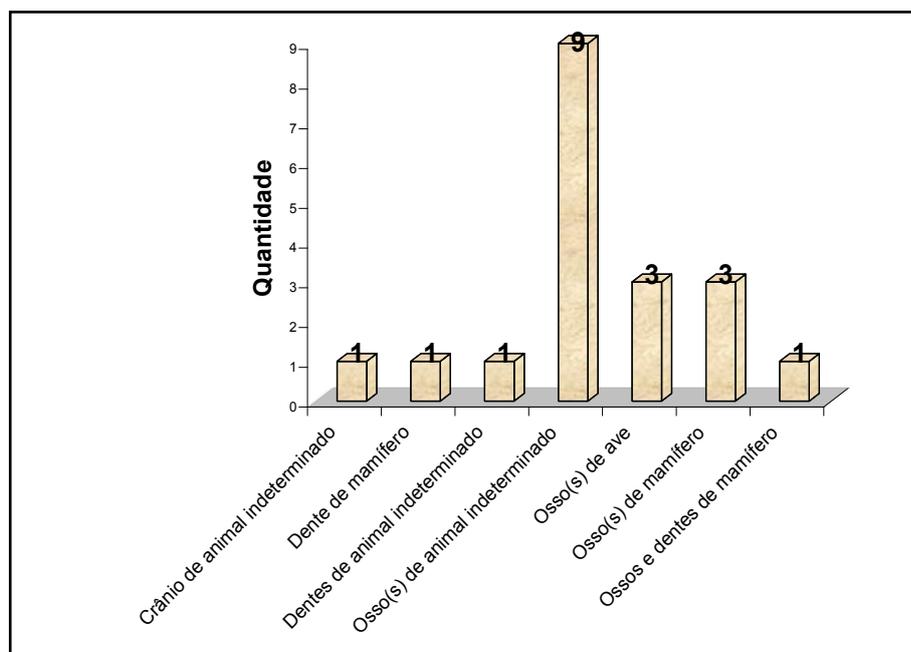


Figura 62: Material faunístico encontrado acompanhando 19 indivíduos no sítio Justino.

4.6.1 Síntese

Nos rituais funerários realizados nesse sítio foi possível verificar diferenças e semelhanças entre as quatro ocupações. A maioria dos indivíduos foi depositada diretamente no solo, pois não havia de forma recorrente, o uso de envoltórios; apenas em quatro enterramentos da ocupação B a cerâmica foi utilizada com função de urna. Também os adornos não eram utilizados, de forma recorrente; apenas em 12,1% do total dos enterramentos foram encontrados adornos como acompanhamento. O uso de adornos foi pontual e poderia estar relacionado a determinadas pessoas no grupo, não sendo, pois, um elemento de uso coletivo, mas de uso especial e individual.

Os resultados indicam recorrência para enterramentos simples (93,4%), apesar de existirem alguns casos de enterramentos duplos (4,2%) e triplos (2,4%). Neste sítio foram enterrados adultos, adolescentes, crianças e idosos, mas a maioria dos indivíduos era constituída de adultos, com 73,1%.

Nas quatro ocupações há predominância dos enterramentos primários em relação aos secundários. Tal como ocorreu com os adornos, os enterramentos secundários poderiam ser realizados apenas para alguns indivíduos do grupo. Apesar de sua menor quantidade, observamos um aumento dessa prática ao longo do tempo entre as ocupações (da ocupação D para a A), tendo sido constatados mais enterramentos secundários nas ocupações B e A.

Quanto ao sexo, predominava o masculino na maioria dos enterramentos em que esta variável foi identificada (33,6%); 11,5% eram do sexo feminino; 1,6% de sexo provavelmente feminino, e 3,3% de sexo provavelmente masculino. Porém, o número de indivíduos com sexo indeterminado (50%) dificultou a verificação dessa variável como indicador de identidades.

Materiais líticos foram encontrados junto a cento e quarenta e cinco indivíduos (79,7% do total), ao contrário da pequena quantidade de adornos (12,1%). Esses enterramentos apresentavam de um a sete tipos diferentes de líticos, demonstrando uma diversidade de objetos enterrados junto ao indivíduo. O mesmo pode ser

demonstrado em relação à presença de material cerâmico. Havia quantidade e variedade de material cerâmico em 64,8% dos enterramentos.

Em relação aos elementos constituintes da cova, não foi possível utilizar essas categorias para estabelecer identidades, pois não havia dados suficientes sobre tamanho, altura, forma ou os possíveis materiais utilizados para preparar ou demarcar as covas.

De acordo com a amostra estudada, nos rituais funerários realizados nesse sítio, apesar do número de variáveis indeterminadas, existem algumas recorrências. Investigamos a possibilidade de algumas variáveis, como faixa etária, posição do corpo, tipo de enterramento, sexo e os acompanhamentos serem indicadores de identidades.

Verificamos que há recorrência no tipo de enterramento, na posição do corpo, na faixa etária e na presença de objetos líticos e material cerâmico. Destes elementos, que podem ser utilizados como marcadores de identidades, destacamos os acompanhamentos funerários: material lítico e cerâmico, bem como a idade dos indivíduos. O sexo é um bom marcador de identidades, porém, neste sítio, o número de indivíduos sem a identificação do sexo inviabilizou o uso desta variável.

As posições dos corpos apresentaram algumas recorrências. A posição mais frequente para os adultos foi o decúbito lateral direito e, em segundo, o decúbito lateral esquerdo; nos adolescentes o decúbito lateral direito, seguido do decúbito dorsal; nas crianças, o decúbito dorsal e decúbito lateral direito; nos idosos prevaleceu o decúbito dorsal.

Os resultados dos testes estatísticos demonstraram que o uso de material lítico foi recorrente nas quatro ocupações; o material cerâmico foi recorrente nas ocupações C, B e A. Na ocupação D não havia cerâmica, pois se tratava de grupos não ceramistas.

Apesar da presença desses materiais na maioria dos enterramentos, os objetos apresentaram diferenças estatisticamente significantes nas quatro ocupações. No

material lítico há diferenças em relação à quantidade e à diversidade de tipos entre as ocupações. A diversidade e a quantidade diminuíram da ocupação D para a A.

No material cerâmico há diferenças em relação à quantidade associada aos enterramentos, em cada ocupação. O total de fragmentos cerâmicos encontrados variou significativamente entre as ocupações. Ocorreu uma diminuição no número de fragmentos da ocupação C para a A.; já o número de vasilhas aumentou da ocupação C para a A.

Em relação à idade como marcador de identidade foi possível verificar que, na ocupação D, ocorreram diferenças entre a quantidade e os tipos dos líticos nos enterramentos de adultos e de crianças. Porém, entre homens e mulheres não houve diferenças significativas na variedade e quantidade de líticos. No que se refere à quantidade de adornos, apenas esta ocupação apresentou quantidade significativa, associados aos enterramentos. Nesta ocupação podemos inferir a presença de elementos de identidades de idade, pois a quantidade e os tipos dos líticos estavam relacionados com a idade. Os adultos e a criança apresentaram como acompanhamento funerário quantidades e tipos de objetos líticos distintos, em função da idade.

Na ocupação C, o material lítico apresentou uma diferença de tipos de objetos e de quantidade, em todas as faixas etárias. Os adultos tinham maior quantidade e variedade de objetos, em relação às crianças e aos idosos. Nesta ocupação, o material cerâmico estava presente na maioria dos enterramentos e em todas as faixas etárias. A variação ocorreu na quantidade por enterramento. Os adultos tinham de três a onze fragmentos; as crianças, de um a oito fragmentos; os idosos tinham sete e oito; o adolescente, sete fragmentos. Nesta ocupação ocorreu um único caso de uma criança com dezesseis fragmentos. Assim, nesta ocupação podemos sugerir que os objetos líticos e os fragmentos de cerâmica são marcadores de identidades, pois a quantidade e variedade estavam relacionadas com a idade.

Na ocupação B verificamos diferenças na quantidade e variedade de material lítico entre adultos, crianças e idosos. Os adultos possuíam maior diversidade de tipos e quantidade (entre uma e catorze peças líticas), em relação às crianças (entre uma e

cinco peças) e os idosos (entre uma e três peças), por enterramento. No que se refere à quantidade de material cerâmico, a maioria das crianças e dos adultos possuía fragmentos de cerâmica em suas covas, não havendo variação em função da idade. Por outro lado, podemos sugerir que os objetos líticos são marcadores de identidades, pois a quantidade e variedade estavam relacionadas com a idade.

No que concerne à ocupação mais recente, a ocupação A, houve diferenças significativas na variedade e na quantidade de líticos, entre adultos, crianças e idosos. Os adultos possuíam maior diversidade de tipos e quantidade (de uma a doze peças líticas), em relação às crianças (entre duas e seis peças) e aos idosos (entre três e nove peças), por enterramento. Em relação à quantidade de material cerâmico, esta ocupação apresentou o menor número de fragmentos, porém a maior quantidade de vasilhas inteiras. Entre adultos e crianças houve diferenças significativas na quantidade de fragmentos cerâmicos e de vasilhas. A maioria das crianças era enterrada sem a presença de fragmentos e vasilhas cerâmicas; as que os possuíam, tinham apenas dois fragmentos por enterramento. Foi constatada uma diminuição no uso de fragmentos de cerâmica nos enterramentos de crianças e de adultos nesta ocupação, em comparação com a ocupação B. Quanto aos elementos utilizados para marcar as identidades concluímos que os objetos líticos se prestam a esta função, pois a quantidade e diversidade variaram conforme a idade dos indivíduos.

Em resumo, os testes aplicados indicam haver mais diferenças entre as quatro ocupações. Porém, percebemos que ao longo do tempo, o material lítico e cerâmico utilizado nos enterramentos foi variando em quantidade e em tipos. Na ocupação D, as diferenças e o fato de não dominarem a tecnologia cerâmica podem significar que se tratava de um grupo distinto das outras três ocupações.

As diferenças, ao longo do tempo, no sítio Justino sugerem a ocorrência de distintas identidades. Mas, os resultados também indicam que as identidades estavam marcadas pelo material lítico e cerâmico depositado de forma diferencial em enterramentos de adultos, bem como de crianças, adolescentes e idosos. Ou seja, em cada ocupação a quantidade e o tipo de material lítico foram diferentes, em

função da faixa etária dos enterrados. Da mesma forma, os fragmentos de cerâmica também foram depositados em quantidades diferentes, em função da faixa etária. A presença desses objetos, na maioria dos enterramentos e ao longo do tempo, mesmo que em quantidades diferentes, lhes confere a característica de elementos de representação coletiva.

Também foi percebido uma certa recorrência entre a faixa etária e as posições do corpos nos enterramentos. Nas ocupações (A, B e C) há uma frequência maior do decúbito lateral direito entre os adultos e adolescentes e do decúbito dorsal entre as crianças. Portanto, concluímos que as categorias acompanhamento funerário e faixa etária podem ser consideradas como indicadores de identidades, no sítio Justino.

4.7 Sítio São José II (AL)

No sítio **São José II** foram resgatados trinta (30) indivíduos e vinte e oito (28) enterramentos que não apresentavam, de um modo geral, uma boa conservação dos ossos. Alguns ossos tinham fraturas, fissuras e esfoliação, resultantes de fatores mecânicos, umidade, acidez e bioerosão (CARVALHO;VERGNE, 2001). Desta forma, as condições em que se encontravam os ossos inviabilizaram a determinação de sexo e idade de alguns indivíduos.

Em relação ao número de indivíduos presentes nos enterramentos, foi verificado que havia vinte e sete (96%) enterramentos simples; e um (10%) triplo (Figura 63). A maioria dos enterramentos do sítio São José II é simples, ou seja, apenas um indivíduo por enterramento.

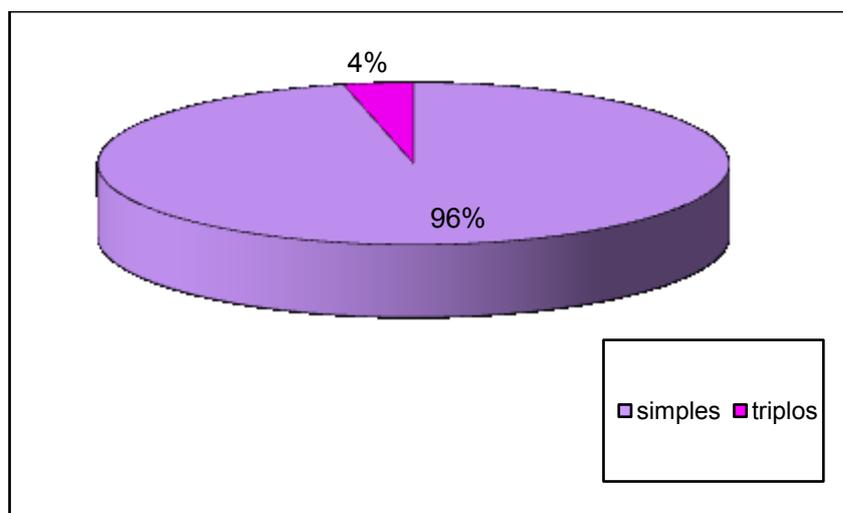


Figura 63: Número de indivíduos enterrados no sítio São José II.

A variável determinação do sexo dos indivíduos tem três categorias: feminino, masculino e indeterminado (quando não foi possível a identificação do sexo). As proporções encontradas foram 20% do sexo feminino (correspondendo a 6 indivíduos); 30% do sexo masculino (correspondendo a 9 indivíduos); e 50% de sexo indeterminado (correspondendo a 15 indivíduos) (Figura 64). A alta proporção de indivíduos de sexo indeterminado impediu que esta variável fosse utilizada em testes de múltiplas variáveis.

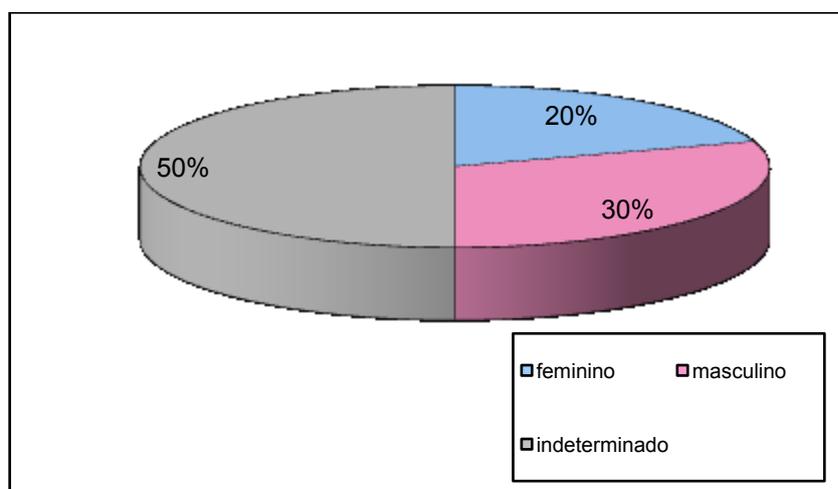


Figura 64: Distribuição do sexo dos indivíduos enterrados no sítio São José II.

Do total dos quinze indivíduos indeterminados quanto ao sexo, onze (11) são crianças; três (3) são adolescentes e um (1) é adulto.

Na variável idade há quatro categorias: criança; adolescente; adulto; e idoso. Neste sítio, os indivíduos enterrados estavam distribuídos, por idade, conforme pode ser visualizado na Tabela 10.

Tabela 10: Distribuição, por faixa etária, dos indivíduos enterrados no sítio São José II.

<i>Faixa etária</i>	<i>Total de indivíduos</i>	<i>Proporção de indivíduos (%)</i>
Criança	11	36,6
Adolescente	3	10
Adulto	12	40
Idoso	4	13,3

Neste sítio, a maioria dos indivíduos enterrados era constituída por adultos e crianças (Figura 65).

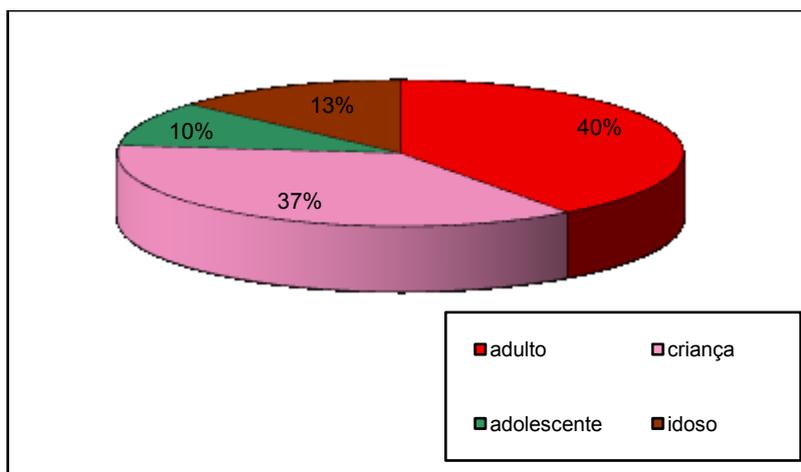


Figura 65: Distribuição da faixa etária dos indivíduos enterrados no sítio São José II.

São “primários” (20 enterramentos; 66,6% da amostra); “secundários” (9 enterramentos; 30%); e “indeterminado” (1 enterramento; 3,3%). (Figura 66). Todas as crianças estão em enterramentos primários, com exceção de uma, em que não foi possível determinar o tipo de enterramento. A recorrência sugere que as crianças eram enterradas nesta modalidade. Já os adolescentes, adultos e idosos estão em enterramentos primários e secundários; porém existe recorrência do enterramento primário nos adultos.

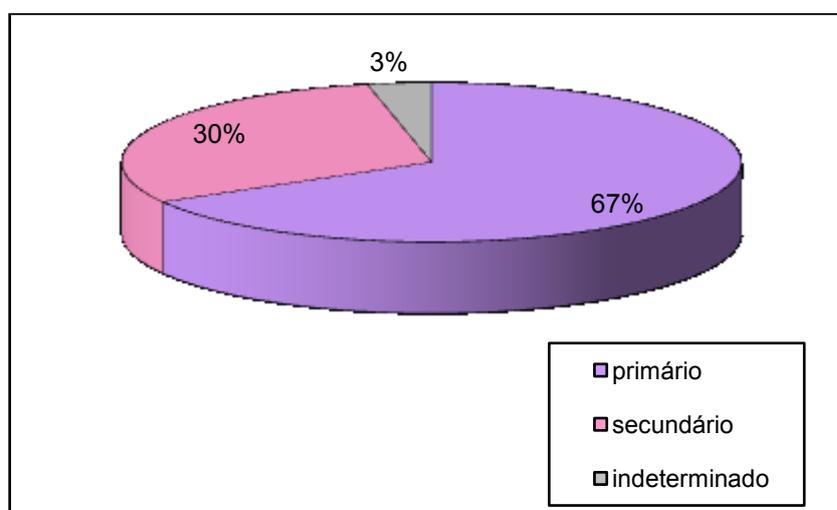


Figura 66: Tipos de enterramentos no sítio São José II.

Relacionando o sexo com os tipos de enterramento observamos que a maioria de mulheres e homens está em enterramentos primários; nos enterramentos secundários a frequência é observada no sexo masculino, em homens idosos; nas mulheres, apenas um caso de enterramento secundário.

A variável posição do corpo possui as seguintes categorias: “procúbito ventral” (4 indivíduos; 13,3%); “decúbito lateral direito” (9 indivíduos, 30%); “decúbito lateral esquerdo” (6 indivíduos; 20%); e. “indeterminados” (11 indivíduos, 36,6%). Do total de onze indivíduos com a posição do corpo indeterminada, nove indivíduos, ou 30% da amostra, são enterramentos secundários (Figura 67). Observa-se que a posição predominante para os adultos, crianças e idosos foi o decúbito lateral, tanto direito como esquerdo, não havendo relação da lateralidade com a idade. Os resultados indicam que a recorrência para os adultos e crianças em enterramentos primários era o decúbito lateral. Contudo, em relação às crianças há um predomínio para a posição decúbito lateral direito e para a procúbito ventral (que só foi verificada nesta faixa etária). Entre o sexo masculino e feminino verificamos que apresentavam enterramentos primários e secundários, havendo uma recorrência maior nos enterramentos primários. Quanto à posição do corpo, não há diferenças. Tanto os homens como as mulheres foram depositados tanto em decúbito lateral direito como esquerdo.

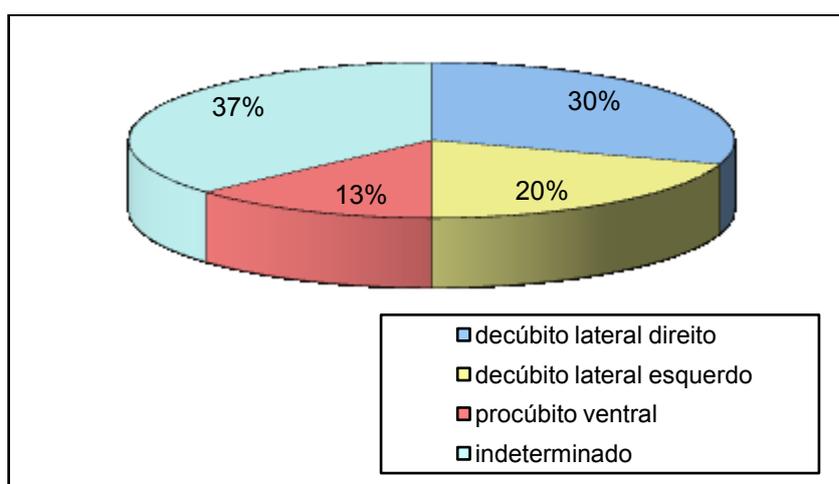


Figura 67: Posições dos corpos no sítio São José II.

Em relação à existência de acompanhamentos funerários, não foi identificado a presença de adornos, material lítico, instrumentos de osso ou de madeira,

fragmentos de cerâmica e/ou de instrumentos musicais. Como também não foi utilizado nenhum envoltório tipo urna funerária, nem de fibra vegetal. Alguns elementos foram identificados, mas não possuem recorrência: foi verificada a presença de conchas em três enterramentos: um infantil e dois adultos femininos.

No que se refere aos elementos constituintes da estrutura funerária, foi observado que a maioria das covas era estreita e/ou pequena; porém, não havia outros dados sobre a forma ou a presença de algum material utilizado para demarcar ou proteger os enterramentos.

4.7.1 Síntese

Neste sítio foi possível observar que o ritual funerário apresentava alguns elementos de recorrência. A ocorrência de enterramento simples, com apenas um indivíduo por cova foi constatada em vinte e sete (96%) enterramentos verificando-se apenas um caso de enterramento triplo. O enterramento triplo é constituído por dois adultos e um adolescente. Um dos adultos está em um enterramento primário e os outros são secundários.

Neste sítio, todas as faixas etárias estavam enterradas: adultos, adolescentes, crianças e idosos. A maioria era constituída por adultos e crianças em enterramentos primários. A posição predominante do corpo para os adultos, crianças e idosos foi o decúbito lateral, tanto direito como esquerdo, não havendo relação da lateralidade com a idade. Os resultados indicam que a recorrência, para os adultos e crianças em enterramentos primários, era o decúbito lateral. Porém, a posição procúbito ventral só foi verificada em crianças.

Foi possível verificar diferenças entre crianças e indivíduos de outras faixas, etárias em relação ao tipo de enterramento. As crianças estão vinculadas a enterramentos primários, mas os adultos, adolescentes e idosos estão em enterramentos primários e secundários; os dois tipos de enterramentos existem no sítio, nestas faixas etárias. A presença de primários e secundários pode ser resultado de diferenças na idade ou cronológicas, pois para este sítio só há duas datações (3500 ± 110 BP e 4140 ± 90

BP); como também pode representar uma variação na prática funerária. A variação também pode significar a presença de distintos grupos e distintas identidades.

Em relação à posição do enterramento observamos que, entre os adultos e os idosos a recorrência era o decúbito lateral, não importando de que lado. A posição do corpo não foi fator de diferenciação entre as idades.

Entre os sexos, verificamos que tanto homens como mulheres apresentavam os dois tipos de enterramento, havendo uma recorrência nos enterramentos primários. Quanto à posição do corpo, não há diferenças. Tanto os homens como as mulheres foram depositados em decúbito lateral direito ou esquerdo.

No que concerne aos enterramentos secundários foram realizados em adolescentes, adultos e idosos. Entre os homens, há mais secundários na faixa etária acima de 50 anos; as mulheres apresentavam mais enterramentos primários, mas foi verificado um caso de secundário na faixa acima dos 40 anos e outro em idade indeterminada.

Concluimos que, neste sítio houve poucos elementos de recorrência que representassem marcadores de identidades. A falta de dados sobre a presença de acompanhamentos funerários e de cronologias dificultou a verificação de outros marcadores. Analisando o tipo de enterramento e a deposição do morto em relação às idades e ao sexo, conseguimos identificar identidades baseadas na idade entre as crianças e as outras faixas etárias. As crianças foram enterradas em enterramentos primários, pois representavam identidades distintas.

4.8 Discussão

Os resultados das análises realizadas nas estruturas funerárias dos sítios Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II permitiram identificar algumas identidades coletivas.

No sítio Furna do Estrago a posição do corpo é um marcador de identidades da idade, pois os indivíduos foram depositados em posições diferentes, na estrutura funerária, em função de suas idades. Ainda neste sítio, os adornos, os envoltórios de fibra vegetal e os enterramentos primários representariam elementos de uma identidade coletiva, algo que identifica estes indivíduos perante os outros.

No sítio São José II, verificamos identidades de idade. O tipo primário foi uma opção para o enterramento de crianças. O fato dos enterramentos infantís serem primários leva-nos a supor que isto seria um marcador de identidade do grupo, haja vista a clara distinção no tipo de enterramento das demais faixas etárias, tanto primário quanto secundário. Quanto à posição do corpo nos enterramentos primários, tanto os homens como as mulheres e crianças foram depositados em decúbito lateral direito ou esquerdo. Contudo, a posição procúbito ventral foi constatada apenas nos enterramentos de crianças. Em relação ao sexo, não foram constatadas diferenças na forma de enterrar os indivíduos. A falta de dados sobre a presença de acompanhamentos funerários e de cronologias dificultou a verificação de outros marcadores de identidade.

No sítio Justino os elementos de identidade foram expressos pela idade e pelos acompanhamentos funerários, compostos por objetos líticos como lascas, batedores, núcleos, entre outros, e de material cerâmico, como vasilhas e fragmentos. Os objetos da cultura material variaram na quantidade e nos tipos, bem como entre as ocupações e faixas etárias. Os resultados permitem afirmar que as idades e os acompanhamentos (lítico e material cerâmico) representaram marcadores de identidades nas quatro ocupações, apesar das diferenças

constatadas entre elas. A presença da cultura material, ao longo do tempo, nos quatro cemitérios do sítio Justino, sugere um elo de memória no ritual funerário.

Os relatos etnográficos e etnohistóricos e os resultados das pesquisas arqueológicas demonstram que o sexo e a idade constituíam as primeiras identidades, recebidas por meio do nascimento. Com base nos relatos dos cronistas coloniais observa-se que, além do sexo e da idade, a posição social do indivíduo também é utilizada para diferenciar as práticas funerárias. Lery, em relação aos procedimentos de enterramento, enfatiza:

Depois de aberta a cova, não cumprida como as nossas mas redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo e amarram os braços em torno das pernas, enterrando-o quase de pé. Se o finado é pessoa de destaque sepultam-no na própria casa, envolvido em sua rede, juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal (1980, p. 247).

No relato de Gabriel Soares de Sousa (2000) sobre as cerimônias que os Tupinambá realizavam quando da morte de um dos habitantes da aldeia observa-se que há diferenças nas práticas em relação às idades. Em relação à morte do filho do principal da aldeia, descreve que a criança é depositada em uma urna cerâmica e os adultos em cova, envolvidos em uma rede. Em se tratando do enterramento do principal, descreve:

E quando morre algum principal da aldeia em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as cerimônias seguintes. Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel o empenam com penas de pássaros de cores, e põem-lhe uma carapuça de penas na cabeça, e todos os mais enfeites que eles costumam trazer nas suas festas; e têm-lhe feito na mesma casa e lanço onde ele vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rede em baixo de maneira que não toque o morto no chão; na qual rede o metem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flechas, e a sua espada, e o maracá com que costuma tanger, e fazem-lhe muita soma de madeira igual no andar da rede de maneira que não toque no corpo, e sobre esta madeira muita soma de terra, com rama debaixo primeiro, para que não caia terra sobre o defunto; sobre a qual sepultura vive a mulher, como d'antes (SOARES DE SOUSA, 2000, p.289).

Outros relatos etnográficos atestam que também os acompanhamentos variavam de acordo com a idade e o sexo. Entre os Kayapó, a variabilidade está marcada nos objetos que acompanham o morto e no modo como o ritual é executado. Em Lukesch (1976) há informações sobre as características dos enterramentos Kayapó:

Os enfeites do defunto, tal qual para uma festa, bem como a riqueza de seus adornos, evidentemente dependem do número e poder de seus parentes e do prestígio pessoal, outrora desfrutado. No que se refere a enfeitar o morto (...) Tudo aquilo que possuía no auge de sua vida terrena e então era sua alegria, acompanha o defunto na sepultura (p.204).

Nos Kamaiurá, o ritual funerário evidencia aspectos da divisão social, com as diferenciações de status, gênero e idade. Na preparação do corpo do morto a diferença do sexo influencia na pintura do corpo e nos adornos que são colocados (AGOSTINHO, 1974). A pintura corporal como marcador de identidade, presente no ritual fúnebre, será perdida com a decomposição biológica. Por sua vez, a pintura feita nos ossos de enterramentos secundários pode ser também considerada como marcador de identidade, sendo possível sua determinação nos achados arqueológicos.

Deste modo, nos dados etnográficos e etnohistóricos pode ser evidenciada a estreita ligação entre aspectos sociais e sua representação no ritual funerário, que se expressa, em determinados grupos, entre a cultura material e a idade, o sexo ou a posição social do falecido. Isto evidencia que as diferenças entre as pessoas também estão materializadas em seus enterramentos.

Também na literatura arqueológica há provas da ligação entre o uso de certos objetos (como adornos e instrumentos de trabalho) e a posição do corpo; ou do tipo de enterramento com o sexo, a idade ou a posição do indivíduo no grupo social.

Binford (1971) foi um dos primeiros a afirmar que o social está presente na cultura material das enterramentos. Para este autor, os artefatos são parte do sistema cultural humano; assim, o tratamento dispensado ao morto, sua posição na estrutura e os materiais presentes são utilizados para indicar a posição social e econômica do indivíduo. Após a realização de vários trabalhos etnográficos, Binford propôs que a variabilidade existente nas práticas funerárias deve ser entendida como mudanças na forma e na organização social. Complementando essas idéias, Saxe (1970), afirma que os dados mortuários podem ser utilizados para fazer inferências sociais. Assim, no estudo das práticas funerárias as diferenças entre sociedades estariam refletidas nos acompanhamentos funerários.

Tainter (1978), contrariamente, chama a atenção para o fato de que nem sempre a presença de um determinado material indicaria uma situação de status; propõe observar também a condição de ausência de determinado material relacionado à idade e ao sexo.

Sene (2007) estudou 23 estruturas funerárias do sítio arqueológico Gruta do Gentio II, localizado no município de Unaí, Minas Gerais, e buscou analisar indicadores de gênero no contexto funerário e de diferenciação social. Definiu indicadores tanto biológicos como da cultura material, com o objetivo de integrar informações relevantes que ajudassem na reconstituição do contexto funerário dos enterramentos desta gruta.

Nesse trabalho conseguiu segregar indicadores de gênero no contexto funerário. Os indivíduos femininos, alguns adolescentes e crianças estão vinculados ao uso de objetos pessoais. São colares e pulseiras de contas de sementes de gramíneas e pingentes de bivalves de água doce e de pedra. Já nos indivíduos masculinos, jovens, adultos e maduros, além de raras crianças, foi recorrente a associação com o couro, cordéis de fibras vegetais, pingentes de sementes perfuradas e adornos labiais.

Aos indivíduos de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, estão associados o uso de penas e pigmentos vermelhos. Contudo, observou-se uma maior associação dos pigmentos vermelhos aos homens e crianças, e as penas às mulheres. Em relação à posição do corpo na cova, a autora também identificou que havia relação com o sexo. Os corpos foram arrumados e depositados de forma diferenciada em função do sexo. As posições mais frequentes para a deposição dos corpos foram decúbito dorsal e decúbito lateral, com membros inferiores fortemente fletidos. Nas mulheres há indicativo de recorrência de semiflexão, ao contrário dos homens, que foram extremamente amarrados e hiperflexionados. Os homens foram depositados em fardos de couro de cervídeos, enquanto as mulheres e as crianças foram colocadas em esteiras de buriti. Percebemos assim, que nos enterramentos estudados por Sene é possível confirmar a presença de marcadores de identidades representados pela faixa etária, pelo gênero, pela posição do corpo e pelos acompanhamentos funerários.

No trabalho *“Investigando gênero e organização social no espaço ritual e funerário marajoara”*, Schaan (2003) buscou fazer uma avaliação do significado das práticas funerárias, na tentativa de entender a complexa estrutura social da pré-história recente da Amazônia. A pesquisa abrangeu os enterramentos em urnas do sítio Camutins do Aterro de Belém, na Ilha de Marajó. Estudou especificamente os enterramentos secundários, relacionando-os a indivíduos de elevado status social. Os resultados indicaram que a diversidade observada na decoração, tamanho, formato e objetos (tangas, machados líticos, contas de colares, pratos, etc.) associados aos mortos eram um meio de reafirmar distinções culturais e sociais entre os indivíduos. As urnas antropomorfas e decoradas com símbolos femininos seriam reservadas às mulheres e urnas sem decoração e com acompanhamentos de objetos líticos aos homens. Neste caso, observamos a presença de identidades de gênero representadas por meio dos objetos e decorações associados diferentemente aos homens e às mulheres da elite. Através da análise da distribuição espacial dos aterros da elite e pelo exame das características das práticas funerárias podemos também propor que esses seriam exemplos de locais de memória. A monumentalidade dos aterros pode ser considerada como marcador dos espaços funerários da elite.

Em outro trabalho, intitulado *“Estatuetas Antropomorfas Marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica”* (2001), Schaan fez um estudo de caso sobre as estatuetas antropomorfas da cultura Marajoara. Argumentou que as estatuetas deviam ser entendidas como objetos simbólicos ligados a discursos contextuais de identidade social e de gênero. As estatuetas representariam marcadores de identidades de gênero. A fase Marajoara se caracteriza pelo predomínio de representação de figuras femininas em estatuetas e urnas funerárias, o que implica na construção de visões que envolvem aspectos relativos aos papéis sociais e políticos de mulheres em cerimônias e rituais, e conseqüentemente, em estruturas de poder. As figuras antropomorfas femininas são identificadas pela representação de seios, triângulos pubianos e, em alguns casos, com ventres avolumados.

A questão de gênero e identidade ultrapassa, para Schaan, o nível do sexo biologicamente definido. Os contextos sociais são organizados em função das

relações de poder (masculino X feminino), da produção econômica, entre outros. Entretanto, outros aspectos podem ser relevantes, em função da idade e de atividades especializadas. A autora argumenta que, em muitas sociedades, crianças são tratadas como seres que não são nem femininos nem masculinos e só adquirem identidade de gênero e papéis sociais quando são iniciados nos rituais de passagem. Assim, também, em algumas sociedades mulheres mais velhas passam a ter o direito de participar de ritos cerimoniais restritos ao homem, e proibidos a mulheres em idade reprodutiva. De modo que, neste caso, o xamã estaria associado a uma identidade do sagrado, o que transcende as divisões de gênero por sexo, e respalda-se nas construções de papéis e identidades num contexto social mais complexo.

Lucy (1994, apud LUCY, 2005), no trabalho "Children in early medieval cemeteries" avaliou as atitudes sociais no tratamento funerário de crianças em cemitérios cristãos e pré-cristãos em Yorkshire, Inglaterra, entre os séculos V e XII. Seu estudo demonstrou que, nos cemitérios cristãos, a distinção entre crianças e adultos era feita pela localização dos corpos no espaço em torno da igreja. Já nos cemitérios pré-cristãos a distinção entre adultos e crianças foi observada na posição dos bens que acompanhavam os enterramentos e no número de enterramentos de crianças em posição flexionada ou agachada. A autora interpretou que, nos cemitérios pré-cristãos, para caracterizar o que era uma criança e o que era um adulto alguns fatores tinham mais peso que a idade cronológica. A distinção nos cemitérios cristãos foi interpretada como uma noção mais rígida do papel da criança nas sociedades cristãs. Lucy conclui que os grupos etários estão subordinados às noções dos papéis sociais em diferentes tempos históricos, determinados por cada sociedade para os seus membros. Neste caso, os marcadores de identidade na sociedade pré-cristã estariam representados na diferença entre adultos e crianças através da posição dos objetos presentes nos enterramentos e na posição dos corpos das crianças, agachadas e com membros flexionados.

Na Furna do Estrago, os envoltórios de fibras vegetais representariam elementos de uma identidade coletiva. Este tipo de envoltório pode ser encontrado em outros sítios arqueológicos, associados a enterramentos. Há informações, nas descrições da etnografia e da etnohistória, sobre o uso de redes e de cordas nas quais os mortos

eram envolvidos antes de serem colocados dentro das covas. Podemos citar Lery (1980); Soares de Sousa (2000) e Carneiro da Cunha (1978).

Entre os Krahó, na prática do enterramento secundário, após o descarte, os ossos eram pintados de urucu, embrulhados em uma esteira e enterrados em uma cova funda; esta prática, contudo, dependia do status do morto e era proibida às crianças (CARNEIRO DA CUNHA, 1978).

Nos trabalhos arqueológicos, podemos citar Oliveira (2001) e Maranca (1991). Ao escavar o sítio Alcobaça, Oliveira (2001) identificou o uso de restos de trançados de fibras vegetais nos cinco enterramentos secundários e coletivos identificados nestes sítios. Além dos trançados, foram identificados fios de cordéis elaborados com fibras de palmeira e de cordas produzidas em fibras de caroá. Estes enterramentos estão datados entre 2466 ± 26 AP e 1873 ± 24 AP. Neste sítio, assim como na Furna do Estrago, as fibras vegetais foram um elemento recorrente da prática funerária.

De acordo com Maranca (1991), na Toca do Congo I existiam vestígios de envoltórios, provavelmente restos de tecidos ou de redes associados aos enterramentos depositados em fossas escavadas no solo do abrigo. Estes enterramentos estão datados em 2090 ± 110 anos BP.

Nos resultados da análise das estruturas funerárias do sítio Toca da Baixa dos Caboclos verificamos que havia uma padronização para os enterramentos dos indivíduos e que a deposição do corpo em urna funerária seria um elemento representativo da identidade coletiva do grupo, pois entendemos esse objeto como um dos marcadores das identidades do grupo. As urnas estavam associadas à maioria dos enterramentos, constituindo, portanto um elemento recorrente nas estruturas funerárias deste sítio.

Registros etnográficos do Brasil informam a recorrência da utilização de urnas nos rituais funerários de diversos grupos étnicos. Os Tapirapé, por exemplo, nos enterramentos femininos e de crianças utilizavam vasilhas cerâmicas (BALDUS, 1970); outros grupos Tupi, como os Carijó, Chiriguano, Cocama, Guaianá e Mundurucu também utilizavam urnas para enterramentos primários e secundários de

adultos (CÉSAR, 1972); os Tupinambá sepultavam as crianças em urnas e os adultos em covas e envolvidos em uma rede (SOARES DE SOUSA, 2000).

Nos dados arqueológicos do Nordeste este tipo de envoltório foi identificado em vários sítios. Enterramentos em urna funerária foram assinalados na Vila de Piragiba, no município de Muquém do São Francisco, no Estado da Bahia. Trata-se de uma aldeia onde foram encontrados mais de 120 enterramentos. Porém, apenas sessenta e quatro (64) foram retirados do sítio, e, destes, cinquenta e seis (56) foram realizados em urnas funerárias que continham enterramentos conservados ou restos de ossos. As urnas apresentam a forma ovoide, e em algumas havia acompanhamento funerário, como rodela de fuso, tigelas pequenas, colar com contas de ossos (principalmente nos enterramentos das crianças) ou de dentes de animais; pingentes, material lítico e tembetás (FERNANDES, 2003).

Na área da Serra da Capivara e do entorno há sítios arqueológicos onde foram evidenciados enterramentos em urnas que apresentam datações mais recentes e próximas ao período de conquista do território, como os sítios Cana Brava, com datações de 790 ± 50 BP e 490 ± 50 BP, e o São Braz, com datação 880 ± 50 BP; em outros sítios foi evidenciada a utilização desses objetos na prática funerária em períodos de ocupação mais antigos, como, por exemplo, na Toca do Gongo I, onde foram encontrados quatro enterramentos em urnas, com datação de 2090 ± 110 anos BP.

No contexto funerário, os objetos cerâmicos se transformam em elementos de representação, um meio de “(...) estabelecer a identidade de um grupo (...)” em relação a outra unidade social. Nesta visão, a decoração de uma cerâmica, por exemplo, pode constituir um elemento para distinguir a função do objeto, ou um grupo de outro. Desta forma, um grupo, unido pelo sentimento do “nós”, adota uma decoração diferente da de outro, que o primeiro considera como “os outros” (ALARCÃO, 1996, p. 23).

No sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz os resultados demonstram uma distinção significativa entre os enterramentos, indicando a presença de, ao menos, dois rituais funerários: um realizado com a utilização de urnas cerâmicas, e o outro por grupos

que enterravam os corpos diretamente no solo do abrigo. Neste sítio, as datações obtidas situam dois enterramentos em períodos distintos: 920 ± 35 (Ua – 23386) e 935 ± 40 (Ua – 22776), para enterramento no solo, e 365 ± 40 (Ua – 22074), para enterramento em urna. Com base nas datações, a variação existente poderia significar a presença de, pelo menos, duas ocupações de grupos com identidades coletivas distintas, que utilizaram o abrigo como cemitério.

A datação de 365 ± 40 BP para o conjunto funerário dos ceramistas da Toca do Serrote do Tenente Luis é contemporânea às datações de 370 ± 40 BP e 340 ± 40 BP do sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Confrontando a contemporaneidade cronológica nestes dois sítios e as características nas práticas funerárias, como a escolha de abrigos para enterramentos; o uso de urnas; o tratamento de superfície corrugado; formas semelhantes das urnas, como as ovoides e esféricas, propomos, como hipótese, que esses grupos compartilhavam alguns elementos culturais semelhantes em seus rituais funerários. Com a continuidade dos estudos sobre as práticas funerárias dos grupos ceramistas da Serra da Capivara esta hipótese poderá ou não ser confirmada futuramente.

Outro ponto que gostaríamos de discutir se refere ao contexto funerário e ao próprio sítio, tratado como cemitério, o qual pode ser considerado como um lugar de memória. O contexto funerário, em nosso entendimento, cumpre também o papel de lugar de memória, pois apresenta os três critérios propostos por Pierre Nora (1993): materialidade, funcionalidade coletiva e simbolismo. Ou seja, os contextos funerários apresentam vestígios materiais das práticas funerárias realizadas; tinham função coletiva e simbólica, pois eram locais onde os grupos reafirmavam seus valores e suas crenças, realizavam rituais carregados de simbolismo e construía suas memórias. São locais onde as memórias e identidades foram forjadas e preservadas. A construção da memória cessa quando o grupo deixa de existir, mas, por outro lado, os lugares de memória, como os cemitérios, apresentam vestígios materiais cristalizados de tempos passados. Portanto, não há grupo ou atividade coletiva que não tenha uma relação com uma parte do espaço. Assim, as atividades relacionadas à prática funerária têm seu espaço definido.

Em relação aos sítios de nosso estudo, sugerimos que podem ser considerados como espaços de memória, pois apresentam os elementos característicos elencados por Nora (1993). Podem ser locais naturais, como os abrigos, ou construídos ou demarcados pelos grupos, como os terraços e os aterros. No caso da Furna do Estrago, por exemplo, foi observado que este sítio foi exaustivamente utilizado como cemitério por, pelo menos, 250 anos. Em algumas áreas do sítio ocorreu a recolocação de esqueletos, para dar lugar a novos enterramentos. O conhecimento da existência de enterramentos anteriores e a contínua utilização, por grupos aparentados, para a realização de rituais funerários, confere à Furna do Estrago a característica de um lugar de memória. No sítio Pedra do Alexandre gostaríamos de acrescentar, aos elementos elencados, o fato ser um local especial e sagrado, como sugerido por Martin (2004) e de destaque cênico e panorâmico na paisagem, assinalado por Mutzemberg (2007). Na interpretação pós-processual, por exemplo, os megalíticos europeus são considerados paisagens rituais, espaços cerimoniais de simbologia astronômica e cósmica que foram construídos e mantidos ao longo do tempo. Esses espaços serviram para a manutenção da memória dos grupos que os construíram e utilizaram. O longo período em que o abrigo Pedra do Alexandre foi utilizado sugere que era um local sagrado e de destaque na paisagem, fato que pode ter guiado a escolha do local para a prática de rituais.

Portanto, o espaço funerário dos sítios Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II pode ser compreendido, também, como lugar de memória, pois foi palco de ritos e de memórias que estão hoje inacessíveis, mas são espaços onde as identidades podem ser, conforme a conservação dos vestígios funerários, parcialmente apreendidas.

4.9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do trabalho nos propomos verificar se o contexto funerário pré-histórico é portador de identidades que estão representadas na materialidade das estruturas funerárias, seja por meio de objetos e formas comuns, seja do próprio indivíduo. Buscamos, desta maneira, revelar a presença, mesmo que parcial, de marcadores de identidades coletivas. Defendemos tal ideia porque os vestígios funerários são remanescentes dos rituais funerários. Através da realização do ritual funerário, o grupo transmite uma parte de sua memória grupal, coletiva, manifestada também no enterramento.

O uso da estatística descritiva nos possibilitou verificar características semelhantes e diferentes nos rituais realizados nos sítios analisados. A impossibilidade de se proceder a testes de múltiplas variáveis resultou da falta de dados entre as variáveis biológicas e culturais. Mesmo assim, a partir da caracterização e descrição das práticas funerárias identificadas nos sítios de nosso estudo conseguimos perceber que as identidades se manifestaram de diferentes maneiras, em cada sítio. Na relação entre os elementos da estrutura (corpo, objetos e cova), cada grupo humano elegeu elementos diferentes para representar suas identidades. No caso do sítio Pedra do Alexandre, com o maior número de enterramentos datados, a distância cronológica e as diferenças entre os enterramentos indicam a presença de distintos procedimentos funerários. Também no sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz diferentes procedimentos funerários foram verificados.

A partir dos resultados, concluímos que uma parcela da cultura material associada aos enterramentos representava identidades coletivas, como os objetos líticos, os fragmentos e objetos cerâmicos, as urnas funerárias, os adornos, os envoltórios; que a posição dos indivíduos nas covas e os tipos de enterramentos representavam identidades; e que identidades também estavam representadas pela idade. A idade é também uma categoria construída culturalmente e está relacionada com o papel que os indivíduos desempenham no grupo social a que pertencem. A constatação da existência de identidades relativas à idade foi uma das contribuições deste trabalho, porque a idade está relacionada a outras identidades como o gênero, o

sexo, o status e a etnia. Na maioria das sociedades, os membros de um gênero são percebidos diferentemente em função de sua idade e isto se reflete também na ritualização funerária.

Em relação aos limites verificados, neste trabalho, no que concerne à determinação de identidades, estão relacionados à falta de dados nas escavações realizadas, como consequência do não registro de todas as informações referentes aos enterramentos; a falta de dados uniformizados; e à má conservação do material. A inexistência de dados relativos a algumas variáveis, como, por exemplo, o sexo, com um grande número de indivíduos de sexo indeterminado (decorrente da má conservação do material), impediu que esta variável fosse utilizada de forma satisfatória. Há muitos aspectos sobre as identidades de sexo que podem ser explorados, pois as distinções sexuais são significativas na organização social e econômica das sociedades.

A análise da estrutura funerária de qualquer sítio arqueológico com vestígios funerários não pode ser realizada sem uma documentação precisa. De acordo com Moinat (1988), as limitações se concentram em três domínios: a cronologia, a documentação e a descrição antropológica. No que se refere aos dados cronológicos reiteramos a necessidade de se realizarem novas datações no material ósseo dos sítios estudados, pois este foi um dos fatores limitantes. A realização de datações permitiria estabelecer temporalmente as práticas funerárias entre áreas arqueológicas do Nordeste, como também conferir a contemporaneidade ou não das identidades verificadas em nossos resultados.

A documentação produzida em campo é imprescindível para a realização de estudos posteriores. São necessárias descrições pormenorizadas, precisas e uniformizadas, tanto da cova como do corpo e dos materiais que acompanham ou não a estrutura funerária. Em muitos sítios, os ossos foram encontrados em péssimo estado de conservação, e muitas vezes não é possível removê-los para estudos em laboratório. Desta maneira, deve-se obter o máximo de informações no próprio sítio. Para isso, é necessário utilizar todas as formas possíveis de registro: filmar, desenhar, fotografar e descrever com detalhes todos os elementos relacionados, em toda a estrutura funerária. Isto implica obrigatoriamente na confecção de protocolos

únicos, contendo o maior número possível de dados. Estes protocolos devem ser criados pelo conjunto de pesquisadores que trabalham no Nordeste, a fim de possibilitar a unificação dos dados.

Outro problema percebido e relacionado com o registro das informações, diz respeito à exumação de cadáveres, principalmente de enterramentos infantis, e à descrição antropológica dos enterramentos. A presença, em campo, de um antropólogo físico ou de arqueólogos treinados e com experiência em Arqueologia funerária se torna uma exigência nas futuras escavações de sítios cemitérios, para evitar a perda de informações imprescindíveis do contexto funerário.

O resultado da análise e o manuseio dos dados funerários destes sítios levantaram novos encaminhamentos a serem incorporados aos estudos das identidades: aprofundar os estudos das “identidades das idades”, principalmente focadas no papel das crianças, dos idosos e das mulheres; iniciar os estudos sobre as identidades de sexo e gênero a partir dos contextos funerários; realizar datações nos enterramentos e testes de DNA em indivíduos de um mesmo sítio, ou conjunto de indivíduos de uma mesma área do sítio, que apresentem semelhanças na ritualização funerária; e aplicar a metodologia da Arqueologia funerária em todos os novos sítios cemitérios.

Por fim, queremos enfatizar que estudos utilizando protocolos unificados, registros eficientes e metodologia da Arqueologia funerária resultam no levantamento de evidências arqueológicas significativas para a análise de aspectos relativos às identidades coletivas. Consideramos, portanto, que a estrutura funerária pré-histórica, como um espaço privilegiado, deve ser compreendida como um local onde as identidades e a memória coletiva foram representadas e mantidas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Pedro. **Kwarip: mito e ritual no Alto Xingu**. São Paulo: EPE/Edusp, 1974.

AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. **Revista de História Regional**, v. 3, n. 2, 1998. Disponível em: <www.uepg.br/rhr/v3n2/camilla.htm> Acesso em: 22 jan. 2006.

AGUIAR, Alice. **A tradição Agreste: análise de 20 sítios de arte rupestre em Pernambuco**. 1986. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986.

ALARCÃO, Jorge de. **Para uma conciliação das arqueologias**. Porto: Edições Afrontamento, 1996. (Histórias e Idéias, 7).

_____. In: JORGE, V. O. et al. (Coords.). **Identidade, identidades**. Porto: Adicap, 2002.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Caçadores-coletores no Agreste pernambucano: ocupação e ambiente holocênico. **Clio**, Recife, v. 1, n. 4, (extra), p. 73-74, 1991. (Série Arqueológica).

ALCINA FRANCH, José. **Arqueologia antropológica**. Madrid: Akal Ediciones, 1989.

ALVES, Márcia A. Documentação cerâmica contextualizada e as diferenças de gênero nos sepultamentos primários do sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. **Canindé**, Aracaju, n.3, p. 275-289, dez. 2003.

ARAÚJO, Adauto et al. **Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1998. 94p.

ARNAUD, M-B. et al. **L'Aire archéologique du sud-est du Piauí Brésil: le milieu et les sites**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1984. 118p. (Synthese, 16)

ARSUAGA, Juan L.; MARTÍNEZ, Ignacio. **La especie elegida**. 11. ed. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1997.

ATHIAS, Renato. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

BALDUS, Herbert. **Tapirapé tribo tupi no Brasil Central**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970. (Brasiliana, 17).

_____. **Ensaio de Etnologia brasileira**. 2.ed. São Paulo: Editora Nacional/INL/MEC, 1979. (Brasiliana, 101).

BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BECKER, Ítala. B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 61-74, 1994.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Tradução de Alberto Candéias. Lisboa: Livros do Brasil, 2005. 330p. (Coleção Vida e Cultura).

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 15, p.103-117, 1983.

BINANT, Pascale. **La préhistoire de la mort**. Paris: Editions Errance, 1991. (Collection des Hespérides).

BINFORD, Lewis R. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, J. A. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the American Archaeology Society**, n. 25, p. 6-29, 1971.

CANTO, Antonio C. **Caracterização Geoarqueológica e Paleoambiental do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE/Brasil**. 1998. 201f. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA. Roberto. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unisp, 2006.

_____. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó**. São Paulo: Hucitec, 1978.

CARVALHO, Olívia A. Espodilólise e variações morfológicas congêntas identificadas na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco. **Symposium**, Recife, v. 34, n.2, p. 180 -195, jul./dez. 1992.

_____. **Análise das anomalias de desenvolvimento na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil**. 1995. 114f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Contribution a L'archeologie bresilienne : etude Paleoanthropologique de deux necropoles de la region de Xingo, etat de Sergipe, nord-est du Bresil**. 2006. 506 f. These (Doctorat) - Faculte des Sciences, Département d'Anthropologie et d'Écologie, Universite de Geneve, Geneve, 2006.

_____. **Bioanthropologie des nécropoles de Justino et de São José II, Xingó, Brésil**. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2007. 232p.

CARVALHO, Olívia A.; OLIVEIRA, Claudia. Sítio Jerimum, Xingó, Brasil: Primeira abordagem Paleoantropológica. **Canindé**, Aracaju, n.2, p. 103-118, dez. 2002.

CARVALHO, Olívia A.; VERGNE, Cleonice. Estudo paleodemográfico e tafonômico na população pré-histórica da necrópole de São José II (Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil). **Canindé**, Aracaju, n.1, p. 101-116, dez. 2001.

CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, Albérico. N.; VERGNE, Cleonice. A diagnose de sexo e idade dos esqueletos humanos em sepulturas com ossos de animais no sítio Justino (Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil). **Canindé**, Aracaju, n.2, p. 275-281, dez. 2002.

CARVALHO, Olívia A. de; QUEIROZ, Albérico N. de. Informações tafonômicas da coleção paleoantropológica de Xingó, Brasil, como subsídio à compreensão de processos culturais. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 2, n. 19, p. 148-174, 2005. 1 CD-ROM.

CARVALHO; Olívia A. QUEIROZ, Albérico N.; MORAES, Flávio A. Diagnóstico diferencial entre fatores tafonômicos, anomalias de desenvolvimento e casos patológicos nos crânios exumados do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. **Canindé**, Aracaju, n.10, p. 27-49, dez. 2007.

CASTRO, Viviane M. C. **Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí**. 1999. 109f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

CÉSAR, José V. Enterros, em urnas, dos Tupi-Guaranis. In: SCHADEN, Egon (Org.) **Homem, cultura e sociedade no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972. p.26-51.

COELHO, José T. **Dicionário crítico de política cultural**. 3.ed. FAPESP: Iluminuras, 2004.

CRUBÉZY, E.; LORANS, E.; MASSET, C.; PERRIN, F.; TRANOY, L.; L'archéologie funéraire. Editions Errance, 2007. (Collection Archéologiques)

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru:EDUSC, 2002.

DANTAS, Vladimir. J. **Pausa para um banquete: análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe**. 2005. 147f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2005.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. Gender identity. In: DÍAZ-ANDREU, M. et al. **The Archaeology of identity**. New York: Routledge, 2005. p. 13 – 42.

DÍAZ-ANDREU, Margarita.; LUCY, Sam. Introduction. In: DÍAZ-ANDREU, M. et al. **The Archaeology of identity**. New York: Routledge, 2005. p. 1 –12.

DUARTE, Antonio. N. **Estudo paleoparasitológico em coprólitos do sítio arqueológico Furna do Estrago, município do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco**. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: Durkheim, vida e obra. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2001. (Sociologia e religião).

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. (Orgs.). **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. Tradução de Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.

EDWARDS, David N. The archaeology of religion. In: DÍAZ-ANDREU, M. et al. **The Archaeology of identity**. New York: Routledge, 2005. p. 110 -128.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAGUNDES, Marcelo. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, baixo São Francisco, Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FELICE, Gisele. D. **Contribuição para estudos geoarqueológicos e paleoambientais: proposta metodológica**. 2006. 208f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

FERNANDES, Henry L. A. **Os sepultamentos do sítio Aratu de Piragiba: Bahia**. 2003. 363f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FERNÁNDEZ MARTINÉZ, Víctor.; GONZALÉZ RUIBAL. Alfredo. Historia, arqueología e identidad de un pueblo fronterizo: los Berta de Benishángul (Etiópia Occidental), 2001. Disponível em:

<http://www.ucm.es/info/arqueoweb/numero3_3/articulo3_3_fernandez_ruibal.html>

Acesso em: 27 mar. 2006.

FONTES, Mauro A. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN**. 2003. 132f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

_____. Perfil técnico cerâmico cotidiano e cerimonial dos sítios arqueológicos da Pedra do Alexandre, Casa de Pedra e Pedra do Chinelo – RN. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n.20, p. 209-226, 2006.

GUIDON, Niéde. Notas sobre dois sítios da área arqueológica de São Raimundo nonato, Piauí. **Clio**, Recife, v. 1, n.5, p. 41-46, 1989. (Série Arqueológica).

GUIDON, Niéde; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Claudia; VERGNE, Cleonice. Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. **Clio**, Recife, v. 1, n.13, p. 187-192, 1998. (Série Arqueológica).

GUIDON, Niéde; PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil. **Clio**, Recife, v. 1, n. 6, p. 123-126, 1990. (Série Arqueológica).

GUIDON, Niéde; VERGNE, Cleonice; VIDAL, Irma. A. Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara. **Clio**, Recife, v. 1, n.13, p. 127-138, 1998. (Série Arqueológica).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. (Org.) **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.103-133.

HARRIS, Marvin. **El desarrollo de la teoria antropológica: una historia de las teorías de la cultura**. 12.ed. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2003.

HEGEL, Georg W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas**. A ciência da lógica (1830). São Paulo: Loyola, 1995.

HERNANDO, Almudena. Aproximación etnoarqueológica al estudio del neolítico: la utilidad del caso k'ekchí' para el estudio de la prehistoria europea. In: **Complutum Extra**, 6 (11), p. 193-202, 1996. Disponível em:

<<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi/11316993/articulos/CMPL9696330193A.PDF>

> Acesso em: 26 abr. 2008.

_____. La identidad Q'eqchí percepción de la realidad y autoconciencia de un grupo de agricultores de roza de Guademaal. In: **Revista Española de Antropología Americana**, n. 27, p. 199-220, 1997. Disponível em:

<<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi/05566533/articulos/REAA9797110199A.PDF>

> Acesso em: 26 abr. 2008.

_____. Sobre identidad y prehistoria. In: **Arqueoweb: Revista sobre Arqueología en Internet**, v. 3, n. 3, 2001 Disponível em:

<[http://www.ucm.es/info/arqueoweb/word/3\(3\)/hernando.doc](http://www.ucm.es/info/arqueoweb/word/3(3)/hernando.doc)> Acesso em: 10 mar. 2006.

_____. **Arqueología de la identidad**. Madrid: Ediciones Akal, 2002.

HODDER, Ian. Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture. Cambridge. New Studies in Archaeology, 1982.

_____. **Interpretación em archaeología**. Barcelona: Critica, 1994.

JERÔNIMO, Onésimo; CISNEIROS, Daniela. Indústrias líticas da área arqueológica de Xingó. **Cadernos de Arqueologia**, Aracaju: UFS/CHESF/PETROBRÁS/PAX, 1997, 19p. (Documento, 10).

JONES, Siân. **The Archaeology of ethnicity**. constructing identities in the past and present .1997.

_____. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na Arqueologia histórica. Tradução de Solange Nunes de Oliveira Schiavetto. In: FUNARI, Pedro P. A.; ORSER Jr., Charles E.; SCHIAVETTO, Solange N. de O. (Orgs.). **Identidades, discurso e poder: estudos da Arqueologia contemporânea**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. p. 27-43.

JORGE, Susana. O. In: JORGE, Vítor O. et al. (Coord.) **Identidade, identidades**. Porto: Adecap, 2002.

KESTERING, Celito. Um container de genes. In: **A hora da colheita**. Florianópolis, 2005. p. 93-108.

_____. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho – BA**. 2007. 298f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

KNEIP, Lina; MACHADO, Lilia. Os ritos funerários das populações pré-históricas de saquarema, RJ: Sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. **Documento de Trabalho**, Rio de Janeiro, n.1, 76p. 1993.

LAGROU, Else. M. O que nos diz a arte kaxinawa sobre a relação entre identidade e alteridade? **Mana**, v.8, n.1, p. 29-61, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100002&lng=pt&nrm=iso
Acesso em: 24 mar. 2006.

LAROCHE, Armand F. **O sítio arqueológico da Pedra do Caboclo**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura, 1970.

_____. **Contribuições para a Arqueologia pernambucana. Os sítios arqueológicos do Monte do Angico Bom Jardim – PE**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

LAROCHE, Armand F.; SOARES E SILVA, A.; RAPAINÉ, J. L. **Arqueologia Pernambucana C14**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

LA SALVIA, Eliany S. **A reconstrução da paisagem da paleo-micro bacia do Antônio e sua ocupação pelo homem no pleistoceno**. 2006. 255f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LEDESMA, Rossana E. Diseño de puntas de proyectil. Una via de analisis alternativo para el estudio de identidade em la Quebrada Del Toro, Provincia de Salta, Argentina. **Cuadernos FHyCS-UNJu**, n. 20, p.241-269, 2003. Disponível em:< <http://www.cuadernos-fhyics.org.ar/docs/cuadernos020/2011.pdf>> Acesso em: 4 ago. 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 423-483.

LEONE, Mark. Interpretating ideology in historical archaeology: the William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In: MILLER; Tilley (Ed.). 1984. p. 25-35.

LEPRI, Isabella. Identidade e alteridade entre os Ese Ejja da Bolívia setentrional. **Mana.**, v.11, n.2, p. 449-472, out. 2005 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200005&lng=en&nrm=iso> ISSN 0104-9313. Acesso em: 24 mar. 2006.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. (Reconquista do Brasil, 10).

LEROI-GOURHAN, André. **Simbolos, artes y creencias de la prehistoria**. Madrid: Ediciones Istmo, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

LIMA, Jeannette M. Pesquisa arqueológica no município do Brejo da Madre de Deus - Pernambuco. **Symposium**, Recife, v. 26, n.1, p. 9-60, 1984a.

_____. Arqueologia do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. **Clio**, Recife, n.6, p.91-94, 1984b. (Arqueológica, 1).

_____. **Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco**. 1985. 143f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Programa em Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985a.

_____. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE. **Clio**, Recife, n.7, p.97-111, 1985b. (Arqueológica, 2).

_____. Estudos Zôo e Fitoarqueológicos em Pernambuco. **Symposium**, Recife, v. 34, n.2, p. 146-179, jul./dez. 1992.

_____. **El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil: Em uma perspectiva antropológica y social**. 2001. Tesis (Doctorado en Antropología) – Facultad de Filosofia y Letras, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Mexico, 2001.

LOPES, João T. In: JORGE, V. O. et al. (Coord.) **Identidade, identidades**. Porto: Adecap, 2002.

LUCY, Sam. The archaeology of age. In: DÍAZ-ANDREU, M. et al. **The Archaeology of identity**. New York:Routledge, 2005. p. 43 -66.

LUFT, Vlademir J. Os restos alimentares do Sítio Mirador no Boqueirão de Parelhas – RN. **Clio**, Recife, n. 5, p. 27-31, 1989. (Série Arqueológica).

_____. **A Pedra do Tubarão: um sítio da tradição Agreste em Pernambuco**. 1990. 136f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

LUKESCH, Anton. **Mito e vida dos índios Caiapós**. São Paulo: Pioneira, 1976.

LUNA, Suely. C. **As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil**. 2001. 294f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LUNA, Suely C.; NASCIMENTO, Ana Lúcia. Os grupos ceramistas do Baixo São Francisco: primeiros resultados. **Cadernos de Arqueologia**, Aracaju: UFS/PAX/Petrobras/CHESF, 1997. (Documento 12).

LUZ, Maria de Fátima **O Método de pré-escavação na pesquisa arqueológica – Análise de um caso: a Toca de Cima do Pilão, Piauí**. 1989. 134f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

MCCAFFERTY, Sharisse.D.; MCCAFFERTY, Geoffrey.G., Spinning and weaving as female gender identity in post-classic Mexico. In: HAYS-GILPIN, K.; WHITLEY, D. S. (Eds.) **Reader in gender archaeology**, London: Routledge, 1998. p. 213-230.

MACHADO, Lilia C.; SENE, Glaucia M.; SILVA, Laura P. R. Estudo preliminar dos ritos funerários do Sítio do Caju, RJ. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 75-90, 1994.

MACHADO, Lilia. M. C. **Análise dos remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico de Corondó, Rio de Janeiro**. Aspectos biológicos e culturais. 1983. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

MARANCA, Sílvia. A Toca do Gongo I – Abrigo com sepultamentos no estado do Piauí. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 23, p.159 – 173, 1976.

_____. Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato, Piauí. **Clio**, Recife, v.1, n.4, (extra), p. 95-96,1991. (Série Arqueológica).

MARTIN, Gabriela. Arte rupestre no Seridó (RN): o sítio “Mirador” no Boqueirão de Parelhas. **Clio**, Recife, n.7, p. 81-88, 1985. (Série Arqueológica).

_____. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. **Clio**, Recife, v. 1, n.10, p. 29-46, 1994. (Série Arqueológica).

_____. O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio**, Recife, v. 1, n.11, p. 43-57, 1995-1996. (Série Arqueológica).

_____. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN-PB). **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n.16, p. 11-32, 2003.

_____. O rito e a vida espiritual. In: **Antes - Histórias da Pré-História**. 2004. p. 176-185.

_____. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005a. 434p.

_____. As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque – PE, no contexto da Tradição Agreste. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n.18, p. 27-39, 2005b.

MARTIN, Gabriela; ASÓN, Irma. Manifestações religiosas na pré-história do Brasil. In: AGUIAR, Sylvana M. B.(Org.) **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. v.1.

MELATTI, Julio. C. **Ritos de uma tribo Timbira**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio, 53)

MELLO, Adilson C.; SILVA, Railda N.; FOGAÇA, Emílio. **Sonhos em pedra – um estudo de cadeias operatórias de Xingó**. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2007.

MELLO e ALVIM, Marília C; FERREIRA, Fábio J. L. Os esqueletos do abrigo Toca do Paraguaio, município de São Raimundo Nonato, Piauí. Estudo antropológico. **Cadernos de Pesquisa**, Teresina, n. 4, p. 239-258, out. 1985. (Série Antropologia, 3)

MELLO e ALVIM, Marília. C.; MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago - Pernambuco, Brasil – Nota prévia. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, v. 8-9, p. 349-363, 1983-1984.

_____. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil – Nota Prévia. **Symposium**, Recife, v.26, n.1, p. 61-86, 1984a.

_____. Os esqueletos humanos na Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. **Clio**, Recife, n.6, p.95-97, 1984b. (Série Arqueológica).

MELLO e ALVIM, Marília C.; UCHÔA, Dorath P.; SILVA, Sérgio F. Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio**, Recife, v. 1, n.11, p. 17-42, 1995-1996. (Série Arqueológica).

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. Traumatismos vertebrais como indicadores de atividade física na população da Furna do Estrago, Pernambuco. In: ARAÚJO, Adauto. J.G.; FERREIRA, L. F. (Orgs.) **Paleopatologia e Paleoepidemiologia: estudos multidisciplinares**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, 1992. p. 123-139.(Panorama ENSP, 4).

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila; MELLO e ALVIM, Marília. A população pré-histórica da Furna do Estrago: adaptação humana ao Agreste pernambucano. **Symposium**, Recife, v. 34, n.2, p. 123-145, jul./dez. 1992.

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. **Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural**. 1995. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

MENEZES, Ana Valéria A. **Estudo dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MESKELL, Lynn. Archaeologies of identity. In: HODDER, Ian (Ed.) **Archaeological theory today**. Polity Press, 2001. p.187-213.

_____. The intersections of identity and politics. In: **Archaeology Annual Review of Anthropology**, v. 31, p. 279-301, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 89- 111.

MOINAT, Patrick. Le Néolithique ancien et moyen: sépultures et gravures rupestres. In: COURS D'INITIATION À LA PRÉ-HISTOIRE ET À L'ARCHÉOLOGIE DE LA SUISSE, 5., 1988, Sion. *Résumé...* Sion: Société Suisse de Préhistoire et d'Archéologie, 1988. p.27-36.

MONTARDO, Deise Lucy de O. **Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (Reflexões iniciais)**. 1995. 113 fl. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. (Col. Psicologia social).

MUTZENBERG, Demétrio S. **Gênese e ocupação pré-histórica do sítio arqueológico Pedra do Alexandre: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do Vale do rio Carnaúba – RN**. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

NÓBREGA, Luciana A. Considerações sobre identidade: do singular ao plural. **Revista da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 199-211, 2000. (Série Ciências Humanas) Disponível em: <http://www.editora.ufrj.br/rch/rch22n2/humanas22n2p199_211consideracoessobreidentidade.pdf> Acesso em: 24 mar. 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAES, Sylvia C. Tranças, cabaças e couros no funeral Bororo – A propósito de um processo de constituição de identidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.24, p.25-36 1981.

_____. **Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Ana Lúcia N. **O sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco- estudo das estruturas arqueológicas**. 2001. 186f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

_____. O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no Vale do Catimbau - Buíque - PE. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 2, n.21, p. 5-39, 2006. 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, Claudia. A. **Relatório das escavações: Sítio Cana Brava - Jurema - Piauí**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1997. 12p.

OLIVEIRA, Claudia A. et al. **Grupos pré-históricos do sítio Jerimum. Região de Xingó – Canindé do São Francisco, SE**. Aracaju: Museu de Arqueologia de Xingó, 2005. 158p.

O'SHEA, John. **Mortuary variability: an archaeological investigation**. New York: Academic Press, 1984. (Studies in Archaeology).

PALLESTRINI, Luciana; PERASSO, José A. **Arqueologia: método y técnicas em superfícies amplias**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica, 1984. (Biblioteca Paraguaya de Antropologia, 4)

PEIRANO, Mariza. **A análise antropológica de rituais**. Brasília, 2000. (Antropológica, 270) Disponível em: < <http://www.unb.br/ics/dan/Serie270empdf.pdf> > Acesso em: 15 de abr. 2006.

_____. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Passo- a- passo, 24).

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. **Clio**, Recife, v.1, n.8, p. 35-68, 1992. (Série Arqueológica).

_____. Das origens da religião no Brasil indígena. In: AGUIAR, Sylvana M. B. (Org.) **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002. v.2.

PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. Área arqueológica do Seridó, RN, PB: problemas de conservação do patrimônio cultural. **Fumdhamentos**, São Raimundo Nonato (PI), v. 1, n.2, p.187-208, 2002.

PEYRE, Evelyne. Restos ósseos da Toca do Gordo do Garrincho, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Fundamentos**, São Raimundo Nonato (PI), v. 1, n.1, p.423-431, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/43.pdf>> Acesso em: 17 de jun. 2007.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/104.pdf>> Acesso em: 17 de jun. 2007.

PROENÇA, André. L. **Onde viviam aqueles que aqui passaram? Proposta interpretativa para as ocupações pré-coloniais no Agreste pernambucano**. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

QUEIROZ, Albérico N. **Fauna Reptilia do Brejo da Madre de Deus -Pernambuco – Sítio Arqueológico Furna do Estrago**. 1994. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1994.

_____. Fauna de vertebrados do sítio Arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN: uma abordagem zooarqueológica e tafonômica. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n.15, p. 267-282, 2002.

QUEIROZ, Albérico N.; CARDOSO, Glória. M. Nota prévia sobre a fauna holocênica de vertebrados do sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil. **Clio**, Recife, v. 1, n.11, p. 137-140, 1995-1996. (Série Arqueológica)

RAMOS, Ana Catarina T. **O sítio pré-histórico rupestre Pedra do Alexandre em Carnaúba dos Dantas, RN: estudo dos pigmentos**. 1995. 107f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

RIBEIRO, Berta. Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, v. 30, p. 13-41, 1985.

_____. A linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D. (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**, Arte Índia. Petrópolis: Vozes, 1986a. v.3, p.15-27.

_____. Desenhos semânticos e identidade étnica: o caso Kayabí. In: RIBEIRO, D. (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**, Arte Índia. Petrópolis: Vozes, 1986b. v.3, p.265-286.

RIBEIRO, Marily S. **Uma abordagem historiográfica da Arqueologia das práticas mortuárias**. 2002. 211f. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RODRIGUES, Claudia. D. **Perfil dento-patológico nos remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos brasileiros: o cemitério da Furna do Estrago (PE) e o sambaqui de Cabeçuda (SC)**. 1997. 99f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1997.

RUBEN, Guillermo R. Teoria da identidade: uma crítica. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 86, p.75-92, 1988.

SALLES, Adilson. D. **Estudo Morfométrico de vértebras lombares e sua aplicação na análise da transmissão do peso corporal sobre a coluna lombar – estudo de casos de uma amostra esquelética de população indígena**. 1993. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, Adelson A. **Paleopatologia do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre – Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil. Avaliação epistemológica, radiológica e histopatológica**. 1997. 264f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

SANTOS, Claristella A. Relatório do projeto “**O patrimônio arqueológico pré-histórico no Agreste pernambucano: fronteiras de valorização**”. Recife, 2007, 117p.

SANTOS, Gleyce C. **Estudo tafonômico da arqueofauna reptiliana do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 2006. 72f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SANTOS, José O.; MUNITA, Casimiro S. **Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do baixo São Francisco**. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2007. 150p.

SANTOS, Myrian S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SAXE, A. A. **Social dimensions of mortuary practices**. University of Michigan: Ann Arbor, 1970. Tese (PhD).

SCHAAN, Denise P. Estatuetas antropomorfas Marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa Amazônica. **Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 17, n.2, p. 437-477, 2001. (Série Antropologia).

_____. Investigando gênero e organização social no espaço ritual e funerário Marajoara. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 21-25 set. 2003, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

SENE, Glaucia A. M. **Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos no Nordeste de Minas Gerais**. 1998.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais.** 2007. 389f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SHENNAN, Stephen J. Introduction: archaeological approaches to cultural identity. In: _____. **Archaeological approaches to cultural identity.** 1 ed. London and New York: Routledge, 1994. p. 14-22.

_____. **Quantifying Archaeology.** 2.ed. Edinburgh University Press, 1997.

SILVA, Antônio M. In: JORGE, V. O. et al. (Coord.) **Identidade, identidades.** Porto: Adecap, 2002.

SILVA, Daniela C. **Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil.** 2004. 136f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SILVA, Jacionira C.; VERGNE, Cleonice; POZZI, Henrique A. Reflexões sobre as técnicas de confecção dos artefatos líticos do sítio Justino, Canindé do São Francisco - SE. **Canindé**, Aracaju, n.1, p. 117-123, dez. 2001.

SILVA, Leandro S. **Permanência e continuidade: Grupos ceramistas pré-históricos na área do Parque Nacional Serra da Capivara – PI.** 2006. 137f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SILVA, Sérgio F. S. M. da. **Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo.** 2001. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SILVA, Sérgio F. S. M. da. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo.** 2005. 408f. Tese (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. . In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2005. p. 73-102.

SIMON, Christian; CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, Albérico N.; CHAIX, Louis. **Enterramentos na necrópole do Justino – Xingó.** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Petrobras/CHESF, 1999.

SOUSA, Gabriel S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 9.ed. Recife: Massangana, 407p. 2000. (Série Descobrimientos, 13).

SOUZA, Sheila; VIDAL, Irma; OLIVEIRA, Claudia; VERGNE, Cleonice. Mumificação natural na Toca da Baixa dos Caboclos, sudeste do Piauí: uma interpretação integrada dos dados. **Canindé**, Aracaju, n. 2, p. 83 – 102, dez. 2002.

TAINTER, Joseph A. Mortuary practices and the study of prehistoric society. In: SCHIFFER, M. B. (Ed.). **Advances in archaeological method and theory**. v.1, New York:Academic Press, 1978. p.105-141.

TOCCHETTO, Fernanda. **A cultura material do Guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica**. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

THOMAS, Luis-Vincent. **Antropologia de la muerte**. Traducción de Marcos Lara. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

TORRES, Ana Catarina P.; VILLARROEL, Hugo S. O uso de raios-X na identificação de jazidas minerais – O Sítio “Pedra do Alexandre”, RN. **Clio**, Recife, v. 1, n.10, p. 21-27, 1994. (Série Arqueológica).

TORRES, Ana Catarina P. Estudo dos pigmentos do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas - RN. **Clio**, Recife, v. 1, n.11, p. 59-70, 1995-1996. (Série Arqueológica).

_____. Rituais funerários pré-históricos – um estudo antropológico da morte. **Clio**, Recife, v.1, n. 12, p. 169-175, 1997. (Série Arqueológica).

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Museu Paulista. **Missão de estudos no Piauí. Primeiro Relatório**. São Paulo, 1973.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Museu Paulista. **Missão de estudos no Piauí. Segundo Relatório**. São Paulo, 1974.

VALERA, Antônio C. In: JORGE, V. O. et al. (Coord.) **Identidade, identidades**. Porto: Adecap, 2002.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERGNE, Cleonice. O projeto arqueológico de Xingó, em Sergipe e Alagoas. **Clio**, Recife, v. 1, n.11, p. 213-216, 1995-1996. (Série Arqueológica).

_____. **Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1997. 24p. (Cadernos de Arqueologia, 7).

_____. Estruturas funerárias do Sítio Justino: distribuição no espaço e no tempo. **Canindé**, Aracaju, n.2, p. 251-273,dez. 2002.

_____. **Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do sítio Justino – região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe.** 2004. 362f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. **Cemitérios do Justino - Estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe.** Sergipe: Museu de Arqueologia de Xingó, 2005a. 212p.

_____. Os rituais funerários dos cemitérios “D” e “C” - Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Área arqueológica de Xingó, Sergipe. **Canindé**, Aracaju, n.5, p. 11-50, jun. 2005b.

VIDAL, Irma A. Projeto arqueológico do Seridó: Escavação no Sítio Pedra do Chinelo, Parelhas, Rio Grande do Norte. Primeiros resultados. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n.15, p. 157-169, 2002.

VIDAL, Lux. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira. Os Kayapó – Xikrin do Rio Cateté.** São Paulo: Hucitec, 1977.

VIDAL, Lux; SILVA, Aracy L. O Sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís(Orgs.) **A Temática Indígena na Escola: Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus.** 3.ed. São Paulo: Global; 2000. p. 369-402.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté: os deuses canibais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2005. p.7-72.

APÊNDICE A - Protocolo de Leitura

1. Autor e obra:

Nome do autor:

Título do livro ou artigo, editor, lugar:

Data, ano ou período de publicação:

Comentários sobre a obra ou documento:

Comentários sobre o autor:

2. O texto

Tema do trabalho:

Outros assuntos tratados:

Objetivo(s) e hipótese(s):

Conceitos utilizados:

Postura teórica:

O que o autor defende:

O que o autor critica:

Bibliografia referenciada pelo autor de interesse para o objetivo da pesquisa:

3. Dados retidos da obra de interesse para a pesquisa:

3.1 Informações sobre as Práticas Funerárias e a Cultura Material associada:

Fases do ritual funerário:

Tipos de enterramento:

Preparação do corpo:

Acompanhamento funerário:

3.2 Citações que podem ser utilizadas na tese:

4. Observações Pessoais:

APÊNDICE B - Ficha de Enterramento**1. DADOS SOBRE O SÍTIO**

Nome do sítio:

Localização:

Coordenadas:

Tipo de sítio:

Dimensões:

Altitude:

Relevo:

Área arqueológica:

2. DADOS SOBRE OS ENTERRAMENTOS

1. Nome do sítio

2. Identificação do enterramento

3. Número de indivíduos presentes na estrutura

4. Sexo

5. Classe de idade

6. Paleopatologia

7. Patologia Dentária

8. Tipo de enterramento (se primário, secundário, cremado, restos de ossos)

9. Articulação (indica a conexão ou desarticulação dos ossos)

10. Integridade (indica se o esqueleto está completo ou não, e se não é possível determinar)

11. Posição do corpo (indica a posição em que o corpo foi colocado na cova ou dentro de uma urna)

12. Flexão do corpo

13. Posição da cabeça

14. Disposição dos membros inferiores

15. Disposição dos membros superiores direito

16. Disposição dos membros superiores esquerdo

17. Posição da mão direita

18. Posição da mão esquerda

19. Posição dos pés

20. Tratamento dos Ossos (indica o tratamento realizado nos ossos)

21. Forma da Cova/delimitação

22. Profundidade da cova
23. Tipo de estrutura delimitando a cova (material utilizado para demarcar o local da sepultura)
24. Tipo de envoltório (é o material utilizado para envolver o corpo)
25. Forma da Urna (as urnas são vasilhas cerâmicas e são classificadas por formas geométricas: Elipsóide horizontal, Elipsóide vertical, Ovóide, Ovóide invertido, Esférica e cone)
26. Tratamento de superfície da urna (o tratamento realizado na superfície da urna para dar um acabamento ou decoração à peça: Alisado, Corrugado, Escovado, Pintado, Polido)
27. Quantidade de urnas
28. Forma da tampa da urna (como é também uma vasilha cerâmica é classificada da mesma forma que a urna, por formas geométricas: Elipsóide horizontal, Elipsóide vertical, Ovóide, Ovóide invertido, Esférica e cone)
29. Tratamento de superfície da tampa da urna (o tratamento realizado na superfície da urna para dar um acabamento ou decoração à peça: Alisado, Corrugado, Pintado, Polido)
30. Quantidade de tampas
31. Adornos (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários: são os colares, pingentes, pulseiras, enfeite labial (tembetá), tornozeleira).
32. Quantidade de adornos
33. Instrumento musical: apito, flauta (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
34. Quantidade de Instrumento musical
35. Lítico lasca (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
36. Lítico mão de pilão (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
37. Lítico núcleo (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
38. Lítico raspador (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
39. Lítico choppers (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
40. Lítico furador (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
41. Lítico bigorna (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
42. Lítico lâmina de machado (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
43. Lítico ponta de projétil (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)

44. Lítico afiador (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
45. Lítico polidor (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
46. Lítico batedor (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
47. Lítico boleadeira (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
48. Lítico pilão (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
49. Lítico alisador (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
50. Instrumento de osso: Ponta, Furador, Agulha, Espátula (faz parte dos objetos classificados como acompanhamentos funerários)
51. Quantidade de Instrumento de osso
52. Instrumento de madeira: Tacape, Espátula (faz parte dos materiais classificados como acompanhamentos funerários)
53. Quantidade de Instrumento de madeira
54. Material cerâmico: vasilhas, fragmentos de vasilhas, cachimbos, fuso (faz parte dos materiais classificados como acompanhamentos funerários. As vasilhas neste caso não estão na função de urna funerária)
55. Forma das vasilhas (também é classificada da mesma forma que a urna, por formas geométricas).
56. Quantidade de vasilhas
57. Quantidade de fragmentos de vasilhas
58. Forma do cachimbo: Tubular, Angular
59. Quantidade de cachimbos
60. Material faunístico (faz parte dos materiais classificados como acompanhamentos funerários ou associados ao enterramento)
61. Esqueleto de animal (presença de esqueleto completo de animal no enterramento. Faz parte dos materiais classificados como acompanhamentos funerários ou associados ao enterramento)
62. Material vegetal
63. Corante
64. Outras estruturas associadas ao enterramento
65. Cronologia/datação/período de ocupação

APÊNDICE C – Sítio Furna do Estrago

Estrutura	N. Indivíduos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária	Tipo enterramento
1	simples	masculino	adulto jovem	adulto	artrose	não observado	primário
2	simples	feminino	sub adulto	infante	anomalia des.	não observado	primário
3	simples	feminino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
4	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
5	simples	masculino	adulto	adulto	anomalia des.	perda ante morte	primário
6	simples	feminino	adulto	adulto	anomalia des.	perda ante morte	primário
7	simples	feminino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	primário
8	simples	masculino	adulto jovem	adulto	não observado	não observado	primário
9	simples	feminino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	indeterminado
10	simples	feminino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	indeterminado
11	simples	masculino	adulto	adulto	artrose	perda ante morte	primário
13	simples	masculino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	primário
14	simples	masculino	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
15	simples	masculino	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
16	simples	masculino	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
17	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	perda ante morte	primário
18	simples	masculino	idoso	idoso	anomalia des.	perda ante morte	primário
19	simples	feminino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
20	simples	feminino	adulto jovem	adulto	não observado	abrasão	primário
21	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	desgaste	primário
22	simples	masculino	idoso	idoso	anomalia des.	não observado	restos de ossos
23	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
24	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
25	simples	indeterminado	lactante	infante	não observado	não observado	primário
26	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	abrasão	primário
27	simples	masculino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	primário
28	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
29	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	indeterminado
30	simples	indeterminado	criança	infante	anomalia des.	não observado	primário
31	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	restos de ossos
32	simples	feminino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
33	simples	feminino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
34	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
34.a	simples	indeterminado	lactante	infante	não observado	não observado	primário

Articulação	Integridade	Posição corpo	Flexao corpo	Pos. cabeça	Disposição membros inf.	Disposição membros sup. dir.
conexão	parcial completo	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	indeterminado	fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	para baixo	fortemente fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	indeterminado	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	fortemente fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	fortemente fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	para direita	fortemente fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	para cima	indeterminado	indeterminado
não observada	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
não observada	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletido	fletido
não observada	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletido	fletido
não observada	não observada	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral	indeterminado	para baixo	indeterminado	fletido
não observada	não observada	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	indeterminado	fortemente fletido	indeterminado
conexão parcial	completo	decúbito lateral	fletido	indeterminado	indeterminado	fletido
conexão	incompleto	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	indeterminado	indeterminado
conexão parcial	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	indeterminado	fortemente fletido	indeterminado
conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
não observada	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	incompleto	decúbito dorsal	indeterminado	indeterminado	semi fletido	fletido
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral	fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral	fletido	indeterminado	indeterminado	fletido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	indeterminado	indeterminado

Disp. membros sup. Esq	Pos. mão direita	Pos. mão esquerda	Posição pés	Trat. ossos	Estrutura cova	Envoltório
fletido	indeterminada	indeterminado	indeterminado			esteira e palha
fletido	indeterminada	indeterminada	indeterminada		pedra	palha
fletido	região da cabeça	região da cabeça	indeterminada			esteira
fletido	região torácica	região torácica	indeterminada			
fletido	indeterminada	indeterminada	indeterminada			palha
fletido	indeterminada	indeterminado	juntos			
fletido	região da cabeça	região da cabeça	juntos			esteira e palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado		bloco de rocha	esteira e palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e palha
fletido	indeterminado	indeterminado	juntos		bloco de rocha	palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
fletido	indeterminado	indeterminado	juntos		pedra	
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			palha
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado		pedra	palha
fletido	região torácica	região do crânio	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			trançado
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	juntos			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
estendido	região torácica	indeterminado	juntos			esteira
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			palha
fletido	região da cabeça	região da cabeça	indeterminado			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			

Adorno	Q. adornos	Instrumento musical	Q. Instrumento musical	Instrumento osso
colar de contas de osso de ave	1			
colar de contas de osso, colar de conchas, colar de dentes	3			
colar de contas de osso	1			
colar de contas de osso de aves, pingente de osso	2			
colar de contas de pedra, pingente de osso de mamífero	2			espátula de osso de mamífero
colar de contas de conchas	1			
colar de contas de pedra, colar de contas de osso e cochas	2			
colar de contas de sementes	1			
colar de contas de osso	1	flauta de osso humano	1	
colar de conta de concha, pingente de osso	2			
colar de conta de pedra	1			
colar de contas de pedra	1			
colar de contas de sementes	2			
pingente de pedra	1			
colar de contas de osso	1			
colar de conchas e pingente de osso de primata	2			
colar de contas de osso	1			
colar de contas de osso de ave	1			
colar de conta de osso de ave	2			
colar de contas de pedra	1			

Q. Instr. osso	Instr. madeira	Material cerâmico	Material faunístico	Material vegetal	Corante	Cronologia (ocupação)
				madeira		intermediária
				palha	ocre em pedaço	intermediária
				palha, cordéis de caruá		intermediária
						intermediária
1				palha		intermediária
						intermediária
				palha		intermediária
						intermediária
						intermediária
						intermediária
						intermediária
				palha e fibra		intermediária
				palha e fibra	ocre em bloco	antiga
						antiga
		fragmentos				recente
						antiga
				palha		intermediária
						antiga
						antiga
						intermediária
					ocre em bloco	intermediária
						intermediária
			caramujos e ossos de aves			antiga
						intermediária
				palha		antiga
				cordéis de caruá		recente
						antiga
				cordéis de caruá		recente
						intermediária
			caramujo e mandíbula de macaco			recente
				fibra, palha e corda		recente
						antiga
						antiga

Estrutura	N. Indivíduos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária	Tipo enterramento
35	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
36	simples	indeterminado	lactante	infante	não observado	não observado	primário
37	simples	indeterminado	lactante	infante	não observado	não observado	primário
38	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
39	simples	indeterminado	lactante	infante	ausente	ausente	primário
40	simples	indeterminado	lactante	infante	ausente	ausente	primário
41	simples	indeterminado	lactante	infante	ausente	ausente	primário
42	simples	indeterminado	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
45	simples	masculino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	primário
47	simples	masculino	adolescente	infante	anomalia des.	não observado	primário
48	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	restos de ossos
49	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	restos de ossos
51	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	secundário
52	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	restos de ossos
53	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	perda ante morte	primário
54	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
55	simples	indeterminado	criança	infante	anomalia des.	não observado	primário
56	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
87.1	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
87.2	simples	indeterminado	lactante	infante	anomalia des.	não observado	primário
87.3	simples	indeterminado	criança	infante	anomalia des.	não observado	primário
87.4	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
87.5	simples	feminino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	primário
87.6	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
87.7	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
87.8	simples	masculino	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
87.10	simples	indeterminado	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	primário
87.11	simples	masculino	adulto jovem	adulto	anomalia des.	não observado	primário
87.12	simples	indeterminado	adulto	adulto	não observado	não observado	primário
87.13	simples	masculino	adulto jovem	adulto	não observado	não observado	primário
87.14	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	restos de ossos
87.15	simples	indeterminado	criança	infante	não observado	não observado	primário
87.16	simples	indeterminado	idoso	idoso	não observado	desgaste	primário
87.18	simples	masculino	adulto	adulto	anomalia des.	não observado	secundário

Articulação	Integridade	Posição corpo	Flexão corpo	Posição cabeça	Disposição membros inf.	Disposição membros sup. Dir.
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	indeterminado	indeterminado
conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	para esquerda	fletido	semi fletido
conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	para direita	fletido	indeterminado
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletido	fortemente fletido
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	indeterminado	fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	indeterminado	estendido
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	indeterminado	fortemente fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletido	estendido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	para baixo	fortemente fletido	fletido
conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	fletido	indeterminado
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletido	fletido
conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletido	parcialmente estendido
conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	indeterminado	fletido	fletido
conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletido	fletido
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
desarticulado	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
conexão	completo	decúbito dorsal	indeterminado	para cima	indeterminado	fletido
desarticulado	completo	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado

Disp. membros sup. esq.	Posição mão direita	Posição mão esquerda	Posição pés	Tratamento ossos	Estrutura cova	Envoltório
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	pulverizado com ocre		esteira e trançado
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e trançado
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e palha
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira e trançado
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
fletido	região torácica	região torácica	indeterminado			esteira, palha e trançado
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			palha
fletido	região torácica	região torácica	indeterminado			esteira e palha
fletido	indeterminado	Indeterminado	indeterminado		bloco de rocha	
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			esteira
fletido	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
fletido	indeterminado	indeterminado	juntos			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			
fletido	região torácica	região torácica	indeterminado			palha
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado			

Adorno	Q. adornos	Instrumento musical	Q. instr. musical	Instrumento osso	Q. Instr. osso
colar de contas de pedra	1				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de osso	1				
pingente de osso humano	1				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de conchas	1				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de sementes e colar de contas de osso de ave	2				
colar de contas de osso de ave	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de osso	1				
colar de contas de pedra, de concha, de osso, de dentes	4				
		flauta de osso	2		
colar de contas de pedras, de conchas, de ossos	3				

Instrumento madeira	Material cerâmico	Material faunístico	Material vegetal	Corante	Cronologia (ocupação)
					recente
					antiga
		caramujo e ossos de ave	fibra	ocre	antiga
					intermediária
tacape			Cordéis de caruá e tronco		recente
					antiga
					antiga
					antiga
					recente
					recente
				ocre em pedaço	antiga
					intermediária
					intermediária
					intermediária
					recente
			cestaria e trançado		recente
					recente
					intermediária
				ocre em bloco	recente
		cinco crânios de primatas e conchas	palha, trançado	ocre em bloco	recente
					intermediária
					intermediária
					recente
					intermediária
					intermediária
					antiga
					intermediária

Adorno	Quantidade adornos	Instrumento musical	Quant. Instrumento musical
colar de contas de osso e pingente de dente de mamífero	2		
colar de contas de pedra	1		
colar de contas de ossos de aves, de conchas	2		

APÊDICE D – Sítio Pedra do Alexandre

Estrutura	N. Indivíduos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária
1A	múltiplo	1 A masculino	1 A adulto jovem	adulto		
1B	múltiplo	1 B indeterminado	1 B criança	infante		
1C	múltiplo	1 C indeterminado	1 C lactante	infante		
1B	múltiplo	1 D indeterminado	1 D lactante	infante		
2	simples	masculino	adolescente	infante	hiperosteose, osteoporose	abrasão, desgaste, cáries
3	simples	indeterminado	criança	infante		
4	simples	feminino	adulto jovem	adulto	osteoartrose	desgaste
5	simples	indeterminado	lactante	infante		
6	simples	indeterminado	criança	infante		
7A	duplo	7A indeterminado	criança	infante		
7B	duplo	7B indeterminado	criança	infante		
8	simples	indeterminado	lactante	infante		
9	simples	masculino	adulto jovem	adulto		
10	simples	feminino	idoso	idoso	osteoartrose	desgaste
11	simples	indeterminado	lactante	infante		
12	simples	indeterminado	indeterminado	indeterminado		
13	simples	masculino	adulto jovem	adulto		
14	simples	indeterminado	indeterminado	indeterminado		
15A	duplo	15 A masculino	15 A adulto jovem	adulto		
15B	duplo	15 B masculino	15 B adolescente	infante		
16	simples	indeterminado	criança	infante		
17	simples	indeterminado	criança	infante		
18	simples	indeterminado	criança	infante		
19	simples	indeterminado	criança	infante		
20	simples	indeterminado	adulto jovem	adulto		
23	indeterminado	indeterminado	adulto/jovem/criança	múltiplo		
24	indeterminado	indeterminado	adulto/criança/jovem	múltiplo		
25	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado		
26	simples	indeterminado	adulto	adulto		

Tipo enterramento	Articulação	Integridade	Posição do corpo	Flexão corpo	Pos. cabeça	Disp. membros inf.	Disp. membros sup. dir.
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	para baixo	fletido	fletido
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	fletido	fletido s/peito
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	indeterminado	indeterminado
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	indeterminado	indeterminado
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para direita	indeterminado	indeterminado
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	para esquerda	ausente	fletido s/peito
primário	conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado
secundário	desarticulado	incompleto					
secundário	desarticulado	incompleto					
primário	conexão	incompleto	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado

Disp. membros sup. esq.	Posição mão direita	Posição mão esquerda	Posição pés	Tratamento ossos	Forma da cova	Profundidade (m)
				pintado vermelho	circular	1,12
				pintado vermelho		
				pintado vermelho		
				pintado vermelho		
fletido	região cabeça	região cabeça	indeterminado	ausente	não definida	1,22
				ausente	não definida	0,85
fletido s/peito	região torácica	região torácica	juntos	ausente	não definida	1,37
				pintado vermelho	indeterminado	1,32
				ausente	indeterminado	1,17
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	ausente	circular	0,38
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	ausente		
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	ausente	circular	1,35
				ausente	não definida	0,52
fletido s/peito	região cabeça	região cabeça	ausente	ausente	não definida	1,83
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	pulverizado c/ ocre	não definida	0,75
				ausente	não definida	1,28
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	ausente	não definida	1,44
				ausente	não definida	1,78
				ausente	não definida	0,25
				ausente	não definida	
				ausente	não definida	1,26
				ausente	não definida	0,78
				ausente	não definida	1,39
				ausente	não definida	1,32
				ausente	não definida	0,91
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	ausente	não definida	
				ausente	indeterminado	
				ausente	oval	1,85
indeterminado	indeterminado	indeterminado	indeterminado	ausente	não definida	

Estrutura cova	Envoltório	Adorno	Quantidade adorno
lajes de pedras	ausente	ausente	
lajes micaxisto	ausente	colar c/ pingentes de osso de mamífero (cervídeo)	1
aglom pedras	ausente	ausente	
laje arenito	ausente	ausente	
ausente	ausente	ausente	
ausente	ausente	ausente	
aglom pedras	ausente	ausente	
aglom pedras	ausente	colar c/contas de sementes e de ossos e colar c/contas de osso	2
ausente	ausente	ausente	
laje pedra	ausente	ausente	
ausente	ausente	ausente	
aglom pedras	ausente	ausente	
aglom pedras	ausente	ausente	
ausente	ausente	ausente	
pedra arenito	ausente	colar c/pingente de osso de mamífero(cervídeo)	1
aglom pedras	ausente	ausente	
aglom pedras	ausente	ausente	
ausente	ausente	ausente	
bloco micaxisto e quartzito	ausente	ausente	
ausente	ausente	ausente	
laje micaxisto	ausente	ausente	
não informado	ausente	ausente	
pedras de micaxisto	ausente	ausente	
aglom pedras	ausente	ausente	

Instrumento musical	Quant. Inst. Musical	Material faunístico	Material vegetal	Corante	Estrutura
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
apito osso ave	1	ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	fogueira
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	carvão	ausente	ausente
ausente		ausente	carvão	ausente	ausente
ausente		ossos de mamífero	carvão	ausente	ausente
ausente		ausente	carvão	ocre em pedaço	ausente
ausente		ausente	carvão	ausente	ausente
apito osso ave	1	ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		concha gastrópode e osso indeterminado	carvão	ocre em pedaço c/ marca de uso	ausente
ausente		concha gastrópode e osso indeterminado	ausente	ausente	ausente
ausente		concha gastrópode e osso indeterminado	carvão	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	fogueira
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	ausente	ausente	ausente
ausente		ausente	carvão	ausente	ausente
ausente		ausente	carvão	ausente	fogueira

Cronologia	OBS
4710+ /-25BP	
4160+/-70BP	
9400+/-35BP	
8280+/-30BP	laje de arenito sobre as pernas
ausente	localiz prox sep 1A1B1C
5790+/-60BP	localiz acima cranio sep 4
2620+/-60BP	
ausente	
2890+/-25BP	
ausente	localiz abaixo sep. 4
ausente	
ausente	
ausente	esqueleto ficou em campo
ausente	
ausente	cranios s/ ossos longos
ausente	
ausente	
ausente	ossos friáveis
ausente	ossos friáveis, alguns queimados
ausente	
ausente	ossos misturados criança, jovem e adulto?
ausente	ossos misturados criança, jovem e adulto?
ausente	talves dois individuos?
ausente	ossos friáveis e destruídos

APÊNDICE G – Sítio Justino

Estrutura	N. Indivíduos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária	Tipo enterramento	Articulação
1	simples	masculino	adulto indet.	adulto			primário	conexão
2.1	duplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
2.2	duplo	indeterminado	adulto	adulto			secundário	desarticulado
3	simples	feminino	adulto	adulto			secundário	desarticulado
4	simples	indeterminado	criança	infante			primário	conexão
5	simples	masculino	adulto	adulto			primário	conexão
6	simples	feminino	adulto	adulto	ausente	desgaste	primário	conexão
7	simples	indeterminado	adulto	adulto			primário	conexão
8	simples	indeterminado	adulto	adulto			primário	conexão
9	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	desgaste	primário	conexão
10	simples	feminino	adulto	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
11	simples	masculino	adulto	adulto			secundário	desarticulado
12	simples	indeterminado	adulto jovem	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
13	simples	masculino	adulto	adulto	lesões	desgaste	primário	conexão
14	simples	indeterminado	adolescente	infante	ausente	ausente	primário	conexão
15	simples	masculino	adulto jovem	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
16	simples	masculino	adulto	adulto			primário	conexão
17	simples	indeterminado	adulto	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
18	simples	masculino	adulto	adulto		desgaste	primário	conexão
19	simples	masculino	adulto	adulto			secundário	desarticulado
20	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	primário	conexão parcial
21	simples	feminino	adulto	adulto	ausente	perda ante-mortem, desgaste	primário	conexão
22	simples	indeterminado	adulto	adulto	ausente	desgaste	primário	conexão
23	simples	indeterminado	adulto	adulto		perda ante-mortem, desgaste	primário	conexão
24	simples	masculino	idoso	idoso		perda ante-mortem	secundário	desarticulado
25	simples	indeterminado	adulto	adulto		desgaste	primário	conexão
26	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	primário	conexão
27	simples	feminino	adulto	adulto		desgaste	secundário	desarticulado
28	simples	masculino	adulto	adulto	infecção	abcesso	primário	conexão
29	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	secundário	desarticulado
30	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	secundário	desarticulado
31	simples	indeterminado	adulto	adulto		desgaste	primário	conexão
32	simples	indeterminado	adulto jovem	adulto	osteoartrose		primário	conexão

Integridade	Posição corpo	Flexao corpo	Posição cabeça	Disp. membros inf.	Disp. membro sup. dir.	Disp.membro sup. esq.
parcialmente completo	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido	lado direito	fortemente fletidos	fletido	fletido
incompleto						
incompleto						
incompleto						
parcialmente completo	decúbito dorsal	semi-fletido	lado direito	fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido		fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido	para baixo	fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos		
incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado direito	fletidos	estendido	
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos	fletido	fletido
incompleto						
incompleto						
incompleto						
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos	estendido	estendido
incompleto						
incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido		fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto						
completo	procúbito ventral	fortemente fletido	para baixo	fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto						
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo			
incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado direito	fortemente fletidos	fletido	fletido
incompleto	decúbito lateral esquerdo	semi-fletido	lado direito	semi-fletidos	estendido	estendido
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado esquerdo	fletidos	estendido	estendido
incompleto						
parcialmente completo	procúbito ventral	fletido	para baixo	fletidos	fletido	fletido
incompleto	decúbito lateral direito	semi-fletido	lado esquerdo	fletidos	fletido	fletido
incompleto						
incompleto	procúbito ventral	fletido	para baixo	fletidos	fletido	fletido
incompleto						
incompleto						
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo			
incompleto	decúbito lateral esquerdo	semi-fletido	lado esquerdo	semi-fletidos	estendido	estendido

Pos. mão dir.	Pos. mão esq.	Posição pés	Tratamento ossos	Envoltório	Forma urna	trat.sup. urna	quant. urna	adorno
região torácica	região torácica		ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				colar de contas de osso
			ausente	ausente				colar de contas de osso
	região da cabeça		ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
região da cabeça	região torácica		ausente	ausente				ausente
			cortados e polidos	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
		juntos	pintado de vermelho	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
		paralelos	ausente	ausente				colar de contas de osso
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
		juntos	ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				ausente
			ausente	ausente				colar de contas de osso
			ausente	ausente				ausente

Quant. adornos	Instr musical	Quant. Inst. Musical	Lítico lasca	lítico mão de pilão	lítico núcleo	lítico raspador	lítico choppers	lítico furador
0			4	0	2	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			2	0	0	2	0	0
0			1	0	0	1	0	0
1			3	0	0	1	0	0
1			3	0	2	1	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			5	0	2	1	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			5	0	1	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			5	0	0	0	0	0
0			2	0	1	1	0	0
0			3	0	2	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			5	1	3	0	1	0
0			6	1	1	0	0	0
1			4	0	1	1	0	0
0			3	0	0	1	0	0
0			1	0	3	4	1	0
0			2	0	0	4	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			0	0	0	0	0	0
0			5	0	0	0	0	0
0			3	0	1	0	0	0
1			3	0	0	1	0	0
0			3	0	1	1	0	0

Lítico machado	Lítico ponta projétil	Lítico afiador	Lítico polidor	Lítico batedor	Lítico boleadeira	Lítico pilão	Lítico alisador	Total líticos
0	0	0	0	1	0	0	0	7
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	4
0	0	0	0	0	0	0	0	2
0	0	0	0	0	0	0	0	4
0	0	0	0	1	0	0	0	7
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	2	0	0	0	10
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	1	0	0	0	7
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	5
0	0	0	0	1	0	0	0	5
0	0	0	0	1	0	0	0	6
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	10
0	0	0	0	0	0	0	0	8
0	0	0	0	1	0	0	0	7
0	0	0	0	1	0	0	0	5
0	0	0	0	2	0	0	0	11
0	0	0	0	0	0	0	0	6
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	5
0	0	0	0	0	0	0	0	4
0	0	0	0	0	0	0	0	4
0	0	0	0	2	0	0	0	7

Quant .tipos de lítico	Material cerâmico	Forma vasilhas	Quant. Vasilhas	Quant.fragmentos	Forma cachimbos	Quant.cachimbos
3	fragmentos de vasilhas			4		
0						
2						
2	fragmentos de vasilhas			4		
2	fragmentos de vasilhas			2		
4	fragmentos de vasilhas			1		
0						
0						
0						
4	fragmentos de vasilhas			4		
0						
0						
3						
0						
0						
0						
1						
4	fragmentos de vasilhas			7		
3	fragmentos de vasilhas			2		
0						
4						
3						
4	fragmentos de vasilhas			3		
3	fragmentos de vasilhas			6		
5						
2						
0						
0						
1						
2						
2	vasilha alisada/frag.de vasilhas	elipsoide horizontal	2	3		
4						

Estrutura	N. Indivíduos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária	Tipo enterramento	Articulação
33	simples	masculino	adulto	adulto	hiperosteose	abscesso, perda ante-mortem, cárie	primário	conexão
34	simples	masculino	adulto	adulto	artrose	perda ante-mortem, desgaste	primário	conexão
35	simples	masculino	adulto jovem	adulto		desgaste	secundário	desarticulado
36	simples	masculino	adulto	adulto			primário	conexão
37	simples	indeterminado	adulto	adulto			primário	conexão
38	simples	masculino	adulto jovem	adulto	ausente	desgaste	primário	conexão
39	simples	indeterminado	adulto	adulto			secundário	desarticulado
40	simples	feminino	adulto	adulto			primário	conexão
41	simples	indeterminado	adulto	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
42.1	triplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente	desgaste	secundário	desarticulado
42.2	triplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente		secundário	desarticulado
42.3	triplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente		secundário	desarticulado
43	simples	feminino	idoso	idoso	ausente	perda ante-mortem, desgaste	primário	conexão parcial
44	simples	masculino	adulto	adulto	infecção	perda ante-mortem, desgaste	primário	conexão
45	simples	masculino	adulto jovem	adulto	infecção	desgaste	primário	conexão
46	simples	feminino	adulto	adulto			primário	conexão
47	simples	indeterminado	adolescente	infante	ausente	desgaste	primário	conexão
48	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	primário	conexão
49	simples	masculino	adulto jovem	adulto	ausente	desgaste	primário	conexão
50	simples	feminino	adulto	adulto		desgaste	primário	conexão
51	simples	feminino	adulto	adulto			primário	conexão
52	simples	feminino	adulto	adulto			primário	conexão
53	simples	indeterminado	criança	infante	ausente		primário	conexão
54	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	desgaste	primário	conexão
55.1	duplo	masculino	adulto	adulto	ausente	perda ante-mortem	primário	conexão
55.2	duplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente	ausente	primário	desarticulado
56	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	primário	conexão
57	simples	indeterminado	adolescente	infante	ausente		primário	conexão
58	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente	secundário	desarticulado
59	simples	indeterminado	adulto	adulto	ausente		secundário	desarticulado
60	simples	indeterminado	adulto	adulto		desgaste	primário	conexão
61	simples	masculino	adulto	adulto		cárie	secundário	desarticulado
62	simples	indeterminado	adulto	adulto		perda ante-mortem	secundário	desarticulado

Integridade	Posição corpo	Flexão corpo	Pos. Cabeça	Disp. Membros inf.	Disp. Membro sup. dir.	Disp. Membro sup. Esq.
incompleto	decúbito dorsal	estendidos	para cima	estendidos	estendido	estendido
incompleto	decúbito dorsal	estendidos	para cima	estendidos	estendido	estendido
incompleto						
parcialmente completo	procúbito ventral	fortemente fletido	para baixo	fortemente fletidos	fletido	fletido
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos	fletido	fletido
parcialmente completo	decúbito lateral esquerdo	semi-fletido	lado esquerdo	fletidos	parcialmente estendido	parcialmente estendido
incompleto						
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos	parcialmente estendido	fletido
incompleto						
incompleto						
incompleto						
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido		fletidos		
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos	fletido	fletido
incompleto	decúbito dorsal					
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado esquerdo	fletidos		
incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletidos	fletido	fletido sem peito
parcialmente completo	decúbito dorsal		para baixo			
incompleto	decúbito lateral direito		lado direito			
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido	para baixo	fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto	decúbito lateral direito	semi-fletido	lado direito	fletidos		
incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido		fortemente fletidos		estendido
incompleto	decúbito lateral direito	semi-fletido	lado direito	fletidos	estendido	fletido
incompleto	decúbito lateral direito	semi-fletido	lado direito	fletidos	estendido	estendido
incompleto						
incompleto	decúbito lateral direito	semi-fletido	lado direito	fletidos	fletido	
incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado direito	fortemente fletidos	fortemente fletido	fortemente fletido
incompleto						
incompleto						
incompleto	decúbito lateral esquerdo	semi-fletido	lado esquerdo	fletidos	estendido	estendido
incompleto						
incompleto						

Instr. musical	Q. Inst. Musical	Lítico lasca	Lítico mão de pilão	Lítico núcleo	Lítico raspador	Lítico choppers	Lítico furador	Lítico machado
		4	0	1	1	0	0	0
		3	1	4	1	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		3	1	1	0	1	0	0
		2	0	2	1	0	0	0
		3	0	2	0	0	1	0
		6	0	1	0	0	0	0
		5	0	2	0	0	0	0
		1	0	0	1	0	0	0
flauta de osso	1	0	0	0	0	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		7	0	0	0	0	0	0
		3	0	1	1	0	0	0
flauta de osso	1	2	0	0	0	0	0	0
		2	0	1	1	0	1	0
		4	0	2	0	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		4	0	1	0	0	0	0
		10	0	0	0	0	0	0
		5	0	1	0	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		5	0	0	0	0	0	0
		1	1	1	1	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		0	0	0	0	0	0	0
		4	0	2	0	0	0	0
		4	0	0	0	1	0	0
		3	0	0	1	0	0	0
		4	0	1	1	0	0	0
		3	0	0	0	0	0	0
		3	0	1	1	0	0	0

Material cerâmico	Forma vasilhas	Q. Vasilhas	Q. fragmentos	Forma cachimbos	Q. cachimbos	Material faunístico
vasilha alisada/fragmentos de vasilhas	elipsoide horizontal	2	5			ossos de animal indeterminado
vasilha alisada/fragmentos de vasilhas	elipsoide horizontal	2	15			
fragmentos de vasilhas			6			
fragmentos de vasilhas			3			
fragmentos de vasilhas			2			
fragmentos de vasilhas			2			
fragmentos de vasilhas			3			
fragmentos de vasilhas			6			
						ossos de animal indeterminado
			3			dentes de animal indeterminado
vasilhas alisadas	elipsoide horizontal	1	12			
vasilhas alisadas	elipsoide horizontal	1				ossos de animal indeterminado
fragmentos de vasilhas			4			
vasilha alisada/ fragmentos de vasilhas	ovóide invertido	1	3			
fragmentos de vasilhas			5			
fragmentos de vasilhas			5			
vasilhas alisadas	elipsoide horizontal	1				ossos de mamífero
			2			
fragmentos de vasilhas			4			
fragmentos de vasilhas			3			
fragmentos de vasilhas			2			
fragmentos de vasilhas			3	angular	1	
cachimbo /fragmentos de vasilha						

Esqueleto animal	Corante	Estrutura	Cronologia	Obs
	ocre em pedaço		ocupação A	
ave	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação A	
	ocre em pedaço		ocupação B	
	ausente		ocupação A	
	ausente	fogueira	ocupação A	
	ausente		ocupação B	
	ocre em pedaço		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ocre em pedaço		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação B	
	ausente		ocupação A	
	ausente		ocupação A	

Estrutura	N. Indivíduos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária
63	simples	masculino	idoso	idoso		não observado
64.1	triplo	masculino	adulto	adulto	ausente	perda ante-mortem
64.2	triplo	masculino	adulto	adulto	ausente	perda ante-mortem
64.3	triplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente	
65	simples	indeterminado	adulto	adulto		
66	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	desgaste
67	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	
68	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	desgaste
69	simples	feminino	adulto	adulto		desgaste
70	simples	feminino	adulto jovem	adulto		desgaste
71	simples	indeterminado	adulto	adulto		
72	simples	masculino	adulto	adulto		
73	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	
74.1	duplo	indeterminado	adulto	adulto	fratura	
74.2	duplo	indeterminado	adulto	adulto		
75	simples	provável feminino	adolescente	infante	ausente	ausente
76	simples	masculino	adulto	adulto		desgaste
77	simples	indeterminado	adulto	adulto	ausente	
78.1	triplo	provável masculino	adulto	adulto	hiperosteose	desgaste
78.2	triplo	feminino	adulto	adulto	lesões	perda ante-mortem
78.3	triplo	provável masculino	adulto	adulto	ausente	
79	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
80.1	duplo	indeterminado	adulto	adulto		
80.2	duplo	indeterminado	adulto	adulto		
81	simples	masculino	adulto jovem	adulto	infecções	desgaste
82	simples	indeterminado	adulto jovem	adulto		desgaste
83	simples	masculino	adulto jovem	adulto		hipoplasia, desgaste
84	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
85	simples	provável masculino	adulto jovem	adulto	perturbação do desenvolvimento	hipoplasia
86	simples	masculino	adulto	adulto		desgaste
87	simples	masculino	adulto	adulto		desgaste
88	simples	indeterminado	adulto	adulto		
89	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente

Tipo enterramento	Articulação	Integridade	Posição corpo	Flexão corpo	Posição cabeça	D isp. membros inf.
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	parcialmente completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		para cima	
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	parcialmente completo	procúbito ventral		lado direito	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito		lado direito	semi-fletidos
primário	conexão	parcialmente completo	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	para baixo	fortemente fletidos
primário		incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	semi-fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	parcialmente completo	decúbito lateral esquerdo	semi-fletido		fletidos
primário	conexão	parcialmente completo	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	semi-fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	desarticulado	incompleto				
primário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		lado esquerdo	estendidos
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	parcialmente completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão	parcialmente completo	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido		fortemente fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal			
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido		fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito		lado direito	
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal			
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado direito	fortemente fletidos
primário	conexão parcial	incompleto	decúbito dorsal			

Disp. membro sup. dir.	Disp. membro sup. esq	Pos. mão dir.	Pos. mão esq.	Posição pés	Tratamento ossos	Envolvório	Forma urna
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
	estendido				ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido	região da cabeça	região da cabeça		ausente	ausente	
estendido	estendido			juntos	ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				pintado de vermelho	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					cortados e polidos	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	

Trat.superficie urna	Quant. Urna	Adorno	Quant. Adornos	Instr musical	Quant. Inst. Musical	Litico lasca
		ausente	0			2
		ausente	0			2
		ausente	0			0
		ausente	0			0
		ausente	0			0
		ausente	0			4
		ausente	0			3
		ausente	0			3
		ausente	0			5
		ausente	0			1
		ausente	0			2
		ausente	0			2
		ausente	0			4
		ausente	0			3
		ausente	0			0
		ausente	0			4
		ausente	0			9
		ausente	0			3
		ausente	0			5
		ausente	0			0
		ausente	0			0
		ausente	0			3
		ausente	0			0
		ausente	0			0
		ausente	0			0
		ausente	0			3
		ausente	0			4
		ausente	0			3
		ausente	0			2
		ausente	0			3
		ausente	0			4
		ausente	0			3
		ausente	0			1

Lítico mão de pilão	Lítico núcleo	Lítico raspador	Lítico choppers	Lítico furador	Lítico machado	Lítico ponta projétil	Lítico afiador
0	0	1	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0
1	1	1	1	0	0	0	0
0	0	1	0	1	0	0	0
0	1	1	0	0	0	0	0
0	1	0	0	0	1	0	0
0	0	2	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	0	0	0	0	0	0
0	1	1	1	0	0	0	0
0	0	3	0	1	1	0	0
0	1	0	1	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	0	0	1	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	4	0	0	0	0	0
2	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	2	1	0	0	0	0
0	1	2	0	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0
0	2	1	0	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0

Lítico polidor	Lítico batedor	Lítico boleadeira	Lítico pilão	Lítico alisador	Total líticos	Q. tipos de lítico	Material cerâmico
0	0	0	0	0	3	2	
0	0	0	0	0	2	1	
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	
0	1	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	3	1	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	3	1	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	6	2	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	5	5	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	4	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	4	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	0	0	
0	1	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	13	5	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	9	5	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	8	4	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	
0	1	0	0	0	6	4	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	
0	1	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	5	2	cachimbo /fragmentos de vasilha
0	0	0	0	0	4	1	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	3	1	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	6	4	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	7	4	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	5	2	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	7	4	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	2	2	vasilha alisada/fragmentos de vasilhas

Forma vasilhas	Quant. Vasilhas	Quant.fragmentos	Forma cachimbos	Quant.cachimbo	Material faunístico	Esqueleto animal
					ossos de mamífero	
		5				
		3				
		4				
		9				
		6				
		5				
		3				
		4				
		3				
		3				
		3				
		3				
		11				
		11				
		5				
		3				
	1	13	angular	1		
		4				
		5				
		3				
		8				
		3				
		3				
elipsoide horizontal	2	1				

Corante	Estrutura	Cronologia	Obs
ausente		ocupação A	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupação A	
ocre em pedaço		ocupação B	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupacao C	
ausente		ocupacao B	
ausente		ocupacao C	
ausente		ocupacao C	
ausente		ocupacao B	
ausente		ocupacao B	
ausente		ocupacao B	
ocre em pedaço		ocupacao B	
ausente		ocupacao A	

Estrutura	N. Individuos	Sexo	Idade	faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária
90	simples	masculino	adulto	adulto		desgaste
91	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	
92	simples	indeterminado	adulto jovem	adulto		desgaste
93	simples	masculino	adulto jovem	adulto		desgaste
94.1	triplo	indeterminado	adulto	adulto		
94.2	triplo	indeterminado	adulto	adulto		
94.3	triplo	indeterminado	adulto	adulto		
95	simples	masculino	adulto	adulto		perda ante-mortem, desgaste
96	simples	masculino	idoso	idoso	traumatismos, lesões	desgaste
97	simples	masculino	adulto	adulto	lesões	
98	simples	masculino	adulto	adulto	perturbação do desenvolvimento	lesões
99	simples	provável masculino	adulto	adulto	ausente	
100	simples	indeterminado	adulto	adulto		desgaste
101	simples	indeterminado	adulto	adulto		
102	simples	indeterminado	adulto	adulto		desgaste
103	simples	indeterminado	adulto	adulto		
104	simples	indeterminado	adulto	adulto		lesões, desgaste
105	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	
106	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
107	simples	masculino	idoso	idoso	hiperosteose, espondilodise	desgaste
108	simples	masculino	adulto jovem	adulto		desgaste
109	simples	masculino	idoso	idoso	traumatismo	
110	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
111	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	desgaste
112	simples	feminino	adulto	adulto	ausente	lesões
113.1	duplo	masculino	adulto	adulto	lesões	desgaste
113.2	duplo	indeterminado	adulto	adulto	ausente	
114	simples	feminino	adulto jovem	adulto	ausente	lesão, desgaste
115	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
116	simples	feminino	adolescente	infante	perturbação do desenvolvimento	desgaste
117	simples	indeterminado	adulto	adulto		
118	simples	masculino	idoso	idoso	lesões	abcesso, desgaste
119	simples	masculino	idoso	idoso	lesões	hipoplasia, abcesso

Tipo enterramento	Articulação	Integridade	Posição corpo	Flexão corpo	Posição cabeça	Disp. membros inf.
primário	conexão parcial	incompleto	decúbito dorsal		lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão parcial	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido		fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido		fortemente fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	completo	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão parcial	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		lado direito	semi-fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		lado direito	parcialmente estendidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
primário	desarticulado	incompleto		fletido		fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal			estendidos
primário	conexão	completo	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal	fletido	para cima	fletidos
primário	conexão	completo	decúbito dorsal	fletido	lado direito	fletidos

Disp. membro sup.dir	Disp.membro sup. esq.	Pos. mão dir.	Pos. mão esq.	Pos. pés	Tratamento ossos	Envoltório	Forma urna
fletido	estendido		região pélvica		ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
estendido	estendido			cruzados	ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					cortados e polidos	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
parcialmente estendido	parcialmente estendido			paralelos	ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
estendido	parcialmente estendido				ausente	ausente	
parcialmente estendido	parcialmente estendido			paralelos	ausente	ausente	
estendido	parcialmente estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
	parcialmente estendido				ausente	ausente	
estendido	estendido			paralelos	ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
estendido	fletido				ausente	ausente	

Trat.superfície urna	Q. Urna	Adorno	Q. Adornos	Instr musical	Quant. Inst. Musical	Litico lasca
		ausente	0			3
		ausente	0			2
		ausente	0			4
		ausente	0			4
		ausente	0			2
		ausente	0			0
		ausente	0			0
		ausente	0			3
		ausente	0			1
		ausente	0			3
		ausente	0			0
		colar de contas de osso	1			3
		ausente	0			3
		ausente	0			3
		ausente	0			4
		ausente	0			2
		ausente	0			1
		ausente	0			2
		ausente	0			4
		ausente	0			4
		ausente	0			4
		tembetá de pedra	1			3
		colar de contas de osso	1			1
		ausente	0			5
		colar de contas de dentes de mamífero	1			4
		ausente	0			4
		ausente	0			0
		colar de contas de osso	1			3
		ausente	0			2
		tembetá de pedra, bracelete, tornozeleira	3			3
		ausente	0			5
		colar de contas de osso	1	flauta de osso	1	3
		ausente	0			3

Lítico mão de pilão	Lítico núcleo	Lítico raspador	Lítico choppers	Lítico furador	Lítico machado	Lítico ponta projétil	Lítico afiador
0	0	0	1	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	2	2	0	0	1	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	1	0	0	0
0	0	3	0	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	0	0	0	0	0	0
0	0	1	1	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	3	0	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0
0	0	2	0	0	0	0	0
0	1	1	0	1	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	1	0	0
0	1	1	0	0	0	0	0
0	0	1	0	0	0	0	0
0	1	0	0	0	0	0	0
0	1	1	0	0	0	0	0
1	1	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	1	1	0	0	0	0
1	0	0	0	0	0	0	0
0	1	2	0	0	0	1	0
0	0	0	1	1	0	0	0
0	1	2	0	0	0	0	0
0	1	0	0	0	0	0	0

Lítico polidor	Lítico batedor	Lítico boleadeira	Lítico pilão	Lítico alisador	Total líticos	Q. tipos de lítico	Material cerâmico
0	0	0	0	0	4	2	
0	0	0	0	0	3	2	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	5	2	cachimbo /fragmentos de vasilha
0	2	0	0	0	11	5	
0	0	0	0	0	2	1	
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	4	2	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	4	2	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	4	2	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	0	0	
0	0	0	0	0	3	1	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	5	3	cachimbo /fragmentos de vasilha
0	1	0	0	0	6	4	fragmentos de vasilhas
0	2	0	0	0	6	2	cachimbo /fragmentos de vasilha
0	2	0	0	0	7	3	fragmentos de vasilhas
0	2	0	0	0	4	3	fragmentos de vasilhas
0	2	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	2	0	0	0	9	5	fragmentos de vasilhas
0	2	0	0	0	6	2	fragmentos de vasilhas
0	2	0	0	0	7	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	5	3	vasilhas alisadas
0	1	0	0	0	3	3	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	7	3	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	7	4	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	6	3	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	0	0	
0	1	0	0	0	7	5	fragmentos de vasilhas
0	0	0	0	0	3	2	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	8	5	vasilhas alisadas
0	0	0	0	0	7	3	fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	7	4	vasilha alisada/fragmentos de vasilhas
0	1	0	0	0	5	3	vasilhas alisadas

Forma vasilhas	Q. Vasilhas	Q. fragmentos	Forma cachimbos	Q.cachimbos	Material faunístico	Esqueleto animal
		5				
		4				
		6	não informado	1		
					osso de animal indeterminado	
		4			ossos de animal indeterminado	
		7				
		9				
		2				
		8	angular	1		
		6				
		3	não informado	1		
		4				
		7				
		6				
		16				
		8				
		3				
elipsoide horizontal	1	2				
		4				
		7				
		7			crânio de animal indeterminado	
		5				
		14				
		3				
elipsoide horizontal	1	4			ossos de animal indeterminado	
		2				
esférica,elipsoide horizontal	2	8			osso de mamífero	
elipsoide horizontal,elipsoide horizontal	2					mamífero

Corante	Estrutura	Cronologia	Obs
ausente		ocupacao A	
ocre em pedaço		ocupacao B	
ausente		ocupacao C	
ausente		ocupacao C	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupacao B	
ausente		ocupacao B	
ausente		ocupação C	vestígios de cremacão
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupação B	
ocre em pedaço		ocupação B	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação B	

Estrutura	N. Individuos	Sexo	Idade	Faixa etária	Paleopatologia	Patologia dentária
120	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
121	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	
122.1	duplo	masculino	adulto jovem	adulto	infecção	desgaste
122.2	duplo	indeterminado	criança	infante	ausente	
123	simples	feminino	idoso	idoso	artrose	abcesso perda ante-mortem
124	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	
125	simples	indeterminado	adulto	adulto		
126	simples	provável feminino	adulto	adulto		
127	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	desgaste
128	simples	provável masculino	adulto	adulto		
129.1	duplo	indeterminado	adulto	adulto		ausente
129.2	duplo	indeterminado	lactante	infante		ausente
130	simples	indeterminado	adolescente	infante	ausente	
131	simples	masculino	adulto	adulto		
132	simples	masculino	adulto	adulto	infecções	desgaste
133	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	desgaste
134	simples	feminino	adulto jovem	adulto	ausente	hipoplasia, desgaste
135	simples	indeterminado	adulto	adulto		ausente
136	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	desgaste
137	simples	masculino	adulto	adulto		
138	simples	indeterminado	adulto	adulto		
139	simples	masculino	adulto jovem	adulto		
140	simples	indeterminado	criança	infante		
141	simples	masculino	adulto	adulto		
142	simples	indeterminado	adolescente	infante	ausente	ausente
143	simples	indeterminado	adulto	adulto		
144	simples	masculino	adulto	adulto	ausente	ausente
145	simples	indeterminado	adulto	adulto		
146	simples	indeterminado	adulto	adulto		
147	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
148	simples	indeterminado	criança	infante	ausente	ausente
149	simples	provavelmente feminino	adulto jovem	adulto		
150	simples	indeterminado	criança	infante		

Tipo enterramento	Articulação	Integridade	Posição corpo	Flexão corpo	Posição cabeça	Disp. membros inf.
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal			estendidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	completo	decúbito dorsal	fletido		fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo			
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		para cima	estendidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado esquerdo	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal	fletido		fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido		fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido		fortemente fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário		incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido		fortemente fletidos
primário	conexão	completo	decúbito dorsal		lado direito	estendidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal			estendidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	completo	decúbito lateral esquerdo	fletido	lado esquerdo	semi-fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito			parcialmente estendidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		para cima	estendidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fletido	lado direito	semi-fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal	fortemente fletido		fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal		lado direito	estendidos
primário		incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral direito	fortemente fletido	lado direito	fortemente fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
primário	conexão	incompleto	decúbito lateral esquerdo	fortemente fletido	lado esquerdo	fortemente fletidos
primário	conexão	incompleto	decúbito dorsal	fletido		fletidos
secundário	desarticulado	incompleto				
secundário	desarticulado	incompleto				

Disp. membro sup. Dir.	Disp. membro sup. Esq.	Pos. mão dir.	Pos. mão esq.	Posição pés	Tratamento ossos	Envolvimento	Forma urna
estendido	estendido				ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
fletido	estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					cortados e polidos	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
fletido	parcialmente estendido		região pélvica		ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fletido	fletido			cruzados	ausente	ausente	
fletido	fletido				ausente	ausente	
parcialmente estendido	parcialmente estendido				ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
						ausente	
parcialmente estendido	estendido	região pélvica	região pélvica		ausente	ausente	
						ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
fortemente fletido	fortemente fletido				ausente	ausente	
estendido	estendido				ausente	ausente	
					ausente	ausente	
					ausente	ausente	

Trat.superfície urna	Quant. Urna	Adorno	Quant. Adornos	Instrumento musical	Q. Inst. Musical	Lítico lasca
		ausente	0			2
		ausente	0			3
		ausente	0			5
		ausente	0			0
		ausente	0			2
		ausente	0			2
		ausente	0			3
		ausente	0			4
		ausente	0			2
		ausente	0			5
		ausente	0			1
		ausente	0			0
		ausente	0			5
		tembetá de pedra	1			2
		ausente	0			3
		ausente	0			4
		ausente	0			2
		ausente	0			5
		ausente	0			7
		colar de contas de pedra	1			3
		ausente	0			1
		ausente	0			2
		ausente	0			1
		ausente	0			2
		tembetá de pedra	1	flauta de osso	1	5
		ausente	0			3
		ausente	0			3
		ausente	0			3
		ausente	0			2
		pulseira de concha de molusco	1			8
		ausente	0			5
		ausente	0			6
		ausente	0			0

Forma vasilhas	Q.vasilhas	Q.fragmentos	Forma cachimbos	Q.cachimbos	Material faunístico	Esqueleto animal
		6				
		5				
elipsoide horizontal	1	8				
		15			osso de animal indeterminado	
		3				
		3				
		5				
ovóide invertido	1	8				
		3				
		6				
		7				
esférica	1	12			ossos de ave	
elipsoide horizontal	2	4				
		8				
		5				
		4				
ovóide invertido	1	4				
elipsoide horizontal	1	3				
		1				
estreita	1	3				
		6				
elipsoide horizontal	1	3				
		10				
		3	não informado	1		
		8	tubular	1		
		6				
elipsoide horizontal	1	2			ossos de ave	
		6			ossos e dentes de mamífero	
não informado	1	3				

Corante	Estrutura	Cronologia	Obs
ausente		ocupação C	
ocre em pedaço		ocupação C	
ocre em pedaço		ocupação C	
ausente		ocupação C	
ocre em pedaço		ocupação C	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupação A	
ausente		ocupação B	
ausente		ocupação C	
ocre em pedaço		ocupação C	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação C	
ausente		ocupação B	

Posição corpo	Flexão corpo	Posição cabeça	Disp. membros inf.	Disp. membro sup. dir.	Disp. membro sup. esq.	Pos. mão dir.
decúbito lateral direito	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para lado esquerdo	fortemente fletido	fortemente fletidos	fortemente fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	região da cabeça
decúbito lateral esquerdo	fletido	não observado	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral esquerdo	fletido	para lado esquerdo	fletidos	parcialmente estendido	parcialmente estendido	não observado
decúbito lateral esquerdo	fletido	para lado esquerdo	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral esquerdo	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito ventral		para lado direito	fletidos	parcialmente estendido	parcialmente estendido	não observado
decúbito lateral direito	fletido	não observado	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito ventral		para lado direito	fletidos	não observado	não observado	não observado
decúbito lateral esquerdo	fletido	para lado esquerdo	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito ventral		para baixo	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito ventral		para lado direito	fletidos	parcialmente estendido	parcialmente estendido	não observado
indeterminada		para lado esquerdo	estendidos	fletidos	fletidos	região da cabeça
decúbito lateral esquerdo	fletido	para lado direito	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para lado esquerdo	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
decúbito lateral direito	fletido	para baixo	fletidos	fletidos	fletidos	não observado
não observado		não observado	não observado	não observado	não observado	não observado

Pos. mão dir.	Pos. mão esq.	Posição pés	Material faunístico	Cronologia	Obs
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
região da cabeça	região da cabeça	não observado	buzios		
não observado	não observado	não observado	ossos indeterminados	3500+/-110BP	
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	região do toraxica	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	cruzados			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
não observado	não observado	não observado			
região da cabeça	região da cabeça	cruzados	ossos indeterminado		
não observado	não observado	não observado	concha bivalve		corpo cortado na 1 vertebra lombar
não observado	não observado	cruzados			
não observado	não observado	não observado	concha bivalve		
não observado	não observado	não observado			